

Best-seller do New York Times

TAMMARA WEBBER



Easy

Ela foi salva por um estranho.
Ele é assombrado por um segredo.
Às vezes o amor não é nada fácil...



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

tammara webber

Easy



S mario

[Rosto](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

[Notas](#)

Uma garota que acredita que a confiança pode ser colocada no lugar errado, promessas são feitas para serem quebradas e lealdade é uma ilusão.

Um rapaz que acredita que confiança é algo relativo, mentiras podem esconder insuportável dor e culpa é eterna.

O que eles encontrarão um com o outro comprovará tudo isso ou provará que ambos estão errados?

Capítulo 1

Eu nunca tinha notado Lucas antes daquela noite. Era como se ele não existisse, e de repente, ele estava em toda parte.

Eu apenas dei um tempo na festa de Halloween, ainda no auge atrás de mim. Contorcendo-me entre os carros que lotavam o estacionamento atrás da casa da fraternidade do meu ex, eu digitei um SMS para a minha colega de quarto. A noite estava linda e quente, típica do verão estilo Sul da Índia. Das janelas abertas da casa, a música ressoava para o outro lado da calçada, pontuada com ocasionais gargalhadas, desafios de bebida e pedidos de mais doses.

Como motorista designada para hoje à noite, era minha responsabilidade levar Erin de volta para nosso dormitório no campus em uma peça não mutilada, querendo ou não ficar mais um minuto na festa. Meu SMS lhe disse para ligar ou mandar um SMS quando ela estivesse pronta para ir. Do jeito que ela e seu namorado, Chaz, estavam encharcados de tequila, dançando sensualmente antes de darem as mãos e tropeçarem escada acima até o quarto dele, ela talvez não me ligasse até amanhã. Eu ri com o pensamento da curta — caminhada da vergonha — que ela suportaria da varanda da frente até a minha caminhonete, se fosse assim.

Eu apertei — *enviar* — enquanto procurava na minha bolsa por minhas chaves. A lua estava muito escondida pelas nuvens e as janelas totalmente iluminadas da casa estavam longe demais para fornecer alguma luz no fundo do terreno. Eu tive que ir pelo tato. Amaldiçoando quando uma lapiseira picou a ponta do meu dedo, eu pisei duro com um pé calçado em um salto stiletto, quase certa que eu estava sangrando. Assim que as chaves estavam na minha mão eu chupei o dedo; o leve sabor metálico me disse que eu tinha perfurado a pele.

— Vai entender! — Eu murmurei, abrindo a porta da caminhonete.

Nos segundos iniciais que se seguiram, eu estava muito desorientada para compreender o que estava acontecendo. Num momento eu estava abrindo a porta da caminhonete, e no seguinte, eu estava deitada com rosto contra o banco, sem fôlego e imóvel. Eu lutava para me levantar, mas não podia, porque o peso em cima de mim era muito grande.

— A fantasia de diabinha ficou bem em você, Jackie. — A voz era arrastada, mas familiar.

Meu primeiro pensamento foi —*Não me chame assim!* Mas essa objeção rapidamente se perdeu em favor do terror, quando eu senti uma mão empurrando a minha saia já curta para cima. Meu braço direito era inútil, preso entre o meu corpo e o assento. Eu agarrei com a minha mão esquerda o banco ao lado do meu rosto, tentando novamente me empurrar em pé, e a mão sobre a pele nua da minha coxa moveu rapidamente e agarrou meu pulso. Eu gritei quando ele puxou meu braço atrás das minhas costas, prendendo-o firmemente em sua outra mão. Seu antebraço estava pressionado na parte superior das minhas costas. Eu não podia me mover.

— Buck, sai de cima de mim! Me solta! — Minha voz tremeu, mas eu tentei dar a ordem com a maior autoridade possível. Eu podia sentir o cheiro de cerveja em seu hálito e algo mais forte em seu suor, e uma onda de náusea subiu e caiu no meu estômago.

Sua mão livre estava de volta na minha coxa esquerda, seu peso acomodado para o meu lado direito, me cobrindo. Meus pés pendiam fora da caminhonete, à porta ainda estava aberta. Tentei puxar meu joelho até tê-lo debaixo de mim e ele riu de meus esforços patéticos. Quando ele enfiou a mão entre minhas pernas abertas, eu gritei, juntando de volta minha perna muito tarde. Eu me puxei e me contorci, primeiro pensando em derrubá-lo e então, percebendo que eu não era páreo para o tamanho dele, comecei a implorar.

— Buck, pare! Por favor, você está bêbado, e você vai se arrepender disso amanhã. Oh, meu Deus!

Ele cravou seu joelho entre minhas pernas e o ar bateu no meu quadril nu. Eu ouvi o som inconfundível de um zíper e ele riu no meu ouvido quando eu fui de racionalmente implorando para chorando.

— Não, não, não, não! — Sob o seu peso, eu não conseguia respirar o suficiente e gritar ao mesmo tempo e minha boca estava amassada contra o banco, abafando qualquer protesto que fiz. Lutando inutilmente, eu não podia acreditar que esse cara que eu tinha conhecido há mais de um ano, que nunca havia me tratado com desrespeito no tempo todo em que eu tinha namorado Kennedy, estava me atacando em minha própria caminhonete, no estacionamento dos fundos da casa da fraternidade.

Ele rasgou minha calcinha e a baixou até os joelhos, e entre os seus esforços para empurrá-la para baixo e meu esforço renovado para escapar, eu ouvi o frágil tecido romper.

— Jesus, Jackie, eu sempre soube que você tinha uma bunda incrível, mas *Cristo*, garota! — Sua mão investiu entre minhas pernas novamente e o seu peso foi levantado por uma fração de segundo, apenas o tempo suficiente para eu puxar uma golfada de ar e gritar. Liberando meu pulso, ele bateu a mão sobre a parte de trás minha cabeça e voltou meu rosto no assento de couro até que eu estava em silêncio, quase incapaz de respirar.

Mesmo liberado, meu braço esquerdo era inútil. Eu alavanquei a minha mão contra o chão da cabine e empurrei, mas meus músculos torcidos e doloridos não obedeceram. Eu soluçava nas almofadas, lágrimas e saliva misturando-se sob minha bochecha.

— Por favor, não, por favor, não, oh Deus pare-pare-pare! — Eu odiei o som fraco da minha voz impotente.

Seu peso se levantou de mim por uma fração de segundo, ele tinha mudado de ideia, ou ele estava se reposicionando, eu não esperei para descobrir qual deles. Torcendo e puxando minhas

pernas para cima, eu senti os saltos pontiagudos dos meus sapatos rasgando o couro flexível enquanto eu me impulsionava para o outro lado do banco e me arrastava até a maçaneta. O sangue antecipou-se em meus ouvidos enquanto o meu corpo se refazia para um completo lutar ou fugir. E então eu parei, porque Buck já não estava mais na caminhonete.

No início, eu não conseguia entender por que ele estava de pé lá, ali após a porta, de costas para mim. E então sua cabeça se voltou. Duas vezes. Ele balançou loucamente para alguma coisa, mas seus punhos acertaram em nada. Não até que ele tropeçou de volta contra a minha caminhonete e eu vi contra o que, ou quem, ele estava lutando.

O cara nunca tirou os olhos de Buck enquanto ele dava mais dois socos afiados em seu rosto, balançando para o lado enquanto eles circularam e Buck lançou murros fúteis, sangue jorrando de seu nariz. Finalmente, Buck abaixou a cabeça e correu para frente como um touro, mas esse esforço foi a sua destruição quando o estranho deu um fácil golpe no queixo, acertando sua mandíbula. Quando a cabeça de Buck estalou, um cotovelo rachou em sua têmpora com um ruído surdo. Ele colidiu com a lateral da caminhonete novamente, empurrando e correndo contra o estranho uma segunda vez. Como se toda a luta tivesse sido coreografada, ele agarrou os ombros de Buck e puxou-o para frente, com força, dando joelhadas nele debaixo do queixo. Buck caiu no chão, gemendo e se encolhendo.

O estranho olhou para baixo, punhos fechados, cotovelos ligeiramente dobrados, prestes a dar mais um golpe, se necessário. Não havia necessidade. Buck estava quase inconsciente. Eu me encolhi contra a porta mais distante, ofegante e me curvando em uma bola quando o choque substituiu o pânico. Devo ter choramingado, porque seus olhos se voltaram para os meus. Ele rolou Buck para o lado com o pé numa bota e se aproximou da porta, espiando para dentro.

— Você está bem? — Seu tom era baixo, cuidadoso. Eu queria dizer que sim. Eu queria concordar. Mas eu não podia. Eu não estava nada bem. — Eu vou ligar para a Emergência. Você precisa de assistência médica, ou só da polícia?

Eu imaginava a polícia do campus chegando ao local, os participantes da festa que transbordariam da casa quando as sirenes viessem. Erin e Chaz eram apenas dois dos muitos amigos que eu tinha lá, mais da metade deles menores de idade e bebendo. Seria culpa minha se a festa se tornasse o foco da polícia. Eu seria uma pária.

Eu balancei a cabeça.

— Não chame. — Minha voz estava rouca.

— Não chame uma ambulância?

Eu limpei minha garganta e balancei a cabeça.

— Não chame ninguém. Não chame a polícia.

Sua mandíbula estava entreaberta e ele olhou em toda a extensão do assento.

— Estou errado, ou esse cara simplesmente tentou estuprar você? — Eu vacilei com a palavra horrível. — E você está me dizendo para não chamar a polícia? — Ele fechou a boca bruscamente, balançou a cabeça uma vez e me olhou novamente. — Ou eu interrompi algo que eu não deveria?

Engoli em seco, os meus olhos irrompendo em lágrimas.

— N-não. Mas eu só quero ir para casa.

Buck gemeu e rolou de costas.

—Póorra! — Ele disse, sem abrir os olhos, um dos quais estava provavelmente fechado de tão inchado, de qualquer maneira.

Meu salvador olhou para ele, sua mandíbula estremeceu. Ele virou o pescoço para um lado e depois para trás, rolou seus ombros.

— Tudo bem. Eu levo você.

Eu balancei a cabeça. Eu não estava prestes a escapar de um ataque só para fazer algo tão estúpido como entrar no carro de um estranho.

— Eu posso dirigir. — Eu disse asperamente. Meus olhos viraram para a minha bolsa presa contra o console, o seu conteúdo derramado no chão do lado do motorista. Ele olhou para baixo, inclinando-se para tirar as minhas chaves dos pedaços de meus objetos pessoais.

— Eu acredito que você estava procurando por elas, antes. — Ele as balançou em seus dedos enquanto eu percebi que eu ainda não tinha chegado mais perto dele.

Eu lambi meu lábio e experimentei sangue pela segunda vez naquela noite. Deslizei rapidamente para a iluminação fraca derramada pela luz minúscula do teto, tive o cuidado de manter a minha saia puxada para baixo. Uma onda de tontura caiu em cima de mim quando fiquei plenamente consciente do que quase tinha acontecido, e minha mão tremia quando a estendi para pegar as minhas chaves.

Franzindo a testa, ele fechou a mão em torno delas e deixou cair o braço de volta para o seu lado.

— Eu não posso deixar você dirigir. — A julgar por sua expressão, meu rosto estava um desastre.

Eu pisquei, minha mão ainda estendida para as chaves que ele tinha acabado de confiscar.

— O quê? Por quê?

Ele enumerou três razões em seus dedos.

— Você está tremendo, provavelmente por consequência do ataque. Eu não tenho ideia se você não está realmente ferida. E você provavelmente andou bebendo.

— Eu não bebi! — Eu respondi. — Eu sou a motorista designada.

Ele levantou uma sobrancelha e olhou ao redor.

— Para quem exatamente você está designada a dirigir? Se alguém estivesse com você, a propósito, você talvez estivesse segura esta noite. Em vez disso, você saiu andando por um estacionamento escuro, sozinha, prestando absolutamente nenhuma atenção ao seu redor. Responsável de verdade!

De repente, eu estava além da raiva. Com raiva de Kennedy por partir meu coração há duas semanas e não estar comigo hoje à noite, preocupando-se comigo até a segurança da minha caminhonete. Com raiva de Erin por ter me falado em vir a esta festa estúpida e ainda com mais raiva de mim mesma por concordar. Furiosa com o babaca semiconsciente, babando e sangrando no concreto a poucos metros de distância. E fervendo com o estranho que estava mantendo reféns as minhas chaves enquanto me acusava de ser desmiolada e descuidada.

— Então é minha culpa que ele me atacou? — Minha garganta estava ferida, mas prossegui sobre a dor. — É minha culpa que eu não possa andar de uma casa até a minha caminhonete sem que um de vocês tente me estuprar? — Eu atirei a palavra de volta nele para deixá-lo ver que eu poderia suportar.

— *Um de vocês?* Você vai me juntar com aquele pedaço de merda? — Ele apontou para Buck, mas seus olhos nunca deixaram os meus. — Eu não sou nada parecido com ele!

Foi quando notei o fino piercing de prata do lado esquerdo do seu lábio inferior.

Ótimo. Eu estava em um estacionamento, sozinha, com um estranho facialmente perfurado que se sentia insultado e que ainda tinha as chaves. Eu não aguentaria mais nada nessa noite. Um soluço veio da minha garganta enquanto eu tentava manter a compostura.

— Posso ter minhas chaves, por favor? — Eu estendi minha mão, desejando que os tremores diminuíssem.

Ele engoliu em seco, olhando para mim, e eu olhei de volta dentro de seus olhos claros. Eu não poderia dizer a sua cor na luz

fraca, mas contrastavam convincentemente com seu cabelo escuro. Sua voz era mais suave, menos hostil.

— Você mora no campus? Deixe-me levá-la. Eu posso andar de volta para cá e pegar uma carona depois.

Não havia mais luta em mim e eu concordei, estendendo a mão para tirar minha bolsa do seu caminho. Ele ajudou a recolher o brilho labial, carteira, absorventes internos, laços de cabelo, canetas e lápis espalhados pelo chão e devolvê-los a minha bolsa. O último item que ele pegou foi um pacote de preservativos. Ele limpou a garganta e o estendeu para mim.

— Isso não é meu. — Eu disse, recuando.

Ele franziu a testa.

— Tem certeza?

Eu apertei meu maxilar, tentando não ficar furiosa de novo.

— Afirmativo.

Ele olhou para Buck.

— Bastardo. Ele estava provavelmente... — Ele olhou nos meus olhos e de volta para Buck, carrancudo. — Uh... Ocultando as evidências.

Eu não podia sequer considerar isso. Ele empurrou o pacote quadrado no bolso da frente de seu jeans.

— Eu vou jogar isso fora. Ele, com uma certeza do inferno, não vai ter isso de volta. — Sobrancelha ainda franzida, ele virou seu olhar para mim de novo enquanto subia e dava partida na caminhonete. — Tem certeza que você não quer que eu chame a polícia?

Uma risada soou pela porta dos fundos da casa e eu assenti. Enquadrado exatamente dentro da janela central, Kennedy dançava com os braços em torno de uma garota vestida com uma fina roupa branca decotada, com asas e uma auréola. Perfeito. Simplesmente perfeito.

Em algum momento durante a minha batalha com Buck, eu tinha perdido a tiara de chifres de diabo que Erin tinha enfiado na minha cabeça enquanto eu estava sentada na cama, lamentando que eu não queria ir a uma estúpida festa à fantasia. Sem o acessório, eu era apenas uma garota em um reduzido vestido vermelho de paetês, que fora isso, eu não seria encontrada usando nem morta.

— Eu tenho certeza.

Os faróis iluminaram Buck quando nos afastamos da vaga no estacionamento. Jogando uma mão na frente de seus olhos, ele tentou rolar numa posição sentada. Eu podia ver seu lábio partido, nariz deformado e olho inchado, mesmo daquela distância.

Foi melhor que eu não fosse à pessoa por trás do volante. Eu provavelmente o teria atropelado.

Eu dei o nome do meu dormitório quando perguntado, e olhei para fora da janela do passageiro, incapaz de falar outra palavra enquanto serpenteávamos pelo campus. Com um abraço tipo camisa de força, agarrei-me, tentando esconder os tremores que passavam por mim a cada cinco segundos. Eu não queria que ele visse, mas eu não podia fazê-los parar.

O estacionamento do dormitório estava quase cheio; as vagas perto da porta estavam todas ocupadas. Ele inclinou a caminhonete em um espaço atrás e pulou para fora, dando a volta para me encontrar enquanto eu deslizava do lado do passageiro da minha própria caminhonete. Oscilando à beira de ter um colapso e perder a cabeça, eu peguei as chaves depois que ele ativou as travas, e o segui para o edifício.

— Sua identificação? — Ele perguntou quando chegou à porta.

Minhas mãos tremiam enquanto eu desabotoava a aba frontal da minha bolsa e retirava o cartão. Quando ele tirou de meus dedos, eu notei o sangue nos nós de seus dedos e engasguei.

— Oh, meu Deus! Você está sangrando!

Ele olhou para sua mão e balançou a cabeça, uma vez.

— Nah. Na maior parte é sangue dele. — Ele pressionou seus lábios afinando-os e virou-se para passar o cartão através do acesso à porta, e eu perguntei se ele pretendia me seguir para dentro. Eu não acho que eu poderia me segurar por muito mais tempo.

Depois de abrir a porta, ele me entregou o meu cartão de identificação. Com a luz do vestíbulo de entrada eu podia ver seus olhos de forma mais clara, eles eram de um claro azul-cinza sob as sobrancelhas levantadas.

— Você tem certeza que está bem? — Ele perguntou, pela segunda vez, e eu senti meu rosto desmoronar.

Com meu queixo para baixo, enfiei o cartão na minha bolsa e acenei com a cabeça, inutilmente.

— Sim. Tudo bem. — Eu menti.

Ele bufou um suspiro incrédulo, passando a mão pelo cabelo.

— Posso chamar alguém para você?

Eu balancei a cabeça. Eu tinha que chegar ao meu quarto para que eu pudesse me desintegrar.

— Obrigada, mas não! — Eu escorreguei por ele, cuidando para não roçar contra qualquer parte dele, e me dirigi para as escadas.

— Jackie? — Ele chamou suavemente, sem se mover da porta. Eu olhei para trás, agarrando o corrimão, e nossos olhos se encontraram. — Não foi culpa sua!

Mordi o lábio, forte, assentindo uma vez antes de me virar e subir correndo as escadas, meus sapatos batendo contra aos degraus de concreto. No patamar do segundo andar, eu parei abruptamente e virei-me para olhar de volta para a porta. Ele tinha ido.

Eu não sei o nome dele, e não podia me lembrar de tê-lo visto antes, muito menos conhecê-lo. Eu teria me lembrado daqueles olhos excepcionalmente claros. Eu não tinha ideia de quem ele era... E ele me chamou pelo nome. Não o nome na minha identidade, Jacqueline, mas Jackie, o apelido que eu usava desde que Kennedy tinha me renomeado, no nosso primeiro ano do ensino médio.



Duas semanas atrás:

— Quer entrar? Ou ficar mais? Erin vai ficar no Chaz neste fim de semana... — Minha voz era brincalhona, cantada. — Seu colega de quarto está fora da cidade. O que significa que eu vou ficar sozinha...

Kennedy e eu estávamos a um mês do nosso aniversário de três anos. Não havia necessidade de ser tímida. Erin tinha nos chamado de —um velho casal casado recentemente. Ao que eu respondi —*Invejosa*. E depois ela me levantou seu dedo médio.

— Hum, é. Eu vou entrar um pouco. — Ele massageou sua nuca enquanto entrava no estacionamento do dormitório e procurava por uma vaga, sua expressão inescrutável.

Espinhos de apreensão surgiram em meu peito, e eu engoli, inquieta.

— Você está bem? — O esfregar no pescoço era um conhecido sinal de estresse.

Ele lançou um olhar em minha direção.

— É claro. — Ele parou no primeiro lugar vago, estacionando sua BMW entre duas caminhonetes. Ele nunca, jamais forçava seu precioso importado em vagas apertadas. O soar das portas o deixou insano. Alguma coisa estava acontecendo. Eu sabia que ele estava preocupado com as provas do semestre que estavam próximas, especialmente pré cálculo. Sua fraternidade estaria dando uma festa na noite seguinte, também, o que era simplesmente estúpido para o fim de semana antes das provas.

Eu nos levei para dentro do prédio e entramos na escada dos fundos que sempre me assustava quando eu estava sozinha. Com

Kennedy atrás de mim, tudo o que eu notei foram as paredes sujas cheias de chiclete e o cheiro velho, quase azedo. Subi rápido até o último lance e saímos para o corredor.

Olhando para trás para ele enquanto eu destrancava minha porta, eu balancei a cabeça para o retrato encantador de um pênis que alguém tinha rabiscado no quadro branco que eu e Erin usávamos para recados entre nós e de nossos amigos. Dormitórios mistos eram menos maduros do que o descrito nos sites das faculdades. Às vezes era como viver com um grupo de 12 anos de idade.

— Você poderia ligar dizendo que está doente amanhã à noite, sabe. — Eu coloquei a palma da mão em seu braço. — Fique aqui comigo, nós nos escondemos e passamos o fim de semana estudando e pedindo comida... E outras atividades de redução de estresse... — Eu sorri de forma travessa. Ele olhou fixamente para seus sapatos.

Meu coração acelerou e eu de repente me senti totalmente quente. Algo estava definitivamente errado. Eu queria que ele pusesse pra fora, o que quer que fosse, porque minha mente estava conjurando nada além de possibilidades alarmantes. Fazia muito tempo desde que tivemos um problema ou um conflito real que eu me senti surpreendida.

Ele entrou no meu quarto e se sentou na minha cadeira, não na minha cama.

Fui até ele, nossos joelhos batendo, querendo que ele me dissesse que ele estava apenas de mau humor, ou preocupado com os exames próximos. Com meu coração batendo fortemente, eu coloquei a mão em seu ombro.

— Kennedy?

— Jackie, nós precisamos conversar.

O pulso batendo em meus ouvidos ficou mais alto, e minha mão desceu de seu ombro. Eu a agarrei com minha mão e me sentei na

cama, a três pés dele. Minha boca estava tão seca que eu não conseguia engolir, muito menos falar.

Ele ficou em silêncio, evitando meus olhos por alguns minutos que pareceram uma eternidade. Finalmente, ele ergueu o olhar para mim. Ele parecia triste. *Oh, Deus! Ohdeus-ohdeus-ohdeus!*

— Eu tenho tido alguns... Problemas... Ultimamente. Com outras garotas.

Eu pisquei, feliz que estava sentada. Minhas pernas teriam dobrado e me enviado para o chão, se eu estivesse de pé.

— O que você quer dizer? — Eu grasnei. — O que você quer dizer com —problemas e —outras garotas?

Ele suspirou profundamente.

— Não *desse* jeito, não mesmo. Quer dizer, eu não *fiz* nada! — Ele desviou o olhar e suspirou novamente. — Mas eu acho que eu quero.

Que diabos?

— Eu não entendo. — Minha mente trabalhava freneticamente para decifrar a melhor situação possível disso, mas cada única alternativa remotamente possível era uma merda.

Ele se levantou e passeou pelo quarto, duas vezes, antes de se colocar a meio caminho entre a porta e eu.

— Você sabe o quanto é importante para mim, seguir a carreira de direito e da política. — Eu concordei com a cabeça, ainda atordoada ao silêncio e pedalando muito para tentar me manter. — Você conhece a nossa fraternidade irmã? — Eu balancei a cabeça novamente, reconhecendo a mesma coisa que eu tinha me preocupado quando ele se mudou para a casa da fraternidade. Aparentemente, eu não tinha me preocupado o suficiente. — Há uma garota, duas garotas, na verdade, que... Bem.

Eu tentei manter minha voz racional e equilibrada.

— Kennedy, isso não faz sentido. Você não está dizendo que você se influenciou por isso, ou que você quer...

Ele olhou em meus olhos, de modo que não haveria erro.

— Eu quero!

Realmente, ele poderia ter me dado um soco no estômago, porque o meu cérebro se recusava a compreender as palavras que ele estava dizendo. Uma agressão física, talvez pudesse ser compreendida.

— Você *quer*? Que diabos você quer dizer, você *quer*?

Ele escapou da cadeira, foi até a porta e voltou, uma distância de doze pés.

— O que você *acha* que eu quero dizer? Jesus! Não me faça *falar* isso!

Eu fiquei boquiaberta.

— Por que não? Por que não dizer, se que você pode se imaginar *fazendo* isso, então por que é tão *foda* dizer? E o que isso tem a ver com seus planos de carreira...

— Eu estava chegando lá. Olha, todo mundo sabe que uma das piores coisas que um candidato a político ou representante eleito pode fazer é se envolver em algum escândalo sexual. — Seus olhos se prenderam nos meus no que eu reconhecia como sua —cara de debate. — Eu sou apenas um humano, Jackie, e se eu tiver estes desejos me tentando agora, ou o que quer que seja e eu os reprimir, eu provavelmente vou ter o mesmo desejo mais tarde, até pior. Mas agir de acordo com eles nesse momento, seria matar a minha carreira. — Ele abriu as mãos, impotente. — Eu não tenho escolha a não ser tirá-lo do meu sistema, enquanto eu posso fazer isso sem aniquilar minha posição em meu futuro profissional.

Eu disse a mim mesma —*Isso não está acontecendo!* Meu namorado de três anos não estava terminando comigo para que ele pudesse transar com outras alunas com abandono descarado. Eu

pisquei com força e tentei respirar fundo, mas eu não podia. Não havia oxigênio no quarto. Eu olhei para ele, em silêncio.

Sua mandíbula se apertou.

— Ok, então eu achei que seria fácil tentar decepcionar você e foi uma ideia ruim...

— Esta é a sua ideia de me decepcionar fácil? Terminar comigo para que você possa transar com outras garotas? Sem se sentir culpado? Você está falando sério?

— Como um ataque cardíaco.

A última coisa que eu pensei antes de pegar o meu livro de economia e atirá-lo nele: —*Como é que ele pode usar esse clichê de merda num momento como este?*

Capítulo 2

A voz de Erin me acordou.

— Jacqueline Wallace, tire seu traseiro dessa cama e vá salvar seu *GPA*. Pelo amor de Deus, se eu deixar um cara jogar fora meu amuleto acadêmico assim, eu nunca ouvi o final de tudo.

Eu fiz um som desdenhoso de debaixo do edredom antes de espreitar para ela.

— Que amuleto acadêmico?

Com as mãos nos quadris, ela estava enrolada em uma toalha, fresca do banho.

— Ha. Ha. Muito engraçado. Levante-se.

Funguei, mas não me mexi.

— Eu estou indo bem em todas as minhas outras matérias. Não posso simplesmente reprovar nessa?

Sua boca caiu aberta.

— Você está ouvindo a si mesma?

Eu estava ouvindo a mim mesma. E eu estava tão indignada com meus sentimentos covardes quanto Erin, se não estivesse mais. Mas o pensamento de me sentar perto de Kennedy para uma hora de aula, três dias por semana, era insuportável. Eu não podia ter certeza de que o seu recente status de solteiro significaria em termos de flertes abertos ou contatos, mas seja o que isso significasse, eu não queria encará-lo de frente. Imaginar os detalhes foi ruim o suficiente.

Se ao menos não tivesse o pressionado a fazer uma aula comigo neste semestre. Quando nos registramos para as aulas de outono, ele perguntou por que eu queria fazer Economia, um curso não obrigatório para o meu diploma de Educação Musical. Eu me

perguntei se ele tinha percebido, até então, que era onde iríamos acabar. Ou se ele tinha sabido.

— Eu não posso!

— Você *pode* e você *vai*! — Ela roubou o edredom. — Agora se levante e entre naquele chuveiro. Eu tenho que chegar na aula de Francês a tempo ou Monsieur Bidot vai me questionar sem misericórdia no *passé composé*⁽²⁾. Eu mal posso fazer o tempo passado em Inglês. Deus sabe que eu não posso fazer isso *en français*⁽³⁾ a essa maldita hora da manhã.

Cheguei fora da sala de aula exatamente às 09h00min, sabendo que Kennedy, habitualmente pontual, já estaria lá. A sala de aula era grande e inclinada. Deslizando pela porta de trás eu o reconheci, sexta fila no centro. A cadeira à sua direita estava vazia, a minha cadeira. Dr. Heller tinha passado pela sala um mapa de assentos na segunda semana de aula, e ele o usava para anotar presença e dar créditos pela participação na aula. Eu teria que conversar com ele depois da aula, porque não havia nenhuma maneira de me fazer sentar lá novamente.

Meus olhos percorreram as fileiras. Havia dois lugares vazios. Um era três linhas para baixo entre um cara apoiado em sua mão, geralmente dormindo, e uma garota bebendo um tipo de café e tagarelando sem parar com seu vizinho. O outro assento vago estava na fileira de trás, ao lado de um cara que parecia estar rabiscando algo na margem de seu livro. Eu virei nessa direção, ao mesmo tempo em que o professor entrou por uma porta lateral abaixo, e o artista levantou a cabeça para verificar a frente da sala de aula. Eu congelei, reconhecendo meu salvador de duas noites atrás. Se eu pudesse me mover, eu teria me virado e fugido da sala de aula.

O ataque veio como uma inundação. O desamparo. O terror. A humilhação. Eu me enrolei em uma bola na minha cama e chorei a noite toda, grata por Erin me mandar uma SMS dizendo que ela estava com Chaz. Eu não tinha contado a ela o que Buck tinha feito, em parte, porque eu sabia que ela se sentiria responsável por ter me

feito ir, e por me deixar sozinha. Em parte porque eu queria mesmo esquecer o que tinha acontecido.

— Se todo mundo estiver sentado, vamos começar. — A declaração do professor sacudiu-me do meu estupor, eu era a única aluna de pé. Eu fugi para a cadeira vazia entre a garota tagarela e o cara sonolento.

Ela olhou para mim, nunca parando sua confissão sobre seu fim de semana de como ela esteve mal e onde esteve e com quem. O cara abriu seus olhos apenas o suficiente para perceber quando eu deslizei na cadeira aparafusada entre eles, mas fora isso, não se moveu.

— Este assento está ocupado? — Sussurrei para ele.

Ele balançou a cabeça e resmungou:

— Estava. Mas ela está atrasada. Ou deixou de vir. Tanto faz.

Puxei um caderno da minha bolsa, aliviada. Tentei não olhar para Kennedy, mas o assento angular fazia disso um esforço desafiador. Seu cabelo louro sujo perfeitamente arrumado e a familiar camisa de tecido liso e botão, puxavam meus olhos a cada vez que ele se movia. Eu conhecia o efeito daquele xadrez verde ao lado de seus impressionantes olhos verdes. Eu o conhecia desde a nona série. Eu o observei alterar seu estilo de um garoto que usava bermuda de malha e tênis todos os dias para o cara que enviava suas camisas sob medida para serem passadas, mantinha seus sapatos livres de arranhões, e sempre parecia como se tivesse saído da capa de uma revista. Eu já tinha visto mais de uma professora virar a cabeça quando ele passava antes de repreender seu olhar para longe do corpo dele, perfeito e inacessível.

No primeiro ano, tivemos Inglês pré avançado juntos. Ele se concentrou em mim desde o primeiro dia de aula, mostrando seu sorriso de covinhas em minha direção antes de tomar o seu lugar, convidando-me para participar de seu grupo de estudo, perguntando sobre os planos para o meu fim de semana e, finalmente, tornando-se uma parte deles. Eu nunca tinha sido tão confiantemente

perseguida. Como nosso presidente de turma, ele era conhecido por todos, e ele fez um esforço conjunto para se familiarizar *com* todos. Como atleta, ele era um acréscimo para o time de beisebol. Como estudante, sua situação acadêmica era dez por cento superior. Como membro da equipe de debate, ele era conhecido por argumentos conclusivos e um recorde imbatível.

Como um namorado, ele foi paciente e atencioso, nunca me pressionando muito além ou muito rápido. Nunca esquecia meu aniversário ou o aniversário de namoro. Nunca me fez duvidar de suas intenções para nós. Uma vez que ficamos —oficiais, ele mudou meu nome, e todo mundo fez o mesmo, inclusive eu.

— Você é minha Jackie! — Ele me disse, fazendo referência à esposa de Jack Kennedy, seu xará e ídolo pessoal.

Ele não tinha parente. Seus pais eram apenas estranhamente políticos, e também tinham divergências um com o outro. Ele tinha uma irmã chamada Reagan e um irmão chamado Carter.

Três anos se passaram desde que eu tinha deixado de ser Jacqueline, e eu lutava diariamente para recuperar a parte original de mim mesma que eu deixei de lado por ele. Não era a única coisa da qual eu tinha desistido, ou a mais importante. Era apenas a única que eu poderia recuperar.



Entre tentar evitar olhar para Kennedy por 50 minutos diretos e ter ignorado as aulas por duas semanas, meu cérebro estava preguiçoso e não cooperativo. Quando a aula acabou, eu percebi que tinha absorvido pouco da palestra.

Eu segui o Dr. Heller ao seu escritório, passando rapidamente vários apelos em minha cabeça para induzi-lo a me dar uma chance de me recuperar. Até aquele momento, eu não tinha me importado em estar fracassando. Agora que a possibilidade tinha se tornado

uma probabilidade, eu estava apavorada. Eu nunca tinha reprovado numa matéria. O que eu digo aos meus pais e ao meu conselheiro? Este F estaria em meu histórico *para o resto da minha vida*.

— Certo, Srta. Wallace. — Dr. Heller removeu um livro didático e uma pilha de notas desordenadas de sua maleta surrada e moveu-se por seu escritório como se eu não estivesse lá. — Exponha o seu caso.

Eu limpei minha garganta.

— Meu caso?

Cansado, ele me olhou por cima dos óculos.

— Você perdeu duas semanas seguidas de aula, incluindo o exame semestral, e você perdeu hoje. Eu suponho que você está aqui no meu escritório para criar algum tipo de argumentação do por que você não deve deixar Macroeconomia. Estou esperando sem respirar por essa explicação. — Ele suspirou, colocando o livro didático na prateleira. — Eu sempre acho que já ouvi todas elas, mas eu tenho que reconhecer que eu tenho sido surpreendido. Então vá em frente. Eu não tenho o dia todo, e eu presumo que você não o tem, também.

Eu engoli.

— Eu estava na aula de hoje. Eu apenas sentei em um lugar diferente.

Ele acenou com a cabeça.

— Eu vou acatar a sua palavra para isso, já que você se aproximou de mim no final da palestra. Esse é um dia de volta à participação em seu favor, no valor de cerca de um quarto de um ponto em sua média. Você ainda tem seis dias de aula perdidos e um zero em um exame importante.

Oh, Deus! Como se um plugue tivesse sido apertado, as desculpas desordenadas e constatações vieram à tona torrencialmente.

— Meu namorado terminou comigo, e ele está na turma, e eu não suporto vê-lo, e muito menos se sentar ao lado dele... Oh meu Deus, eu perdi o exame semestral! Eu vou reprovar! Eu nunca fui reprovada em uma matéria na minha vida! — Como se aquele discurso não fosse humilhante o suficiente, meus olhos lacrimejaram e transbordaram. Mordi o lábio para não chorar abertamente, encarando a mesa dele, incapaz de encontrar a expressão de repulsa que imaginei que ele estaria exibindo.

Eu ouvi seu suspiro no mesmo momento em que um lenço de papel apareceu na minha linha de visão.

— Hoje é o seu dia de sorte, Srta. Wallace. — Eu peguei o lenço e o apertei contra minhas bochechas molhadas, olhando-o com cautela. — Por acaso eu tenho uma filha um pouco mais jovem do que você. Recentemente, ela sofreu um desagradável pequeno rompimento. Minha brilhante estudante nota A se transformou em um desastre emocional que não fazia nada além de chorar, dormir e chorar um pouco mais, por cerca de duas semanas. E então voltou a seus sentidos e decidiu que nenhum menino ia arruinar seu histórico escolar. Para o bem da minha filha, eu vou dar-lhe uma chance. Uma. Se você a estourar, você receberá a nota que você ganhou no final do semestre. Estamos entendidos? — Eu balancei a cabeça, mais lágrimas escorrendo. — Bom. — Meu professor se mexeu desconfortavelmente e entregou-me outro lenço de papel. — Oh, pelo amor de Pete, como eu disse à minha filha, nenhum menino no planeta vale essa quantidade de angústia! Eu sei; eu costumava ser um deles. — Ele rabiscou em um pedaço de papel e o entregou a mim. — Aqui está o endereço de e-mail do meu tutor na matéria, Landon Maxfield. Se você não está familiarizada com suas sessões de instrução complementar, eu sugiro que você se familiarize com elas. Você vai, sem dúvida, precisar de algumas aulas particulares também. Ele era um excelente aluno na minha turma, há dois anos, e ele tem sido tutor para mim desde então. Vou lhe dar os detalhes do projeto que eu espero que você faça para substituir a nota do exame semestral. — Outro soluço escapou de mim quando eu agradei, e eu pensei que ele poderia explodir de desconforto. —

Bem, bem, sim, é claro, não tem de quê! — Ele pegou o mapa de assentos. — Mostre-me onde você vai estar sentada a partir de agora, para que você possa ganhar esses quartos-de-ponto de participação. — Eu aponte para meu novo lugar, e ele escreveu meu nome no quadrado.

Eu tive minha chance. Tudo o que eu tinha que fazer era entrar em contato com este tal Landon e entregar um projeto. Quão difícil isso poderia ser?



A fila na Starbucks do grêmio estudantil estava ridiculamente longa, mas estava chovendo e eu não estava com vontade de ficar encharcada por atravessar a rua para o café indie fora do campus para pegar minha dose antes da minha aula da tarde. Num raciocínio desvinculado, era lá também onde era mais provável que Kennedy estivesse; nós íamos lá quase diariamente após o almoço. Em princípio, ele tendia a evitar —monstruosidades corporativas, como a Starbucks, mesmo que o café fosse melhor.

— Não vai ter jeito de atravessar o campus a tempo se eu esperar nesta fila. — Erin rosnou seu aborrecimento, inclinando-se para verificar quantas pessoas estavam à nossa frente. — Nove pessoas. Nove! E cinco esperando as bebidas! Quem diabos são todas essas pessoas? — O cara na nossa frente olhou por cima do ombro, com uma carranca. Ela fez uma careta para ele e eu pressionei meus lábios para não rir.

— Viciados em cafeína como nós? — Sugeri.

— Ugh. — Ela bufou e depois agarrou meu braço. — Eu quase me esqueci, você ouviu o que aconteceu com Buck sábado à noite?

Meu estômago se soltou. A noite que eu só queria esquecer não me deixava em paz. Eu balancei a cabeça.

— Ele levou uma surra no estacionamento atrás da casa. Dois rapazes queriam sua carteira. Provavelmente pessoas desabrigadas, ele disse, é o que ganhamos por ter um campus bem no meio de uma cidade grande. Eles não conseguiram nada, os bastardos, mas porra, a cara de Buck está destruída! — Ela se inclinou mais perto. — Ele realmente parece um pouco mais quente assim. *Rowr*, se é que você me entende. — Eu me senti mal, ficando ali muda e fingindo interesse, em vez de refutar a explicação de Buck para os acontecimentos que levaram seu rosto a ser socado. — Bem, merda! Eu vou ter que enxugar um Rockstar^{4} para me manter com a mente aberta durante Ciências Políticas. Eu não posso chegar atrasada, nós temos um teste. Eu te vejo depois do trabalho. — Ela me deu um abraço rápido e saiu correndo.

Eu corri para frente com a fila, minha mente revisando a noite de sábado pela milésima vez. Eu não podia me livrar do quão vulnerável eu me sentia, ainda. Eu nunca tinha sido cega ao fato de que os caras são mais fortes.

Kennedy me agarrou em seus braços mais vezes do que eu poderia contar, uma vez jogando-me sobre seu ombro e correndo um lance de escadas comigo agarrada à sua volta, de cabeça para baixo e rindo. Ele facilmente abria frascos que eu não podia abrir, mudava os móveis que eu mal podia mover. Sua força superior tinha sido evidente quando ele se firmava em cima de mim, seus bíceps duros em minhas mãos.

Há duas semanas atrás, ele tinha arrancado meu coração, e eu nunca me senti tão magoada, tão vazia.

Mas ele nunca usou a sua força física contra mim.

Não, isso era todo Buck. Buck, um gostoso do campus que não tinha um problema em conseguir garotas. Um cara que nunca tinha dado qualquer indicação de que ele poderia ou iria me machucar, ou que ele estava ciente de mim, exceto como a namorada de Kennedy. Eu poderia culpar o álcool... Mas não. Álcool remove inibições. Ele não dispara a violência criminal, onde não havia antes.

— Próximo?

Livre-me de meu devaneio e olhei por cima do balcão, preparada para passar meu pedido habitual, e lá estava o cara da noite de Sábado. O cara que eu tinha evitado sentar ao lado esta manhã, em Economia. Minha boca estava aberta, mas não saiu nada. E, assim como nessa manhã, a noite de Sábado veio à tona. Meu rosto esquentou, quando me lembrei da posição em que eu estava, o que ele deve ter testemunhado antes de intervir, o quão imprudente ele deve me considerar.

Mas então, ele disse que não era minha culpa. E ele me chamou pelo meu nome. O nome que não é mais usado, desde 16 dias atrás.

Desejei, numa fração de segundo, que ele não estivesse se lembrando de quem eu era, não foi concedido. Eu retornei ao seu olhar penetrante e podia ver que ele se lembrava de tudo, claramente. Cada pedaço humilhante. Meu rosto queimou.

— Você está pronta para pedir? — Sua pergunta me puxou da minha desorientação. Sua voz era calma, mas eu senti o desespero dos clientes inquietos atrás de mim.

— Um grande café Americano. Por favor! — Minhas palavras foram tão murmuradas que eu meio que esperava que ele me pedisse para repetir.

Mas ele marcou o copo, e foi quando notei as duas ou três camadas de gaze branca fina enrolada em volta dos nós de seus dedos. Ele passou o copo para o barista e registrou a bebida quando eu entreguei o meu cartão.

— Tudo indo bem hoje? — Ele perguntou, suas palavras tão aparentemente casuais, mas tão cheias de significado entre nós. Ele passou o meu cartão e entregou-o de volta com o recibo.

— Eu estou bem. — Os nós dos dedos da mão esquerda estavam arranhados, mas não severamente esfolados. Enquanto eu pegava o cartão e recibo, seus dedos roçaram sobre os meus. Eu afastei minha mão. — Obrigada!

Seus olhos se arregalaram, mas ele não disse mais nada.

— Eu quero um venti^{5} caramel macchiato, magro, sem creme.

— A garota impaciente atrás de mim passou seu pedido sobre o meu ombro, não me tocando, mas pressionando muito no meu espaço pessoal de conforto. A mandíbula dele se esticou de forma quase imperceptível quando ele desviou o olhar para ela.

Marcando o copo, ele deu a ela o total de forma rude, seus olhos passando rapidamente para mim mais uma vez quando eu me afastei. Eu não sei se ele olhou para mim depois disso. Esperei meu café no outro lado do bar, e saí correndo, sem acrescentar o meu habitual pingado de leite e três pacotes de açúcar.

Economia era um curso de pesquisa, e como tal a lista era enorme, provavelmente 200 alunos. Eu poderia evitar o contato visual com os dois meninos, no meio de tantas pessoas, nas seis semanas restantes do semestre de outono, não poderia?

Capítulo 3

Eu obedientemente mandei um e-mail para o tutor de Economia quando voltei para o dormitório depois da aula, e comecei a minha lição de casa de História da Arte. Enquanto digitava uma dissertação sobre um escultor neoclássico e sua influência sobre o estilo, murmurei um agradecimento à minha neurose interior, que pelo menos consegui manter longe de minhas outras matérias.

Com Erin no trabalho, eu poderia me entregar completamente a uma noite tranquila de estudos. Aqui no nosso quarto microscópico, ela não podia deixar de ser uma distração quase permanente. Enquanto eu tentava estudar um pouco para um teste de álgebra na semana passada, a seguinte conversa aconteceu: —*Eu tinha que ter essas sapatilhas para o meu trabalho, Papai!* Argumentou em seu celular. —*Você disse que queria que eu aprendesse o valor do trabalho enquanto estou na escola, e você sempre diz que uma pessoa deve se vestir para o sucesso, por isso estou apenas tentando seguir suas palavras de sabedoria.*

Quando ela olhou para mim, eu revirei os olhos. Minha companheira de quarto era uma anfitriã em um restaurante pretensioso no centro da cidade, uma posição que frequentemente usava como desculpa para gastar além do seu orçamento para roupas. Sapatos de trezentos dólares, essenciais para um trabalho que paga nove dólares por hora? Eu sufoquei minha risada quando ela piscou para mim. Seu pai sempre cedia, especialmente quando ela utilizava a palavra com P — *Papai*.

Eu não estava esperando uma resposta rápida de Landon Maxfield. Como veterano e tutor de uma turma enorme como a do Dr. Heller, ele tinha que estar ocupado.

Eu também estava certa de que ele não estaria nem um pouco excitado em ajudar uma estudante do segundo ano que tinha perdido o exame bimestral e duas semanas de aula, e que nunca

tinha assistido a uma de suas sessões de monitoria. Eu estava preparada para mostrar a ele que eu trabalharia duro para me recuperar e sair do pé dele tão rapidamente quanto possível.

Quinze minutos depois de eu ter mandado o e-mail para ele, a campainha da minha caixa de entrada soou. Ele respondeu, no mesmo tom formal que eu tinha escolhido depois de alternar entre o uso de seu nome ou sobrenome no endereço, e finalmente me decidir por *Sr. Maxfield*.

Srta. Wallace,

O Dr. Heller me informou da sua necessidade de recuperar o atraso em Macro e o projeto que você precisa completar a fim de substituir a nota bimestral. Desde que ele aprovou que você faça este trabalho, não há necessidade de compartilhar comigo a razão pela qual você está tão atrasada.

Estou empregado como tutor, de modo que estes atrasos fazem parte das minhas atribuições de trabalho.

Podemos nos encontrar no campus, de preferência na biblioteca, para discutir o projeto. É detalhado e vai exigir uma grande quantidade de pesquisa externa de sua parte.

Fui instruído pelo Dr. Heller quanto ao nível de assistência que eu deveria fornecer. Basicamente, ele quer ver o que você pode fazer sozinha. Estarei disponível para perguntas gerais, é claro.

Minhas sessões de monitoria em grupo são Seg-Qua-Qui das 13h00min às 14h00min, mas cobrem apenas a matéria atual. Eu suponho que você vai precisar de mais assistência para compreender a matéria que perdeu ao longo das últimas duas semanas. Deixe-me saber os horários em que você está disponível para me encontrar para sessões de monitoria individuais e vamos nos coordenar a partir disso.

LM

Eu apertei meu maxilar. Embora perfeitamente educado, o tom de seu e-mail rescendia à condescendência... Até a sua assinatura no final: *LM*. Ele estava sendo amigável, casual, ou ridicularizando minha tentativa de soar como uma estudante séria e madura? Eu fiz alusão ao rompimento em meu e-mail, esperando que ele não quisesse ou pedisse detalhes. Agora eu me sentia como se ele não só tivesse evitado se informar sobre os detalhes, mas também pensado menos de mim, por deixar uma crise de relacionamento afetar a minha vida acadêmica.

Eu li o seu e-mail novamente e fiquei ainda mais furiosa. Então ele pensava que eu era idiota demais para compreender o material do curso por conta própria?

Sr. Maxfield,

Eu não posso participar de suas sessões porque eu tenho História da Arte Seg-Qua, das 13h00min às 14h30min, e eu sou tutora no ensino médio nas tardes de quinta-feira. Eu vivo no campus e estou disponível para me encontrar nos finais de tarde de segunda-feira/quarta-feira, e quase todas as noites. Eu também estou livre nos fins de semana quando não estou como tutora.

Eu comecei a ler o material do curso sobre PIB, IPC e inflação, e eu estou trabalhando nas questões de revisão do final do capítulo 9. Se você quer me encontrar para transmitir os requisitos do projeto, eu tenho certeza de que posso acompanhar o curso regular sozinha.

Jacqueline

Eu apertei enviar e me senti superior por cerca de vinte segundos. Na verdade, eu mal tinha olhado para o capítulo 9. Até agora, ele se parecia menos com gráficos de oferta e demanda e mais com uma falação com cifrões e mudanças confusas, jogadas ali para diversão. Assim como PIB e IPC, eu sabia o que essas siglas significavam... Mais ou menos.

Oh, Deus! Eu tinha acabado de rejeitar, de maneira arrogante, o tutor fornecido por meu professor, o professor que não era obrigado a me dar uma segunda chance, mas tinha dado. Quando o meu e-mail soou novamente, eu engoli antes de clicar sobre ele. Um novo e-mail de Landon Maxfield estava no topo da minha caixa de entrada.

Jacqueline,

Se você prefere recuperar o atraso sozinha, a escolha é sua, é claro. Eu vou reunir as informações sobre o projeto e nós podemos nos encontrar, digamos, quarta-feira logo após as 14h00min?

LM

PS. Você é tutora em que?

Sua resposta não parecia zangada. Ele era gentil. Legal, até. Eu estava tão emocional ultimamente que eu não podia julgar nada claramente.

Landon,

Dou aulas particulares para estudantes da orquestra do ensino médio e superior de contrabaixo. Acabei de me lembrar de que eu concordei em auxiliar no transporte de dois dos instrumentos de meus alunos para uma apresentação nesta quarta-feira à tarde. (Eu dirijo uma caminhonete, para acomodar o transporte do meu próprio instrumento, e agora eu sou constantemente inundada com pedidos para transportar grandes instrumentos musicais, sofás, colchões...)

Você está livre qualquer noite? Ou sábado?

JW

Eu tocava contrabaixo desde que eu tinha dez anos. Na quarta série, um dos dois baixistas da orquestra tinha se machucado no futebol da liga estudantil, no segundo final de semana de escola, resultando em uma clavícula quebrada. Nossa professora de música, Sra. Peabody, tinha olhado para o vasto mar de tocadores de violino e pedido a alguém para mudar. — *Qualquer um?* — Ela chiou. Quando ninguém se ofereceu, eu levantei a minha mão.

Mesmo o instrumento com a metade do tamanho me escondia, naqueles tempos; eu precisava de um banquinho para tocá-lo, fato que havia fornecido a meus colegas de orquestra uma diversão sem fim. A ridicularização não parou na escola.

— Querida, não é um instrumento *estranho* para uma garota escolher tocar? — Minha mãe perguntou. Ainda petulante sobre a minha rejeição de aprender piano, seu instrumento preferido, em favor do violino, ela foi imediatamente contra minha nova preferência.

— Sim. — Eu olhei para minha mãe e ela revirou os olhos. Ela nunca perdeu o seu desdém pelo instrumento que eu aprendi a amar tocar, pela maneira que ele fundamentava e dirigia o resto da orquestra. Eu também adorava a descrença no rosto de companheiros concorrentes em competições regionais, sua garantia de que eu não era tão boa quanto eles eram por causa do meu sexo e a maneira como eu provava que era *melhor*.

Quando fiz quinze anos, eu tinha chegado à minha estatura total de 1,68m e podia me apresentar com um instrumento de três quartos de tamanho, sem ajuste de altura necessário, apesar de ser uma coisa bem apertada.

No ano passado, eu dei aulas para estudantes locais, todos eles meninos, cada um deles algum tipo presunçoso e impertinente, até que me ouviam tocar.

Jacqueline,

Contrabaixo? Interessante.

Estou ocupado todas as noites nesta semana, e na maioria dos fins de semana também. Eu não quero que você perca tempo com isso, então eu vou lhe mandar as informações do projeto hoje à noite, e podemos discuti-lo por e-mail até que possamos sincronizar nossas agendas. Isso funcionaria para você?

LM

PS - Eu vou me lembrar de você se eu comprar um aparelho grande ou precisar me mudar.

Landon,

Obrigada, sim, isso seria ótimo! (Re: enviar as informações do projeto, quer dizer, não a decisão descarada de me usar, pela capacidade de transporte de minha caminhonete. Você não é melhor do que meus amigos! Eles escapam do aluguel de um caminhão e das taxas de entrega e eu sou paga em cerveja).

JW

Jacqueline,

Enviarei os detalhes do projeto quando eu chegar em casa, e nós podemos discuti-lo.

O sistema de troca no trabalho é apenas economia primitiva, você sabe. (E você tem idade suficiente para cerveja?)

LM

Landon,

Longe de mim, censurar um uso eficaz da economia pré-histórica. E eu suponho que amigos que pagam em cerveja são melhores do que amigos que não pagam nada. (Ref: Minha idade – eu não acredito que as atribuições do trabalho de Tutor de Economia deixam você a par desse tipo de informação pessoal.)

JW

Jacqueline,

Touché. Eu vou ter que confiar em você em não ser preso por estar fornecendo álcool para menores.

Você está certa, estudantes universitários empobrecidos e carentes de automóveis, como eu, deveriam respeitar os métodos testados-e-aprovados para negociações de transporte.

LM

Sorri para a sua admissão sincera de estar sem carro, meu rosto caiu quando eu contrastei isso com o sentimento de convencimento que Kennedy tinha com seu carro. Logo antes de nos formarmos, seus pais deram o Mustang dele, de apenas dois anos, ao seu irmão de dezesseis anos de idade, que tinha destruído seu Jeep no fim de semana anterior. Como um presente antecipado de formatura, eles substituíram o Mustang de Kennedy por uma BMW nova em folha, polida e preta, com cada opcional disponível, incluindo assentos de couro felpudos e um sistema de som que eu poderia ouvir de um quarteirão de distância.

Droga! Eu tinha que parar de ligar cada coisa que me acontecia com Kennedy. Uma constatação apareceu então, que ele ainda era meu padrão. Nos últimos três anos, nós havíamos nos tornado o hábito um do outro. E apesar dele ter quebrado o hábito de mim quando ele foi embora, eu não tinha quebrado meu hábito dele. Eu ainda estava acorrentando ele ao meu presente, ao meu futuro. A verdade era que ele agora pertencia somente ao meu passado, e que era hora de começar a aceitar, tanto quanto doesse fazer isso.



Assim que chegamos ao campus no primeiro ano, Kennedy comprometeu-se com a fraternidade de seu pai. Apesar da necessidade do meu namorado por ingressar naquela facção, eu nunca tinha compartilhado essa aspiração. Ele não pareceu se importar quando eu disse que preferia não me precipitar por qualquer irmandade, enquanto eu o apoiasse em sua necessidade futura e política pela fraternidade. Ele me disse, uma vez, que ele meio que gostava que eu fosse uma namorada IPC7.

— Uma IPC? O que é isso?

Ele riu e disse:

— Isso significa que você é independente pra cacete.

Quando ele saiu do meu quarto há quase três semanas atrás, não tinha me ocorrido que ele estava levando com ele o meu círculo social cuidadosamente cultivado. Sem o meu relacionamento com Kennedy, eu não recebia convites automáticos para festas ou eventos Gregos, apesar de Chaz e Erin poderem me convidar para alguma coisa desde que eu me incluísse no título de coisas aceitáveis para levar a qualquer festa: álcool e garotas.

Impressionante. Eu tinha ido de namorada independente a objeto para festa.

Colidir com aglomerados de meus antigos amigos seria desconfortável, na melhor das hipóteses. Ali mesmo, fora da biblioteca principal, mesas de meninos de fraternidades vendiam suco, café e bolinhos, todas as manhãs por uma semana, para levantar dinheiro para treinamento de liderança. Armados com churrasqueiras portáteis, Tri-Deltas acampavam em tendas no gramado para mostrar a situação dos sem tetos. (Eu lembrei a Erin que era improvável que a maioria dos sem tetos possuísse churrasqueiras Coleman portáteis e equipamento de campismo das lojas REI e ela bufou e disse: —*Sim, eu mostrei isso. Minha advertência entrou por um ouvido e saiu pelo outro.*)

Eu não poderia deixar meu dormitório e andar em qualquer direção sem passar por pessoas com quem eu tinha tido relações

descomplicadas, apenas alguns dias antes. Agora os olhos se afastavam enquanto eu andava, embora alguns ainda sorrissem ou acenavam antes de fingir estarem conversando profundamente com outra pessoa.

Alguns poucos ainda gritaram: —*Oi, Jackie!* Eu não tinha dito a eles que eu não estava mais usando esse nome.

No início, Erin insistiu que o desprezo estava na minha cabeça, mas depois de duas semanas, ela relutantemente concordou. —*As pessoas sentem a necessidade de escolher um dos lados quando um relacionamento acaba, é a natureza humana.* Ela disse, suas aulas de Psicologia do segundo ano contribuindo. —*Concordo. Covardes!* Gostei que ela estivesse disposta a ignorar sua análise imparcial em apoio a mim.

Não me surpreende que praticamente todo mundo tenha escolhido Kennedy. Ele era um deles, afinal de contas. Ele era expansivo, charmoso, futuro líder mundial. Eu era a namorada tranquila, bonita, mas um pouco estranha... Depois da separação, eu me tornei apenas uma estudante de graduação não-Grega para todos, menos para Erin.

Na Terça-feira, passamos pelo casal poderoso de reis do campus, Katie era presidente da irmandade de Erin e DJ era vice-presidente da fraternidade de Kennedy. —*Oi, Erin! Ótimo visual!* Katie disse, como se eu não estivesse lá. DJ inclinou o queixo e sorriu para Erin, seus olhos passando rapidamente por mim, mas ele não reconheceu minha existência mais do que sua namorada tinha feito. —*Obrigada!* Erin respondeu. —*Cabeças de merda!* ela murmurou logo depois, passando o braço pelo meu.

Quando eu mudei para meu dormitório há mais de um ano atrás, eu estava horrorizada ao encontrar-me com uma colega de quarto que encarnava o estereótipo de garota de irmandade. Erin já havia reclamado a cama mais próxima da janela. Acima de sua cabeceira, ela fixou brilhantes pompons do ensino médio, azuis e ouro e enormes recortes que soletravam — Erin, — revestidos em glitter. Em torno das letras gigantes douradas, pôsteres com fotos de

eventos de líderes de torcida e jogos de boas vindas, com jogadores de futebol gigantescos.

Enquanto eu estava parada boquiaberta, olhando o seu lado do nosso pequeno quarto com a luz de sua luminária, ela saltou pela porta.

— Oh, oi! Você deve ser Jacqueline! Eu sou Erin! — Diplomáticamente, eu não manifestei o comentário *merda nenhuma* que surgiu na minha cabeça. — Como você não estava aqui, eu escolhi uma cama, espero que você não se importe! Estou quase terminando as malas, para que eu possa ajudá-la. — Vestindo uma camiseta da faculdade que quase correspondia exatamente com seu cabelo acobreado puxado para cima, ela pegou minha mala mais pesada e a colocou na cama. — Eu coloquei um quadro branco na porta, para que possamos deixar mensagens uma para a outra, ideia da minha mãe, na verdade, mas me pareceu uma sugestão útil, você não acha?

Eu pisquei para ela, murmurando:

— Uh-huh. — Enquanto ela abria o zíper da minha mala e começava a retirar os pertences que eu trouxe de casa. Tinha que haver algum engano. Eu tinha preenchido uma folha com uma longa lista de preferências e atributos para minha colega de quarto, e esta garota parecia não ter *nenhuma* dessas qualidades desejadas. Eu me descrevi basicamente: uma calma e estudiosa rata de biblioteca que ia para a cama em uma hora decente. Uma não festeira que não traria um desfile de meninos através de nosso quarto, ou que ia fazê-lo se tornar a sede do andar para pingue-pongue de cerveja. — É Jackie, na verdade. — Eu disse a ela.

— Jackie, tão bonitinho! Eu gosto de Jacqueline, porém, eu tenho que admitir. Tão elegante. Você tem sorte, você pode escolher! Estou tipo presa com Erin. Ainda bem que eu gosto, né? Ok, Jackie, onde devemos pendurar este pôster? Quem é essa?

Eu olhei para o pôster nas mãos dela, a representação de uma das minhas cantoras favoritas, que também tocava contrabaixo.

— Esperanza Spalding.

— Nunca ouvi falar dela. Mas ela é uma gracinha! — Ela pegou um punhado de tachas e pulou na minha cama para pressionar o pôster contra a parede. — Que tal aqui?

Erin e eu tínhamos percorrido um longo caminho em 15 meses.

Capítulo 4

Chegando um minuto antes da aula de Economia começar na manhã de Quarta-feira, a última coisa que eu esperava ver era Kennedy, encostado na parede do lado de fora da sala de aula, trocando números de telefone com uma iniciada da Zeta. Rindo depois de tirar uma foto de si mesma, ela entregou seu telefone de volta. Ele fez o mesmo, sorrindo para ela.

Ele nunca sorriria para mim assim de novo.

Eu não sabia que eu estava congelada no lugar até que um colega de turma bateu com o ombro em mim, derrubando minha mochila pesada do meu ombro.

— Desculpa! — Ele murmurou, seu tom mais —*Saia do caminho do que —Desculpe, eu que trombei com você.*

Enquanto eu me abaixava para recuperar minha mochila, rezando para que Kennedy e sua fã não tivessem me visto, uma mão segurou a alça e pegou a mochila do chão. Eu endireitei-me e olhei em claros olhos cinza-azulados.

— O cavalheirismo não está realmente morto, você sabe. — Sua voz profunda e calma era a mesma como eu me lembrava da noite de sábado e da tarde de segunda-feira, sobre o balcão da Starbucks.

—Ah?

Ele colocou a alça de volta em meu ombro.

— Nah. Esse cara é só um idiota! — Ele fez um gesto em direção ao cara que tinha colidido em mim, mas eu podia jurar que seus olhos passaram por meu ex, também, que estava atravessando a porta, rindo com a garota. Sua brilhante calça de moletom laranja tinha *ZETA* escrito através do traseiro. — Você está bem? — Pela terceira vez, essa pergunta, vinda dele, tinha um significado mais profundo do que a costumeira implicação diária.

— Sim, tudo bem. — O que eu poderia fazer além de mentir? — Obrigada! — Eu me virei e entrei na sala, sentando em minha nova cadeira, e passei os primeiros 45 minutos de aula com minha atenção fixada sobre o Dr. Heller, o quadro que ele preencheu e as anotações que fiz. Obedientemente copiando gráficos de equilíbrio de curto prazo e de demanda agregada, tudo aquilo parecendo tanta besteira, eu percebi que teria que implorar pela ajuda de Landon Maxfield depois de tudo. Meu orgulho só iria fazer com que eu me atrasasse ainda mais.

Minutos antes do final da aula, eu me virei e peguei minha mochila como uma desculpa para dar uma olhada para o cara na fileira de trás. Ele estava olhando para mim, um lápis preto solto entre os dedos, digitando no notebook na frente dele. Ele se largou em seu assento, um cotovelo sobre as costas dele, um pé com bota casualmente apoiado no suporte sob sua mesa. Enquanto nossos olhos se prendiam, sua expressão mudou sutilmente de ilegível para sem sorrisos, embora cauteloso. Ele não desviou o olhar, mesmo quando eu olhei em minha bolsa e então de volta para ele.

Eu virei pra frente, meu rosto quente.

Rapazes tinham mostrado interesse em mim ao longo dos últimos três anos, mas a não ser por dois de curta duração, certamente nunca se revelaram ou assumiram a paixãoite, um era meu próprio tutor de baixo com idade de faculdade e outro, o meu parceiro de laboratório de química, eu não tinha me sentido atraída por ninguém além de Kennedy. A palestra de Economia tinha reduzido a tagarelice ao fundo, eu não conseguia decidir se a minha resposta a este estranho era constrangimento persistente, gratidão por ter me salvado de Buck, ou uma simples atração. Talvez os três.

Quando a aula acabou, eu arrumei meu livro em minha mochila e resisti ao impulso de olhar em sua direção novamente. Eu me ocupei pelo tempo suficiente até que Kennedy e sua fã saíssem. Quando me levantei para ir, o cara persistentemente sonolento que se sentava ao meu lado falou.

— Ei, quais foram às perguntas que ele falou para fazermos para o crédito extra? Devo ter nocauteado por alguns segundos, justo quando ele as discutiu, minhas anotações estão indecifráveis. — Eu olhei para o local que ele indicou em suas notas, e com certeza, os rabiscos tinham se tornado menos e menos legíveis. — Sou Benji, a propósito.

— Oh, hum, vamos ver... — Folheei meu caderno e apontei para os detalhes da tarefa escritos na parte superior da página. — Aqui está. — Enquanto ele copiava, acrescentei: — Eu sou Jacqueline.

Benji era um desses caras para quem a adolescência não tinha sido gentil. Uma dispersão de acne pontilhava sua testa. Seu cabelo era cheio e encaracolado, um cabelereiro experiente poderia domá-lo, mas ele era, provavelmente, um fã do lugar de oito dólares com telas planas com ESPN contínua. Dado a seu abdômen pastoso, eu duvidei que ele passasse muito tempo no moderno ginásio da faculdade. A camiseta esticada sobre sua barriga tinha uma espécie de instrução para —mano que era melhor não ser lida. Expressivos olhos castanhos, e um sorriso cativante que os enrugavam adoravelmente, eram sua graça salvadora no departamento dos olhares.

— Obrigado, Jacqueline! Isso vai salvar minha pele, eu *preciso* desses pontos do crédito extra. Vejo você sexta-feira. — Ele fechou seu notebook. — A menos que eu acidentalmente durma. — Acrescentou, dando-me um sorriso genuíno.

Voltei a sorrir quando me mudei para o corredor.

— Sem problema.

Talvez eu fosse capaz de fazer amigos fora do meu círculo com Kennedy. Essa interação, junto com a deserção da maioria de nossos amigos para Kennedy após o término, me fez perceber como dependente dele eu me tornei. Eu estava um pouco chocada. Por que isso nunca me ocorreu antes? Por que eu nunca tinha pensado que Kennedy e eu poderíamos terminar?

Suposição tola e ingênua. Obviamente.



A sala estava quase vazia, incluindo o cara da fila de trás. Senti uma pontada de decepção irracional. Então ele me encarou em sala de aula, grande coisa.

Talvez ele estivesse apenas entediado. Ou facilmente distraído.

Mas quando eu saí da sala, eu o localizei do outro lado do corredor lotado, conversando com uma garota da turma. Seu comportamento era relaxado, da camisa da marinha, aberta sobre uma camiseta cinza lisa, até a mão enfiada no bolso da frente da calça jeans. Músculos não se mostravam sob as mangas longas não abotoadas da camisa, mas seu abdômen parecia plano, e ele colocou Buck no chão e sangrando bastante facilmente na noite de sábado. Seu lápis preto colocado sobre uma orelha, só a borracha rosa da ponta se mostrando, o resto desaparecido em seu cabelo escuro e bagunçado.

— Então, é uma coisa de monitoria em grupo? — A garota perguntou, girando e girando um longo cacho de cabelo loiro ao redor de seu dedo. — E ela dura uma hora?

Ele engatou sua mochila, tirando a franja rebelde de seus olhos.

— É. De uma para duas.

Quando ele olhou para ela, ela inclinou a cabeça e balançou seu peso um pouco de lado a lado, como se estivesse prestes a dançar com ele.

Ou *para* ele.

— Talvez eu dê uma passada. O que vai fazer depois?

— Trabalhar.

Ela bufou um suspiro irritado.

— Você está sempre trabalhando, Lucas. — Seu tom aborrecido atingiu meus ouvidos como unhas-em-um-quadro-negro, como sempre acontece quando usado por qualquer garota acima de seis anos de idade. Mas bônus, eu fiquei sabendo o nome dele.

Ele olhou para cima então, como se ele tivesse percebido que eu estava parada ali, espiando e eu girei no sentido oposto e comecei a andar rapidamente, tarde demais para fingir que eu não estava intencionalmente ouvindo a conversa. Eu me entrelacei através das pessoas apressadas no corredor lotado, mergulhando na saída lateral.

De jeito nenhum eu iria a essas sessões de monitoria se *Lucas* estivesse nelas. Eu não tinha certeza do que ele queria dizer, se é que ele queria dizer alguma coisa, afinal, olhando para mim daquele jeito durante a aula, mas a evidente intensidade do seu olhar me deixou inquieta. Além disso, eu ainda estava em um período de luto por meu relacionamento recém-destruído. Eu não estava pronta para começar algo novo. Não que ele estivesse interessado em mim dessa forma. Eu totalmente revirei meus olhos para o curso dos meus próprios pensamentos. Eu tinha ido de uma quantidade limite de interesse para um possível relacionamento em um salto.

De uma perspectiva puramente empírica, ele provavelmente estava acostumado com garotas como a loira no corredor, atirando-se a seus pés. Assim como os títulos de turma do meu ex- Kennedy, e em seguida, de presidente do corpo estudantil lhe davam o status banal de celebridade, e ele adorava isso. Eu passei os últimos dois anos do ensino médio ignorando as garotas invejosas que atrapalhavam a nossa relação, só esperando para ele terminar comigo. Quando eu deixei a cidade e fui para a faculdade, eu tinha tanta certeza dele.

Eu me perguntava quando eu iria parar de se sentir como uma boba inocente com aquela confiança equivocada.



Landon,

Estou tendo mais problemas com a matéria atual do que eu falei, mas eu não tenho certeza se eu alguma vez vou ser capaz de ir a uma de suas sessões de monitoria. Uma pena para nós dois que o meu ex não tenha me largado logo no início do semestre para que eu abandonasse essa aula!

(Sem ofensa. Você provavelmente estuda para ser um especialista em Economia e gosta dessas coisas.)

Eu comecei a pesquisar jornais on-line para o projeto. Obrigado por decodificar as anotações do Dr. Heller antes de enviá-las para mim. Se você as tivesse encaminhado sem tradução, eu estaria procurando por um prédio alto/viaduto/caixa d'água de onde eu gritaria: adeus mundo cruel!

JW

Jacqueline,

Por favor, sem saltos de estruturas gigantescas. Você tem alguma ideia do dano que isso faria a minha reputação de tutor?? No mínimo, pense no efeito sobre mim. ;)

Eu criei planilhas para as sessões de monitoria. Anexei as importantes das últimas três semanas. Use-as como guias de estudo, ou as preencha e envie de volta para mim, e vamos ver onde você está se confundindo.

Na verdade, eu sou estudante de Engenharia, mas temos que fazer Econ. Acho que todo mundo deveria, de qualquer forma, é um bom ponto de partida para explicar como o dinheiro, a política e o comércio funcionam em conjunto para criar o caos total que é o nosso sistema econômico.

LM

PS - Como foram as competições regionais? E a propósito, o seu ex é, obviamente, um idiota!

Eu baixei as planilhas, revirando sua última declaração em minha mente. Se Landon conhecia Kennedy ou não, improvável, dado o tamanho da faculdade e suas carreiras diferentes, ele tinha escolhido o meu lado. Eu, uma garota tão absurdamente desequilibrada por um rompimento que ela tinha perdido as aulas por duas semanas.

Ele era inteligente e engraçado, e depois de apenas três dias eu já estava ansiosa por seu nome em minha caixa de entrada, o nosso vai-e-vem provocador. De repente, eu me perguntava como ele se parecia. *Deus*. Ainda ontem, eu tinha deixado a turma dizendo a mim mesma para ignorar os olhares pensativos de um cara na sala de aula, porque eu precisava de tempo para superar o abandono de Kennedy, e aqui estava eu sonhando acordada com um tutor que podia parecer Chace Crawford. Ou... Benji.

Não importava. Eu precisava de tempo para me recuperar, mesmo que Landon estivesse certo. Mesmo que Kennedy fosse um idiota.

Eu cliquei na primeira planilha e abri o meu texto economia, e dei um suspiro de alívio.

Landon,

As planilhas definitivamente vão me ajudar. Eu já me sinto com menos medo de reprovar nesta matéria. Eu fiz as duas primeiras, quando você tiver tempo, você pode dar uma olhada nelas? Obrigada novamente por desperdiçar seu tempo comigo. Vou tentar me recuperar rapidamente. Eu não estou acostumada a ser a aluna que é um pé no saco.

Eu tinha dois calouros de escolas rivais competindo um contra o outro nas regionais. Ambos me perguntaram, separadamente graças a Deus, quem era o meu favorito. (Eu disse a cada um deles: —

Você é, é claro! — Isso foi errado?) Eles estavam muito convencidos um com o outro quando eles vieram pegar os seus baixos na minha caminhonete, e eu rezei para que nenhum deles mencionasse o status de favorito na frente do outro. MENINOS.

Engenharia? Uau. Não é de admirar que você parece ser tão inteligente.

JW

Jacqueline,

As planilhas estão excelentes. Marquei um par de pequenos erros que poderiam fazer você tropeçar em um exame, então dê uma olhada neles.

Ah, parece que os seus calouros têm uma queda por você? Não estou surpreso. Uma garota de faculdade que toca baixo teria me deixado sem fala aos 14.

É claro que eu sou inteligente! Sou o tutor onisciente. E caso você esteja se perguntando, sim, você é a minha favorita! ;)

LM

Sábado à noite, Erin estava mais uma vez ameaçando me arrastar para fora do nosso quarto, ignorando meus protestos e relutância. Desta vez, nós três estávamos indo para o centro comercial, acertar alguns clubes com nossas identidades falsas.

— Você não se lembra como a festa do último fim de semana foi para mim? — Eu perguntei quando ela empurrou um vestido preto pegajoso em meus braços estendidos. É claro que ela não se lembra, eu não tinha lhe contado. Tudo que ela sabia era que eu tinha saído cedo.

— Jacqueline, querida, eu sei que é difícil. Mas você não pode deixar Kennedy ganhar! Você não pode deixar que ele faça de você uma eremita, ou a mantenha com medo de gostar de alguém novo.

Deus, eu *amo* essa parte, a caça de um cara novo, tudo desconhecido, não experimentado, a grande quantidade de perspectivas quentes na sua frente, esperando para serem descobertas. Se eu não desejasse tanto o Chaz, eu estaria com inveja de você!

A maneira como ela descreveu o processo parecia uma expedição a um continente exótico. Eu não compartilhava seus sentimentos, nem de longe. A ideia de encontrar um cara novo soou cansativa e deprimente.

— Erin, eu não acho que estou pronta.

— Isso é o que você disse na semana passada, e você fez muito bem! — Ela franziu a testa, pensando, e pela centésima vez eu quase disse a ela sobre Buck. — Mesmo que tenha saído mais cedo. — Ela dependurou o vestido preto que eu não tinha a intenção de usar, e eu segurei minha língua, perdendo a chance novamente. Eu não tinha certeza do por que eu não poderia dizer a ela. Eu, na maior parte, tinha medo que ela se enfurecesse. Mais injustificadamente, eu tinha medo dela não acreditar.

Nenhuma das duas reações era algo que eu queria enfrentar, eu só queria esquecer.

Pensei em Lucas, irritada que sua presença em Economia estivesse fazendo esse processo ser impossível, porque ele estava irremediavelmente ligado ao horror daquela noite. Ele não olhou para mim por toda a sexta-feira, até onde eu sabia. Toda vez que eu escapava para olhar para ele, ele parecia estar desenhando ao invés de tomar notas, o seu lápis preto apertado, baixo entre os dedos, uma expressão concentrada no rosto. Quando a aula acabou, ele enfiou o lápis atrás da orelha, virou-se e saiu da sala de aula sem olhar para trás, o primeiro a sair pela porta.

— Agora, *isso* vai exibir a mercadoria. — Erin disse, interrompendo meus devaneios. O próximo era um top decotado roxo de elástico. Arrancando-o do cabide, ela o jogou para mim. — Coloque seus jeans skinny e suas botas duronas, aquelas que fazem

você parecer a namorada de um cara de gangue. Isso combina melhor com o seu rígido humor eu-sou-um-desafio, seja como for. Você tem que se vestir para atrair os caras certos, e se eu te deixar muito bonita, você os espanta com seus olhares irritados e revirando os seus grandes olhos azuis.

Eu suspirei e ela riu, puxando o vestido preto sobre a própria cabeça. Erin me conhecia muito bem.

Eu perdi a conta do número de bebidas que Erin tinha pressionado na minha mão, dizendo-me que já que ela era a motorista, eu era obrigada a beber por duas.

— Eu não posso tocar em nenhum desses gostosos, também, então eu tenho que viver isso indiretamente por você. Agora termine essa margarita, pare de fazer essa cara amarrada, e encare um desses caras, até que ele saiba que não vai perder um membro se ele lhe pedir para dançar.—

— Eu não estou de cara amarrada! — Eu fiz uma carranca, obedecendo e jogando a bebida para dentro. Eu fiz uma careta. Tequila barata se recusava a ser escondida por uma abundância de mix de margarita ainda mais barata, mas isso é o que você ganha sem taxa de couvert e bebidas de cinco dólares.

Ainda era relativamente cedo, o pequeno clube onde decidimos passar a noite ainda não estava superlotado com as centenas de estudantes universitários e moradores da cidade que iriam chegar em breve. Erin, Maggie e eu reivindicamos um canto da pista quase vazia. Tendo engolido as bebidas e vestido o papel, eu me movia pela música, me soltando aos poucos enquanto ria das poses animadas de Erin e dos movimentos de balé de Maggie. O primeiro cara a nos interromper aproximou-se de Erin, mas ela balançou a cabeça enquanto os lábios murmuravam a palavra *namorado*. Ela virou-o para mim e eu pensei: —*Sou eu, sem namorado. Não tem mais relacionamento. Não tem mais Kennedy. Não tem mais Você é minha Jackie.*

— Quer dançar? — O cara gritou sobre a música, incomodado como se estivesse pronto para escapular se eu recusasse. Eu balancei a cabeça, sufocando a dor inútil, quase física. Eu era a namorada de ninguém, pela primeira vez em três anos.

Nós nos movemos para um espaço aberto a poucos metros de Erin e Maggie, que também tinha namorado. Não demorou muito para que eu descobrisse que as duas planejaram apontar cada rapaz e pedir a cada um deles para dançar *comigo*. Eu era o seu projeto de estimação para a noite.

Duas horas depois, eu tinha dançado com caras demais para lembrar, desviando-me de mãos bobas e recusando quaisquer bebidas não entregues a mim por Erin. Amontoadas em torno de uma mesa alta perto da pista, com os quadris inclinados nas banquetas que a cercavam, observamos a atividade dos casais a nossa volta. Quando Maggie voltou dançando e dando piruetas em seu caminho de volta do banheiro, perguntei se já poderíamos ir, e Erin me encarou com um olhar que ela geralmente reservava para os clientes mal-educados do restaurante. Eu sorri para ela e tomei um gole da minha bebida.

Eu soube quando o próximo cara se aproximou por trás de mim, que Erin e Maggie tinham aprovado, porque os seus olhos se arregalaram simultaneamente, com foco sobre o meu ombro. Dedos roçaram a parte de trás do meu braço, e eu respirei fundo e expirei lentamente antes de me virar. Boa coisa, também, porque era Lucas quem estava lá, seus olhos caindo para meu decote por uma fração de segundo. Ele curvou uma sobrancelha e olhou em meus olhos com um leve sorriso, sem remorsos por ter olhado. Os saltos de minhas botas estavam matando os meus pés, mas eles não eram altos o suficiente para que eu fizesse contato olho-no-olho.

Ao invés de levantar a voz como todo mundo, ele se inclinou para perto do meu ouvido e perguntou:

— Dança comigo? — Eu senti seu hálito quente e inalei o aroma de sua loção pós-barba, algo básico e masculino, antes dele se afastar, seus olhos nos meus, esperando pela minha resposta. Uma

cutucada entusiasmada entre meus ombros me indicou o voto de Erin: *vá dançar com ele*.

Eu concordei e ele pegou minha mão, e fez o seu caminho para a pista, manobrando no meio da multidão, que se separou facilmente para ele. Quando chegamos ao piso de carvalho gasto, ele se virou e me puxou para perto, sem nunca soltar minha mão. Quando descobrimos o ritmo da música lenta, balançando juntos, ele pegou minha outra mão na sua e moveu ambas as mãos atrás das minhas costas, gentilmente me prendendo. Meus seios roçaram contra seu peito e eu me esforcei para não engasgar com o contato sutil.

Eu mal deixei alguém me tocar por toda a noite, recusando veementemente todas as músicas lentas. Tonta das margaritas fracas-mas-muitas, fechei os olhos e deixei-o me levar, dizendo a mim mesma que a diferença era o álcool em meu sangue, nada mais. Um minuto depois, ele soltou os meus dedos e estendeu as mãos na parte mais baixa de minhas costas, e minhas mãos se moveram para seus bíceps. Sólidos, como eu sabia que seria. Seguindo um caminho, minhas palmas encontraram ombros igualmente rígidos. Finalmente, juntei meus dedos atrás do pescoço e abri meus olhos.

Seu olhar era penetrante, não hesitando por um momento, e meu pulso martelou sob seu olhar examinador e silencioso.

Finalmente, estiquei-me em direção ao seu ouvido, e ele se inclinou para baixo para acomodar a minha pergunta.

—E-então qual é o seu curso? — Eu respirei.

Pelo canto do meu olho, eu vi sua boca se contorcer de um lado.

— Você realmente quer falar sobre isso? — Ele manteve a proximidade, nossos torsos apertados do peito à coxa, aparentemente esperando pela minha resposta. Eu não conseguia me lembrar da última vez que eu tinha estado tão cheia de desejo, puro e irrestrito.

Eu engoli.

— Ao contrário, vamos falar sobre o que?

Ele riu, e eu senti as vibrações de seu peito contra o meu.

— Ao contrário, *não* vamos falar. — Suas mãos na minha cintura seguraram um pouco mais apertadas, os polegares se pressionando em meu peito, com os dedos ainda em minhas costas.

Eu pisquei, por um momento sem entender o que estava implícito em suas palavras, e no próximo, sabendo completamente.

— Eu não sei o que você quer dizer. — Eu menti.

Ele se inclinou ainda mais perto, seu rosto macio sussurrando contra o meu quando ele murmurou:

— Sim, você sabe. — Golpeada novamente por seu aroma, limpo e sutil, ao contrário das colônias da moda preferidas por Kennedy, que sempre pareciam superar todo o perfume que eu usava, eu senti um impulso de trazer meus dedos para o rosto dele e prendê-los sobre sua mandíbula barbeada, sem a barba sexy de ontem. Sua pele não faria a minha corar agora, se ele me beijasse, forte. Eu não sentiria nada além de sua boca na minha, e talvez essa argola fina na borda de seu lábio...

O pensamento errante me fez perder o fôlego.

Quando seus lábios tocaram o lóbulo da minha orelha, eu pensei que eu poderia desmaiar.

— Vamos só dançar. — Ele disse. Puxando-me para trás apenas o suficiente para olhar nos meus olhos, ele atraiu o meu corpo contra o dele e minhas pernas obedeceram para onde as suas disseram para ir.

Capítulo 5

— Santos *fodidos hambúrgueres!* Quem era aquele cara gostoso?
— Erin cuidadosamente manobrou o sedã Volvo emprestado por seu pai em torno das pessoas bêbadas que ondulavam pelo estacionamento. — Se eu não estivesse sóbria como uma pedra, eu acharia que ele era o produto de minha imaginação esfomeada por sexo.

— Pssh! — Eu murmurei, de olhos fechados, minha cabeça girando apoiada para trás, contra o encosto de cabeça. — Nem me fale sobre *fome de sexo*.

Erin agarrou a minha mão e apertou. — Ah, merda. Sinto muito, J! Eu esqueci!

Fazia três semanas desde meu rompimento, mas eu não estava a ponto de divulgar o fato de que tinha sido mais como quatro semanas... Talvez cinco, desde a última vez que estivemos realmente íntimos. Eu devia ter visto a falta de interesse de Kennedy como o sinal do que era, ao invés de dar-lhe justificativas na minha cabeça, ele estava ocupado com obrigações da fraternidade, enquanto eu tinha pelo menos duas horas de ensaio por dia, mais ainda quando eu tinha os ensaios em grupo. Ele tinha a sua média A de notas para manter, e eu tinha aulas de música para dar.

Um minuto depois, Maggie saltou do banco de trás.

— Você não respondeu a pergunta, *Jacqueline!* — Seu discurso foi quase tão arrastado quanto o meu, o meu nome pronunciado em três sílabas diferentes, como três palavras separadas. — Quem era aquele cara bonito, e o mais importante, por que não resolveu sua fome de sexo com ele? Santo inferno, acho que eu estaria disposta a chutar Will pra fora da cama por uma noite com ele!

— Vagabunda! — Erin disse, revirando os olhos em seu espelho retrovisor.

Maggie riu.

— Neste caso... Inferno! Sim!

Ambas ficaram em silêncio, olhando para mim, esperando que eu revelasse quem ele era. Eu mentalmente ordenei tudo que eu sabia sobre ele. Ele me salvou do ataque de Buck, o que eu não tinha dito a ninguém. Ele tinha dado uma puta surra em Buck, o que eu também não tinha contado a ninguém. Ele me encarou durante toda a aula de Economia na quarta-feira, e depois me ignorou completamente na sexta-feira, o que eu não havia contado a ninguém. Ele trabalhava no Starbucks. E ele ficava me perguntando se eu estava bem... Mas ele não tinha me perguntado isso hoje à noite.

Hoje à noite tinha sido algo completamente diferente. Num acordo silencioso, nós dançamos várias danças sem parar, lentas, rápidas e tudo mais. Suas mãos nunca deixaram meu corpo, desencadeando uma onda de saudade que eu não sentia por um longo tempo, mais de quatro ou cinco semanas atrás. Suas mãos não tinham andado de forma inadequada, os dedos nem mesmo tinham provocado sob o tecido da minha blusa na cintura, mas eles queimaram a pele abaixo dela independentemente.

E então ele desapareceu. Inclinando-se, seus lábios próximos ao meu ouvido, ele me agradeceu pelas danças, me levou de volta à minha mesa, e desapareceu na multidão de pessoas. Eu não tinha visto ele de novo, e só poderia supor que ele tinha deixado o clube.

— O nome dele é Lucas. Ele está na minha aula de Economia. E ele desenha coisas.

Maggie começou a rir e bateu no banco de couro.

— Ele desenha coisas? Que tipo de coisas? Garotas nuas? Isso é muito mais do que a medida dos esforços para a maioria dos caras artísticos. Normalmente não são nem garotas inteiras. *Só peitos.*

Erin e eu rimos junto com ela.

— Eu não sei o que ele desenha. Ele apenas... Estava rabiscando algo na turma, sexta-feira. Eu não acho que ele nem ouviu a palestra.

— Oh não, Erin! — Maggie inclinou-se até onde o cinto de segurança permitiu. — Parece que aquele deus de homem é um *mau aluno*. Nós sabemos o que isso significa para Jacqueline.

Eu fiz uma careta.

— O que significa isso?

Erin sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Vamos, J, você alguma vez em sua vida ficou atraída por um bad boy? Ou um garoto que é, hum, academicamente deficiente? Em outras palavras, um garoto que não é — suspiro! — Um *crânio*?

Meu queixo caiu.

— Cala a boca! Você está dizendo que eu sou uma intelectual esnobe?

— Não! Nós não dissemos que você é, e não quisemos dizer isso. Nós apenas dissemos... Você com certeza não parecia indiferente com esse cara, Lucas, hoje à noite, quando vocês dois dançaram juntos, tipo, para sempre, e parece que ele não é talvez o seu tipo habitual.

— Meu único — tipo — foi Kennedy nos últimos três anos! Quem sabe qual é o meu tipo?

— Não fique ofendida. Você sabe o que eu quero dizer, você nem mesmo se *atrai* por caras idiotas.

— Bem, quem sabe? — Eu me rebelei contra a ideia de que Lucas era bobo. Talvez ele estivesse desmotivado em Economia, mas nada sobre ele parecia não inteligente.

— Hello!?! — Maggie chamou. — Vocês *conhecem* o Will? — Nós todas desmontamos em ataques de risos. O namorado de Maggie era um cara doce, e ele provavelmente poderia levantar um pequeno Honda, mas ele não ganharia nenhum aplauso por seu GPA.

— Chaz é mais inteligente do que eu, mas isso não quer dizer muito. — Erin disse.

Eu tentei repetidamente fazê-la desistir de criticar o seu intelecto de média B, mas em algum momento de sua vida, ela se convenceu de que ela não é inteligente. Eu a empurrei no braço, como eu faço a cada vez que ela irrompe nesse absurdo autodepreciativo.

— Ai! Eu só estou sendo honesta!

— Não, você não está!

— *De qualquer forma.* — Erin continuou. — Eu estou sendo conhecida por tirá-lo de um cortiço ou por comprá-lo em um saco de vômito, acreditem ou não. — Maggie assoviou uma risada atrás de nós quando Erin continuou. — Vocês já viram o cara que me levou para o baile de formatura? — Nós todas vimos as fotos dela com aquele cara, um Adônis de smoking, o braço em volta da cintura coberta com seda dela. — Que corpo, minha nossa, eu só queria lamber seu abdômen. Ele estava em aulas de reforço, mas deixe-me dizer-lhes, ele era *talentoso e dotado* com fartura em muitas ocupações não acadêmicas.

Eu tinha certeza que meu rosto estava pegando fogo, como ficava sempre que minha companheira de quarto desenvolvia as coisas de forma tão explícita, e Maggie estava rindo tanto que ela estava com problemas para respirar. As duas vieram para a faculdade solteiras e sexualmente experientes. Kennedy e eu estávamos dormindo juntos desde as férias de inverno do último ano do colégio, mas eu nunca estive com mais ninguém. Eu não tinha queixas sobre a nossa vida sexual, embora o artigo da revista casual ou alguma coisa que Erin disse me fez pensar se não havia mais do que eu sabia.

— E tudo isso prova?

Erin sorriu para mim.

— Isso prova que você está pronta para uma longa e atrasada fase — Bad Boy —.

— Ooohhh! — Maggie suspirou.

— Hum. Eu não acho...

— *Exatamente!* Não ache. Você vai seduzir esse cara, Lucas, e se recuperar com ele, como o inferno. Essa é a coisa com os bad boys, eles não têm quaisquer escrúpulos em ser o cara rebote porque não esperam que dure muito tempo de qualquer maneira. Ele provavelmente vive de ser o cara rebote, especialmente numa situação como esta, em que ele vai começar a ensinar-lhe todos os tipos de coisas maliciosas.

Maggie endossou a ideia maluca de Erin com uma única palavra, suspirada pesadamente.

— *Sortuda!*

Pensei nas mãos de Lucas na minha cintura, sua boca arranhando minha orelha, e eu tremi. Lembrei-me de seu olhar penetrante quarta-feira durante a aula, e a respiração em meus pulmões ficou rasa. Talvez eu estivesse experimentando a perspectiva do álcool, e tudo fosse diferente amanhã, mas no momento, a ideia maluca de Erin estava começando a soar quase *não* maluca.

Oh, inferno!



Eu era uma bola de nervos quando me aproximei da sala de aula na segunda de manhã, sem saber se eu deveria iniciar a estratégia de armadilha para homem que eu tinha concordado em testar em meu colega desavisado, ou abandoná-la completamente enquanto eu ainda podia. Ele entrou na sala antes de mim e eu vi seus olhos riscarem para o meu lugar recentemente atribuído, e para a vaga ao lado de Kennedy, que já estava sentado, graças a Deus. Eu tinha cerca de trinta segundos para reconsiderar a coisa toda.

Erin e Maggie não tinham me dado uma trégua na felizmente curta viagem até o dormitório, alimentando uma a outra com entusiasmo e praguejando a inveja pelo o que eu estava prestes a fazer. Ou *quem* eu estava prestes a fazer. Uma vez que Erin não tinha bebido nada no Sábado, além de

Dr. Pepper^{6} Diet, ela surgiu da cama Domingo de manhã sem ressaca e cheia de planos para a Operação Fase Bad Boy.

Fingi uma ressaca maior do que eu realmente tinha, só para dissuadi-la, mas Erin com uma ideia não era prontamente dissuadida. Determinada a dar-me uma aula de como-seduzir-um-cara, querendo eu ou não, ela empurrou uma garrafa de suco de laranja em minhas mãos enquanto eu resmungava e puxou-me para uma posição sentada. Eu queria puxar as cobertas sobre minha cabeça e colocar meu fone de ouvido, mas era tarde demais para isso.

Ela se jogou ao meu lado.

— Primeiro você tem de abordá-lo *sem medo*. Sério, eles podem farejar o medo. Isso os coloca totalmente fora do cheiro.

Eu fiz uma careta.

— Fora do cheiro? Isso é tão... — Eu tentei pensar em uma palavra mais adequada do que *aaauugh*, mas meu cérebro não tinha se reiniciado ainda.

— Isso é totalmente *verdade*, sabe? Olhe, caras são cachorros. Mulheres sabem disso desde o início dos tempos. Os caras não querem ser perseguidos; eles perseguem. Então, se você está querendo pegar um, você tem que saber como fazer com que *ele* corra atrás de *você*.

Eu revirei os olhos para ela. *Arcaico, machista, humilhante* meu cérebro declarou, preenchendo o *aaauugh*, muito tarde. Este ponto de vista não deveria ter me surpreendido, eu já tinha a ouvido dizer esse tipo de coisa antes. Eu nunca considerei que aqueles comentários tão espontâneos faziam parte de um credo.

Eu suguei metade do suco de laranja antes de comentar.

— Você está falando sério sobre isso?

Ela levantou uma sobrancelha.

— Este é o ponto onde eu *não* digo — como um ataque cardíaco, — certo?



É agora.

Eu respirei fundo. Eu tinha três minutos até a aula começar. Erin disse que eu precisava de um minuto, não mais do que dois.

— Mas dois é pressionar. — Ela insistiu. — Porque então você parece *muito* interessada. Só um é melhor.

Eu deslizei para o assento ao lado dele, mas me sentei na beirada, tornando-se óbvio que eu não tinha a intenção de ficar. Seus olhos se bateram aos meus imediatamente, as sobrancelhas escuras desaparecendo naquele cabelo bagunçado caindo sobre a testa. Seus olhos eram quase incolores. Eu nunca tinha visto ninguém com os olhos tão claros.

Ele definitivamente estava assustado com a minha aparição ao lado dele. Bom, de acordo com Erin e Maggie.

— Hey! — Eu disse, com um sorriso sutil em meus lábios, esperando que eu parecesse algo entre interessada e indiferente. De acordo com Erin e Maggie, essa impressão era uma parte vital da estratégia.

— Hey! — Ele abriu seu texto de Economia, escondendo o caderno de desenho aberto na frente dele. Antes que ele o ocultasse, eu peguei uma ilustração detalhada do antigo carvalho venerado no centro do campus e da grade ornamental de ferro forjado em torno dele.

Eu engoli. *Interessada e indiferente.*

— Então, me passou pela cabeça que eu não me lembro do seu nome da outra noite. Margaritas demais, eu acho.

Ele molhou os lábios e me encarou um momento antes de responder, e eu pisquei, me perguntando se ele estava propositadamente fazendo minha *indiferença* vagamente sustentada mais difícil de manter.

— É Lucas. E eu não acho que eu o falei.

No momento seguinte, o Dr. Heller entrou ruidosamente perto do pódio, prendendo sua maleta de mão na porta. Um sonoro —*Droga!*— ecoou pelo anfiteatro, graças à acústica planejada da sala. Lucas e eu sorrimos um para o outro enquanto nossos colegas de turma gargalhavam.

— Então... Você, hum, me chamou de Jackie, antes? — Eu disse, e sua cabeça ligeiramente inclinada. — Eu realmente prefiro Jacqueline. Agora.

Suas sobrancelhas se inclinaram ligeiramente para baixo.

— Ok.

Eu limpei minha garganta e fiquei, surpreendendo-o novamente, a julgar pela sua expressão.

— Prazer em conhecê-lo, Lucas! — Eu sorri novamente antes de me virar e me mover rapidamente para o meu lugar determinado.

Manter minha atenção na palestra e desafiar a compulsão de espreitar por cima do meu ombro era insuportável. Eu tinha certeza de que eu sentia os olhos de Lucas perfurando a minha nuca. Como uma coceira fora de alcance, a sensação me incomodou por 50 minutos diretos, e foi um esforço hercúleo me controlar em não me virar. Inconscientemente, Benji ajudou, fazendo observações sobre o Dr. Heller que me distraíam, como a contagem do número de vezes que ele disse — *Uuummm*, — durante a palestra, com marcas na parte superior do seu caderno, e apontando o fato de que nosso

professor estava usando uma meia azul marinho e uma meia marrom.

Em vez de me demorar no final da aula para ver o que Lucas faria (falar comigo ou me ignorar?), em vez de esperar por Kennedy para sair (engraçado, eu tinha prestado pouca atenção nele na última hora, pela primeira vez), eu balancei a minha mochila no meu ombro e praticamente corri da sala sem olhar para nenhum deles. Emergindo da porta lateral para o ar de outono, eu suguei em uma respiração profunda. Programação: Aula de Espanhol, Almoço, Starbucks.

Erin: Como foi a OFBB?

Eu: Consegui que ele me dissesse o seu nome. Voltei para o meu lugar. Não olhei para ele de novo.

Erin: Perfeito! Encontro você depois da próxima aula seguinte para mais estratégias antes do café. ;)



Quando Erin e eu entramos na fila do Starbucks, eu não vi Lucas.

— Traidor. — Ela esticou o pescoço, certificando-se de que ele não era uma das pessoas por trás do balcão. — Ele estava aqui na segunda-feira, certo?

Eu dei de ombros.

— Sim, mas o seu horário de trabalho é provavelmente imprevisível.

Ela me deu uma cotovelada de leve.

— Não muito. É ele lá, certo?

Ele veio através de uma porta na parte de trás com um saco de tamanho industrial de café. Minha reação física a ele foi enervante. Era como se todo o meu interior tivesse se apertado ao vê-lo, e

quando se soltou, tudo se reiniciou de uma só vez, meu ritmo cardíaco acelerou, os pulmões bombeando de ar, ondas cerebrais funcionando com fúria.

— Ooh, J, ele tem *tattoo*, também! — Erin murmurou apreciativa.
— Justo quando eu achei que ele não poderia ficar mais gostoso...

Meus olhos caíram para seus antebraços flexionados quando ele cortou o saco, abrindo-o. Desenhos tatuados envolviam seus pulsos, símbolos contíguos e escritos correndo acima de ambos os braços e desaparecendo nas mangas da camisa cinza de malha, que foram empurradas acima dos cotovelos. Eu nunca tinha visto ele sem as mangas puxadas até os pulsos. Mesmo na noite de sábado, ele tinha usado mangas compridas, uma camisa preta desbotada, aberta sobre uma camiseta branca.

Eu nunca tinha me atraído por caras com tatuagens. A noção de agulhas injetando tinta sob a pele e a confiança de fazer impressões permanentes de palavras e símbolos era estranha para mim. Agora, eu me perguntava por quão longe as tatuagens se espalhavam, apenas as mangas em seus braços? Suas costas? Seu peito?

Erin puxou meu braço quando a fila avançou.

— Você está estragando nosso ato fabricado cuidadosamente *indiferente*, a propósito. Não que eu possa culpá-la. — Ela suspirou.
— Talvez devêssemos fugir agora, antes que ele...

Eu olhei para ela quando ela ficou em silêncio, e vi um sorriso diabólico em seu rosto quando ela se virou para mim.

— Continue olhando para mim. — Ela disse, rindo como se estivéssemos tendo uma conversa divertida. — Ele está encarando você. E eu quero dizer *encarando*! Esse menino está despindo você com os olhos. Você pode sentir isso? — Sua expressão era triunfante.

Eu poderia sentir o seu olhar? — *Agora eu posso, obrigada!*— pensei. Meu rosto se aqueceu.

— Oh, meu Deus, você está corando! — Ela sussurrou, seus olhos escuros arregalados.

— Nem vem! — Meus dentes estavam cerrados, a voz firme. — Pare de me dizer ele, ele...

— Está despindo você com seus olhos? — Ela riu de novo e eu nunca quis tanto chutá-la. — Ok, ok, mas J, *não* se preocupe. Você conseguiu. Eu não sei o que você fez para ele, mas ele está pronto para sentar e implorar. Confie em mim. — Ela olhou em sua direção. — Ok, ele está começando um novo lote de café agora. Você pode encará-lo agora.

Nós chegamos mais perto, havia apenas duas pessoas na nossa frente. Eu assisti Lucas substituir o filtro, medir o café, e definir os controles. O avental verde estava amarrado a esmo nas costas, mais de um nó do que um laço. As faixas levaram meus olhos para os seus quadris em seu desgastado jeans de cintura baixa, um bolso segurando uma carteira onde uma corrente frouxa estava presa. Ela desaparecia sob o avental, ligada a um cinto na frente, sem dúvida.

Ele virou-se, então, os olhos na segunda registradora enquanto ele apertava botões e a trazia à vida. Eu me perguntei se ele planejava me ignorar como eu tinha feito durante a aula. Isso me serviria bem, jogar este jogo. Assim que o cara na minha frente começou seu drinque detalhado para a garota na primeira registradora, o olhar de Lucas virou-se para encontrar os meus.

— Próximo? — O cinza aço da camisa dele realçava o cinza em seus olhos, o azul desapareceu. — Jacqueline. — Ele me cumprimentou com um sorriso, e eu me preocupei que ele pudesse ler minha mente, e os planos tortuosos que Erin tinha implantado nela. — Americano hoje, ou algo mais?

Ele se lembrou da minha bebida de uma semana atrás.

Eu concordei, e ele deu um meio sorriso para meu espanto, registrando o pedido e escrevendo no copo com uma Sharpie^{7}. Em vez de passá-lo para um colega de trabalho, porém, ele mesmo fez a bebida.

Ele acrescentou uma capa protetora e uma tampa e entregou-me o copo. Eu não podia ler o seu traço de um sorriso.

— Tenha um bom dia! — Olhando por cima do meu ombro, ele disse. — Próximo?

Encontrei Erin no balcão elevado, confusa e de mau humor.

— Ele fez a bebida para você? — Ela pegou sua bebida e me seguiu até o balcão de temperos.

— Sim. — Tirei a tampa e adicionei açúcar e leite, enquanto ela balançava a canela por cima do café com leite. — Mas ele entregou como se eu fosse qualquer outro cliente e pegou o pedido do próximo cara. — Nós o assistíamos interagir com os clientes. Ele não olhou nenhuma vez em minha direção.

— Eu poderia jurar que ele estava tão afim de você que ele não podia ver direito. — Ela meditou quando saímos, virando a esquina para se juntar à massa de pessoas que fluíam através do centro estudantil.

— Ei, baby! — A voz de Chaz tirou ambas de nossos pensamentos. Ele apanhou Erin para fora do fluxo de pessoas e eu segui, rindo de seu grito alegre até que percebi o cara de pé ao lado dele.

Meu rosto ficou quente, sangue pulsando em meus ouvidos. Enquanto nossos amigos se beijaram e começaram a falar sobre a hora em que cada um sairia do trabalho hoje à noite, Buck olhou para mim, sua boca se erguendo em um dos lados. Minha respiração ficou ofegante e eu lutei para manter o pânico crescente e a náusea sob controle.

Eu queria virar e correr, mas estava imobilizada.

Ele não podia me tocar aqui. Ele não podia me machucar aqui.

— Hey, Jackie! — Seu olhar penetrante vagou sobre mim e minha pele se arrepiou. — Parece linda, como sempre. — Suas palavras jorravam flerte, mas tudo o que eu sentia era a ameaça por debaixo delas, intencional ou não.

As contusões estavam desbotadas em seu rosto, mas não tinham desaparecido completamente. Uma linha amarelada circulava seu olho esquerdo, e outra roçava ao longo do lado direito de seu nariz como uma mancha pálida. Lucas tinha lhe feito aquilo, e só nós três sabíamos. Eu olhei para trás, muda, agarrando o café em minha mão.

Eu uma vez pensei que este rapaz era bonito e charmoso, o verniz todo americano que ele usava me enganando completamente como ele enganava a todo mundo. Eu levantei meu queixo, ignorando a minha reação física a ele, e o medo que causava isso.

— É Jacqueline!

Ele levantou uma sobrancelha, confuso.

— Hein?

Erin agarrou meu cotovelo.

— Vamos, gostosona. Você não tem História da Arte em cinco minutos?

Eu tropecei um pouco quando virei e a segui, e ele deu uma risada suave e ridícula quando passei por ele.

— Vejo você por aí, *Jacqueline*. — Ele provocou.

Meu nome em sua boca enviou um tremor por mim, e eu segui atrás de Erin no mar de estudantes. Logo que eu pude me mover, quis escapar dele rápido o suficiente.

Capítulo 6

Erin: Você ainda está com seu copo de café?

Eu: Sim?

Erin: Tire a capa

Eu: OMD

Erin: Seu número de telefone?

Eu: Como é que você sabe??

Erin: Eu sou Erin. Eu sei tudo. ;)

Erin: Na verdade, eu só queria saber por que ele escreveu em seu copo, se ele ia fazer a sua bebida.

Se Erin não tivesse me mandado a SMS durante a aula, aquele copo, e o número dele, teriam sido lançados no lixo do corredor.

Então... Lucas não estava escrevendo um pedido desnecessário em meu copo, ele estava me dando o número de seu telefone. Eu o salvei em meu celular, perguntando o que eu deveria fazer com ele. Ligar? Mandar uma SMS?

Eu pensei no que eu sabia sobre ele: ele veio do nada na noite da festa. Depois de por fim ao ataque, alguma característica protetora além o obrigou a me ver com segurança, de volta ao dormitório. Ele de alguma forma sabia o meu nome naquela noite, meu apelido, mas eu nunca o tinha notado antes.

Ele sentava-se na fileira de trás em Economia, desenhando ou olhando para mim em vez de prestar atenção à aula. Sábado à noite, o toque firme de suas mãos quando nós dançamos fez minha cabeça nadar, antes que ele desaparecesse sem explicação. Ele me despiu com os olhos, Erin disse, no meio da Starbucks, onde ele trabalhava. Ele era arrogante e autoconfiante. Tatuado e quente demais para

palavras. Ele parecia e agia como o Bad Boy que Erin e Maggie acreditavam que ele fosse.

E agora, seu número estava programado no meu celular. Era como se ele soubesse tudo sobre a Operação Fase Bad Boy, e ele estava tão disposto e ansioso para preencher esse papel como minhas amigas acreditavam que ele estaria.

Mas eu não o conhecia. Eu não sabia o que ele pensava de mim. Se ele pensava em mim. A garota que falou com ele depois da aula, na semana passada, o queria. No clube, as garotas tinham abertamente olhado quando ele passou, algumas delas se viraram em sua trilha para avaliá-lo ainda mais. Ele poderia ter dançado com qualquer uma delas, provavelmente ido para casa com a maioria delas. Por que eu?



Landon,

Anexei um esboço do meu trabalho de pesquisa. Se você tiver uma chance, pode verificar se não está muito amplo, ou muito focado? Eu não tenho certeza quantas economias fora dos EUA devo incluir. Além disso, a curva-J é um pouco confusa. Eu sei que só podemos vê-la depois de ocorrido o fato, mas a economia não é baseada na previsão, como o tempo? Quer dizer, quem se importa se nós só podemos ver o que aconteceu após o fato – se o cara do tempo não pode prever o que vai acontecer amanhã, ele provavelmente vai ser demitido, certo?

Eu fiz as planilhas, também. Desculpe, eu estou mandando um monte de coisas para você de uma só vez, e numa segunda-feira. Eu deveria ter enviado mais cedo, mas eu saí com alguns amigos no sábado e não terminei de fazê-las.

JW

Jacqueline,

Sem problemas. Estou trabalhando, estudando ou em sala de aula praticamente todas as horas em que estou acordado. Eu dificilmente notaria que dia é hoje. Espero que tenha gostado de sua noite fora. Eu sei que eu disse inicialmente eu não precisava de detalhes de sua separação (se foi rude, eu não quis dizer isso dessa maneira); deve ter sido ruim para fazer você abandonar a turma por duas semanas. Posso dizer que fugir é atípico para você.

Anexei um artigo do WSJ que explica a curva-J melhor do que o texto. Você está absolutamente certa, sem a capacidade de prever, a economia não é economia, é história. E quando a história tem o seu lugar nas probabilidades previsíveis de Economia e Meteorologia (analogia inteligente, a propósito), é pouco útil se você precisa saber se deve ou não investir em moeda estrangeira ou trazer o seu guarda-chuva para a escola.

LM

Eu olhava para o e-mail, tentando não comparar Landon e Lucas. Eles pareciam tão opostos como a noite e o dia, mas eu só conhecia metade de cada um deles. Eu não sabia muito sobre Lucas além de seus olhares marcantes e sua capacidade de dar uma surra alguém. Durante História da Arte, eu encontrei-me perguntando o que teria acontecido naquela interação com Buck, se Lucas estivesse comigo. Gostaria de saber se Buck teria coragem de me olhar assim. Para dizer o que ele disse: — *Parece linda.* — O pensamento dos olhos frios de Buck me examinando fez meu estômago revirar.

Sentindo-me superficial para me importar, eu especulei novamente como Landon poderia se parecer, e qual o impacto que isso poderia ter sobre o que eu achava dele.

Seus elogios me fizeram olhar para o meu notebook e sorrir. Ele disse que meu ex era um idiota, e agora ele parecia estar

interessado na nossa separação. Em mim. Isso, ou eu estava lendo muito nas entrelinhas.

Landon,

Estávamos juntos há quase três anos. Eu nunca imaginei que aconteceria. Segui-o aqui para a faculdade, em vez de tentar uma escola de artes. Meu professor de orquestra quase teve um derrame quando eu disse a ele. Ele me implorou para fazer uma audição no Oberlin ou Julliard, mas não o fiz. Não posso culpar ninguém além de mim. Eu confiei o meu futuro ao meu namorado da escola, como uma idiota. Agora eu estou presa em algum lugar em que eu não deveria estar. Eu não sei se eu acreditava muito nele, ou pouco em mim. De qualquer maneira, bem estupidamente imbecil, né? Então essa é minha pequena história chorosa.

Obrigada pelo artigo.

JW

Jacqueline,

Não é estúpido. Excessivamente confiante, talvez, mas que reflete na falta de confiabilidade dele, não em sua inteligência. Quanto a estar em algum lugar que você não deveria, talvez você esteja aqui por uma razão, ou não haja razão. Como cientista, eu me inclino para o último. De qualquer maneira, você se livrou de uma. Você tomou uma decisão, agora você tem que tirar o máximo dela. Isso é tudo que você pode fazer, certo? Aproveitando, eu estarei fora para estudar para um teste de mecânica estatística. Quem sabe, talvez eu seja capaz de provar cientificamente que seu ex não é digno de você, e você está exatamente onde deveria estar.

LM



Quando Erin entrou pela porta, eu estava meio dormindo e cercada por verbos conjugados em Espanhol, impressos em cartões coloridos. Peguei a maioria deles pouco antes dela saltar para a borda da minha cama.

— Então? Você ligou ou mandou uma SMS para ele? Você usou o material que nós revisamos? O que ele disse?

Eu suspirei.

— Nenhum dos dois.

Ela se deitou na cama, jogando os braços dramaticamente enquanto eu pegava os cartões antes dela amassá-los.

— Você se acovardou!

Eu olhei para as cartas na minha mão. *Yo habré, tú habrás, él habra, nosotros habremos*¹²... — É, talvez.

— Hmm... Você sabe, isso é até melhor. Não ligue. Faça-o correr atrás de você. — Ela riu da minha testa franzida. — Caras como Chaz são muito mais fáceis. Inferno, eu poderia *dizer* a ele para me perseguir e ele o faria.

Nós rimos com a imagem que ela produziu, porque provavelmente era verdade. Eu pensei em Kennedy. No tipo de cara que ele era. Ele me perseguiu no início, mas ele não teve que tentar muito para me pegar. Eu era totalmente louca por ele, arrastada em seus sonhos e planos, porque ele me fez parte deles. Até algumas semanas atrás.

— Ah, merda, J! Eu sei o que você está fazendo. Não pense nele. Eu vou fazer um chocolate. Volte para... — Ela sentou-se, pegando um cartão que eu não tinha agarrado rápido o suficiente. — Ui, verbos em Espanhol.

Erin encheu as canecas com água da torneira no banheiro e colocou-os no microondas para aquecer. Eu olhei para as cartas borradas na minha mão. Maldito Kennedy! Maldito, maldito! Serviria bem a ele me ver com alguém como Lucas. Alguém tão diferente,

mas igualmente quente. Mais ainda, se eu começasse a calcular detalhes.

A Operação Fase Bad Boy estava *em prática*. Mas eu não liguei para Lucas, ou mandei mensagens para ele. Se Erin estava certa, se ele era um caçador, ele ainda não tinha perseguido o suficiente.

Quando ela me entregou a caneca, eu respirei fundo e sorri. Ela empilhou o meu com marshmallows de nosso pequeno estoque que ambas ocasionalmente atacávamos sem nos preocuparmos em fazer o chocolate.

— Então, se eu não mandar um SMS pra ele, o que é que vem agora?

Ela sorriu e guinchou um pequeno grito triunfante.

— Ele deve estar percebendo a coisa de boa garota que você começou... — Seus olhos se arregalaram. — Jacqueline, talvez ele tenha percebido você na sala de aula antes da separação. Você trocou de lugar, certo? Tornando-se óbvio que vocês dois terminaram. Isso é *perfeito*! — Eu estava confusa de novo e ela estava rindo. — Ele *já está* perseguindo você. Agora tudo que você tem a fazer é continuar correndo. Só não muito rápido.

Eu lambia o chocolate do meu lábio superior.

— Erin, você é perigosa!

Ela sorriu maliciosamente.

— Eu *sei*!



Quarta-feira, cheguei à sala de aula antes da aula das 08h00min terminar. Assim que a maioria dos estudantes havia entrado pela porta, escorreguei e tomei o meu lugar, determinada a não prestar atenção em Lucas quando ele entrasse. Com esse intuito, eu

folheava os meus cartões de estudo, mas eu estava mais do que pronta para arrasar no teste de Espanhol.

Quando Benji deslizou em seu assento à minha esquerda, eu não fiz pausa na minha revisão. Recusei-me a ser distraída de não prestar atenção ao lugar de Lucas, e se ele estava ou não nele.

— Hey, Jacqueline! — Essa não era a voz de Benji.

Os assentos eram aparafusados ao chão, com mesas de apoio do lado direito. Lucas inclinou-se ligeiramente no lado de Benji, se empurrando muito para dentro do meu espaço. Eu preendi a respiração e me concentrei em deixá-la sair, não parecendo afetada.

— Oh, hey!

Ele mordeu o lábio inferior uma vez, rapidamente.

— Eu acho que você não percebeu o número de telefone em seu copo de café.

Olhei para o meu telefone, colocado na beira do meu livro.

— Eu percebi. — Eu vi a sua reação, sabendo que eu estava praticamente *dizendo* a ele para me perseguir.

Ele sorriu, seus olhos claros enrugando ligeiramente nos cantos, e eu tentei não desmaiar visivelmente.

— Eu vejo. A recíproca é jogo limpo. Que tal me dar o seu?

Eu arqueei uma sobrancelha para ele.

— Por quê? Você precisa de ajuda em Economia?

Ele mordeu o lábio de verdade dessa vez, sufocando uma risada.

— Dificilmente. O que faz você pensar isso?

Eu fiz uma careta. Eu poderia estar atraída por um cara que se importava tão pouco em ir bem na aula?

— Eu acho que não é da minha conta.

Ele apoiou o queixo na palma da sua mão. As pontas de seus dedos estavam tingidas de cinza, provavelmente por desenhar com o lápis que estava sobre sua orelha.

— Eu aprecio sua preocupação, mas eu quero o seu número por motivos completamente alheios à Economia.

Eu peguei meu telefone, encontrei o seu número e lhe enviei um SMS que dizia: *Oi*.

— Cara, você está no meu lugar. — O tom de Benji foi inimaginável, mas tranquilo.

O telefone de Lucas vibrou em sua mão e ele sorriu quando o meu SMS apareceu, dando-lhe o meu número.

— Obrigado! — Ele saiu da cadeira e se dirigiu Benji. — Desculpe, cara!

— Sem problemas. — Benji era uma das pessoas mais calmas que eu já conheci. Sua atitude dizia *preguiçoso*, mas eu tinha conseguido dar uma olhada em seu exame bimestral um olhar para o exame parcial comprimido em seu caderno, ele tirou um B alto, e por toda sua conversa sobre matar aula e dormir, ele ainda tinha errado um. Depois que Lucas caminhou satisfeito de volta ao seu lugar, Benji se inclinou sobre a borda de sua carteira, mais perto ainda do que Lucas.

— Então, o que foi *aquilo*? — Suas sobrancelhas subiram e desceram e eu tentei não rir.

— Eu tenho certeza de que eu não sei o que você quer dizer. — Eu respondi, batendo meus cílios em minha melhor representação de charme feminino.

— Cuidado, jovem senhora! — Ele falou lentamente. — Aquele rapaz parece um pouco perigoso. — Ele deu uma longa revirada em seus olhos, sorrindo. — Não que haja algo de errado com um pouco de perigo.

Meus lábios se comprimiram em um meio sorriso.

— Verdade.

Dei os parabéns a mim mesma por dar uma única espiada sobre meu ombro, no meio da aula de 50 minutos. Lucas não estava olhando para mim, então eu não podia deixar de olhar. Lápis na

mão, ele estava desenhando atentamente, sombreando primeiro e, então, cuidadosamente esfumando com o polegar. Seu cabelo escuro caiu em torno de seu rosto enquanto ele se concentrava em seu trabalho, a palestra e a sala de aula desconsiderada como se ele estivesse sozinho em seu quarto. Imaginei-o sentado em sua cama, com os joelhos para cima, uma almofada equilibrada em suas coxas. Eu me perguntava o que ele estava desenhando. Ou quem.

Ele olhou para cima e pegou meu olhar. Eu o sustentei.

Sua boca se puxou em um fantasma de sorriso e ele esticou o pescoço e rolou seus ombros, devolvendo meu olhar. Olhando para o caderno, ele bateu o final de seu lápis contra ele e se esparramou em sua cadeira, seus cílios se abanando enquanto ele examinava seu trabalho.

Dr. Heller terminou o gráfico que ele estava desenhando à mão livre no quadro, e a explicação foi retomada. Lucas colocou o lápis sobre sua orelha e pegou uma caneta. Antes de passar sua atenção para o nosso professor, ele sorriu para mim de novo, e um choque de excitação passou por mim.

No final da aula, uma garota diferente do que a da semana passada o interceptou em seu caminho para fora da porta, e eu fugi sem olhar para trás. Minha adrenalina reclamou, meu corpo sentiu a minha necessidade de escapar e deu asas a isso. Olhando por cima do meu ombro, eu mergulhei pela saída lateral e fui mais devagar, sentindo-me tola. Erin e Maggie insistiram que eu deveria escapar de seu alcance por mais alguns dias, e fazê-lo me perseguir, mas ele não estava indo literalmente começar a perseguição.

Eu mandei uma SMS para Erin que eu estaria pegando café na porcaria da lanchonete antes da minha aula da tarde em vez de ir à Starbucks. Ela mandou uma SMS de volta: *GÊNIO. Eu te encontro lá. Irmãs na solidariedade e toda essa merda.*



Até o final de História da Arte, eu estava começando a duvidar da noção de Erin que Lucas queria jogar este jogo. Talvez ele não fosse um cão. Ou eu não fosse um gato. Ou eu fosse realmente ruim nisso. Eu suspirei, socando o meu telefone na minha bolsa. Eu o olhei para verificar as mensagens pelo menos 30 vezes durante a aula.

Eu sempre menosprezei os jogos que as pessoas jogavam na busca pelo amor, ou pelo próximo caso. A coisa toda era uma competição para ver quem conseguia ir mais longe, e eu nunca pude descobrir se havia mais sorte ou habilidade envolvida, ou alguma misteriosa combinação dos dois. As pessoas raramente diziam o que pensavam, ou revelavam como se sentiam. Ninguém era honesto.

Fácil para eu dizer, do alto do meu cavalo em meu perfeito relacionamento com Kennedy. Erin tinha me dito isso meses atrás, quando eu disse que ela estava sendo ridícula sobre um cara, conspirando para decifrar o que ele queria de uma garota antes de sistematicamente quebrar suas defesas. Eu tinha que admitir que ela estava certa. Eu não tinha ideia de como era ser uma jovem adulta e solteira, então eu não tinha o direito de julgar.

Até agora.

Esta angústia era um absurdo, mas eu não conseguia me livrar dela. Ele olhou para mim na sala de aula. Eu me sentia confiante quando eu deixei a aula de Economia, e miserável agora. Por quê?

Por que ele não tinha empurrado a ruiva de seu caminho no final de Economia para vir atrás de mim? Por que ele não tinha me mandado um SMS em algum ponto durante as quase três horas e meia desde que eu o tinha visto? Isso nem mesmo fazia sentido.

No momento em que eu estava aquecendo sopa no microondas para o jantar, eu me resignei por ter falhado em manter o interesse de Lucas. Eu tirei a garota bonita que tinha corrido para ele no final da aula da minha cabeça, quando eu comecei a imaginá-lo deixando a turma segurando a mão dela, ou mais.

— Cretino! — Eu murmurei comigo mesma.

No final da minha cama, o meu notebook soou um alerta de e-mail, e uma vibração em resposta veio do meu estômago. Não era provavelmente nada, um aviso sobre vacinas contra a gripe do centro de saúde ou outra nota de um dos meus velhos amigos de escola, que estavam todos, tão devastados que Kennedy e eu tínhamos terminado (o que todos eles descobriram quando ele mudou de seu status de relacionamento no Facebook — *vinte minutos* depois que ele tinha rompido comigo).

Eu desativei minha conta imediatamente, e ainda tinha de reativá-la. A ideia de ver suas atualizações de status levianas e ter fotos dele aparecendo em meu mural era desmoralizante. Mesmo se eu o ocultasse, conhecíamos muitas das mesmas pessoas. Não haveria como esconder suas atividades completamente. Comecei recebendo e-mails simpáticos e condescendentes e mensagens no dia seguinte, então eu ficava justificadamente apreensiva sempre que eu checava minha caixa de entrada.

Me encolhendo, eu puxei-o para cima... E sorri.

Jacqueline,

Você conseguirá ir à sessão de amanhã (quinta-feira)? No caso de você não ir, eu anexeï a planilha que estou planejando detalhar. É uma coisa nova e diferente e você não precisa estar completamente recuperada para fazê-la.

(Falando nisso, você deve estar com toda a matéria recuperada dentro de uma semana, mais ou menos.)

LM

PS - Eu estive pensando sobre como isso prova que eu falava da última vez, que você está onde deveria estar. E ocorreu-me, você pode provar que você estaria melhor em outro lugar? Se você tivesse deixado o estado, o seu relacionamento teria terminado ainda assim. Talvez você tivesse até culpando a si mesma, sem

saber que estava condenada por causa dele, de qualquer maneira. Em vez disso, você está aqui. Você foi chutada, ignorou suas aulas e conheceu o melhor tutor de Economia da faculdade! Quem sabe, talvez eu vá fazer você se apaixonar por Economia. (Qual é o seu curso, a propósito?)

Landon,

Eu estou estudando educação musical. Eu odeio o ditado: — Quem pode, faz, quem não pode, ensina.

Como tutora, eu sei que é besteira. Até agora. Eu queria fazer. Eu imaginei participar de uma orquestra sinfônica, ou uma banda de jazz progressivo... E em vez disso, eu vou ensinar.

Eu não vou estar em sua sessão, eu tenho aulas com meus garotos do ensino médio amanhã. (Acho que eu seria mais impressionante para eles se eu pudesse peidar as escalas em vez de puxá-las no baixo.)

Desculpe informá-lo, mas eu pretendo conseguir passar nessa matéria e acabar com Economia. Sem reflexos sobre suas habilidades geniais como tutor, eu juro! Obrigada pela planilha. Você é muito gentil!

JW

Jacqueline,

Se você quer fazer, então faça. O que é que está impedindo você?

Então, eu sou gentil, é? Nunca ouvi isso antes. As pessoas costumam pensar que sou um imbecil pretensioso. Eu devo admitir, eu tendo a encorajar a estimativa. Então, por favor, prometa manter a sua opinião para si mesma. Reputações podem ser arruinadas tão facilmente, você sabe. ;)

LM

PS - Faça a planilha. Antes de sexta-feira. Eu estou te dando um olhar muito sério através desta tela. FAÇA A PLANILHA. Se você tiver problemas com qualquer material, deixe-me saber.

Landon,

O que me impede? Bem, eu estraguei a chance de ir para uma escola de música séria. E eu estou presa em um estado que nem sempre estimula as artes (algo que eu provavelmente vou passar a minha carreira docente inteira lutando). Parece impossível sair agora e fazer. Eu acho que eu deveria repensar isso.

Sua genialidade secreta está segura. Meus lábios estão selados.

JW

PS - Eu vou FAZER a planilha, mas eu estou te dando um olhar muito petulante pela minha tela. Feitor de escravos. Caramba.

Eu estava sorrindo quando eu cliquei enviar. Talvez eu estivesse jogando um jogo totalmente diferente de perseguição, e Lucas e seu sorriso irritantemente enigmático pudesse sair da minha frente. Erin e Maggie poderiam manter seus conselhos faça-ele-perseguir-você e usá-los elas mesmas, porque, aparentemente, isso era um saco na vida real. Por e-mail, no entanto... A minha expressão feliz deslizou pra longe quando eu percebi a gritante verdade, eu estava flertando com alguém online. Eu não tinha ideia de como ele era, ou que tipo de pessoa ele era.

Isso não era exatamente verdade. Eu sabia exatamente o tipo de pessoa que ele era, mesmo que eu nunca tivesse posto os olhos em cima dele. Ele era gentil. E inteligente. E direto.

É claro que ele não tinha batido num possível estuprador transformando-o numa pasta de sangue para mim. Ou feito minhas entranhas derreterem quando ele colocou as mãos na minha cintura. Ele provavelmente não tinha tatuagens em seus braços ou olhos cinza-azulados glaciais e um olhar que podia me liquefazer.

Às 22h00min, meu telefone vibrou num alerta de SMS.

Lucas: Oi :)

Eu: Oi :)

Lucas: E aí?

Eu: Nada. Lição de casa.

Lucas: Eu queria falar com você depois da aula, mas você desapareceu.

Eu: Eu tinha outra aula logo após. Um desses profs. que para de falar, olha para você e espera até você chegar ao seu assento, se você está atrasado.

Lucas: Eu provavelmente apenas andaria para o meu lugar ainda mais devagar. ;)

Lucas: Você deveria passar pela SB na sexta-feira. É geralmente morto. Americano, por conta da casa?

Eu: Café grátis? Eu não posso perder isso. Eu vou tentar dar uma passada. Quando você trabalha?

Lucas: Toda à tarde. Até 5.

Eu: Ok

Lucas: Vejo você sexta-feira, Jacqueline.

Capítulo 7

Lucas estava 15 minutos atrasado para a aula na sexta-feira, e nós tivemos um teste surpresa que foi a primeira coisa que ele perdeu. Meu primeiro pensamento foi irresponsável como foi perder um teste... E então lembrei de que eu perdi um exame parcial. Eu não conseguia exatamente apontar nenhum dedo.

Ele escorregou pela porta dos fundos quando o Dr. Heller caminhou até o corredor central, pegando os testes. Ele pegou as pilhas da fila esquerda e depois se virou para a direita, onde Lucas sentou.

— Eu preciso ver você depois da aula. — Ele disse, em voz baixa.

Inclinando a cabeça uma vez, Lucas puxou seu texto de sua mochila e respondeu no mesmo tom suave.

— Sim, senhor.

Eu não olhei para ele durante o resto da aula, e quando acabou ele arrumou a mochila e caminhou pelo corredor do lado de fora para frente. Enquanto esperava que o Dr. Heller terminasse sua conversa com outro estudante, o olhar de Lucas levantou e me achou. Seu sorriso era tão ilegível, como sempre, mal lá. Mas seu olhar estava focado, fixando-me como um dardo a uma placa.

Voltando sua atenção para o nosso professor, ele quebrou o olhar. Eu soltei a respiração que eu não tinha percebido que eu estava segurando e escapei da sala de aula, indecisa sobre se devia ou não ir ao Starbucks naquela tarde.

Eu considerei o teste, e eu justamente arrasei, graças à insistência de Landon que eu completasse a planilha que ele enviou duas noites atrás. Fazendo essa planilha tinha sido todos os tipos de ajuda em um teste que ele deve ter conhecido. Eu não acho que ele passou dos limites e me disse algo que não devia, mas seus dedos do pé estavam definitivamente na linha. Para mim. Arrastado e

invisível entre milhares de outros estudantes no enorme campus, fiquei impressionada com o fato de que, por alguma razão, ele tinha saído de seu caminho para me ajudar. Por alguma razão, eu lhe importava.

Erin: Chaz e eu estamos saindo em breve. Você vai ficar bem neste fim de semana? Você está indo para SB esta tarde, CERTO? Se ele pedir para sair, vá com ele. Redefina o seu paladar! Não esqueça que você vai ter o espaço para si mesma no fim de semana. WINK WINK.

Eu: Vocês se divirtam. Eu vou ficar bem! Eu mandarei notícias.

Erin: É melhor! Eu estarei de volta domingo à tarde. Ou à noite, dependendo do nível de ressaca no domingo de manhã. Heh heh. Mando um SMS mais tarde.

Eu tinha esquecido que a viagem de Erin com Chaz era nesse fim de semana. Seu irmão estava em uma banda, e eles estavam tocando em um festival amanhã perto de Shreveport, então eles tinham reservas em uma hospedagem domiciliar para o fim de semana. Erin disse a Maggie e a mim sobre isso no mês passado, enquanto esperamos para ver Mercúrio e Vênus através de um telescópio durante um laboratório de astronomia numa noite.

— Uma hospedagem domiciliar? — Maggie arqueou uma sobrancelha. — Qual é o próximo, toalhas monografadas?

Erin fez uma careta.

— É romântico!

— Exatamente! — Maggie riu. — E você está indo com Chaz. Como você mesmo fala Sr. Esportes Estatísticas em que afinal?

Os lábios cheios de Erin curvaram-se um pouco afetadamente e ela penteava o cabelo com a mão, tão vermelho que eu poderia dizer a sua cor, mesmo em pé neste campo escuro em nos arredores da cidade.

— Eu disse a ele que a hospedagem domiciliar tem uma banheira de hidromassagem enorme, e que eu estaria disposta a fazer coisas pecaminosas indescritíveis para ele nela.

Um som estrangulado veio de um dos dois caras nerds atrás de nós na fila, ambos com expressões torturadas e olhando para Erin. Nós sufocamos o riso. Maggie suspirou.

— Pobre Chaz. Ele nunca teve uma chance... Ele vai estar de pé na frente de um monte de gente dizendo — eu — um dia saberei como isso aconteceu.

— Ugh! Acho que não. Já é hora de acalmar, eu estou ficando como... — Erin olhou por cima do ombro para os bisbilhoteiros atrás nós. — Como um deles.

Os meninos se entreolharam e ficaram um pouco mais retos. Com um sorriso em direção a Erin, eles bateram o punho um com o outro.



Eu duvidava que Erin me daria um segundo pensamento durante seu fim de semana romântico. Eu estava no meu próprio. Eu deliberei, finalmente virei para a União dos Estudantes enquanto puxava o meu casaco mais apertado contra o frio súbito de novembro. A festa da fraternidade desse fim de semana não seria de janela aberta, não que eu saiba em primeira mão. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu fosse a nenhum lugar que Kennedy poderia estar. Ou Buck.

O cheiro de café invadiu meus sentidos, à frente o Starbucks ficou à vista. Dobrando a esquina, meus olhos foram para o balcão, onde dois funcionários estavam conversando. Quando eu não vi Lucas, eu perguntei se ele tinha trocado de turno e esqueceu-se de me mandar um SMS.

Havia apenas um punhado de clientes, um dos quais era o Dr. Heller, lendo o jornal no canto. Eu não tinha nada contra o meu professor, mas eu não quero que ele exatamente fosse testemunha das minhas tentativas de namoro com o cara que pulou o teste e foi chamado para fora por ele ainda esta manhã. Eu estava logo atrás de uma vitrine de canecas e copos de viagem.

Assim como ele tinha feito segunda-feira, Lucas empurrou a porta para trás, os meus olhos o examinavam. Meus dedos das mãos e pés formigavam com a visão dele. Debaixo do avental verde, usava uma leve camiseta azul bem aderente, de mangas compridas, não o moletom da faculdade com a marca que ele tinha usado esta manhã em sala de aula. As mangas da camiseta foram empurradas até os cotovelos novamente, deixando as tatuagens visíveis. Fui para o balcão, meus olhos deslizaram de seus antebraços para seu rosto. Ele não tinha me visto ainda.

Uma das garotas na registradora endireitou.

— Posso ajudar? — Sua voz tinha uma nota de aborrecimento, como se ela estivesse estalando os dedos para chamar minha atenção.

— Eu vou atendê-la, Eve. — Lucas disse, e ela deu de ombros e voltou para a sua conversa com a sua colega de trabalho, mas ambas me olharam com ainda mais hostilidade do que um momento antes. — Hey, Jacqueline!

— Oi!

Ele olhou para o canto onde o Dr. Heller estava sentado.

— O que eu posso fazer por você?

Seu tom não era o tom de um cara que tinha especificamente me pedido para vir. Talvez ele estivesse se comportando prudentemente para o benefício de seus colegas de trabalho.

— Hum, um grande Americano, eu acho.

Ele pegou o copo da pilha e fez a bebida. Eu tentei lhe entregar meu cartão, mas ele balançou a cabeça uma vez.

— Tudo bem. É por minha conta.

Suas colegas de trabalho trocaram um olhar que eu fingia não ver.

Agradei e me retirei para o lado oposto da loja onde o Dr. Heller estava, configurando meu notebook para trabalhar no meu projeto de economia. Eu tinha que recolher informações de várias fontes para defender a posição que meu trabalho de pesquisa foi tomando. Tinha que entregar antes do recesso de Ação de Graças, menos de duas semanas. Não importava se tivesse que fazer outro exame parcial, seria cedo demais.

Depois de uma hora, eu tinha uma dúzia de fontes salvas nos meus favoritos sobre os atuais acontecimentos econômicos internacionais, meu café se foi, e Lucas não tinha vindo mais uma vez. Eu era esperada no colégio para as minhas semanais aulas de baixo de sexta-feira à tarde em meia hora. Desliguei meu notebook, me virando para desconectar o cabo de energia da parede.

— Sra. Wallace. — Na saudação inesperada do Dr. Heller, eu pulei, derrubando meu copo felizmente vazio. — Oh! Sinto muito ter assustado você!

— Ah, tudo bem. Eu estou um pouco nervosa de, uh, o café. — E de pensar por um segundo que você era Lucas.

— Eu só queria que você soubesse que o Sr. Maxfield me disse que você está quase alcançando, e fazendo progresso no projeto. Fico feliz em ouvir isso. — Ele baixou a voz e olhou em volta conspirando. — Meus colegas e eu realmente não queremos deixar ninguém falhar, você sabe. Nosso objetivo é assustar, quero dizer incentivar os menos, er, estudantes sérios a produzir. Não que eu acredite que você é um desses.

Eu devolvi o sorriso.

— Eu entendo.

Ele se endireitou e limpou a garganta.

— Bom, muito bom. Bem, neste ponto, tenha um fim de semana produtivo. — Ele riu de sua piada e eu consegui evitar revirar os olhos.

— Obrigada, Dr. Heller!

Ele caminhou até o balcão e falou com Lucas quando tirei o cabo de energia e arrumei o notebook na mochila. A conversa entre eles foi sincera, e eu estava preocupada, quando o Dr. Heller gesticulou em minha direção, pelo menos uma vez. Gostaria de saber se o nosso professor acreditava que Lucas era um desses alunos menos sérios que poderia intimidar a se tornar mais dedicado. Se for assim, eu não queria ser usada como uma espécie de exemplo.

Assim que saí, olhei por cima do meu ombro, mas Lucas não moveu seu olhar do meu caminho em tudo, e sua expressão era tensa. Seu colega de trabalho, limpando um contador a poucos metros de distância, sorriu para mim.

Quando saí do colégio, duas horas depois, eu liguei meu telefone, esforçando-me para olhar para frente para um fim de semana sozinha enquanto o ligava. Claramente, a ida para a Starbucks foi um fracasso. Lucas tinha sido, se possível, ainda mais intrigante e cauteloso do que era antes.

Enquanto trabalhava no projeto, eu tinha enviado um e-mail para Landon lhe agradecendo o envio da planilha de quarta-feira, e por insistir que eu fizesse isso. Não querendo provocar um possível complexo de culpa, não me referi diretamente à dica que ele conscientemente me deu, no caso dele ser o tipo de cara rigorosamente honesto que ele parecia ser. Eu não tinha ouvido falar dele desde quarta-feira, mas talvez ele fosse me mandar um e-mail esta tarde ou esta noite. Talvez ele estivesse livre nesse fim de semana, e nós poderíamos finalmente nos encontrar.

Eu tinha um SMS de Erin que ela e Chaz tinham chegado a Shreveport, juntamente com muitas insinuações sobre o que eu poderia fazer com um quarto só pra mim, e mamãe mandou um SMS para perguntar sobre meus planos de Ação de Graças. Kennedy

e eu alternávamos passar o dia em sua casa ou na minha, nos últimos três anos. De alguma forma, isso se traduziu em confusão sobre se eu estava voltando para casa este ano ou não. Quando eu mandei uma SMS para ela de volta dizendo que sim, terminar com um cara geralmente significa nenhum feriado mais compartilhado, eu esperava um pedido de desculpas a seguir. Eu deveria ter sabido melhor.

Mãe: Não seja arrogante. Seu pai e eu planejamos e pagamos por uma viagem de fim de semana para Breckenridge, porque pensamos que poderia ficar no Moore. Eu acho que nós vamos ter que cancelar.

Eu: Vá em frente e vá. Eu vou voltar para casa com Erin ou algo assim.

Mãe: Ok. Se você tem certeza.

Eu: eu tenho certeza.

Uau. Rompi com o meu namorado, e a mamãe na primeira chance tangível de me dar apoio, ela e meu pai estão decolando sozinhos para ir esquiar. Maneira para me fazer sentir querida e incluída, mãe. Como se a rejeição de Kennedy não fosse o suficiente para lidar, tem a deles. Jesus.

Joguei meu telefone em um vazio suporte de copo e dirigi de volta ao campus, preparada para assistir TV e trabalhar na economia todo fim de semana.

Quando cheguei ao meu quarto, eu vi que o Lucas tinha mandado um SMS enquanto eu estava voltando.

Lucas: Desculpe, eu não disse adeus.

Eu: Foi estranho com o Dr. Heller lá eu acho.

Lucas: É.

Lucas: Então, eu gostaria de esboçar você.

Eu: Ah?

Lucas: Sim

Eu: Ok. Não, como, sem roupas ou qualquer coisa né?

Lucas: Haha não. A menos que você esteja pronta para isso.

Lucas: J / k. Esta noite está ok? Ou amanhã à noite?

Eu: Hoje à noite está bom.

Lucas: Legal. Eu posso estar aí em algumas horas.

Eu: Ok.

Lucas: Qual é o seu número do quarto?

Eu: 362. Eu vou ter que deixá-lo entrar no prédio.

Lucas: Eu provavelmente posso entrar. Eu te mando um SMS se não puder.

Capítulo 8

A batida de Lucas era leve. Eu estava tão nervosa que estava tremendo quando me levantei para atender a porta.

Ele disse que queria me esboçar, mas eu não tinha certeza se isso era tudo o que ele queria fazer, ou se era um código para mais. Erin nunca iria escutar o fim de tudo se eu o tivesse em nosso quarto e pelo menos não o beijasse, mas Lucas não me parecia o tipo de cara que geralmente parava no beijo. Muitas garotas viam a faculdade como uma espécie de período exploratório, e muitas estariam mais do que felizes em explorar Lucas. Mas tinha me levado mais de um ano para trabalhar até o sexo com Kennedy, e ele era o único cara que eu já tinha dormido. Eu não estava pronta para ir por aí com Lucas, não ainda de qualquer maneira, recuperação ou não.

Eu respirei.

Ele bateu de novo, um pouco mais forte, e eu parei de pensar e abri a porta.

Franjas do cabelo escuro fora de seu gorro cinza escuro. Na iluminação difusa do corredor, seus olhos assumiram a qualidade quase incolor que tiveram na primeira noite, quando ele olhou para a minha caminhonete depois que ele brigou com Buck. Ele encolheu os ombros, as mãos nos bolsos da frente, o caderno de desenho debaixo um braço.

— Hey! — Ele disse.

Dei um passo atrás para o quarto, segurando a porta aberta. Olivia e Rona estavam apoiadas na porta de seu quarto do outro lado do corredor, analisando Lucas e boquiabertas para mim, vendo ele entrar no meu quarto enquanto Erin não estava. Olivia arqueou uma sobrancelha e olhou para sua companheira de quarto. O andar inteiro saberia que eu tinha um cara quente no meu quarto em cinco minutos.

Eu o deixei entrar e bati a porta quando Lucas jogou seu caderno de desenho na minha cama e pôs-se no centro do quarto, que parecia encolher com ele lá. Sem se mexer, ele examinou o lado de Erin do quarto, as paredes sobre a sua cama coberta de fotos, as letras Gregas de sua irmandade acima das letras brilhantes de seu nome. Aproveitando-se de sua distração, estudei-o: botas de cowboy, arranhadas no inferno, jeans desgastados, moletom cinza com capuz. Ele virou a cabeça para examinar o meu lado do quarto, e eu olhava para o perfil de sua mandíbula recentemente barbeada, lábios entreabertos, cílios escuros.

De frente para mim, seus olhos se moveram sobre mim e depois para o notebook na minha mesa, que eu tinha ligado a um pequeno conjunto de alto-falantes. Eu configurei uma playlist da minha coleção para tocar tranquilamente. Outra das sugestões de Erin. Ela intitulou a lista de OBBP, e eu esperava que ele tardiamente não inspecionasse a lista e perguntasse o que isso significava. Eu não diria a ele, claro, mas o meu propenso rubor iria provavelmente incinerar.

— Eu gosto desta banda. Você os viu no mês passado? — Ele perguntou.

Kennedy e eu os tínhamos visto, na noite da verdade, antes que terminamos. Eles foram uma das nossas bandas locais favoritas. Ele tinha estado estranho naquela noite. Distante. Nos shows, ele normalmente aconchegava minhas costas em seu peito, as pernas abertas apenas o suficiente para acomodar os meus pés entre os seus, seu braço em volta bloqueando o meu. Em vez disso, ele estava ao meu lado, como se fôssemos amigos. Depois que terminamos, eu percebi que ele decidiu antes da noite que sua reserva foi a evidência do muro entre nós, eu só não tinha visto ainda.

Eu balancei a cabeça, vencendo Kennedy dos meus pensamentos.

— Você viu?

— Sim. Não me lembro de ver você lá, mas estava escuro, e eu talvez tivesse tomado uma ou duas cervejas. — Ele sorriu, dentes brancos, apenas imperfeito o suficiente para indicar que ele não tinha sofrido com a ortodontia como eu tinha. Tirou o gorro e o deixou cair na minha cama, ele colocou o lápis em seu caderno de desenho e deslizou as mãos pelo seu cabelo achatado, e em seguida o sacudiu, resultando em uma aparência desarrumada pelo sono. Bom

Deus! Quando ele puxou o capuz sobre a sua cabeça, sua camiseta branca levantou um pouco com isso, e eu tive a minha resposta sobre o quão longe as tatuagens se estendiam. Quatro linhas escritas, pequenas demais para ler, serpenteavam em torno de seu lado esquerdo. Algum tipo de desenho Celta equilibrando-se nele na direita. Bônus: eu já sabia o que Erin queria dizer com abdominal digno de lamber.

O moletom se juntou ao gorro, e sua camiseta caiu de volta no lugar. Pegando o caderno de desenho e o lápis, ele se virou para mim e notei que a tinta em seus antebraços continuava ao longo de seus bíceps e sob as mangas curtas de sua camiseta.

— Onde você me quer? — Mais fôlego do que eu pretendia, a minha pergunta parecia uma proposta de bronze. Uau. Eu poderia ser mais óbvia? Talvez eu devesse sair e perguntar se ele queria ser o meu reserva de Kennedy, sem amarras.

Minhas entranhas ficaram líquidas com o seu fantasma de um sorriso, o que foi se tornando mais e mais familiar.

— Na cama. — Ele disse, sua voz rouca.

Oh, Deus!

— Tudo bem. — Eu me movi para empoleirar na beira do colchão enquanto ele varreu o moletom e o gorro para o chão. Meu coração disparou à espera.

Ele olhou para mim, inclinando a cabeça para o lado.

— Hum. Você está muito preocupada. Nós não temos de fazer isso se você não quiser.

Nós não temos que fazer o que? Eu pensei, desejando que eu pudesse perguntar-lhe se me usar como modelo foi um pretexto, e lhe dizer que se fosse assim, era uma pretensão que ele não tinha necessidade de manter. Eu olhei nos olhos dele.

— Eu quero.

Ele enfiou o lápis sobre sua orelha, olhando não convencido.

— Mmm. Em que posição seria a mais confortável para você?

Eu não podia dizer em voz alta às respostas que surgiram em minha cabeça a essa pergunta, mas o rubor que se espalhou pelo meu rosto como um incêndio falou por mim. Ele pegou o lábio inferior entre os dentes, e eu tinha certeza que era para conter uma risada. A mais confortável posição? Que tal com a minha cabeça presa debaixo de um travesseiro?

Ele olhou em volta do meu quarto e foi sentar-se no chão, contra a parede, de frente para o pé da minha cama.

Joelhos para cima, o caderno de desenho em suas coxas, ele estava exatamente como eu imaginei na aula no outro dia. Só que ele estava no meu quarto, não no seu.

— Deite-se de barriga para baixo e descanse sua cabeça em seus braços, de frente para mim.

Fiz o que ele me disse.

— Gostou?

Ele acenou com a cabeça, olhando para mim como se absorvendo detalhes ou em busca de falhas. Vindo de joelhos, ele se aproximou o suficiente para passar seus dedos através do meu cabelo e deixá-lo cair sobre meu ombro.

— Perfeito! — Ele murmurou, correndo de volta para a sua posição contra a parede, alguns metros de distância.

Eu olhei para ele conforme ele esboçava, seus olhos se moviam para trás e para frente do meu rosto para o caderno de desenho. Em algum momento, seu olhar começou a se mover sobre meu corpo. Como se seus dedos deslizassem sobre meus ombros e nas minhas costas, minha respiração ficou presa na minha garganta e eu fechei os olhos.

— Caindo no sono? — Sua voz era suave. Próxima.

Abri os olhos para encontrá-lo de joelhos ao meu lado, sentado sobre os calcanhares. Meu coração acelerou novamente em sua proximidade.

— Não.

Ele deixou o caderno de desenho e o lápis no chão atrás dele.

— Você já... Fez?

Ele balançou a cabeça ligeiramente.

— Não. Eu gostaria de fazer outro, se você não se importa. — No meu aceno, ele disse: — Vire de costas.

Rolei lentamente, com medo de que ele seria capaz de ver o meu coração batendo através da minha camiseta fina. Ele pegou o caderno de desenho e o lápis no chão e se levantou. Olhando para baixo, ele deixou seus olhos vaguearem sobre mim, e eu me sentia vulnerável, mas não em perigo. Eu sabia muito pouco sobre ele, mas havia uma coisa que eu sentia inequivocamente: segura.

— Eu vou arrumar você, tudo bem?

Eu engoli.

— Uh... claro. — Minhas mãos estavam agarradas a minha caixa torácica, meus ombros curvados quase aos meus ouvidos. O que, não é assim que você me quer posicionada? Eu mal contive o riso nervoso que borbulhava com o pensamento.

Seus dedos cercaram o meu pulso mais próximo dele, e ele trouxe o meu braço sobre a minha cabeça, inclinou-o como se tivesse sido jogado para trás. Tomando a mão oposta, ele espalmou

meus dedos sobre meu abdômen, sentou-se, olhou para mim um momento, e depois se moveu, também, sobre a minha cabeça, cruzando meus pulsos, como se eu estivesse presa. Eu lutava para respirar normalmente. Impossível!

— Eu vou mover sua perna. — Ele disse, seus olhos nos meus, me esperando assentir. Suas mãos em meu joelho, ele inclinou-o, deixando-o nivelado contra o colchão. — Ele pegou o caderno de desenho e virou a página. — Agora, incline o seu rosto em minha direção o queixo um pouco para baixo, está bom. E feche os olhos.

Eu lutei para permanecer relaxada, sabendo que, enquanto eu ouvia o risco do lápis através da página, ele não ia me tocar. Eu estava imóvel, os olhos fechados, ouvi o raspar do lápis no papel, interrompido pelo passar suave de seu dedo manchando uma linha ou uma sombra.

Do notebook na minha mesa, minha caixa de entrada fez um som, e meus olhos brilharam aberto. Sem pensar, me levantei sobre os meus cotovelos. Landon? Mas não havia maneira que eu pudesse verificar.

Lucas estava me observando de perto.

— Você precisa verificar isso?

Landon ignorou meu e-mail toda à tarde, quando no passado ele tinha respondido tão prontamente que eu provavelmente estava mimada. Mas Lucas estava sentado no meu quarto. Na minha cama. Deitei-me, voltei meus braços à sua posição anterior, e eu balancei a cabeça. Eu não fechei os olhos desta vez, e ele não pediu para que fechasse.

Ele voltou a esboçar, concentrando-se em minhas mãos por um longo tempo, e depois no meu rosto. Ele olhou nos meus olhos, e de volta para o exame intenso de seu desenho. Quando ele olhou para minha boca por longos momentos e desenhou, olhando, desenhando, olhando, eu queria chegar, pegar sua camiseta, e puxá-lo para mim. Minhas mãos apertaram involuntariamente e seu olhar varreu para lá e voltou.

Com os olhos brilhando, ele olhou para mim.

— Jacqueline?

Eu pisquei.

— Sim?

— A noite que nos conhecemos... Eu não sou como aquele cara.
— Sua mandíbula estava rígida.

— Eu sei que... — Ele colocou um dedo sobre meus lábios, sua expressão se suavizando.

— Então eu não quero que você se sinta pressionada. Ou subjugada. Mas eu, com certeza, quero te beijar agora. Desesperadamente. — Ele arrastou seu dedo sobre a minha mandíbula e na minha garganta, e depois em meu colo.

Eu olhei para ele. Finalmente compreendendo que ele estava esperando por uma resposta, eu disse:

— Ok.

Ele deixou cair o caderno de desenho no chão e o lápis o seguiu, seu olhar nunca saiu do meu. Quando ele se inclinou sobre mim, senti uma intensa consciência de cada parte do meu corpo que tocou uma parte do seu, a beira de seu quadril pressionando o meu, seu peito deslizando contra o meu, seus dedos passando dos pulsos para antebraços e emoldurando meu rosto. Ele me segurou no lugar, os lábios perto do meu ouvido. Quando ele beijou o ponto sensível, minha respiração estremeceu.

— Você é tão bonita! — Ele sussurrou, movendo sua boca para a minha.

Seus lábios eram quentes e firmes, pressionando contra os meus, e quando sua língua começou um ataque contra a linha suave dos meus lábios, eu os abri. Sua língua se aprofundando em minha boca, as mãos viajavam em direções opostas, uma foi para os meus pulsos ainda cruzados, pressionando-os no colchão acima da minha cabeça, a outra deslizava pelo meu lado, cavando em minha cintura. Ele me beijou mais forte, reivindicando as respostas que ele persuadiu de

mim. Minha cabeça girava, e eu estava puxando rajadas curtas de ar como se eu estivesse surgindo a cada poucos segundos antes do mais profundo mergulho. Apenas quando eu pensei que não poderia tomar a intensidade, ele diminuiu a pressão e chupou meu lábio inferior suavemente, roçou sua língua sobre ele, e então ele repetiu o movimento. Eu mexia abaixo dele e sua língua escorregou entre meus lábios novamente e repetiu o seu exame mais detalhado acariciando minha língua, os dentes, o céu da minha boca.

Se alguém tivesse perguntado, Como isso se compara a beijar Kennedy? Eu teria respondido: —Quem?

As mãos de Lucas agarraram meus pulsos e colocou meus braços em volta de seu pescoço. Respondendo fazendo algo que eu tinha sonhado em fazer mais do que uma vez, eu passei minhas mãos em seu cabelo, despenteando-o ainda mais. Ele me puxou para ele, me pegando em seu colo quando ele deslizou de costas contra a minha pilha de travesseiros na cabeceira da cama estreita, um pé calçado ainda no chão, o outro movendo sob mim. Inclinando-me para trás, com a mão segurando a minha cabeça, ele beijou um caminho no meu pescoço até o V da minha camiseta. Minha cabeça caiu para trás enquanto eu ofegava tentando formar um pensamento racional.

Sua mão à deriva sob minha camiseta deslizando ao longo de minhas costelas, vagueando sobre o bojo de cetim do meu sutiã, seus dedos roçando a pele acima, as curvas da carne, a fenda entre meus seios aumentada pela minha posição curvada. Empurrando a barra da camiseta acima dos meus seios, ele moveu os lábios para os lugares onde seus dedos tinham estado e passou a língua ao longo da linha da pele exatamente acima da borda do meu sutiã.

Minhas mãos apertaram em seu cabelo enquanto seus dedos deslizaram o fecho da frente. Eu não tinha usado esse sutiã de fácil acesso por essa razão? Meu corpo queria, mas a minha mente protestou no primeiro beijo, me envergonhando, de quê?

A voz de Erin na minha cabeça disse: —Chute o inferno fora dele! E eu bloqueei uma risada inoportuna.

Lucas levantou a cabeça e levantou uma sobrancelha para mim.

— Cócegas? — Ele perguntou incrédulo.

Eu estava completamente horrorizada, e não poderia imaginar uma tragédia maior nesse momento do que ter cócegas nos seios, a menos que ele estivesse tendo o senso de humor mais estúpido do planeta. Mordi o lábio, tentando não rir de novo, pensando, Oh meu Deus! Eu balancei a cabeça.

Seu olhar moveu para meus dentes prendendo meu lábio inferior.

— Você tem certeza? Porque ou é isso... Ou você achou minhas técnicas de sedução... Engraçadas.

Eu grunhi e ri incapaz de me conter, e ele balançou a cabeça enquanto me sentei no colo dele, metade do meu seio nu, fiquei mortificada. Eu tirei minha mão do seu cabelo e bati com ela na minha boca imprudente.

Então, ele sorriu. Atrás da minha mão, eu sorri de volta, implorando silenciosamente para não me fazer rir de novo, porque apenas sob a superfície, a histeria reprimida estava se preparando para um motim.

— Talvez eu deva apenas fazer cócegas em você e acabar com isso. — Ele pareceu meditar sobre a ideia.

— Por favor, não! — Eu disse, alarmada. Como a maioria das pessoas, eu não era uma visão atraente quando faziam cócegas em mim. Eu sabia disso, porque minha tia tinha filmado o idiota do meu primo mais velho me fazendo cócegas e eu me contorcendo, implorando bagunça no meu décimo primeiro aniversário. Meu rosto virou um escarlate manchado, cuspe à direita do canto da minha boca, e os sons de protesto que eu proferi eram quase desumanos.

— Não?

— Não. Por favor, não!

Suspirando, ele pegou a minha mão na frente do meu rosto e apertou-a contra seu peito, inclinando-se rapidamente e me beijando. Eu notei que ele tinha cuidadosamente puxado minha

camiseta de volta, embora isso não o impedisse de acariciar com a ponta dos dedos em toda a minha barriga por baixo, ou apalpando meus seios através do sutiã, seu polegar acariciando um mamilo enquanto sua boca se movia com a minha, me deixando tonta. Contra a minha mão, seu coração batia no mesmo ritmo que o meu.

Eu esqueci de rir.



Meus lábios estavam sensíveis e formigando. Tocá-los levava a um ataque súbito de doces memórias, suas mãos, e o que elas haviam feito em conjunto com a sua boca, os beijos enlouquecedores, e as poucas palavras que ele tinha falado: *Você é tão bonita!*

Eu queria ver os desenhos, então ele me mostrou. Eles eram bons. Surpreendentemente bons. Eu disse isso a ele e ganhei seu escasso sorriso.

— O que você vai fazer com eles? — Eu perguntei, mais do que um pouco tardiamente.

— Refazê-los em carvão, provavelmente.

Eu esperei por mais.

— E então?

Ele deu de ombros em seu moletom e olhou para mim.

— Prendê-los na parede do meu quarto?

Meus lábios se separaram, mas eu não tinha ideia do que dizer. Parede do quarto?

Seus olhos voltaram para o caderno de desenho, folheando para o segundo desenho.

— Quem não gostaria de acordar olhando isso?

Essa declaração teve uma chance de 99 por cento do significado que parecia sugerir, mas eu não tinha certeza o suficiente para responder na mesma moeda, então eu não disse nada. Ele fechou o caderno de desenho e colocou-o na estante perto da porta. Levando meu queixo em sua mão, ele esfregou o polegar sobre meu lábio inferior, suavemente.

— Ah, merda! — Ele retirou a mão e olhou para seus dedos. — Eu esqueci o jeito que as minhas mãos ficam depois desenhar. — Ele olhou para a minha camiseta. — Você pode ter pequenas marcas cinza... Em todos os lugares.

Supondo que eu já tinha um lábio cinza e linhas possivelmente fracas de cinza em toda a minha barriga e as curvas superiores dos meus seios, eu não conseguia pensar o que dizer além de:

— Oh!

Ele cerrou os punhos, colocando um embaixo do meu queixo para levantar de novo e usou a outra para puxar-me mais perto.

— Não se preocupe, não há dedos. — Arrastando meu corpo contra o dele, ele me beijou, de costas contra a porta do meu quarto. Nesta posição, não havia como esconder o que seu corpo queria de mim. Eu pressionei contra ele, e ele gemeu em minha boca e arrancou sua boca da minha, a respiração entrecortada. — Eu tenho que ir agora, ou eu não irei.

Este era o momento para eu dizer que ficasse, mas eu não podia. Kennedy passou pela minha mente, dizendo algo, oh tão semelhante não muito tempo atrás. Ainda mais insano era o pensamento de Landon, e um possível e-mail que esperava por mim. Nenhuma dessas coisas importava. Não neste momento.

Lucas se endireitou e limpou a garganta. Beijando minha testa e a ponta do meu nariz, ele abriu a porta.

— Mais tarde. — Ele disse, e foi embora.

Segurei o batente da porta e o vi caminhar, puxando o gorro sobre o cabelo desganhado. Toda garota, quando ele passou,

encarou-o. Algumas se voltaram e assistiram até que chegou à porta da escada, antes de virarem a cabeça ao redor para ver de onde ele tinha vindo. Voltei para o meu quarto e deixei-as para a sua especulação.

O e-mail que nos interrompeu não era de Landon, era de mamãe e continha itinerário dos meus pais para a sua viagem de esqui para o Colorado. Uma viagem de esqui que eu não tinha sido convidada para participar. A viagem de esqui prevista para o fim de semana no meio do semestre que eu tinha planejado passar em casa — um fim de semana de férias, por incrível que pareça.

Ainda assim, eu tive um momento difícil incitando toda raiva real quando eu abri o e-mail, por duas razões. Um, eu estava estranhamente desapontada que não era Landon o nome na minha caixa de entrada, e dois, eu estava tão inebriada de ser completamente beijada por Lucas que eu não me importava com o feriado de 11 dias no futuro, ou como eu estaria passando ele.



Na noite de domingo, eu estava comendo colheradas de manteiga de amendoim no jantar, assistindo *Ele Não Está Tão a Fim de Você*, e dizendo a mim mesma que eu não era claramente uma exceção à regra de ninguém. Landon ainda não tinha mandado um e-mail, e eu não tinha ouvido falar de Lucas, também. Erin deveria voltar a qualquer momento, e eu estava ansiosa por sua turbulenta presença colorida em nosso quarto. Muita tranquilidade me deixou deprimida e consumindo manteiga de amendoim como refeição.

Minha caixa de entrada fez um som e eu debati pausar ou não o filme para verificar isso. Eu não estava no clima para outro dos esforços de minha mãe para lançar seu remorso sobre me abandonar em um feriado importante. Até agora, ela tentou a lógica — *Era o ano para ir com Kennedy Chantagem emocional* — *Seu pai e*

eu não tivemos uma viagem sozinhos em vinte anos, e um convite relutante de se juntar a eles —Acho que podemos conseguir uma passagem. Mas você teria que dormir no sofá ou uma cama dobrável, porque os quartos estão, sem dúvida reservados. Ignorei os dois primeiros e disse que não, obrigada ao terceiro.

Qual era a próxima tentativa de me comprar? A proposta de uma viagem de compras não seria fora de questão se ela não tivesse usado antes. Na semana passada, eu tinha um par de botas compradas online com meu salário da aula particular e minha mesada não daria exatamente para cobrir. Parei o filme e cliquei na minha caixa de entrada. Bingo. Mas não era minha mãe. Landon.

Jacqueline,

Estou feliz que você sentiu-se confiante sobre o teste. Sempre que você começar um rascunho junto do seu trabalho, eu ficaria feliz em dar uma olhada antes de você definir. Anexei a planilha para a sessão de amanhã, que eu acabei de fazer. Se você tem alguma dúvida, deixe-me saber.

LM

Reli o e-mail, fazendo beicinho. Não havia nada remotamente de paquera nele. Ele poderia ter vindo de um professor. Ele não explicava por que levou todo fim de semana para me responder, quando ele geralmente atendia dentro de um par de horas, se não antes. Ele não me provocou sobre qualquer coisa, ou fez qualquer pergunta não relacionada a economia. Eu me senti como se eu tivesse imaginado cada fragmento de familiaridade que tínhamos desenvolvido ao longo do último par de semanas.

Landon,

Obrigado. Vou mandar o projeto na manhã de sábado. Espero que tenha tido um fim de semana agradável.

JW

Jacqueline,

Recebê-lo no sábado para mim está bem. Eu vou tentar entregá-lo para você rapidamente para que possa entregá-lo para o Dr. H antes do intervalo. Meu fim de semana foi bom.

Especialmente sexta-feira. Como foi o seu?

LM

Landon,

Bom. Um pouco solitário (minha colega de quarto estava fora da cidade todo fim de semana, é só ela chegar em casa e estará repleto dela me contado tudo sobre ele), mas produtivo. Obrigado novamente por toda sua ajuda.

JW

Erin deveria voltar a qualquer momento, e eu estava ansiosa por sua presença, violenta e colorida em nossa sala. Muita tranquilidade me deixou deprimida e condimentos consumidores de refeições.

Capítulo 9

Mais uma vez, Lucas foi abordado por uma garota no final da aula. Mas que diabos? Será que todas as garotas da nossa turma sentem a necessidade de conversar com ele? Mas em seguida, um rapaz aproximou-se ao lado dela, seu braço envolvendo em torno de seu ombro. Alarmada, eu percebi no que a minha reação visceral implicava: ciúme. Sobre um rapaz que eu mal conhecia, com quem eu tinha trocado mais saliva do que palavras.

Enquanto eu passava pelo último corredor, Lucas me deu um sorriso apertado com um elevar ligeiro de seu queixo e voltou sua atenção de volta para o casal em frente a ele. Em conflito, eu estava em partes iguais aliviada e desapontada.

Eu pedi um conselho a Erin durante o almoço.

— Ele está segurando as malditas fichas perto. — Bebendo seu almoço típico Jamba Juice, ela refletia sobre as possíveis causas para a sua reserva. — É quase como... Ele está resistindo a estar atraído por você. Não me interprete mal, muitos caras ficam distantes, mas geralmente não até que eles se envolvam.

Ela me deu um olhar atento.

— Você tem certeza que nada mais aconteceu na noite de sexta-feira?

Dei um suspiro e bati na minha testa com a palma da minha mão.

— Oh, sim, eu esqueci completamente da parte onde fizemos sexo selvagem à noite toda de sexta-feira.

Ela revirou os olhos e, em seguida, suas sobrancelhas se levantaram.

— Hey. E se ele tem uma namorada?

Eu fiz uma careta. Eu não tinha pensado nisso.

— Eu acho que é possível.

Minha mente foi para uma coisa que eu não poderia dizer: E se o que aconteceu na noite em que nos conhecemos me fez parecer uma patética e tola como eu me sentia, e ele não poderia passar por isso? Aqueles minutos aterrorizantes me assombrado ainda, e entrar em contato com Buck há alguns dias apenas ampliou a ameaça. Não seria a última vez que eu ia vê-lo. Ele estava na mesma fraternidade que Kennedy. Ele era amigo de Chaz e Erin, e de todo o meu antigo círculo de amigos. Ele era quase inevitável.

— Uma namorada iria definitivamente colocar um obstáculo em nossos planos. — Erin refletiu.

Repentinamente, eu me perguntei se Landon Maxfield tinha uma namorada. Ele não havia mencionado uma, mas por que ele iria? Não havia nenhuma razão para ele inserir: *Ei, eu tenho uma namorada* em uma de nossas trocas de e-mail. Eu poderia encontrar alguma maneira de perguntar.

Ele parecia tão sincero que eu tinha certeza que ele iria responder.

— J? — A voz de Erin invadiu meus pensamentos.

— Hein? Sinto muito.

Ela arqueou uma sobrancelha, sorvendo até o fim de sua vitamina.

— O que você está pensando? Eu conheço esse olhar calculador, e como sua wing-woman oficial, eu preciso saber o que você está planejando.

Peguei o sanduíche, puxando os tomates fora e empilhando-os no canto da minha bandeja. Eu não poderia dizer a ela sobre Buck. Mas eu poderia confessar o meu interesse em Landon.

— Você sabe o meu tutor de economia?

Ela assentiu com a cabeça, confusa, e, de repente, atrair-se apenas online enquanto participava de uma universidade, onde havia milhares de caras solteiros parecia como a coisa mais ridícula que já existiu na história das coisas ridículas.

— Bem, às vezes parece que estamos flertando. E uma vez, ele disse que Kennedy era um idiota.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Ele conhece Kennedy?

— Não, quero dizer, ele disse: Seu ex é um idiota. Eu não acho que ele realmente sabia. Foi mais uma declaração... De cortesia, para mim. — Eu morde o meu sanduíche de peru-bacon-guacamole.

— Hmm. — Erin apoiou os cotovelos sobre a mesa entre nós. — Bem, é fato que ele não pode ser tão quente como Lucas. Mas ele é um professor, então ele deve ser inteligente, Deus sabe que ele é ideal para você. De qualquer forma, ele é bonito?

— Er... — Eu disse, ainda mastigando.

Ela estreitou os olhos.

— Oh meu Deus! Você nunca o conheceu, não é?

Fechei os olhos e suspirei.

— Não exatamente.

— Não exatamente?

— Ok, não em tudo. Eu não tenho nenhuma ideia de como ele é, certo? Mas ele é inteligente e engraçado. E ele tem sido muito bom, e me ajudou muito, eu quase coloquei em dia essa aula, exceto pelo projeto...

— Jacqueline, você não pode se apaixonar por um cara sem nunca vê-lo! E se você estiver lidando com um transgressor? Ele poderia parecer... — Ela esquadrinhou a praça de alimentação e se concentrou em um cara de aparência assustadora em uma camiseta surrada que com suor e passos largos passou pela nossa mesa. — Aquele cara.

Eu cruzei meus braços, ofendida em nome de Landon.

— Esse cara parece um pária social. Landon é inteligente demais para parecer como aquele cara.

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Tudo bem. Nós vamos fazer de Landon um Plano B. — Ela me olhou, usando sua expressão-teoria-da-conspiração estreitou os olhos, lábios franzidos — O que você realmente sabe sobre esse cara Landon?

Eu ri.

— Muito mais do que eu sei sobre esse cara Lucas.

— Exceto a aparência e gosto. — Ela balançou as sobrancelhas.

— Ugh! Erin. Você tem uma mente obsessiva.

Ela sorriu tortuosamente.

— Eu prefiro pensar nisso como meta direcionada.

Nós pulamos o Starbucks, parte do plano de Erin, que lamentou os sacrifícios que ela estava fazendo em meu nome quando nós engasgamos com o café da cafeteria. Deixando-me com instruções restritas para não mandar SMS ou e-mail ou qualquer um deles, ela me deu um abraço rápido, antes de ser engolida por um grupo de irmãs da sua irmandade, todas elas agiram como se fôssemos conhecidas distantes, no máximo — como configuraram uma venda de bolos à tarde.

Um mês atrás, eu tinha sido aprovada como a namorada de Kennedy GDI, agora eu era só a pobre colega de quarto não grega de Erin.



A área da lavanderia estava localizada em cada andar do dormitório, mas já que todos no meu andar decidiram usar ao

mesmo tempo, as lavadoras estavam todas ocupadas. Levantei a bolsa de malha da escada, saltei para baixo nos degraus de concreto, um de cada vez, esperando que os residentes do andar de baixo estivessem menos movidos para limpeza, pelo menos esta noite.

Dez minutos depois, eu voltei lá em cima com a minha bolsa vazia. Parando logo na escada quando meu telefone tocou, eu respondi a um SMS de Maggie lembrando-me a mandar o e-mail com o link que ela precisava para o trabalho de Espanhol que estávamos fazendo juntas. Louca por um SMS de Lucas ou um e-mail de Landon, enfiei meu telefone no bolso da frente. Eu tinha prometido a Erin que eu não mandaria nenhum. Ela sabia como a mente dos rapazes trabalhavam, enquanto meus anos com Kennedy deixaram-me completamente despreparada para esses tipos de manobras complexas. Francamente, as regras para ligar não me pareciam muito menos complicadas que as regras para encontrar um relacionamento sério, mas o que eu sei.

A porta abaixo de mim abriu e fechou quando eu dobrava a esquina, e passos subindo soaram atrás de mim. Havia centenas de residentes no meu prédio, e embora todos nós usássemos o elevador ou a escada principal para ir e vir do edifício, a maioria de nós utilizava constantemente a fria e úmida escada quando se deslocava entre os andares. Assustada com a sensação claustrofóbica, algo que eu sentia toda vez, eu me forcei a não correr para a porta no topo. Eu empurrei uma trava, percebendo que eu estava indo para frente, mas a minha bolsa de roupas não estava. Supondo que ela estava enganchada no corrimão, eu virei para libertá-la e estava quase cara a cara com Buck. O fim da bolsa estava presa em seu punho.

Engoli em seco e meu coração parou, como se o momento tivesse suspenso em câmera lenta, e então ele começou a bater como uma violenta máquina em meu peito. Ele subiu um degrau abaixo de mim — e zombou de mim.

— Hey Jackie! — Bile subiu na minha garganta com o som de sua voz, e eu a engoli. — Ou não. Eu acho que é Jacqueline agora, certo? Não é isso que você disse? Uma rosa por qualquer outro nome cheiraria como o doce... — Quando ele se inclinou mais perto, eu tentei voltar a subir as escadas e tropecei, esparramada. Eu usei a oportunidade de correr para trás e para cima em direção à porta, mas ele estendeu a mão e me levantou facilmente, as duas mãos segurando meus ombros.

— Não me toque! — Eu engasguei.

Ele sorriu como se estivesse hipnotizando a pequena presa. Brincando comigo.

— Vamos lá, Jacqueline, não seja assim. Você sempre foi muito legal comigo. Eu só quero que você seja um pouco mais agradável, isso é tudo.

Suas palavras não foram arrastadas neste momento. Ele estava sóbrio e firme, e a maldade em seus olhos me disse que eu pagaria por minha fuga na noite da festa. Eu pagaria pelo que Lucas tinha feito.

Eu balancei a cabeça.

— Não. Eu estou dizendo que não, Buck. Assim como da última vez.

Seus olhos se estreitaram, e eu mal podia ouvir a maldição que ele sibilou a partir do sangue pulsando em meus ouvidos. *Corra. Corra. Corra*, ele parecia dizer, e eu gostaria de obedecer. Eu soltei a bolsa, e caiu aos nossos pés.

— Eu sei que o que aconteceu naquela noite não foi culpa sua. — Ele deu de ombros. — Você é uma garota bonita, e obviamente o cara teve a mesma ideia que eu. Ele só conseguiu me atacar porque eu tinha bebido. — Sua respiração caiu sobre meu rosto, quente, e não tinha um traço de álcool. Ele não tropeçaria se eu me soltasse de seu aperto e corresse. — Então ele te fodeu em sua caminhonete, ou você deixou ele levá-la de volta para o seu quarto?

Eu sei que Erin estava com Chaz naquela noite. Assim como ela vai estar hoje à noite.

Eu vacilei por suas palavras vulgares. Eu não tinha conseguido um SMS de Erin ainda, mas não era impossível que ela estivesse ficando com Chaz, esta noite, ou que Buck saberia antes que eu soubesse. Um braço serpenteou em volta e agarrou meu quadril, apertando-o dolorosamente. A dor não era nada comparado com a degradação de ser apalpada contra a minha vontade.

— A escada é malcheirosa e desconfortável, mas viável. Por que não vamos para o seu quarto, em vez disso? Eu vou fazer isso bom para você, baby.

Sua ameaça era óbvia. Se eu dissesse que não, ele iria me estuprar aqui.

— A-alguém poderia subir a escada em qualquer momento.

Ele riu.

— Verdade. Pena que você não está usando aquela saia curta que usava na outra noite. Eu poderia colocá-la contra esta parede e tomar você em dois minutos sem tirar nada de você.

Minha cabeça girava. Esforcei-me contra ele, tentando me mover, mesmo que apenas um pouco, mas não consegui.

— Não seria a primeira vez que eu fui pego com algum pequeno capricho quente em uma posição contra a parede. E hey, bônus, se você deseja se vingar de Kennedy por acabar com você, então se transforme em uma garota que vai fazer qualquer coisa, em qualquer lugar, com qualquer pessoa, iria deixá-lo louco. — Ele deu de ombros. — Você já começou com aquele pedaço de merda e sabe-se lá quem mais? Assim, podemos fazê-lo aqui, se é isso que você quer.

— Não! — Eu disse, e seus olhos brilharam. — No meu quarto. — Minha respiração ofegante, instável e espero confundida com tesão em sua avaliação no seu cérebro de ervilha. Ele sorriu, e eu quase

vomitei. Eu nunca quis tanto vomitar, mas meu corpo lutava instintivamente.

Seu braço em volta da minha cintura, ele me virou em direção à porta no topo, agarrando a bolsa de roupa suja do chão. Eu me perguntei se eu estava disposta a fazer o que eu estava prestes a fazer. Se eu estava preparada para gritar, lutar e arranhar ele no corredor, me humilhando na frente de todos, na esperança de que ele não tivesse sucesso em me levar para o meu quarto. Se ele fizesse isso, eu estava perdida. As paredes não eram à prova de som, mas todo mundo estava acostumado a ouvir todos os tipos de ruídos provenientes dos vizinhos. Se alguém sequer ouvir qualquer coisa sobre a sua música, televisores e videogames, eles provavelmente achariam que não é nada.

Saímos para o corredor, e eu avalei as pessoas que eu estava prestes a depender. Meu quarto era seis portas a partir da escada. Dois rapazes na extremidade oposta do salão estavam praticando *kick flips*⁽⁸⁾ em um skate. Olivia estava no meio do corredor, falando com Joe, um cara do quarto andar. Quando ela nos viu, sua boca caiu aberta antes dela a estalar fechada, e Joe olhou por cima do ombro, ergueu o queixo para Buck, e se virou para ela com uma risada baixa. Isso era ruim.

Kimber, que dividia o dormitório duas portas para baixo, entrou no corredor com sua roupa. Eu parei. Era agora ou nunca. Buck deu um passo adiante antes de perceber que eu estava segurando o meu no chão. Ele se virou para mim.

— Vamos, J. — Ele persuadiu.

— Não. Você não está indo para o meu quarto, Buck. Eu quero que você saia agora.

O choque registrado em seu rosto. Kimber, Olivia e Joe congelaram, esperando para testemunhar em primeira mão o que estava para se estabelecer.

A mão de Buck estava no meu cotovelo.

— Isso não é o que você disse a alguns minutos atrás, querida. Vamos ter esta conversa em privado. — Ele tentou me puxar para frente, mas eu torci meu braço de sua mão carnuda.

— Eu quero que você saia. Agora. — Eu o encarei, meu peito arfando.

Indecisão jogou em suas feições. Cinco pessoas estavam assistindo. Ele colocou as duas mãos com as palmas para fora.

— Não seja louca, ok? Tentei dizer-lhe que no tijolo seria frio e áspero. Não é minha culpa que você não podia esperar cinco minutos. — Jogando a bolsa de roupa no meu ombro, ele disse: — Chame-me mais tarde, quando você esfriar, garota bonita. — Ele bateu os punhos com Joe e caminhou até a escada, e eu esperei até que ele desapareceu pela porta para me mover.

Meu rosto queimando, eu abri minha porta, enquanto Olivia sussurrou não tão discretamente atrás de mim.

— Ohmeudeus, eles fizeram isso na escada? Ela teve outro cara em seu quarto como, noite de sexta-feira! Eu me pergunto se ela estava trepando ao redor de Kennedy e é por isso que ele...

Eu fechei a porta, inclinei-me contra ela, e deslizei para o chão, tremendo. Lágrimas patinaram em trilhas pelo meu rosto e minha respiração estremeceu, deixando meu peito dolorido. Eu queria fugir. Ir para casa. Ser ignorante de ser abandonada, de ter meus sonhos frustrados, de estar constantemente se sentindo muito inexperiente e estúpida para lidar com a minha própria vida.

Eu enganei Buck dessa vez, tornando-se duas vezes que ele não tinha conseguido o que queria, e ele estava zangado. Popular e de boa aparência, que podia quase tomar a sua escolha as garotas, e do que eu tinha ouvido e testemunhado, ele usou essa vantagem ao máximo. Eu não era mais bonita do que as garotas como Olivia, que constantemente se lançavam em seu caminho. Não havia nenhuma razão para ele se fixar em mim.

Houve alguma rivalidade inicial entre Buck e Kennedy, mas eu não conseguia me lembrar o que era. Algo que aconteceu quando

eles eram calouros. Será que ele me assedia assim por causa de algum rancor contra o meu ex?

Ele poderia, se ele achasse que poderia irritar Kennedy por fazê-lo. Eu ia ter que dizer a Erin. Ela ficaria furiosa comigo por manter isso para mim, e eu temia a reação dela, mas eu não tinha escolha. Não mais.

Eu: eu preciso falar com você.

Erin: Eu preciso falar com você também! Encontre-me em nosso quarto após sua aula.

— Jaqueline, você ficou com Buck na noite passada? — Erin sibilou quando a porta do nosso quarto se fechou atrás dela.

Eu imaginei que eu podia sentir o sangue drenando do meu rosto.

— Onde você ouviu isso?

Ela fez um barulho —pshh.

— Onde foi que eu não ouvi isso? Por que você não me disse esta manhã, durante astronomia? E por que Buck de todas as pessoas? Quero dizer, ele é quente e tudo.

— Eu não! — Eu engoli com dificuldade, e meus olhos estavam marejando. — Eu não fiquei, Erin!

Ela piscou para minha expressão e atravessou o quarto em três passos, agarrando meus braços.

— J, qual é o problema? O que aconteceu?

Eu afundei na minha cama e ela sentou-se comigo, com os olhos arregalados.

— Eu... Tenho que lhe dizer algo.

— Tudo bem... Eu estou ouvindo...

Por onde começar? Ontem à noite? Duas semanas atrás?

— Quando eu deixei a festa de Halloween cedo, algumas de semanas atrás? Buck seguiu-me. — Eu mastigava um pedaço de pele solta no meu lábio e sabia que estava sangrando. O gosto de sangue trouxe de volta aquela noite mais viva e meu rosto ficou vermelho quente. — Ele estava bêbado. Ele empurrou-me para a minha caminhonete. — Eu segurei-me rigidamente, forçando as palavras quando o seu queixo caiu.

— Ele o quê? — Ela pegou nos meus braços apertados.

— Ele estava tentando m-me estuprar.

— Tentando...?

Eu fechei meus olhos. Lambi o sangue do meu lábio.

— Lucas apareceu do nada. Ele o parou.

— Oh meu Deus!

No silêncio que se seguiu, eu finalmente abri meus olhos. Erin ainda segurou um dos meus braços enquanto ela olhava para o tapete gasto debaixo dos nossos pés.

— Você acredita em mim? — As lágrimas não iriam ficar presas, embora eu tivesse certeza de que eu iria correr seca em breve. A última vez que chorei antes de Kennedy romper comigo, no mês passado, foi mais de um ano atrás, quando eu fracturei meu fêmur no snowboard. Antes disso, quando a nossa velha cachorra, Cissie, morreu.

— Jacqueline, como você pode, é claro que eu acredito em você! Que tipo de pergunta é essa? — Ela olhou para mim, insultada. — E, a propósito, por que diabos não me disse isso antes? Porque você não achou que eu iria acreditar em você? — Seu lábio tremeu, transformando sua expressão de ofendida para ferida.

— Chaz e Buck são melhores amigos, e eu pensei que eu pudesse evitá-lo...

— Jacqueline, isso é exatamente o tipo de coisas que as mulheres precisam compartilhar umas com as outras! Eu não dou à mínima se ele estava bêbado!

— Há mais.

Ela sentou-se, olhando em silêncio.

— Na noite passada, ele me pegou na escada. — Os olhos de Erin cresceram redondos e eu balancei a cabeça. — Não aconteceu nada. Enganei-o para vir no andar de cima dizendo que poderia ir para o meu quarto. Quando chegamos ao corredor, com outras pessoas ao redor, eu disse-lhe para sair. — Eu cobri meu rosto com as minhas mãos e sufoquei com o resto. — Ele fez soar como se tivéssemos feito isso na escada. Olivia ouviu.

— Eu imagino. — Erin disse, pegando minhas mãos. — Aquela puta fofoqueira não tem o direito de espalhar boatos sobre alguém. Eu não me importo com ela. Mas seja honesta comigo, J. Ele machucou você? Ele fez? — Os olhos dela brilharam.

Eu balancei a cabeça.

— Ele só me assustou.

Ela suspirou, franzindo a testa em pensamento, e então ela se endireitou.

— Espere. Então esse bastardo mentiroso levou socos do Lucas várias vezes, não de uma dupla de bandidos sem teto?

— Sim.

A dor penetrou em seu rosto, eu podia ver em seus olhos.

— Por que você não me contou?

Meus ombros deslizavam para cima e para baixo, de forma quase imperceptível.

— Eu não sei. Sinto muito!

Sua resposta foi a de colocar os braços em volta de mim.

— E o Lucas? Você o conhecia antes de tudo isso?

Encostei-me a ela, enfiei a cabeça debaixo do seu queixo.

— Não. Eu nunca tinha visto ele antes daquela noite. Nossa turma de economia é enorme, e não é como se eu ficasse olhando

em volta para os outros caras. Eu tinha Kennedy. — Minhas mãos caíram com a palma para cima no meu colo. — Ou, eu pensei que tivesse.

Erin me abraçou apertadamente.

— Naturalmente que você fez.

Capítulo 10

— Você vai para as sessões de tutoria? Eu estive apenas algumas vezes, mas eu não me lembro de ter te visto lá. — A voz de Benji me tirou a atenção de Lucas.

— Huh?

Ele riu enquanto eu impulsionava meu texto de Economia na mochila em meus pés, envergonhada por ter sido pega por olhar sorrateiramente para Lucas. Novamente.

— Sessões de tutoria? Quem dera eu pudesse, mas eu tenho outra aula na mesma hora. Nós trocamos e-mails, embora eu necessitasse de ajuda para recuperar, depois do meu hiato de duas semanas de sanidade.

De repente notei, se Benji estivesse presente nas aulas de instrução, quer dizer que tinha visto Landon. Também deduzi, de alguns comentários deliberados, que Benji era gay. Então ele pode não se opor a responder algo como *Exatamente quão quente é o professor de economia?*

— Então você esteve em algumas sessões, hein?

Ele acenou, e eu decidi começar algo mais fundamental.

— Há alguma chance do tutor ser, você sabe, gay? — Segurei meu fôlego, esperando por uma resposta.

— O que, como eu distribuindo uma pesquisa? — Ele riu quando eu pisquei, preocupada se o tinha ofendido. — Eu estou apenas brincando com você. Eu tenho muita certeza de que ele não joga no meu time. Embora se ele jogasse, ele estivesse um pouco fora da minha liga. — Ele respirou e deu um tapinha em seu estômago, o qual era feito com algo plano dado seu esforço. — Nada que algumas semanas na academia e abrindo mão do pão no fim de semana não cuide.

Revirei os olhos.

— Cale a boca!

Ele suspirou.

— Eu amo ser um garoto. Precisa perder 5 kg? Pare com o catchup por algumas semanas. Problema. Resolvido.

Nós colocamos nossas mochilas nas costas e subimos as escadas.

— Eu realmente te odeio agora.

Ele riu, mais quando meus olhos varreram o espaço entre o assento de Lucas e a porta. Ele tinha ido.

— Então, vocês estão trocando e-mails e olhares intensos na aula. Estou supondo que você é apenas uma garota ou garoto, na aula de Heller que acha o tutor quente como uma picante *tamale*⁹³, mas você pode ser a única que o sentimento é mútuo.

Ouvi suas palavras provocantes, mas nada foi registrado depois que fiz a conexão que estava bem na minha frente.

— Lucas... É o monitor?

Benji hesitou comigo, nós dois fomos empurrados por pessoas a nossa volta.

— Eu não sabia seu nome, mas sim... Que merda! — Ele me arrastou para fora da multidão. — Você não sabia que ele era o tutor? — Sorriu. — Eu acho que você vai para as aulas agora, hein? Quero dizer, tecnicamente, você está fora dos limites, mas você não é a única nesse jogo de encarar ou eu não a provocaria. — Ele inclinou seu rosto para baixo e olhou nos meus olhos. — Jacqueline? Que diabos?

Eu considerei os e-mails que ele me escreveu como Landon, e os olhares de Lucas, seus textos... E mais notável, o esboço e a sessão de amasso cinco dias atrás. Depois disso ele não mandou SMS. Ou e-mail. Ou me disse que era Landon!

— Eu não sei! — Como se eu precisasse mais uma maldita coisa para me fazer me sentir uma completa idiota.

— Olá, Senhorita Óbvia, eu meio que deduzi isso da sua impressionada e confusa expressão. Talvez ele pensasse que você soubesse?

Balancei a cabeça.

— Ele sabia que eu não sabia. — Franzi. — E o que você quer dizer com, estou fora dos limites?

Ele elevou um ombro.

— Meu colega de quarto tutoriou calouros de química. Tutores precisam cuidar das aulas para quem estão dando, mas eles não estão permitidos a..., você sabe, confraternizar com seus estudantes. Conflito de interesses. Não é um acordo tão grande como para GTAs ou professores, que são aconselhados contra se relacionar com qualquer aluno. Ainda, não é como se nunca tivesse acontecido. Nós somos todos humanos.

Encarei o chão.

— Eu sou uma completa ingênua? Como eu não soube?

Benji colocou um dedo em meu queixo.

— Hum. Estou tendo o distinto pressentimento de que houve alguma confraternização. — Ele suspirou com a expressão em meu rosto. — Olha, se você nunca se preocupou com as aulas de tutoria, e nenhum dos alter egos dele disse a você que ele era o mesmo cara, como você deveria saber, exatamente?

A tensão em meus ombros reduziu.

— Acho que você está certo.

— Claro que estou. Agora o que?

Minha mandíbula travou.

— Não faço ideia. Mas uma coisa tenho certeza, não estou dizendo a ele que sei.

Benji balançou sua cabeça, um braço em volta dos meus ombros enquanto nos juntamos ao fluxo de alunos.

— Quando eu me registrei para Economia, eu não tinha ideia que estaria nesse nível de reality-show de drama. É como um grande bônus.



Erin: Eu inscrevi a gente nas aulas de autodefesa.

Eu: O que???

Erin: Aplicada pelo campus po-po. Sábados às 9, começa essa semana, pula o fim de semana pós Ação de Graças, então mais duas.

Eu: OK.

Erin: Nós vamos bater a merda fora dos garotos naquelas roupas grandes e gordas!!! Eu sempre quis chutar as bolas dos garotos. Agora eu posso fazer sem culpa!

Eu: Você é uma garota doente!

Erin: Culpada da acusação. ;)



Na sexta, eu não olhei na direção de Landon/Lucas. Nem uma única vez. Havia se passado uma semana desde nosso amasso universitário-proibido. Isso foi atração para ele? Que eu era o fruto proibido? Eu mostraria a ele o proibido.

Quando estávamos guardando as coisas, Benji olhou por cima do meu ombro, suas sobranceiras se levantando contra os caracóis negros caindo por sua testa.

— Hey, Jackie!

Kennedy não tinha falado comigo durante um mês, as últimas palavras entre nós envolvia um velho clichê e um livro de anotações completo que eu estava segurando. Eu respirei fundo e me virei.

— Kennedy. — Eu esperei, certa de que ele tinha uma razão para se aproximar de mim, embora eu não tivesse ideia do que fosse.

— Você está indo para casa no dia de Ação de Graças? Se você for, nós poderíamos compartilhar a carona. Você sabe, dirigir por 4 horas é um pouco monótono.

— Você quer que a gente vá... Juntos?

Ele encolheu os ombros e balançou sua cabeça para o lado com um fraco sorriso com covinhas. Kennedy tirando seu cabelo do caminho de seus olhos era uma visão cativante, e ele sabia malditamente bem. No momento, embora, meio que me irritou.

Benji limpou sua garganta e tocou meu cotovelo.

— Até segunda, Jacqueline.

Sorri.

— Tenha um bom fim de semana, Benjamin.

Ele piscou e bateu com força em Kennedy sem pedir desculpas.

— Qual é o problema dele? — Meu ex olhou com raiva.

— O que você realmente quer, Kennedy? — Mudei minha mochila de lugar e encarei-o, conflituosa por meus desejos contraditórios no momento. Eu queria socá-lo na cara. Eu queria cair em seus braços e acordar do pesadelo dele ter me deixando de lado.

— Eu gostaria que fôssemos amigos. Você significa muito para mim. — A gentileza em seus olhos era quase como um carinho físico. Eu o conhecia tão bem, e por tanto tempo.

Esse discurso foi muito inesperado, e cedo demais. Meus olhos lacrimejaram.

— Eu não sei se eu poderei fazer isso, Kennedy. E eu não quero ir com você para casa na próxima semana. Com licença. — Eu contornei ele e andei pelo corredor para a porta.

— Jackie...

— É Jacqueline. — Eu disse me virando, deixando-o para trás.



Landon,

Estou mandando este um pouco cedo, embora é claro, eu não imagino você sentado à toa em uma sexta à noite esperando por uma corrente de projetos de economia. Mas eu estarei ocupada amanhã de manhã, então pensei em ir em frente e mandar.

Obrigada de novo por olhar antes de eu entregar.

JW

Jacqueline,

Apenas para mencionar, você me distraiu/salvou (temporariamente, pelo menos) de uma irritante pesquisa de um bug em algum lugar com centenas de linhas de códigos que não funcionam muito bem. Eu preferia muito mais olhar seu projeto de economia. Devolverei por volta de domingo à tarde, se não antes.

LM

Eu olhei para o L de sua assinatura, visualizando como o garoto que conheço como Lucas. Como Landon, seu flerte tinha sido sutil; como Lucas, foi público. Que jogo ele estava jogando? Eu não tinha como saber se essa situação tinha sido a primeira para ele, ou se ele frequentemente saía dos limites com suas estudantes. A noite em que nos conhecemos, aquela horrível noite, ele sabia quem eu era. Ele tinha me chamado de Jackie, o nome que ele deve ter ouvido Kennedy me chamar. Quando eu mandei o primeiro e-mail pedindo

ajuda com economia, ele devia ter sabido, também, mas ele não me deu pista.

De acordo com o site da faculdade, restrições no convívio eram para proteger ou prevenir a troca de favores sexuais por notas, ou algo do tipo. Mas Landon estava me ensinando a aprender a matéria, e eu estava fazendo o trabalho. Quando eu fui à sala do Dr. Hellers por minha nota, não ocorreu algo inapropriado. Ele sabia disso. Eu sabia disso.

Mas até fraternização consensual, como Benji chamou, era teoricamente contra as regras.

Eu poderia trazer sérios problemas a Landon Maxfield. Quando ele veio ao meu quarto, eu pensei que ele era apenas outro aluno, e ele continuou com esse engano.

Ele me beijou, me tocou, e eu deixei. Eu queria que ele fizesse.

Fechei meu notebook e encarei meu celular. Nós ficamos há uma semana. Aqui, em meu quarto. E não mandou sequer um SMS desde lá. Eu queria saber o porquê.

Eu: Eu fiz algo errado?

Eu esperei vários minutos, olhando fotos no celular, muitas delas incluíam Kennedy. Imaginei se fosse fraqueza por não conseguir apagá-las, ou só queria manter a evidência do que parecia ser amor, que parecíamos estar apaixonados, mesmo que estivesse tudo terminado.

Lucas: Não. Estive ocupado. Como você está?

Eu: Eu acho que você não teve tempo de refazer os esboços.

Lucas: Na verdade, fiz um deles. Eu quero que você veja.

Eu: Eu gostaria de ver. Está pregado em sua parede?

Lucas: Sim.

Lucas: Escuta, estou saindo agora, falo com você depois?

Eu: Claro!

De acordo com seu e-mail, ele estava trabalhando no que parecia ser um enorme projeto CSE^{10}, e de acordo com seu SMS, ele estava fora em uma festa. Eu não tinha ideia do que era verdade. Eu acreditava que ele estava me ignorando... Exceto por isso: — *Quero que você veja.*— Eu reli a mensagem, abri meu notebook e reli o e-mail, mas não me senti nem perto de descobri-lo.



Erin veio irritada ao nosso quarto à 1 da manhã, no celular.

— Você sabe o que? Eu acho que você não respeita minha opinião em muita coisa!

Por sorte, eu estava acordada, vendo vídeos online de autodefesa. Tirando a ânsia de Erin em chutar bolas e a minha necessidade de aprender essa coisa, a última coisa que eu queria fazer de manhã era levantar e socar e chutar alguns caras com roupas fofas. Eu não podia ver como isso iria correlacionar com escapar de alguém como Buck. Se eu tivesse sido capaz de quebrar seu aperto na outra noite, pudesse chutá-lo, eu teria.

A porta fechou atrás da minha claramente irritada colega de quarto enquanto ela lançava sua bolsa na cama, chutando fora seus saltos.

— Bem, eu não posso estar com alguém que está decidido a apoiar um estuprador de merda.

Oh, Deus! Fechei o YouTube e empurrei meu notebook do meu colo.

— Sim, Chaz, isso é o que realmente penso. — Ela desabotoou sua blusa branca com tanta força, que tinha certeza que iria arrancar um botão ou dois. — Ótimo. Pense o que quiser. Está acabado. — Esmurrando seu celular, ela grunhiu para ele e o atirou em sua cama antes de se virar pra mim, arrancando sua blusa. — Bem. Eu acho que está acabado!

Minha boca se abriu, me sentei, sem palavras, enquanto ela enfiava uma blusa preta por seus quadris e a chutava na direção do cesto de roupa suja. Deslizou seus braceletes de seus braços e tirou seus brincos, deixando-os na mesa cheia de jóias, cartas de tarô, pacotes de chiclete e romances.

— Erin, você acabou de terminar com Chaz? Por minha causa?

Ela colocou uma blusa que caiu para o meio de suas coxas que claramente pertencia a Chaz. Carrancuda, ela arrancou-a de volta por cima da cabeça, enrolou e jogou-a.

— Não. Eu terminei com Chaz porque ele é um babaca cabeça oca!

— Mas...

— Jacqueline. — ela fez um gesto como uma policial de trânsito assinalando Pare. — Não o diga. Eu terminei com Chaz porque ele provou o que era importante para ele. Irmãos antes de vagabundas. Bem, foda-se isso. Eu não vou vir em segundo para um bando de amigos idiotas, e com certeza não vou vir em segundo por um babaca que insulta todas as mulheres. Além disso... Isso nunca seria uma coisa permanente, certo? Quem faz isso na faculdade, afinal?

Ela caminhou em volta e inspecionou a gaveta do topo de seu pequeno guarda-roupas, ostensivamente procurando por uma blusa que-não-seja-de-Chaz. Eu ouvi um suspiro murmurado e sabia que estava chorando. Maldito Chaz! Maldito Buck! Maldito Lucas/Landon/quem diabos ele seja!



O lugar das Aulas de Autodefesa para Mulheres era uma das salas de aula do primeiro andar do prédio de atividades. Nós encontramos a sala e atirei meu copo de café no lixo do corredor, Erin bocejando depois de uma noite sem dormir, a qual eu sabia porque sua falta de descanso, agitação e fumaça me mantiveram acordada. Por volta das 4 da manhã, ela engatinhou para minha cama, se curvando em uma posição fetal contra mim enquanto eu afastava seu cabelo do rosto. Felizmente, ela tinha caído no sono quase imediatamente, e eu tinha seguido o exemplo.

— Ei. Aquele não é...? — Erin falou sem mover seus lábios, como ventríloquo. Vestido com uma calça preta de moletom e blusa preta, Lucas estava na frente da sala com dois homens mais velhos.

— Sim. — Sussurrei enquanto nós sentávamos nos nossos lugares e olhei para os pacotes de materiais do curso, cuja capa mostrava um homem atacando uma mulher que estava em posição defensiva. — Erin, eu não acho que posso fazer isso.

— Sim, você pode. — Ela reagiu, tão rápido que devia estar antecipando minha resposta.

— Bom dia, senhoritas! — O homem menor começou, silenciando qualquer protesto de mim. — Sou Ralph Watts, o Chefe Auxiliar da Polícia do campus. Esse cara de aparência fraca à minha esquerda é o Sargento Dan, e o feio é o Lucas, um dos nossos oficiais de execução de estacionamento. — Todo mundo riu, enquanto Don e Lucas eram de longe fracos e feios. — Nós estamos satisfeitos que vocês tenham aberto mão das manhãs de sábado para aumentar seu conhecimento de segurança pessoal.

Eu arrisquei um olhar para Erin quando ela me acotovelou.

— Oficial de execução de estacionamento? Jesus, quantos trabalhos ele tem? — Ela murmurou pela lateral da boca.

— Nem me fale! — Murmurei de volta. Ela nem sabia do trabalho de tutor.

— Poderia ser quente... — Ela sussurrou. — Especialmente se há um uniforme. Ou algemas.

Eu suspirei.

Olhando em volta do semicírculo de cadeiras dobráveis, eu notei que havia apenas uma dúzia de nós, um mix de estudantes, professores e pessoal da administração. A mais velha era uma mulher negra com cabelos brancos que tinha que ter a idade da minha avó. Eu disse a mim mesma que se ela poderia vir aqui e aprender como chutar a bunda de potenciais estupradores, eu também poderia.

Mesmo se Lucas estivesse do outro lado da sala, alternadamente me encarando e evitando meu olhar completamente.

Na primeira hora e meia, os princípios básicos de autodefesa foram discutidos. Ralph nos disse que 90% da autodefesa envolve redução de riscos de ataque em primeiro lugar.

— Em um mundo ideal, nós poderíamos ir para nosso trabalho sem temer ou ser assaltado. Infelizmente, esse ideal não é representação da nossa realidade.

Meu rosto queimou, eu lembrei de Lucas me censurando por andar pelo estacionamento escuro atrás da casa da fraternidade e mandando SMS, ao invés de prestar atenção à minha volta. Eu circulei 90% com tinta azul até que escureci as palavras do outro lado. Mas então eu lembrei a última coisa que ele disse naquela noite: —*Não foi sua culpa.*

Fomos encorajadas a propor sugestões de segurança, e escrever sobre trancar portas, andar ou se exercitar com um amigo, usar sapatos que não impeçam de correr. A sugestão de Erin de —Evitar Idiotas era popular.

— Três coisas são necessárias em um ataque: um atacante, uma vítima, e um propósito. Remova a oportunidade e você dará um grande passo em reduzir a probabilidade de assalto. — Ralph bateu as mãos juntas de uma vez. — Certo, vamos ter um pequeno intervalo, e quando nós voltarmos, será hora de dar alguns chutes

na bunda que vocês garotas se escreveram para infligirem em Don e Lucas.

Capítulo 11

— Muitas de vocês provavelmente estão convencidas de que sem arma, você não tem esperança contra um homem agressivo. — Ralph falou do lado oposto do lugar onde Don e Lucas se encaravam. O resto de nós nos espalhamos pela extremidade do tapete, preparadas para ver o que quer que estavam a ponto de fazer. Lucas ainda não tinha reconhecido a minha presença.

— A verdade é, vocês tem várias armas à sua disposição, e nós vamos lhe mostrar como utilizá-las para sua maior vantagem. Grande, quero dizer que o Don aqui será o assaltante, e Lucas, com todo esse cabelo bonito, será a vítima.

Risadas se espalharam de várias garotas que estavam próximas a Lucas quando ele prendeu os lábios juntos em uma bem humorada irritação e tirou seu cabelo escuro de seu rosto.

— Suas armas são suas mãos, pés, joelhos e cotovelos, e sua cabeça, e eu não me refiro ao que está apenas dentro, embora isso também venha ao jogo. Sua testa e nuca, quando entram em contato com algumas áreas suscetíveis do seu atacante, podem deixá-lo vendo estrelas. — Usando Don como exemplo, ele apontou para os pontos vulneráveis óbvios (Sim, Erin assobiou quando ele indicou a virilha), e então as áreas menos óbvias, como o peito do pé e o antebraço.

Ralph anunciou os movimentos que Lucas usou para se defender enquanto Don atacava várias vezes em golpes coreografados, o tempo decorrido foi para demonstrar claramente o que eles estavam fazendo. Eu me senti desesperançosa, por incrível que pareça, enquanto assistia eles. O corpo musculoso de Lucas foi treinado para executar aqueles bloqueios e golpes, para absorver bofetadas de um atacante. Eu assisti ele chutar a bunda de Buck, quando eu mal poderia expulsá-lo tempo suficiente para gritar, para deixar algum dano.

— O objetivo aqui é não bater no cara. — Ralph sorriu para o resmungo decepcionado de Erin. — Nosso objetivo é te dar tempo para escapar. Dar o fora é o seu objetivo.

Nós nos dividimos em pares para praticar bloqueios de pulso e desvio de golpes. Os três instrutores circularam a sala, dando auxílio e reposicionando. Eu estava aliviada quando Don caminhou para ver Erin e eu enquanto estávamos revezando tapas em câmera lenta.

— Mantenha seus olhos no atacante. — Ele me lembrou. Se virou para Erin. — Ponha mais entusiasmo nesse ataque. Ela pode bloqueá-la.

Eu fiquei chocada quando descobri que ele estava certo. Erin quase me atingiu pela segunda vez porque eu estava tão surpresa que eu tinha completamente bloqueado seu primeiro golpe.

Don acenou.

— Bom trabalho!

Nós sorrimos estupidamente uma para a outra e trocamos a posição de atacante e vítima.

— Então quando chegamos aos chutes? — Erin perguntou.

Don balançou a cabeça e acenou.

— Eu juro, há sempre um em toda aula. Chutes serão os próximos. — Ele apontou para ela. — E eu vou fazer se você está de acordo de ser Lucas para isso.

Ela colocou um rosto inocente.

— Nós não vamos todos usar aquela roupa do homem Michelin?

— Sim... Mas aquela proteção não bloqueia tudo.

— Heh heh. — Erin disse, e Don levantou uma sobrancelha para ela.

Olhei em volta durante o exercício, observando Lucas com uma dupla de garotas.

— Assim? — Uma delas perguntou, piscando para ele como se soubesse que a posição de sua mão estivesse errada.

— Não... — Ele virou a palma dela e ajustou seu cotovelo. — Assim. — Sua voz era quase inaudível com todos os socos, bloqueios e risos escandalosos para uma sala grande. Mesmo assim, eu senti suas palavras como suaves carícias em minhas costas. Eu mal conseguia conectar esse cara, seu cabelo despenteado, suas tatuagens, a pura sexualidade na forma em que andava e no baixo tom de sua voz, com Landon, um engenheiro sênior que disse ou escreveu que meu ex era um idiota e me provocou com uma orquestra de estudantes de 14 anos se apaixonando por mim. Enquanto me ajudava a passar em uma aula que eu teria falhado sem ele.

Eu estava atraída por ele todo, cada lado incongruente com o outro. Mas o ele todo também era um mentiroso. O fato que nosso professor o chamou por um diferente nome do que o Assistente Chefe da Polícia era perplexo também. O prefácio de seu e-mail oficial era LMaxfield. Não ajuda.

Ele olhou para cima e me pegou encarando-o, e pela primeira vez naquela manhã, nenhum de nós desviou o olhar até Erin dizer:

— J... Presta atenção! Apenas tente me atingir. — Eu quebrei o olhar e me virei para ela. Ela se moveu para me encarar, suas costas para Lucas, e rolou os olhos. — O conceito de se fazer de difícil completamente escapou de você? — Sussurrou. — Deixe. Ele. Caçar.

— Não estou mais jogando esse jogo.

Ela olhou por cima do ombro e voltou.

— Amiga, eu não acho que ele saiba disso.

Encolhi os ombros.

Nós praticamos posições defensivas e ataques simples de mão, e embora eu me sentisse boba no começo, Erin e eu estávamos pouco tempo depois gritando: —Não! — Juntamente com os nossos colegas, e empurrando a parte carnuda da palma de nossas mãos

para o outro nos queixos ou batendo um punho (muito lentamente) para baixo um no nariz da outra.

— A última coisa de hoje será defesa no chão. Nós iremos assistir Don e Lucas ilustrar a primeira posição de defesa, e então cada par venha pegar um tapete e vamos circular enquanto vocês praticam.

Lucas ficou com o rosto para baixo no tapete e Don se ajoelhou por cima dele, segurando-o com seu peso. Meu coração disparou e minha respiração ficou irregular, apenas assistindo. Eu não queria estar nessa posição novamente. Eu não conseguiria na frente dos alunos. Eu não conseguiria na frente de Lucas.

Erin desenrolou seu pulso com os dedos e pegou minha mão.

— J, você tem que fazer isso. Você será o atacante primeiro. Ficaré tudo bem.

Balancei a cabeça.

— Eu não quero! É muito parecido com... — Engoli.

— É exatamente por isso que você tem que fazê-lo. — Antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, ela apertou minha mão. — Ei, me ajuda a fazer isso, tudo bem? E então veremos como você se sente.

Acenei.

— Tudo bem.

Ajudei Erin, mas eu podia me fazer de vítima apenas uma vez. Eu fiz os movimentos, e desacomodei ela facilmente. Como uma ex líder de torcida, Erin era forte, mas ela não era Buck. Eu não tinha esperança que esse movimento fosse deslocar alguém com seu tamanho e força.

Eu não podia olhar para Lucas, não durante esse exercício final, e não com o que aconteceu.



— Tem certeza que não quer ir? Eu poderia te usar para me impedir de utilizar aqueles movimentos que aprendemos essa manhã com Chaz, se ele tiver bolas para aparecer nesta festa.

Olhei para cima, do romance que estava lendo, porque Landon ainda não tinha me enviado o projeto de economia de volta (engraçado como eu continuava a pensar sobre ele em termos de Lucas e Landon), e eu fui estranhamente pega no trabalho de casa. Minha colega de quarto nunca tinha entendido minha compulsão para ler quando eu tinha tempo livre, especialmente se haviam eventos sociais no campus para se ocupar.

— Não, Erin, eu realmente não quero ir para uma coisa de irmandade, acredite ou não. Sem mencionar o fato de que ninguém estaria feliz em me ver lá.

Com as mãos no quadril ela se inclinou para mim.

— Você está provavelmente certa. Mas você está indo comigo na Festa de Fraternidade daqui algumas semanas, certo? As vadias não tem nada a dizer sobre eu levar você, então, aplica-se as regras da fraternidade, adicional de bebidas e gatas são bem vindos.

— Aww, que doce e de modo algum humilhante.

Ela riu enquanto ela colocava seus saltos plataforma.

— Eu sei, tá? São um bando de idiotas. — Seu sorriso falhou. — Sério, eu poderia usar uma proteção entre eu e Chaz esta noite. Não que ele vá, você sabe, me incomodar. Mas eu conheço algumas garotas que estavam apenas esperando que eu saísse do caminho. Elas estarão nele como carrapatos em um cachorro do campo, e eu realmente não quero ver isso.

Eu acenei.

— Eu entendo, e eca para esse visual... Embora seja revoltantemente apropriado. Você não pode simplesmente pular esse negócio da Fraternidade? Você poderia estar com gripe Asiática. Ou Malária. Eu confirmo.

Jogando seu cabelo por cima do ombro, agarrou a bolsa e caminhou para a porta como uma modelo de passarela, sem um leve balançar.

— Não. É um grande negócio. Além disso, terei que encarar isso alguma vez. E ainda, eu já confirmei nós duas. E eu tenho algumas semanas para me preparar mentalmente. — Abriu a porta. — Nós vamos fazer compras poderosas depois do intervalo. Farei aquele babaca morder sua própria mão essa noite, maldição.

Enquanto a porta se fechava, meu celular indicou um nova SMS.



Lucas: Você ainda quer ver o desenho?

Eu: Sim.

Lucas: Esta noite?

Eu: Tudo bem.

Lucas: Eu estarei fora de seu dormitório em 10 minutos? Coloque seu cabelo para trás e use algo quente.

Eu: Você não está trazendo para cá?

Lucas: Eu estou levando você até ele. A menos que você não queira.

Eu: Vou descer, mas preciso de 15 minutos.

Lucas: Vou esperar. Sem pressa.

Eu corri pelo quarto como uma pessoa insana, tirando meus pijamas de flanela e colocando um sutiã limpo e calcinhas da limpeza-não-arrumada pilha da lavanderia. Roupas quentes... Suéter? Não. Jeans. Pretas da UGG. O suave suéter safira que fazia Erin dizer: *Isso faz com que seus olhos se destaquem.* Depois de escovar

os dentes, escovei o cabelo e amarrei na nuca, embora não soubesse o porquê.

Agarrando minha jaqueta preta de lã no caminho para a porta, eu deixei o prédio pela saída principal. Não tinha ido às escadas desde que Buck me pegou lá, mesmo quando significava passos a mais.

Lucas estava no meio-fio, inclinando-se contra uma moto, braços cruzados em seu peito. Junto com suas conhecidas botas e jeans, ele usava uma jaqueta marrom escura que fazia seu cabelo parecer negro. Me observando com aqueles olhos luminosos, seu olhar não vacilou de mim, não importava a distração de sábado à noite com barulhos de moradores indo e vindo. Ele não escondeu a varredura de cima a baixo sem pressa que deixou parte de mim derretida e desejando que me tocasse como havia me tocado no quarto.

Engolindo o caroço em minha garganta, eu lembrei da sua trapaça numa tentativa falha de apagar o desejo se espalhando em mim como lava, em câmera lenta, pesada e quente. Meu medo sobre sua moto ajudou a amenizar algum grau. Eu nunca tinha estado em uma antes, e não podia dizer se tinha alguma vez querido mudar o fato. Quando eu andei para ele, ele segurou um capacete extra.

— Acho que essa é a razão pela orientação sobre o cabelo. — Eu disse, pegando o capacete e examinando-o hesitante.

— Você poderá soltar quando chegarmos ao meu lugar se quiser. Eu não sabia se você queria colocá-lo por baixo do capacete... Ou deixar solto e deixá-lo todo emaranhado do passeio.

Balancei a cabeça, pensando se precisava desfazer as tiras completamente ou apenas afrouxá-las.

— Nunca estive em uma moto antes?

Do canto dos meus olhos, eu vi Rona e Olivia saírem do prédio atrás de um grupo de garotos. As duas garotas pararam e encararam Lucas, e então para mim, enquanto eu fingia não notá-las.

— Hum. Não...

— Me deixe te ajudar com isso, então.

Depois, eu coloquei a alça da minha bolsa por cima da cabeça e posicionei-a cruzando meu peito, ele pegou o capacete e colocou em minha cabeça, fixando a tira embaixo do meu queixo.

Senti-me uma boneca que balança a cabeça.

Uma vez que estávamos com capacetes e na moto, coloquei meus braços em volta dele e uni minhas mãos em seu abdômen, maravilhada com o quão firme era.

— Segure-se. — Ele disse, empurrando o suporte de apoio lateral. Sua sugestão foi desnecessária enquanto o motor rugia com vida, eu tinha um aperto mortal em seu torso, minha frente inteira pressionada seguramente contra suas costas, meu queixo encolhido e meus olhos pressionaram fechados. Eu tentei imaginar que estava em uma montanha russa, perfeitamente a salvo e presa em um carrinho ao invés de me empurrando pelas ruas em frágeis 227 kg ou então de metal e borracha, esperando que uma SUV com um bêbado não furasse o sinal vermelho e nos pegasse.

A corrida para sua casa, um apartamento em cima de uma garagem, levou menos de 10 minutos. Minhas mãos estavam dormentes com a combinação de agarrar uma com a outra e o ar frio de novembro correndo por elas. Enquanto as esfregava juntas, ele estacionou a moto na sessão pavimentada entre a garagem e as escadas abertas antes de se virar para pegar minhas mãos na dele, uma de cada vez, e massageá-las.

— Eu devia ter te lembrado de usar luvas. — Eu tirei minha mão da dele e aponte para a casa não muito longe dali. — Seus pais moram ali?

— Não. — Ele se virou para subir a escada de madeira e eu o segui. — Eu aluguei o apartamento.

Ele abriu a porta para um enorme estúdio com parede, mas sem porta, definindo o que eu assumi ser o quarto no canto direito. Uma

pequena cozinha aberta estava na esquerda, um banheiro entre os dois. No sofá, um grande gato laranja malhado me observou com uma felina característica de indiferença antes de descer e seguir para a porta.

— Esse é o Francis. — Lucas abriu a porta e o gato caminhou preguiçosamente para fora, parando para limpar uma pata.

Eu ri, me movendo para o centro do aposento.

— Francis? Ele parece mais como... Max. Ou talvez King.

Ele fechou e trancou a porta, o fantasma de um sorriso levantando o canto da boca.

— Confie em mim, ele é superior o suficiente sem o nome masculino.

Ele tirou sua jaqueta enquanto cruzava o quarto em minha direção, e eu o encarei, começando a sabotar minha jaqueta.

— Nomes são importantes. — disse.

Ele acenou, deixando cair seus olhos em meus dedos.

— Sim. — Eu empurrei os botões grandes demais através dos buracos lentamente, de cima para baixo, como se não houvesse nada debaixo. Deslizando seus polegares por dentro da gola, ele puxou a jaqueta de meus ombros, seus polegares escovando os braços do meu suéter.

— Macio.

— É cashmere. — Minha voz estava quase sem fôlego, e embora eu quisesse seguir com meu discurso sobre nomes, queria pressioná-lo para saber por que ele estava me enganando, não conseguia jorrar as palavras da minha garganta.

O casaco caiu pelas pontas dos meus dedos e ele se virou, colocando-o em cima de sua jaqueta.

— Eu tinha um motivo escondido para trazê-la aqui.

Eu pisquei.

— É mesmo?

Fazendo uma careta, pegou minhas mãos.

— Eu quero te mostrar algo, mas eu não quero que você pire. — Ele suspirou. — Essa manhã, a última coisa, a defesa no chão... — Ele me olhava de perto, e eu tentei olhar para outro lugar, qualquer lugar fora de seus olhos, porque meu rosto estava queimando, humilhada, mas eu não conseguia tirar meus olhos dos dele. — Eu sei que você não acreditou que isso iria funcionar. Eu quero mostrar que vai.

— O que quer dizer com me mostrar?

Suas mãos apertaram as minhas.

— Eu quero te ensinar exatamente como executar. Aqui. Com mais ninguém olhando.

Foi a réplica da posição em si, mas também o pensamento de que ele me observava que tinha sido tão enervante essa manhã, mas ele não podia saber disso.

— Confie em mim, Jacqueline. Vai funcionar. Você me deixará te mostrar?

Eu acenei.

Ele me direcionou para o centro do espaço no chão, me puxou para baixo de joelhos ao seu lado.

— Deite-se de barriga para baixo. — Coração batendo forte, eu obedeci. — A maioria dos homens não tem treinamento de artes marciais e tudo isso, então eles não serão capazes de realizar os movimentos corretamente. E mesmo aqueles que fizerem não estarão esperando o que você irá fazer. Lembre-se do que Ralph disse, a chave é fugir. — Eu acenei, minha bochecha no carpete, meu coração batendo contra o chão. — Você se lembra dos movimentos? — Balancei a cabeça, fechando os olhos. — Está tudo bem. Eu poderia dizer que você estava pirando na aula. A sua amiga fez a coisa certa, não forçando você. Eu não quero forçá-la, também. Eu só quero te ajudar a sentir o controle.

Tomei uma profunda inspiração.

— Tudo bem.

— Se você se encontrar nesta posição, você irá querer fazer esses movimentos automaticamente, sem perder tempo ou energia tentando afastá-lo.

Eu endureci enquanto ele sem avisar usou o nome de Buck^{11}.

— O que?

— Era o seu nome. Buck.

O ouvi inalar, como se estivesse tentando manter o controle.

— Eu me lembrarei disso. — Ficou em silêncio por um momento.

— O primeiro movimento parece contraproducente porque não fornece alavanca. Mas aí que está a coisa, você está tirando a alavanca dele. Escolha o lado que você quer rolar, e coloque este braço reto e para fora, como se você estivesse de pé e alcançando o teto. — Coloquei meu braço esquerdo pra cima como ele havia dito. — Bom. Agora, com seu outro braço, você dá a si mesma uma alavanca, e você já tira o equilíbrio precário dele. Palma aberta no chão, cotovelo para cima. Empurra pra baixo e role para o seu lado, projetando ele para longe. — Eu segui suas instruções, fáceis para fazer sem peso algum em cima de mim. — Podemos tentar? Eu empurrarei seus ombros para baixo e usarei o meu peso para segurá-la. Se você tiver um problema, apenas diga e eu estou fora. Tudo bem?

Lutei contra o pânico.

— Tudo bem.

Sua sutileza enquanto se ajoelhava por cima de mim, segurando meus ombros para o chão, era tão contrária à violência de Buck que eu quase chorei. Ele se abaixou sobre mim, sua respiração em minha orelha.

— Braço esticado. — Eu obedeci. — Palma estendida, e empurre forte, e role para seu lado. — Eu fiz como ele disse, e ele caiu para fora. — Perfeito. Vamos tentar novamente.

Nós fizemos os movimentos de novo, e de novo, e de novo, e cada vez ele estava mais forte e difícil de deslocar, mas ainda, eu o jogava, toda vez. Até eu erradamente empurrar com meus quadris, tentando levantar.

Ele exalou duramente.

— Isso não funcionará, Jacqueline, embora seja uma resposta natural para algo não desejado em cima de você. A única forma segura de expulsar um homem nesta posição é rolando para o lado. Eu sou muito forte para você me empurrar pra cima. Você tem que lutar com essa tendência.

Finalmente, tentamos com mais realidade do que qualquer outro momento. Ele me impulsionou pra baixo, e meu braço disparou para cima e para fora, mas eu tive dificuldade em libertar minha mão para alavancar. Finalmente, eu troquei de braço e consegui colocar minha outra palma no chão, impulsionei e rolei, jogando-o fora e para o lado.

— Merda! — Ele riu, me encarando enquanto estávamos no chão.
— Você trocou de lado comigo!

Eu sorri para seu elogio, e seu olhar moveu para os meus lábios.

— Essa é a parte onde você levanta e corre como o inferno. — Sua voz era rouca.

— Mas ele não vai me perseguir?

Ficamos deitados em nossos lados, dois pés de tapete entre nós, nenhum fazendo movimento para levantar.

Ele acenou.

— Ele deve. Mas a maioria desses caras não quer desafiar a presa. Apenas poucos irão atrás de você, se você correr gritando.

— Ah.

Ele se esticou, pegando minha mão.

— Era suposto que eu lhe mostrasse o desenho, eu acho.

— Então não parecerá como se você tivesse me trazido sob completas falsas pretensões?

Seus olhos brilharam e minha respiração parou.

— Eu realmente quero que você veja o desenho, mas eu admito que isso é secundário para o que acabamos de fazer. Você se sente mais confiante agora, isso deve funcionar?

— Sim.

Ele se inclinou para cima em seu cotovelo, fechando a distância entre nós, impulsionando sua mão contra meu cabelo, movendo-a para cima para segurar meu rosto.

— Eu tinha outro motivo oculto para trazê-la aqui. — Inclinando-se lentamente, seus lábios se encontraram com os meus e o fogo, que tinha se tornado brasa desde que ele tinha deixado meu quarto na semana anterior, flamejou. Eu abri minha boca e sua língua pressionou para dentro, encontrou-se com a minha e a tomou. Virando sua cabeça, ele moveu sua boca sobre a minha, sugando meu lábio inferior, acariciando-o com sua língua e libertando-o para dar atenção ao de cima. Sua língua passou pelo espaço sensível acima dos meus dentes superiores e eu ofeguei.

E então suas mãos começaram a se mover.

Capítulo 12

Deitando minha cabeça contra seu ombro, ambas as mãos deslizavam por meus quadris, encorajando-me a aproximar até que não houvesse espaço entre nós. Seus lábios continuaram o movimento contra mim, duro e doce, e minha cabeça flutuou enquanto ele passava sua língua pela minha boca, sua mão agarrou minha coxa, mergulhando entre as dele para que nossas pernas estivessem cruzadas juntas. Eu me inclinei contra ele e ele gemeu, uma mão massageando meu quadril e a outra se elevando contra meu suéter, dedos quentes se espalharam em minhas costas.

Um dos meus braços esmagado entre nós, eu coloco o outro contra o seu peito, dedilhando a abertura da frente de sua blusa de flanela, secretamente deslizando os botões pelos buracos, sentindo a variação entre a superfície lisa e a textura irregular da camisa de malha térmica abaixo dela. Camisa desabotoada, tirei-a de lado e deslizei minha mão contra seu quente e duro estômago. Ele prendeu a respiração e me afastei para me apoiar no meu cotovelo e olhar para baixo para ele.

— Quero ver suas tatuagens.

— Você quer, hein? — Seus olhos queimaram nos meus. Quando eu acenei, ele retirou sua mão do meu suéter e sentou-se, levantando uma sobrancelha para mim quando ele olhou para sua camisa desabotoada. Meu rosto se aqueceu com seu sorriso e ele riu, tirando a camisa e jogando-a de lado.

Alcançando atrás de seu pescoço, ele removeu a camisa de malha térmica branco da forma como os garotos fazem, empurrando para frente por cima de sua cabeça, sem se preocupar se a maquiagem se arruinaria, ou se o blush iria manchar. Ele deixou cair sua camisa, do avesso, em cima da de flanela, e deitou novamente no chão, oferecendo-se para minha inspeção.

Sua pele era macia e bonita, seu torso dividido com definições de músculo e ornamentado com as duas tatuagens que tinha visto no meu quarto, um confuso design octogonal no lado esquerdo, e quatro linhas escritas na direita. Havia outra, uma rosa em cima de seu coração, as pétalas em vermelho escuro, o caule verde levemente curvado. Em seus braços eram a maioria desenhos e padrões, finos e negros como trabalhado em ferro.

Corri meus dedos por cada uma, mas ele não se virou e eu não pude ler as linhas do poema que se contorciam por seu lado esquerdo. Parecia com um poema de amor, e senti ciúmes pelo que quer que tenha inspirando-o a tamanha devoção, que o fez deixar tais palavras permanentes. Imaginei que a rosa representasse ela também, mas eu não podia perguntar.

Quando meus dedos trilharam por seu abdômen para a linha de pelos descendo seu umbigo, ele se sentou.

— Sua vez, eu acho.

Confusa, eu disse:

— Eu não tenho nenhuma tatuagem.

— Eu já sabia. — Ele se levantou e me alcançou uma mão em minha direção. — Você quer ver o desenho agora?

Eu senti que deveria voltar com algo inteligente, como devo chamá-lo de Lucas ou Landon na cama? Mas eu não pude dizer. Me estiquei e peguei sua mão, e ele me levantou com facilidade. Sem soltar minha mão, ele se virou em direção ao quarto, e o segui.

A tênue luz externa do quarto iluminava os móveis e a parede adjacente a sua cama, onde pelo menos vinte ou trinta desenhos estavam grudados. Ele acendeu a luz e eu vi que a superfície inteira da parede estava coberta com cortiça. Eu imaginei se ele teria instalado, ou se estava aqui quando ele esteve procurando um lugar para morar, ele soube imediatamente que aquilo devia ser para ele.

As duas paredes cortinadas estavam pintadas com um cinza claro simples, e seus móveis eram negros e em nada como um típico

garoto universitário, da cama Queen-size até a sólida mesa e cristaleira.

Me movi em direção ao espaço entre sua cama e a parede de desenhos, procurando por mim, mas distraída pelos outros, cenas familiares como horizonte do centro da cidade, rostos desconhecidos de crianças e homens idosos, e alguns de Francis descansando.

— São incríveis!

Ele veio para ficar ao meu lado quando meus olhos encontraram o meu rosto entre os outros. Ele escolheu um comigo de costas, olhando para ele. Seu posicionamento estava a baixo, no lado direito da parede. Aparentemente, este local de exibição indicaria menor importância, mas eu estava agudamente consciente de onde ele estava localizado em relação à sua cama — em frente ao seu travesseiro.

— *Quem não gostaria acordar e olhar para isso?* — Ele disse.

Eu sentei em sua cama, olhando para isso, e ele se sentou também. Eu estava abruptamente ciente de seu peito nu, e seu relato no outro quarto: — *Sua vez, eu acho.* Me virando para ele, eu vi que ele estava me observando.

Eu estive tão certa de que esse tipo de momento iria conjurar memórias debilitadas de Kennedy, de seu beijo, de nossos anos juntos. Mas a verdade era, eu não sentia sua falta. Eu não podia cavar uma única causa de dor. Eu imaginei se eu estava anestesiada pelo pesar de perdê-lo, que seria preocupante ou se eu tinha chorado tanto e sofri tão profundamente no passado nas últimas semanas que tinha acabado. Acabado com ele.

Lucas se inclinou para mim e a bolha de Kennedy estourou inteiramente. Sua respiração em meu ouvido, ele correu sua língua pela beira curvada, sugando o lóbulo e meu pequeno brinco de diamante, e meus olhos se fecharam enquanto eu murmurava um som de lembranças nostálgicas. Tocando o nariz em meu pescoço, ele deixou um gentil beijo, sua mão vindo para segurar o peso da minha cabeça, que tinha caído para o lado. Seu peso deixou a cama

enquanto ele se ajoelhava no chão e retirava minhas botas antes de tomar seu lugar e tirar as suas próprias.

Seus lábios brincaram com os meus, e ele me puxou para o centro da cama me deixando reta. Eu abri meus olhos quando ele recuou e me encarou.

— Diga para parar, a hora que quiser parar. Entendeu? — Acenei.
— Você quer parar agora?

Minha cabeça se moveu para os dois lados do travesseiro.

— Graças a Deus! — Ele disse, sua boca retornando para a minha, sua língua mergulhando para dentro enquanto eu cavava meus dedos por seus braços sólidos. Eu acariciei sua língua com a minha, sugando-a profundamente contra minha boca, e ele gemeu, puxando o suficiente para me levantar levemente e tirar meu suéter. Provocando um dedo por meu sutiã, ele seguiu a curva com seus lábios.

Quando eu empurrei contra seu ombro, ele parou, seus olhos sem foco. Empurrei-o de costas e montei-o, sentindo-o duro e pronto através de nossas calças jeans. Suas mãos alisaram a minha cintura e me puxaram para baixo, e nos beijamos profundamente enquanto eu balançava contra ele. Minutos mais tarde, ele arrancou as presilhas de meu sutiã e puxou as alças pelos meus braços. Não tinha saído completamente antes que ele me deslizasse para cima e pegasse um mamilo com a boca.

— Oh! — Eu arfei, ficando mole em seus braços.

Nós rolamos de novo e eu estava debaixo dele, suas mãos traçando e circulando, seguido por sua boca. Então ele desabotoou minha calça e tocou o zíper e tudo caiu em torno de mim.

Eu tirei minha boca da dele.

— Espere.

— Parar? — Ele ofegou me observando.

Mordi meu lábio e acenei.

— Parar com tudo, ou simplesmente não ir mais longe?

— Apenas... Não mais. — Sussurrei.

— Feito. — Ele reuniu-me em seus braços e me beijou, uma mão enrolada no meu cabelo e a outra acariciando as minhas costas, nossos corações pulsando uma cadência que o músico em mim traduziu como um concerto de luxúria.



Mantive meus olhos abertos no caminho de volta. Olhando por cima do ombro de Lucas, eu vi o cenário voar e era estimulante, não assustador. Eu confiei nele. Eu tinha, desde a primeira noite, quando eu o deixei me levar para casa.

Kennedy não teria parado dessa forma. Não que ele tivesse me forçado ou chegado perto de fazer. Se eu pedisse que parasse, ele pararia e se afastaria, com a mão cobrindo seu rosto, se acalmando e dizendo: *Deus, Jackie, você vai me matar!* Depois disso, não haveria atividade física, sem beijar, sem tocar. E eu sempre me sentia culpada.

Eu pensei que a culpa iria embora uma vez que estávamos dormindo juntos, porque era raro quando eu pedia um adiamento do sexo, mas de qualquer coisa, minha auto repreensão era pior. Ele pararia, abruptamente, como se o machucasse. Era tudo ou nada. Ele respiraria fundo, colocaria em um jogo ou canal de surf, ou iria arranjar algo para comer. E eu iria me sentir como a pior namorada do mundo.

Lucas continuou o amasso por mais uma hora. Antes que tivesse acabado, ele deslizou sua mão entre minhas pernas, por cima dos jeans.

— Está tudo bem? — Ele perguntou, e com a minha resposta afirmativa sem ar ele acariciou seus dedos lá enquanto nos

beijávamos profundamente, e de alguma forma me fez gozar através do tecido grosso. Eu estava chocada, e um pouco envergonhada, mas um olhar em seu rosto me disse que saboreou a resposta do meu corpo, e sua habilidade de estimular isso. Ele não iria me deixar retornar o favor.

— Me deixa com algo por esperar. — Ele sussurrou.

Agora ele estava me deixando na frente do meu prédio, totalmente acordada pela estrada fria, embora ele tenha posto minhas mãos embaixo de sua jaqueta durante a viagem, para que não congelassem. Ele colocou os capacetes e suas luvas de lado e me puxou para mais perto, suas mãos embaixo da minha jaqueta, por cima do meu suéter.

— Você gostou do desenho?

Eu assenti.

— Sim. Obrigada por me mostrar seus desenhos... E o movimento de defesa.

Descansando sua testa na minha, ele fechou os olhos.

— Mmm-hmmm. — Ele beijou a ponta do meu nariz, e então moveu seus lábios nos meus.

Quase doeu beijá-lo, quase. Suspirei em sua boca.

— É melhor você entrar antes... — Ele me beijou de novo, mais faminto, e enrolei minhas mãos entre nós contra seu peito duro.

— Antes...?

Ele inalou e exalou, sua boca em uma linha apertada, suas mãos agarrando minha cintura.

— Exatamente. Antes.

Beije a margem de sua mandíbula e me afastei.

— Boa noite, Lucas!

Ele permaneceu inclinado contra a Harley e me observou.

— Boa noite, Jacqueline!

Subi as escadas, e não até que chegasse a porta olhei para cima e vi Kennedy parado lá no topo das escadas, ele estreitou os olhos curiosos piscando entre eu e Lucas.

— Jackie. — Ele me encarou enquanto me aproximava dele. — Eu vim, pensei que pudéssemos conversar. Mas Erin disse que você não estava, e que não tinha certeza se você iria voltar.

Eu tinha deixado um bilhete dizendo a Erin onde eu estava. Ela deve ter esfregado minha noite contra a cara de Kennedy. Ele olhou em direção ao meio-fio, mas eu não me virei para ver se Lucas ainda estava lá ou tinha ido.

— Porque não mandou SMS antes? Ou ligou?

Ele deu os ombros, penteando seus cabelos da testa com uma mão, a outra estava no bolso da frente de seus jeans.

— Eu estava no prédio.

Angulei minha cabeça.

— Você estava no prédio, e pensou em passar e que eu estaria em meu quarto? — Eu tinha planejado estar no meu quarto, mas isso não vinha ao caso.

— Não, claro que não assumi que você estaria lá. — Ele recuou. — Eu esperava que estivesse. — Olhou para o meio-fio de novo. — Esse... Cara está esperando você ou algo assim?

Virei-me então e vi Lucas, os braços cruzados em seu peito, ainda inclinado contra sua moto. Eu não podia distinguir seus traços faciais dessa distância, mesmo com as luzes em torno do dormitório. Mas sua linguagem corporal falava muito. Levantei uma mão e acenei, para deixá-lo saber que eu não estava em perigo.

— Não. Ele estava me deixando.

Após um sorriso de desdém em direção a Lucas, Kennedy virou seus afiados olhos verdes para mim.

— Ele não olha como se ele entende o conceito de —cair fora — se você me perguntar.

— Bem, não te perguntei. O que você quer, Kennedy?

Algum garoto indo para dentro chamou.

— K-Moore!

E Kennedy o cumprimentou levantando o queixo antes de me responder:

— Eu disse a você, eu queria conversar.

Cruzei meus braços, começando a sentir o frio no ar que não tinha sentido pressionada contra Lucas.

— Sobre o que? Você já não disse o que tinha que ser dito? Você quer me desvalorizar mais? Porque eu tenho que te dizer, eu não estou realmente passível para isso.

Ele suspirou como se tolerasse algum tipo de desabafo desesperado, uma consequência familiar de eu ser inflexível, suas palavras, que eu tinha visto muitas vezes nos últimos três anos. Eu tinha esquecido isso até vê-lo novamente.

— Não há necessidade de ser inflexível. — Ele disse então, como se estivesse lendo minha mente.

— Sério? Eu acho que há várias razões pela minha inflexibilidade. Ou teimosia. Ou obstinação. Ou determinação.

— Eu entendo, Jackie.

Minhas mãos ficaram feito punhos em meus quadris.

— É Jacqueline.

Ele se aproximou, seus olhos chamejando. Por um segundo, pensei que ele estava com raiva, mas não era raiva em seus olhos. Era desejo.

— Eu entendo, Jacqueline. Eu te machuquei. E eu mereço tudo que está dizendo, e tudo o que sente. — Ele levantou sua mão para meu rosto e eu recuei, fora de seu alcance, meus pensamentos caóticos. Deixando sua mão cair, ele adicionou: — Sinto sua falta!

Capítulo 13

Estalando minha boca fechada, eu girei para passar meu cartão e entrar no dormitório, e Kennedy seguiu-me pela porta. Virei-me para dizer-lhe que não queria falar e vi Lucas agarrando a porta antes que ela estalasse fechada. Pisando ao meu lado, ele olhou para o meu ex e o ar estava carregado entre eles no momento que Kennedy virou e o notou.

— Você está bem, Jacqueline? — Lucas perguntou, seus olhos nunca vacilando do meu ex.

— Lucas... — Eu comecei a reiterar verbalmente que Kennedy não era uma ameaça física para mim quando ele bufou uma risada arrogante, olhando para Lucas.

— Espera, você não é aquele cara da manutenção? Aquele que reparou o ar condicionado na casa? — Ele olhou para mim, e de volta para Lucas. — O que a administração pensaria de você farejando os alunos?

O olhar no rosto de Lucas era assassino, mas ele se manteve firme, sem reação, ignorando a pergunta de Kennedy como se ela não tivesse sido feita. Ele virou os olhos para mim, esperando pela minha resposta.

— Eu estou bem! Eu prometo. — Eu segurei minha respiração, esperando que ele acreditasse em mim. Pessoas perto da porta já estavam empurrando uns aos outros e sussurrando.

— Você está ficando com esse cara, também? — Kennedy interveio.

— Também? — Eu perguntei, mas eu sabia o que ele queria dizer antes que ele confirmasse.

— Além de Buck.

Os limites da minha visão se fecharam.

— O que?

Kennedy pegou meu braço logo acima do cotovelo, como se quisesse acompanhar-me para longe, e a mão de Lucas disparou, agarrando-lhe o pulso e tirando sua mão de mim facilmente.

— Que porra é essa? — A voz de Kennedy era um rosnado baixo quando ele puxou seu braço das mãos de Lucas. Ele colocou-se um pouco na minha frente, enfrentando Lucas, e todos, avaliando o espetáculo em desenvolvimento e olhando ainda boquiabertos. Os dois pareciam equilibrados, mas eu sabia da competência de Lucas em primeira mão, Kennedy ia perder, e Lucas seria expulso.

Dei um passo em volta do meu ex e coloquei a mão em seu antebraço. Estava duro como uma rocha sob meus dedos.

— Kennedy, saia.

— Eu não vou deixar você com esse...

— Kennedy, saia!

— Ele é um homem de manutenção, Jackie!

— Ele é um estudante, Kennedy! — Eu decidi não assinalar que Lucas estava na nossa turma de Economia, caso ele o reconhecesse como o tutor de turma e relatasse que ele estava comigo.

Kennedy inclinou a cabeça, sua expressão transformando em preocupação, ligeiramente a testa franzida, os olhos procurando os meus.

— Nós vamos conversar na próxima semana. Quando estivermos em casa. — Seu significado foi claro e dirigido a Lucas. Nós dois estávamos prestes a passar vários dias em nossa cidade natal, onde ele teria acesso irrestrito a mim, sem o incômodo de interferência.

Eu queria dizer a ele que eu não tinha nada para lhe dizer, não agora ou depois, mas a minha mandíbula estava apertada com tanta força que eu não podia falar. Ainda insegura do que eu estava fazendo, mesmo durante as férias de Ação de Graças, eu ignorei sua implicação de que estaria sozinha em seguida. Judiciosamente, ele não tentou me tocar de novo, embora sua expressão letal

combinado com a de Lucas quando eles se encararam. Eu não soltei o ar até que ele passou pela porta.

Curiosa decepção era palpável. Alguns pendurados em volta para ver se não haveria consecutivo bônus entre Lucas e eu. A adrenalina estava claramente ainda bombeando através dele, seu corpo estava tenso, como o fio rígido de minhas cordas do contrabaixo, e quando coloquei uma mão em seu antebraço, estava como granito sob camadas de couro e flanela.

— Eu estou bem, sinceramente. — Eu suspirei pesadamente. — Bem, como quão bem eu posso estar depois disso. — Eu olhava para ele. — Exatamente quantos empregos você tem, afinal? Barista, guru de autodefesa, o cara da manutenção, oficial de fiscalização de estacionamento e, a propósito, isso significa que você me deu o bilhete que eu tenho da primavera passada por dois míseros minutos de estacionamento duplo quando eu corri para a biblioteca para devolver um livro?

Seus ombros relaxaram com o meu tom de provocação, e fui recompensada com o fantasma sorriso.

— Eu não testemunho contra mim mesmo. Eu escrevo um monte de bilhetes de estacionamento. A, hum, coisa de manutenção é raro. E eu ofereço o tempo para a aula de autodefesa.

O que eu tinha deixado fora desta lista, e que ele não acrescentou: tutor de economia.

— Eu acho que devemos acrescentar mais um, hein? — Eu disse, olhando-o de perto. Ele tinha um rosto soberbo de jogador de poker. Nenhum tipo de reação. — Defensor pessoal de Jacqueline Wallace? — O leve sorriso apareceu novamente. — Outra posição voluntária, Lucas? — Eu perguntei timidamente, sobranceiras subindo. — Como você vai ter tempo para estudar? Ou qualquer coisa divertida?

Suas mãos me alcançaram, segurando meus quadris e me puxando para a frente. Ele olhou para mim, sua voz baixa.

— Há algumas coisas que eu arranjo tempo para fazer, Jacqueline. — Inclinando-se, beijou o local bem em frente da minha

orelha, o local que fez a minha respiração ir curta. E, em seguida, virou-se e correu para sua moto, deixando-me de pé na entrada. Uma vez que ele estava fora da piscina de luz ao redor do prédio, eu não poderia vê-lo. Virei-me e caminhei para o meu quarto num torpor.



Jacqueline,

O seu trabalho é bom. Pesquisa sólida. Acho que o Dr. H ficará satisfeito com ele. Eu notei algumas pequenas inconsistências, e um lugar que você pode ter deixado de fora uma citação. Fora isso, eu acho que é válido, o argumento bem fundamentado.

Anexei a planilha para a sessão de amanhã. Você está recuperada agora, e parece que você tem uma boa compreensão sobre o novo material, mas vou continuar a enviar as planilhas para as duas últimas semanas de aula, se você quiser. Eu suponho que você está indo para casa durante as férias? Eu vou para casa quarta de manhã. Não há Wi-Fi lá, então eu vou estar fora de comunicação até domingo.

LM

Landon,

Parece que posso conseguir me sair bem neste trabalho, o que é um alívio. Agradeço pela ajuda. Sim, por favor, continue a enviar as planilhas.

Meus pais estão indo esquiar nas férias, mas eu prefiro ir para casa por alguns dias e sair com velhos amigos do que ficar aqui no campus. Eles estarão embarcando com Coco, o cachorro da mamãe é um pouco mal-humorado, assim deve ser tranquilo e pacífico.

Você está voando para casa? Me lembro de você dizer que estava sem carro.

JW

Jacqueline,

Seus pais vão esquiar e não levarão você? Você vai ficar em casa sozinha no dia de Ação de Graças?

Estou pegando uma carona com alguém com um carro. Minha casa não é longe, mesmo que pareça em outro mundo, às vezes.

LM

Landon,

Meus pais pensaram que eu estaria no meu ex. Nós tínhamos equilibrado os últimos dois anos em vez de tentar juntar as duas refeições familiares; este era o seu ano. A família da minha melhor amiga estará na cabana de seus avós fora de Boulder, e eu não estou com vontade de ser mais um fardo para qualquer um. Eu prefiro ficar sozinha. Isso é estranho, né?

JW

Jacqueline,

Não é estranho para mim. Mas talvez eu seja apenas estranho, também, e eu não sabia. Eu vou sentir falta dos seus e-mails.

LM

Landon,

Idem. Tenha um bom descanso.

JW



Eu não podia olhar para Lucas durante a aula de segunda-feira sem pensar na noite de sábado. Seus olhares disfarçados me fizeram pensar que ele estava tendo o mesmo problema. Depois que eu peguei ele com um olhar penetrante na parte de trás da cabeça de Kennedy, não me virei de volta. Quando a aula acabou, Kennedy virou e sorriu para mim. Eu forcei meus lábios em uma linha e me virei de costas para ele para arrumar minhas coisas. Esta classe, este semestre não poderia terminar tão cedo, por razões demais para contar.

— Posso apenas dizer: seu ex é lindo, mas ele parece um ignorante vaidoso. — Benji amontoou seu caderno em uma mochila que parecia que poderia entrar em erupção com papéis soltos a qualquer momento.

Eu fechei a minha mochila.

— Sim, ele realmente é. — Esperamos por Kennedy antes de seguir para o corredor, e eu evitei fazer contato com os seus olhos. Eu estava mais do que um pouco preocupada com a sua afirmação de que iríamos conversar enquanto estivéssemos em casa, eu não poderia imaginar o que ele poderia ter para dizer que eu gostaria de ouvir.

Seguindo nossos colegas até os degraus, todos animados com a antecipação do longo fim de semana, Benji me disse que estaria voando para casa em Geórgia e saindo com seu pai, o único membro de sua família que ele não tinha contado.

— Mamãe soube que eu era gay desde que eu tinha 13.

Eu estava preocupada por ele.

— Será que o seu pai está... Chateado?

Ele sorriu.

— Eu acho que ele sabe. Ele apenas não tem certeza se isso significa que eu estou indo mostrar-me em um vestido ou algo assim. — O pensamento de Benji em um vestido não era uma imagem bonita, e eu não conseguia segurar minha risada. Ele também riu, acrescentando: — Eu sei, certo?

Lucas tinha ido embora, ou assim eu pensei, até Benji e eu sairmos para o corredor ocupado e vemos ele encostado na parede, perto da porta do lado que eu geralmente tomo para escapar do prédio. Ele nos viu aproximar, mas ele parecia perfeitamente consciente de todos os outros também. Imaginei-o olhando para o Dr. Heller.

— Você ainda não disse a ele que você sabe, não é? — Benji perguntou, falando do canto de sua boca. — Eu balancei a cabeça. — Não o faça sofrer muito. Ele parece meio que vulnerável.

Eu ri.

— Certo. Um cara durão, musculoso assim, que é treinado para bater nas pessoas e mente sobre quem ele é para as meninas, é tão vulnerável!

Ele apertou meu braço um pouco acima do cotovelo e sorriu.

— Ou ele é um babaca para disputar com todos os babacas antes dele, ou há uma razão para essas mentiras.

Eu suspirei.

— Eu queria ser um leitor de mente.

— Você não iria depois de saber o que tem lá dentro.

— Se eu soubesse.

Benji deu de ombros de acordo e desviou-se para o longo corredor que leva à saída sul, voltando-se para me chamar:

— Tenha um bom descanso, Jacqueline!

— Você também!

Cheguei até Lucas e ele virou-se para me seguir, inclinando-se para empurrar a porta aberta.

— Posso te ver hoje à noite? — Ele murmurou.

Eu me perguntava se eu estava virando um *booty call*^{12}. Ou se isso é tudo o que sou para ele, se esse era o seu motivo para não me dizer que ele era Landon Maxfield.

— Eu tenho um teste amanhã de astronomia. Nós temos um grupo de estudo em nosso quarto hoje à noite.

Olhei para ele, caminhando ao meu lado, com as mãos enfiadas nos bolsos da frente da calça jeans. Seu olhar varrendo continuamente ao longo da multidão de pessoas, como se ele estivesse em guarda.

— Amanhã à noite? — Ele olhou para mim quando nos aproximávamos do prédio, e notei que ele parecia saber exatamente onde eu estava indo.

— Eu tenho um ensaio de conjunto amanhã. Eu costumo passar as manhãs de domingo na sala de música, mas eu perdi ontem. — Eu não tinha contado para Lucas que tocava baixo. Eu tinha dito a Landon.

— Você dormiu? — Eu balancei a cabeça. — Eu também.

Chegámos à entrada e parei ao lado da porta.

— Eu tenho que começar a embalar meu baixo, também, porque estou levando para casa comigo. — Esperando para ver se ele reagiria, eu vi seus olhos, que combinava com a cor azul cinzento do céu nublado quando seu olhar vagou sobre os rostos que nos cercavam. — Eu vou ter muito tempo para ensaiar durante as férias.

— Quando você vai sair da cidade? — Ele sacudiu o cabelo de seus olhos, evitando o assunto do meu instrumento completamente.

— Quarta de manhã. Você?

— O mesmo. — Ele mudou de posição, nervoso, o lábio inferior preso entre os dentes, e então, de repente, ele se estabeleceu e se acalmou. Seus olhos encontraram os meus, inabalável. — Me mande um SMS se você tiver terminado cedo. Ou se mudar de planos. Caso contrário, eu vou te pegar depois das férias. — Ele levantou o ombro

sobre o qual a sua mochila estava pendurada, e acrescentou: — Até mais tarde, Jacqueline. — Antes de virar e se misturar com o fluxo de alunos, sua cabeça escura ressaltando-se da maioria deles.



— Espera aí. Então, o cara-tutor Landon e o gostoso OFBB Lucas são o mesmo cara? — Os olhos de Maggie estavam tão redondos com o choque que eu podia ver todo o caminho branco em volta da sua íris marrom clara.

— O que eu não entendo é por que você não o chama nessa merda imediatamente. — Erin tinha o rosto de participante de talk-show. A qualquer momento, ela iria me chamar de cabeça dura e começar a contar o chute na bunda que ela daria se estivesse no meu lugar. Desde que ela tinha terminado com Chaz, ela era muito menos tolerante com caras pisando fora da linha. Ou parecendo.

Eu bufei um suspiro e desejei nunca ter contado a elas.

— O que aconteceu com amordaçá-lo-em-um-saco^{13}, o rebote e a fase de operação bad boy? — Nós três sentamos em um edredom no chão do quarto, bebendo café e comendo biscoitos, textos de astronomia e notas espalhadas por toda a nossa volta, intocados pela última meia hora conforme discutimos Landon/Lucas em vez de gigantes de gás e navegação celestial.

— Ele deveria ser seu sexo sem compromisso. Não o contrário. — A voz de Erin ressoou com autoridade.

— Sim. — Maggie opinou. — Por que você não manda um SMS a ele dizendo que você quer se encontrar mais tarde?

Revirei os olhos.

— Porque eu tenho um exame às 09h30min da manhã, que nós deveríamos estar estudando agora. E também, eu acho que preciso de um pouco de distância...

Erin olhou para mim.

— Oh não, você está ficando emocionalmente envolvida, não é?

Deitei-me com as mãos cobrindo o rosto.

— Ughhhh!

— A propósito, falando de sexo sem compromisso, o que é isto que ouvi sobre você e Buck? Ele é definitivamente o material bad boy, — Maggie refletiu. — Você adicionou ele ao estábulo de OFBB sem nos dizer?

Eu dei um olhar suplicante para Erin entre meus dedos.

— Buck é cheio de merda. Você sabe disso, Maggie. — Ela zombou.

Maggie assentiu.

— Verdade... Além disso, fiz sexo com ele no ano de caloura. Ele não era muito bom, desde que me lembro. Muito babão. — Ela estremeceu. — O que há com beijadores babões? Eles estão tentando afogar-nos na saliva? Quer dizer, Jesus, ora, então engula!

Sua mão apertando meu ombro, Erin riu, e enquanto eu podia ouvir o toque artificial nela, Maggie não o fez. Eu sabia onde a mente de Erin estava indo. Eu não tinha lhe dado muitos detalhes, e ela não tinha pedido qualquer. Foi difícil o suficiente para falar sobre aquela noite em generalidades. O ponto era o que tinha acontecido, e o que quase tinha acontecido, não os detalhes dele.

— Então você não está saindo com ele? — Maggie pressionou. Ela estava apenas curiosa, mas irritou ter o meu nome junto com Buck de qualquer forma.

— Como Erin disse, ele é cheio de merda! — Eu estava curiosa. Tão mórbido, talvez. — Por quê? Ele está dizendo alguma coisa sobre mim?

Ela encolheu os ombros.

— Trisha disse que o namorado de sua irmã mais nova, disse que Buck está incomodando Kennedy sobre isso. Esses dois são como

aquelas cabras grandes que batem cabeças sobre as cabras garotas. Eu acho que Buck ainda está irritado que ele era legado e Kennedy mesmo assim venceu-o para presidente da fraternidade.

Essa foi a complicação que não conseguia me lembrar antes, o conflito inicial mais importante entre eles. O início de sua fraternal estranha rivalidade. Eu fiz uma careta.

— Mas Kennedy era legado, também.

Maggie lambeu migalhas de biscoito de seus dedos.

— Sim, mas Buck era legado e seu pai era presidente da fraternidade. Ele pensou que estava obrigado a isso.

Sentei-me, tornando-me furiosa quando as motivações de Buck ficaram mais claras. Suas razões para me machucar eram nada mais do que provocar o meu ex.

— E que se traduz na necessidade de Buck em espalhar mentiras que eu estou transando com ele? — Sem mencionar o fato de que ele realmente me agrediu.

— Eu não disse que fazia qualquer sentido.

Erin puxou as notas em seu colo.

— Ok senhoras, quais as constelações que nós pensamos que vamos ter de traçar na parte do gráfico estrela deste teste?

Dando a minha melhor amiga um olhar grato pela mudança de assunto, eu empurrei os pensamentos sobre Buck tão longe de minha consciência como eu poderia conseguir fazer.

Capítulo 14

Depois de três meses fora, a casa cheirava engraçado. Como o cachorro... Combinado com a colônia Chanel que mamãe sempre usava, além de alguns outros indefiníveis perfumes que minha mente classificou como casa. Mesmo assim, foi estranho. Eu não pertencia mais inteiramente aqui, e meu corpo sabia.

Eu arrastei meu baixo dentro, ainda aninhado em segurança no seu estojo com rodas de viajar. Sem meus pais e sem Coco, havia pouca razão para movê-lo mais longe do que a sala de estar. Eu coloquei-o contra a parede, onde ficou como outra peça de mobiliário. As luzes da casa estavam marcadas pelo temporizador, uma vez que mamãe e papai já tinham ido embora. Eu decidi deixá-los ir e ficarem fora à vontade, com exceção da iluminação da cozinha e as lâmpadas no meu quarto, que provavelmente não estariam de outra maneira.

Havia comida na despensa e freezer, mas quase nada na geladeira. Meus pais tinham limpadado todas as coisas perecíveis antes de sua viagem, não sabendo que eu estava voltando para casa hoje à noite, já que eu nunca disse a eles. Mamãe me mandou um SMS anterior que estavam embarcando em seu avião, acrescentando: —*Divirta-se com Erin. Vamos nos ver no mês que vem.* Sem nunca ter verificado novamente meus planos, ela de alguma forma, chegou à conclusão que eu estava indo para casa com a minha companheira de quarto.

Eu aqueci uma caixa de lasanha vegetariana orgânica para o jantar, e tirei uma empada de peru do congelador e coloquei na geladeira para o meu almoço de Ação de Graças. Havia meio pacote de salgadinhos no freezer, também, e eu encontrei uma garrafa fechada de coquetel de cranberry na despensa. Coloquei-a na geladeira. Tah-Dah! Ação de graças para um.

Depois de assistir a algumas reprises de comédia, eu desliguei a televisão, deslizei a mesa de centro de nogueira de seu ponto perfeitamente centrado no tapete tibetano feito à mão, e desembalei meu baixo. Improvisando com uma estante de plantas quando eu não conseguia encontrar minha estante para partitura, eu corri para o início de uma peça Prelúdio que eu tinha começado a compor para o meu solo de fim de ano.

A última coisa que eu esperava ouvir enquanto escrevia uma anotação pessoal era a campainha. Eu nunca tive medo de ficar em casa sozinha, mas depois eu nunca tinha estado tão completamente sozinha aqui antes. Eu debati fingir que ninguém estava em casa, mas é claro que quem estava lá me ouviu tocando, e ouviu-me parar. Eu coloquei o baixo de lado e me arrastei até a porta sólida, ficando na ponta dos pés para olhar pelo olho mágico.

Kennedy estava de pé, sorrindo diretamente para mim, iluminado pelo brilho das luzes duplas da varanda. Ele não podia me ver, é claro, mas ele respondeu muitas vezes esta porta e sabia a visão do interior quase tão bem quanto eu. Destravei e abri a porta, mas nada se moveu.

— Kennedy? O que você está fazendo aqui?

Ele olhou para trás e ouviu o silêncio absoluto da casa.

— Os seus pais estão fora?

Eu suspirei.

— Eles não estão aqui.

Ele franziu a testa.

— Não estão aqui esta noite, ou não estão aqui no feriado?

Eu tinha esquecido o quão prontamente Kennedy poderia apontar o que não foi dito. Essa característica provavelmente era responsável pela maior parte das vitórias nos seus debates.

— Eles não estão aqui de qualquer forma, mas por que você está aqui?

Ele se inclinou com um ombro no batente da porta.

— Eu mandei primeiro um SMS, mas você não respondeu. — Eu provavelmente não tinha ouvido o alerta de texto. Pouco podia ser ouvido sobre o som do meu baixo, uma vez que eu comecei a tocar. — Durante o jantar, a mamãe lembrou-me de ter a certeza de que eu pegue você antes da 13h00min, e sim, isso significa que eu nunca disse a eles que terminamos. Comecei esta noite, e então eu pensei que poderia ter um refúgio com Evelyn e Trento. Onde eles estão afinal?

Eu ignorei sua pergunta. Eu não pude deixar de notar que ele disse que terminamos como se o nosso rompimento foi uma decisão mútua. Como se eu não tivesse sido a idiota pega de surpresa na equação.

— Você quer que eu vá para o almoço de Ação de Graças e finja que está tudo bem, só assim você não tem que contar a seus pais que terminamos?

Ele sorriu apenas o suficiente para fazer a covinha aparecer.

— Eu não sou esse grande covarde. Eu posso dizer-lhes, se quiser, e dizer que eu te convidei para vir como uma amiga. Mas não temos que revelar qualquer coisa a eles, se você não quiser. Confie em mim, eles são muito esquecidos para pegar qualquer coisa. Meu irmão pequeno teve o hábito de fumar maconha por mais de um ano, festejou tanto que ele ia deixar a maior parte da irmandade com vergonha, e eles não têm ideia.

— Você não está preocupado com ele?

Ele deu de ombros.

— Suas notas ainda são decentes. Ele está apenas entediado. Além disso, ele não é meu filho.

— Mas ele é seu irmão mais novo. — Eu só entendia relacionamentos entre irmãos na teoria, já que eu nunca tinha tido um, mas eu assumi que a lógica ditaria algum senso de responsabilidade. Kennedy parecia sentir nenhum.

— Ele não ouviria nada do que eu tenho a dizer.

— Como você sabe? — Eu pressionei.

Ele suspirou.

— Eu não sei. Talvez porque ele nunca ouve. Vamos lá. Venha amanhã. Eu vou buscá-la logo antes das 13h00min. Vai ser melhor do que... Qualquer coisa que seja congelada que você tinha planejado para microondas?

Revirei os olhos e ele riu.

— Eu ainda não entendo por que você não disse a eles. Já faz mais de um mês.

Ele deu de ombros novamente.

— Eu não sei. Talvez porque eu sei o quanto minha família te ama. — Isso foi besteira. Eu levantei uma sobancelha para e ele riu. — Ok, bem, eles estavam acostumados com você, acostumados a nós. Eu acho que você disse a seus pais?

Eu enrolei meus dedos dos pés no chão de mármore frio, o frio do lado de fora penetrando na entrada.

— Eu disse à mamãe. Eu suponho que ela disse a meu pai. Pareciam vagamente irritados, embora eu não saiba se o aborrecimento foi dirigido a você por terminar comigo ou por eu não ter conseguido segurar você. — Eu queria me beliscar pelas palavras desanimadas que fez soar como se eu estivesse ansiando por ele.

Na realidade, minha mãe e eu tínhamos revisto a briga que tivemos quando eu disse a ela meus planos para a faculdade. Ela não tinha aprovado, alegando que as garotas inteligentes forjam seus próprios caminhos educacionais, não seguem seus namorados do ensino médio para a faculdade. — *Mas faça o que quiser. Você sempre faz*, ela disse, me seguindo até meu quarto. Nós não havíamos discutido novamente até Kennedy romper comigo. — *Eu acho que não faz nenhum bem agora salientar que eu estava certa sobre ele*, ela suspirou ao telefone. — *E sua decisão imprudente de segui-lo até aí*. Sempre que eu parecia ter ganhado um argumento,

mamãe diria algo como: —*Até os relógios quebrados estão certo duas vezes por dia.* Eu tinha jogado este pedaço de sabedoria de volta em seu rosto, e, assim como ela tinha quando eu anunciei meus planos para a faculdade, ela deu um suspiro como se eu fosse irremediavelmente ignorante e largou o assunto. Mal ela sabia que, naquele momento, eu concordei com ela completamente, por uma vez. Seguindo o meu namorado para a Estadual foi, possivelmente, a coisa mais estúpida que eu já tinha feito.

Kennedy ficou com os polegares enganchados através do passador de seu cinto, olhar arrependido.

— Eu suponho que você não tenha planos para ter a ceia de Ação de Graças com a família de Dahlia, ou Jillian, ou você já teria dito isso.

Preferindo esperar até que as festividades do feriado acabassem, eu ainda não liguei para meus amigos da escola para que eles soubessem que eu estava em casa. Jillian tinha reprovado da LSU no final do primeiro ano, depois que ela se mudou para casa para treinar para a gestão na Forever 21 e ficou noiva de um cara que conheceu numa joalheria do shopping. Dahlia estava no segundo ano de seu curso de enfermagem em Oklahoma. Nós todos crescemos à parte desde a graduação. Era estranho, sentir-me alheia a cada uma delas agora, quando fomos inseparáveis durante quatro anos de ensino médio.

Recentemente Dahlia teve sua reunião de graduação de enfermagem em um estado vizinho, e Jillian tinha uma listra azul no cabelo, um trabalho de tempo integral e um noivo. Ambas ficaram chocadas quando Kennedy e eu terminamos. Elas estavam entre os primeiros SMS e chamadas, solidarizando ou tentando, mesmo que não tivéssemos estado perto em mais de um ano. Eu esperava que pudéssemos sair e esperava que não discutíssemos de forma repugnante sobre Kennedy.

— Eu não tenho planos com ninguém. Eu pensei que seria bom estar em casa sozinha. — Eu enfatizei a última palavra, olhando para ele.

— Você não pode ficar aqui sozinha na Ação de Graças.

Eu odiava a pena subjacente à sua hipótese, e eu olhei para ele.

— Sim, eu posso.

O verde-escuro de seus olhos examinaram meu rosto.

— Sim, você pode. — Ele concordou. — Mas não há nenhuma razão para que você fique. Podemos ser amigos, certo? Você sempre será importante para mim. Você sabe disso.

Eu então não sabia disso. Mas, se eu dissesse que não, se eu insistisse em ficar na casa dos meus pais sozinha e comer uma empada de peru do microondas na Ação de Graças, isso seria como se eu não pudesse esquecê-lo. Como se estivesse tão danificada que não pudesse estar perto dele.

— Tudo bem. — Eu disse, quase imediatamente lamentando.



— Então, você e o pedaço inútil de merda do meu irmão voltaram, ou o quê? — Carter perguntou, em voz baixa.

Se ele não fosse tão grande, Carter teria sido uma cópia carbono de seu irmão mais velho, mesmos olhos verdes e juba de cabelo loiro sujo. Mas enquanto Kennedy era alto e magro, Carter surgiu com a mesma altura, mas com a cintura e músculos de um running back. Tendo o conhecido desde que ele era um magrelo de 14 anos de idade, quando Kennedy ainda se erguia sobre ele, sua transformação foi alucinante. Lembrei-me dele como um garoto quieto e carrancudo, eclipsado por seu irmão mais velho. Ele tinha claramente acabado com aquela fase.

Olhei para trás de nós quando fomos pôr a mesa, aliviada que não havia mais ninguém por perto.

—Não.

Ele seguiu atrás de mim, colocando garfos em cima dos guardanapos que eu dobrava.

— Muito ruim para ele. — Meus olhos se arregalaram um pouco com isso, e quando eu olhei para ele, ele sorriu. — O quê? Qualquer um pode ver que você é muito boa para ele. Então, por que você está aqui?

— Hum, obrigada! É que os meus pais foram para Breckenridge. Ele recuou, espantado.

— Porra, você está falando sério? E eu pensei que meus pais eram os maiores idiotas nesta cidade!

Eu não podia deixar de sorrir, embora eu reprimi tanto o quanto possível. Carter sempre pareceu próximo ao incontrolável e emocional para o resto de sua lógica e racional família. Eu nunca tinha pensado o tão estranho que ele deve ter se sentido com eles, o filho do meio entre o impetuoso Kennedy e sua irmã mais nova, Reagan, que deu a impressão de que ela tivesse nascido uma contadora de 30 anos de idade.

— Linguagem, Carter. — Kennedy disse, dobrando a esquina.

— Foda-se, Kennedy! — Carter respondeu, sem perder uma batida.

Foi totalmente impossível conter minha reação. Meu queixo estava como pedra na tentativa, mas escapou um pequeno suspiro, que ganhei um grande, sorriso cheio de potência de Carter. Ele piscou para mim antes de se dirigir apressadamente para a cozinha para ajudar sua mãe. Eu pisquei, imaginando que as pobres garotas na minha antiga escola secundária devem entrar em colapso contra os armários quando ele acaba de passar.

Kennedy estava carrancudo.

— O que aconteceu com —*ele não é meu filho?* — Eu perguntei, colocando a última colher antes de me virar para ele. — É bom para repreendê-lo por falar —*porra*, mas você lava suas mãos em ajudá-lo

chutar um suposto problema com drogas? — Eu definitivamente estava pedindo por isso. Discutir com Kennedy era insuperável.

Ele inclinou a cabeça.

—Bom ponto.

Eu pisquei de novo, pensando que os meninos Moore estavam indo me chocar até a morte na hora que eu sair da cidade.

Grant e Bev Moore foram tão alheios como Kennedy tinha prometido. Eles não pareceram detectar o ar tenso entre seu filho e eu as quatro horas que passei com eles, ou a ausência de nossas habituais demonstrações públicas de afeto. Ele não colocou um braço nas costas da minha cadeira durante a refeição, e embora tenha empurrado a minha cadeira quando me sentei, como ele tinha sido criado para fazer, ele não beijou meu rosto ou pegou minha mão. Quando Reagan com seus acentuados 13 anos de idade estreitou os olhos em nós, eu fingi não perceber seu escrutínio. Carter, claro, riu e flertou comigo escandalosamente, tentando me fazer rir e irritar seu irmão. Ele foi bem sucedido em ambos os casos, enquanto seus pais não discerniram nada.

Não nos tocamos, exceto pela pressão de sua perna contra a minha, Kennedy e eu sentamos lado a lado para ver um jogo de futebol na tela plana de alta definição na parede, que deixou Carter tão furioso que ele levantou-se e amaldiçoou a tela algumas vezes, que sua família inteira, todos os quatro, com calma repreenderam-no. Na segunda vez, ele saiu da sala e se foi por vários minutos. Do jeito que ele flexionou sua mão quando ele voltou, eu tive a sensação de que ele foi para o seu quarto bater em alguma coisa.

Assim quando Kennedy entrou no estacionamento da minha casa para me deixar, eu pulei para fora do carro, agradecendo-lhe por me convidar e deixando claro que eu ia para dentro sozinha. Ele sorriu com força.

— Deveríamos sair sábado. Eu vou te ligar. — Felizmente, ele não fez nenhum movimento para sair do carro.

Como se ele não tivesse sugerido nada, agradei-lhe novamente e disse adeus. Uma vez dentro, eu o observei de uma janela com cortinas. Ele olhando pensativamente para a porta da frente fechada por um minuto antes de arrancar o telefone e ligar para alguém quando ele se afastou dirigindo.



Depois de fazer planos para sexta-feira à noite com Dahlia e Jillian, eu pratiquei meu baixo na sala de estar até a lâmpada programada do temporizador desligar pouco antes de 11 horas.

Rindo na escuridão, apoiei meu instrumento contra a parede por instinto, e coloquei o arco em uma prateleira de uma estante próxima. Meu telefone se iluminou no estande de plantas, sinalizando um SMS, e eu fiquei no escuro, lendo e respondendo.

Lucas: Quando você vai estar de volta no campus?

Eu: Provavelmente domingo. Você?

Lucas: Sábado.

Eu: Drama familiar?

Lucas: Não. Minha carona precisa voltar logo.

Lucas: Deixe-me saber se você estiver de volta mais cedo. Eu quero ver você.

Lucas: Eu preciso desenhar você novamente.

Eu: Ah?

Lucas: Tenho feito por um par de memórias, mas elas não estão a mesma coisa.

Lucas: Não consegui obter a forma de sua mandíbula. A linha de seu pescoço.

Lucas: E seus lábios. Eu preciso passar mais tempo olhando para eles e menos tempo provando-os.

Eu: Eu não posso dizer que concordo com esse conceito.

Lucas: Mais de ambos, então. Mande-me um SMS quando você voltar.

Ok, então dormir estava fora de questão.

Reli o texto enquanto lembranças furtivas de seus lábios ondulavam através de mim, acendendo pequenas chamas de desejo que cresceram e se fundiram com as minhas lembranças da noite de sábado reproduzidas em detalhes gráficos. Em pé no escuro, eu fechei os olhos.

Eu deveria estar furiosa ou pelo menos desconfiada, com que Lucas/Landon estava interessado, mas tentar desenvolver alguma indignação com seu pecado de omissão, eu simplesmente não podia. Concluí que eu estava com sobrecarga de ressentimento entre Kennedy e Buck, e em comparação, Lucas parecia mais um enigma do que um risco. Meu plano para ele, afinal, tinha sido usá-lo como, Operação Fase Bad Boy, e não era como se eu tivesse sido totalmente clara sobre isso.

Tentando conseguir lidar com as minhas reflexões voláteis, peguei uma garrafa de água na geladeira e subi as escadas para o meu quarto, o único lugar ainda aceso em toda a casa.

Quando eu chequei o meu e-mail, vi que havia um de LMaxfield entre as ofertas de crédito e informações sobre lista de e-mail, e meu coração deu um salto aumentando o ritmo. Ele enviou esta tarde, horas antes de nossa troca de SMS. Fora da faculdade, eu estava começando a ligar o meu tutor com Lucas, o Lucas que falou comigo através desse pseudônimo de Landon. Eu queria saber por que, mas eu não queria perguntar, queria que ele me dissesse.

Jacqueline,

Eu descobri que o Bait & Tackle adicionou café e Wi-Fi, juntamente com um novo nome para promover esses recursos inovadores. Joe (o proprietário) não se preocupou em fazer uma placa nova, ele apenas fixou uma placa caiada antiga com a original. Agora na placa pintada à mão lê-se:

Bait & Tackle & Coffee, e em —café, diz —& Wi-Fi.

Eles têm três pequenas mesas e algumas irregulares cadeiras estofadas em floral, como no Starbucks, como se tivesse sido decorado com móveis de venda de jardim da avó de alguém. É o único lugar na cidade que está aberto hoje, por isso está lotado. O café não é realmente horrível, mas essa é a melhor recomendação que eu posso honestamente dar. E, previsivelmente, o lugar inteiro cheira a peixe, tipo que deprecia o ambiente do pretendido bistrô.

Será que o seu dia saiu como o planejado?

Você está trancando e ligando o alarme da sua casa toda noite, certo? Eu não quero ser insolente, mas você disse que estava indo para casa sozinha.

LM

Landon,

Sim, eu sou amplamente qualificada em trancar à noite. O sistema de alarme de última geração está totalmente ligado. (E eu não estou ofendida. Agradeço a preocupação.)

Passei o dia no meu ex. Seus pais não têm ideia de que terminamos, ele nunca disse a eles, por algum motivo. Foi estranho. Eu não sei por que eu deixei ele me convencer a ir. Ele quer me ver sábado para —conversar. Posso voltar para o campus cedo. Eu ainda não decidi.

Eu vou sair com minhas amigas amanhã, assim deve ser mais divertido.

E a sua família? O que você fez?

JW

Eu não tinha certeza de quando receberia a minha resposta, desde que ele precisava do Bait & Tackle & Coffee & Wi-Fi para o sinal. Depois de uma noite agitada que se arrastou, deixando-me mais esgotada, fiz café e olhei meu e-mail da faculdade. Sem surpresa, não havia nada de novo de

LMaxfield na minha caixa de entrada. Eu pensei sobre o SMS de Lucas, mas o que eu posso dizer? Que eu me virava na cama à noite toda, pensando em suas mãos em mim?

Capítulo 15

Quando eu parei para abastecer na metade do caminho para o campus, enviei um SMS para Kennedy dizendo-lhe que eu decidi voltar mais cedo. Meu telefone tocou antes mesmo de eu sair para a interestadual. Kennedy. Eu respirei fundo e desliguei o rádio antes de atender.

— Você já saiu? Eu pensei que você fosse embora amanhã. Eu pensei que nós íamos conversar esta noite.

Eu suspirei, querendo bater a cabeça no volante, o que não era a melhor ideia dirigindo a mais de 100 km/h.

— Eu não entendo do que é que você quer falar, Kennedy. — Eu me perguntei se ele tinha sido cego para quantas vezes eu estava pronta e disposta a falar, e as inúmeras de chances que ele descuidadamente ignorou.

— Eu acho que eu cometi um erro, Jackie. — Interpretando errado o meu silêncio atordoado, ele acrescentou: — Eu quero dizer Jacqueline. Desculpe, acho que vai levar um tempo...

— O que você quer dizer com cometeu um erro?

— Nós. Terminarmos.

Fiquei em silêncio de novo, as palavras grudando em mim enquanto eu tentava entendê-las, engolindo-as em seco. Eu tinha evitado as fofocas do campus, tanto quanto possível, mas eu ouvi e vi o suficiente para saber que Kennedy não tinha sido nenhum santo nas semanas que passamos separados. Ele também não tinha falta de candidatas dispostas. Mas garotas dispostas a partilhar a sua cama não são iguais as garotas dispostas a suportarem o seu instável humor de merda, ouvirem seus exaustivos pareceres jurídicos, ou apoiarem os objetivos da sua vida, da maneira que alguém que ama você faria. Não, esse tinha sido o meu papel. E eu tinha sido demitida dele.

— Por quê?

Ele suspirou e eu imaginei o que eu sabia que ele estava fazendo, olhando para o teto, penteando o cabelo da testa e deixando a mão lá, cotovelo dobrado. Ele não conseguia esconder seus maneirismos habituais de mim, mesmo ao telefone.

— Por que eu cometi um erro, ou por que eu acho que foi um erro? — Eu sabia, também, que responder a uma pergunta com outra pergunta era a sua maneira de ganhar tempo enquanto ele considerava sua saída de uma situação problemática. — Essa conversa teria sido mais fácil pessoalmente...

— Nós estávamos juntos há quase três anos e você terminou comigo, mesmo sem... Não havia... — Eu estava esbravejando. Eu parei e respirei fundo. — Talvez não tenha sido um erro.

— Como você pode dizer isso? — Ele se atreveu a soar magoado.

— Oh, eu não sei! — Retruquei. — Talvez da mesma forma que você terminou tão facilmente em primeiro lugar.

— Jackie...

Meus dentes rangeram.

—Não. Me. Chame. *Assim!*

Ele ficou em silêncio, e tudo o que eu ouvia era o ruído da estrada enquanto a minha caminhonete comia os quilômetros de nada entre a última cidade e a próxima. A maioria dos campos de ambos os lados da estrada estavam inativos, dada à época do ano, mas uma enorme colheitadeira verde estava fazendo o seu caminho através de um campo de algodão, e eu olhava para ela. Não importa o que aconteceu a qualquer indivíduo, a vida estava acontecendo em outros lugares. Na primeira vez que Kennedy me beijou, era lógico que ao mesmo tempo, outras pessoas estavam se separando. E na noite que Kennedy partiu meu coração, em algum lugar, talvez lá mesmo no meu dormitório, outras pessoas estavam se apaixonando.

— Jacqueline. Eu não sei o que você quer que eu diga.

Em questão de segundos, eu tinha passado por uma cidade que ostentava um Shopping Center de tamanho considerável e pouco mais. Cada quilômetro me levava mais longe de Kennedy. Mais perto de Lucas. Eu estava inquieta com a noção de que Lucas era alguém para quem *voltar*, antes de perceber que ele havia sido aquela zona de segurança para mim desde o momento que nos conhecemos.

— Nada! — Eu respondi. — Eu não quero que você diga nada!

Meu ex tinha o bom senso de saber quando ele chegava a um impasse. Ele me agradeceu por ter vindo na quinta-feira e disse que ele entraria em contato assim que ele voltasse para o campus, o que eu não correspondi.



Jacqueline,

Parece que ele quer você de volta, ou pelo menos, ele quer algo mais do que amizade. A questão é, o que você quer?

Minha família é só meu pai e eu. Tivemos velhos amigos conosco no Dia de Ação de Graças, então ele estava mais conversador do que teria sido sem isso. Quando somos apenas nós dois naquela casa, temos a tendência de ficarmos horas sem falar. Se você não contar o tipo de coisas como —com licença e —passe o sal, o silêncio pode abranger dias inteiros.

Meu pai é dono de um barco de pesca de aluguel. Não há muito acontecendo nesta época do ano na baía, apesar dele organizar viagens de pesca de alto mar ou passeios para a observação de aves nativas durante o inverno. Ele tinha agendado um para hoje, então nos despedimos às 05h00min, e aqui estou eu, de volta à minha casa logo após o meio-dia.

LM

Lucas estava a dez minutos de mim. Eu lutei contra o desejo de enviar um SMS e dizer a ele que eu estava de volta, também. Eu sabia que não iria ganhar esta batalha por muito tempo.

Eu desfiz as malas e lavei minha roupa. As máquinas em nosso andar eram de fácil acesso, apesar de haver tão poucos de nós de volta, mas isso não seria o caso amanhã, quando todos voltariam. Eu estava escolhendo a lavanderia que não exigisse que fosse para cima ou para baixo. Evitar completamente as escadas tornou-se uma das minhas manias. Eu não ia por ela absolutamente, mesmo em um grupo. Meu subterfúgio funcionou com todos menos com Erin, que me olhou de perto na segunda vez que usei: —eu esqueci alguma coisa no meu quarto, eu te encontro lá embaixo.

Uma noite, ela me perguntou abertamente: —Você está com medo de ir pela escada, não é?

Eu estava pintando minhas unhas dos pés de vermelho sangue, e eu olhava para o pequeno pincel e tentava manter minha mão firme. *Comece na cutícula, espalhe para cima. Comece na cutícula, espalhe para cima.* —Você não está?

—Sim, ela respondeu.

Nas outras vezes, era Erin dizendo: —Oh merda, eu deixei minha bolsa no meu quarto. J, vem comigo pegar, sim? Virando-se para os outros, ela disse: —Hey, vamos encontrar todos vocês lá embaixo em 5 minutos.

Eu: Eu estou de volta.

Lucas: Eu pensei que você não ia voltar até amanhã.

Eu: Eu mudei de ideia.

Lucas: Então, percebi. Livre esta noite?

Eu: Sim.

Lucas: Jantar?

Eu: Sim.

Lucas: Eu vou te buscar às 7.

— Eu nunca tive um cara cozinhando para mim antes.

Ele sorriu do outro lado do balcão, cortando vegetais crus e choviscando algo sobre eles que ele havia misturado.

— Ótimo! Isso deve efetivamente reduzir suas expectativas. — Ele colocou os ingredientes num pedaço de papel alumínio, enrolou-os, e colocou-os no forno com o resto do jantar.

Eu inalei pelo nariz.

— Mmm, não, isso cheira bem. E parece que você sabe o que está fazendo aí atrás. Eu tenho medo que minhas expectativas estejam de forma estranhamente alta.

Ele regulou um timer, lavou e secou as mãos, e deu a volta no balcão, tomando minha mão e me levando para o sofá.

— Temos 15 minutos. — Sentamos lado a lado, e ele examinou minha mão, as pontas de seus dedos frios enquanto ele traçou as unhas curtas que não interferiam com a prática do baixo, seu polegar acariciando a palma da minha mão. Girando-a suavemente, o dedo indicador traçou para cima e para baixo, dentro dos vales sensíveis entre meus dedos. Ele desenhou uma espiral na palma da minha mão, movendo-se lentamente para o centro, e eu estava hipnotizada, observando e sentindo-o me tocar tão suavemente.

Seus dedos deslizaram entre os meus, palma com palma, e ele estendeu a mão para me puxar para o seu colo, seus lábios na base da minha garganta. Quando o cronômetro soou minutos mais tarde, eu estava além de ser capaz de ouvi-lo.

A refeição que ele preparou estava fechada em pacotes de alumínio individuais, legumes, batatas assadas e pargo que ele pescou dois dias atrás.

Francis miou como um alarme de incêndio até ter sua própria porção do último.

— Então, eu acho que você está acostumado a cozinhar para um? — Eu perguntei quando nos movemos para a pequena mesa encostada contra a única parede vazia.

Ele acenou com a cabeça.

— Durante os últimos três anos. Antes disso, cozinhou para dois.

— Você cozinhou? Não a sua mãe ou seu pai?

Ele limpou a garganta, brincando com sua batata com o garfo.

— Minha mãe morreu quando eu tinha 13. Antes disso, sim, ela cozinhou. Depois... Bem, era aprender a cozinhar ou viver de torradas e peixe, o que eu suspeito que meu pai faça quando eu não estou em casa, apesar de eu tentar levá-lo para comprar frutas ou algo verde ocasionalmente.

Oh. Sua história se alinhava com a de Landon, viver com seu pai, sem irmãos, e ele deve estar consciente disso. Ele também era um menino que tinha perdido sua mãe, e eu estava muito consciente de que não era hora de criticá-lo pela duplicidade.

— Eu sinto muito.

Ele acenou com a cabeça uma vez, mas não ofereceu mais nada.

Depois que comemos, ele deixou o gato sair, voltou para a mesa e pegou a minha mão e me levou para seu quarto. Nós nos deitamos de lado no centro de sua cama, de frente um para o outro, sem dizer nada. Seu toque era quase insuportavelmente leve, sussurrando sobre meu queixo, arrastando para o lado do meu pescoço antes de liberar os botões da camisa branca que eu tinha escolhido, um por um. Deslizando-a do meu ombro, ele tocou os lábios na pele nua, e eu fechei os olhos e suspirei. Minhas mãos se empurraram sob sua camisa até que ele se sentou, puxou-a sobre a cabeça, e com um movimento a arremessou, deitando em cima de mim e me beijando.

Sua boca era exigente, seus lábios separando os meus, língua dirigindo-se para minha boca. Eu pensei ter sentido um tremor se movimentar por ele quando minha mão agarrou o lugar no seu lado

onde as palavras estavam inscritas. Ele me rolou por cima dele e empurrou a camisa do meu ombro oposto, deixou lá, meio removido, enquanto ele mudava a sua atenção para a pele nua acima do sutiã cor da pele, meu corpo todo tenso em direção ao seu como uma carga estática que me atraía para ele.

Sem causa ou explicação, ele parou na linha que eu tinha desenhado na semana passada. As palavras estavam limitadas a —*nossa* e —*Deus* e —*oh*. E então nada além de sussurros e gemidos e sons ininteligíveis que só poderiam ser interpretados como *sim*, *sim*, *sim*.

— Eu deveria levar você de volta.— Sua voz era rouca. Nós não tínhamos falado em pelo menos uma hora. O relógio em sua mesa mostrava que o tempo tinha se arrastado até perto de meia-noite.

Ele me entregou o sutiã descartado e puxou sua camisa sobre a cabeça. Quando eu fiquei de pé, ele segurou minha camisa enquanto eu deslizei meus braços nas mangas, e então ele me virou, abotoando os botões e inclinando-se para me beijar quando terminou, as mãos emoldurando meu rosto.

Em pé perto de sua moto, eu estava puxando minhas luvas quando a porta de trás da casa do outro lado do quintal se abriu e um homem surgiu, segurando um saco de lixo cheio da cozinha. Ele abriu o tambor de lixo com rodas e o jogou dentro, quando ele se virou para ir para dentro, notei que Lucas estava imóvel, congelado, olhando para ele. Como se sentisse os olhos sobre ele, o homem se virou sob a lâmpada da porta de trás. Ele era o Dr. Heller.

— Landon? — Ele disse, e nenhum de nós se moveu ou respondeu. — Jacqueline? — Acrescentou ele, confuso. De uma só vez, ele pareceu registrar que horas eram, e o fato de que nós dois tínhamos saído do apartamento de seu inquilino. Não poderia haver a desculpa da tutoria, visto que não era apropriado nos encontrarmos no apartamento para a tutoria, não importa a hora do dia. Ninguém falou por um longo momento, e depois os ombros do Dr. Heller cederam. Ele suspirou antes de alfinetar Lucas com uma

expressão resoluta. — Eu preciso que você me encontre na cozinha quando você voltar. Não mais do que 30 minutos, por favor.

As mãos de Lucas estavam apertadas em torno do capacete. Ele deu um aceno firme ao Dr. Heller antes de colocá-lo. Quando ele se virou para certificar de que eu tinha amarrado o meu corretamente, nossos olhos se encontraram uma vez, mas ele não falou nada e eu também não. Durante o passeio de dez minutos de volta, nenhuma explicação aconteceu. Sem palavras mágicas, nenhuma isenção para suas mentiras. Eu não conseguia pensar em nada para dizer ou fazer além de esperar que ele me dissesse o porquê.

Nós chegamos e eu desci de trás dele, removendo atrapalhadamente o capacete e o laço do cabelo com os dedos enluvados. Ainda montado na moto, ele tirou o capacete também, e os colocou longe como se ele não tivesse planos de colocar o seu de volta. Quando eu o enfrentei, ele estava olhando para as mãos, apertado no guidão largo.

— Você já sabia, não é? — Sua voz era baixa, mas eu não poderia dizer seu estado de espírito.

— Sim.

Ele olhou para mim, franzindo a testa e buscando meus olhos.

— Por que você não disse nada?

— Por que você não disse? — Eu devolvi. Eu não queria responder perguntas. Eu queria que minhas perguntas fossem respondidas, e eu estava irritada porque ele ia me fazer perguntá-las. — Então, o seu nome é Landon? Mas Ralph chama você de Lucas. E aquela garota, as outras pessoas te chamam de Lucas. Então qual é?

Seu olhar voltou-se para suas mãos por um momento, e minha raiva se expandiu como um balão inflável sob minhas costelas. Ele parecia estar decidindo o que me dizer e o que me esconder. A Harley roncou baixinho, pronta para decolar com um foguete para longe em um segundo.

— Os dois. Landon é meu primeiro nome, Lucas o do meio. Eu uso Lucas... agora. Mas Charles, Dr. Heller, me conhece há muito tempo. Ele ainda me chama de Landon. — Seus olhos se balançaram até os meus. — Você sabe, eu acho, como é difícil conseguir que algumas pessoas parem de lhe chamar do que elas sempre chamaram.

Muito lógico. Tudo isso. Exceto a parte em que ele fingiu ser dois caras diferentes comigo.

— Você poderia ter me dito. Você não fez. Você *mentiu* para mim!

Ele desligou a moto e passou a perna por cima dela, ficando de frente para mim e segurando meus ombros.

— Eu nunca menti para você. Você fez suposições, baseadas no que Ch..., o Dr. Heller me chamou. Procure em nossos e-mails. Eu nunca chamei a mim mesmo de Landon.

Eu soltei meus ombros de suas mãos.

— Mas você me deixou chamá-lo de Landon.

Suas mãos caíram, mas ele olhou para mim, me impedindo de me mover.

— Você está certa, isso foi culpa minha. E eu sinto muito! Eu queria você, e isso não poderia acontecer como Landon. Qualquer coisa entre nós é contra as regras, e eu as quebrei.

Eu engoli em seco, combatendo a sensação de sufocamento. Eu ouvi o que ele não tinha dito, ainda. Ele estava me dizendo que tinha acabado, simples assim. A terrível realidade de abandono que Kennedy tinha começado semanas atrás voltou correndo como se uma represa houvesse rompido, e sem aviso prévio eu estava me afogando nela. Meus pais tinham me abandonado, Kennedy tinha me abandonado, meus amigos, com exceção de Erin e Maggie, tinham me abandonado. E agora Lucas, e Landon.

Duas relações diferentes, as quais tinham se tornado significativas.

— Então, está tudo acabado!

Ele me encarou, e eu não poderia ter sentido mais se seus dedos percorressem meu rosto.

— Sua nota pode estar em jogo de outra forma. Eu assumo a responsabilidade por isso, esta noite, quando eu voltar, o Dr. Heller não vai responsabilizá-la.

— Então, está tudo acabado! — Repeti.

— Sim! — Ele disse.

Virei-me e entrei no prédio, e não ouvi o motor da Harley ganhando vida até que meu pé estava no começo da escada.

Capítulo 16

— Srta. Wallace, por favor, me encontre por um momento, depois da aula. — Olhei para cima para encontrar o olhar do Dr. Heller, no final da segunda palestra, e acenou com a cabeça para o meu assentimento.

— Ooohhh! — Benji disse. — Encrenca para você. — O sorriso dele caiu quando ele viu meu rosto. — Qual é o problema? Você não está realmente em apuros não é? — Ele olhou para a parte de trás da sala de aula, focalizando a única razão que eu poderia estar em apuros com o professor. — Será que ele descobriu que você sabe? — Ele inclinou a cabeça na direção de Lucas.

— Sim.

Seus olhos se arregalaram e ele baixou a voz.

— Oh, merda, você está falando sério? Como?

Eu balancei a cabeça.

— Isso não importa. Ele descobriu, e acabou.

Fixando os lábios, ele enfiou o notebook em sua mochila e suspirou.

— Oh, cara. Sinto muito! — Seus olhos castanhos estavam cheios de simpatia. — Alguma coisa que eu possa fazer?

Eu balancei a cabeça novamente, a necessidade de redirecionar a conversa.

— Eu vou ficar bem. Como foi a grande revelação?

Com um largo sorriso, ele segurou os braços.

— Como você pode ver, eu ainda estou em um único pedaço, com todas as partes essenciais contabilizadas. — Ele balançou as sobancelhas, jogando sua mochila sobre o ombro depois que eu dei-lhe um empurrão.

— Foi bom. Ficando tudo em aberto, foi um alívio para nós dois, eu acho.

— Ótimo! — Eu estava feliz por ele, embora eu não tivesse tido a mesma experiência com as recentes revelações públicas. Eu não olhei para trás para Lucas. Ele tinha olhado para o seu caderno quando eu tinha entrado na sala de aula, decididamente contra até mesmo a olhar para mim.

— Hey, Jacqueline! — Kennedy sorriu quando passamos no corredor, como se ele estivesse orgulhoso de si mesmo para, finalmente, lembrar meu nome.

— Oi! — Voltei, escorregando por ele no meu caminho até a frente da sala de aula.

Quando parei no degrau mais baixo, o Dr. Heller olhou por sobre as cabeças dos alunos agrupados em torno dele e pediu que eu fosse durante seu horário no escritório à tarde para pegar o meu trabalho. Sua expressão inabalável disse que não era um convite, tanto quanto uma diretiva. Com o meu rosto quente, eu disse-lhe que estaria lá.



— Você não fez nada de errado, então você não tem nada que se preocupar. Provavelmente ele só quer ter certeza de Lucas-Landon-*Sideshow Bob*^[14]. Quem diabos ele é não tirou vantagem de você.

Apreciei as garantias de Erin, tão erradas quanto poderiam ser. Encostada em minha cama, botas penduradas no final, eu olhava para o quadrado de chumbo, o céu visível da nossa janela de quatro-por-quatro única. Mesmo no nosso quarto excessivamente quente, eu tremi. Erin e eu descobrimos no último inverno que o antigo aquecedor central iria bombear ar quente em nosso pequeno quarto, até que ficasse uma sauna, só clicar desligar e retomar uma lenta queda de volta ao frio antes de reiniciar de volta a sauna. Foi

uma maravilha que ambas não tínhamos terminado com pneumonia em fevereiro.

— Landon era o tutor perfeito. O que há entre Lucas e eu, não é da conta de ninguém.

— Exceto a minha. — Erin brincou.

Virei a cabeça e dei um meio sorriso.

— Exceto a sua.

Ela acrescentou os toques finais a um cartaz temático da irmandade coberto com glitter.

— A que horas você deve estar lá?

— Entre 03h30min e 04h30min.

— É melhor você correr. Eu estou indo para o trabalho assim que eu terminar essa coisa. Me mande um SMS e deixe-me saber se eu preciso chutar o traseiro de alguém. Não se esqueça, amanhã estamos indo atrás de vestidos para a festa neste fim de semana.

Minha companheira de quarto tinha capacidade de mudar rapidamente de assuntos, era lendária.

— Eu me lembro.

Dr. Heller me olhava do lado oposto da mesa, pela segunda vez neste semestre, e eu lutava para não me contorcer na cadeira. Eu nunca tinha sido uma garota que ganhou a desaprovação dos professores, encontrar-me nesta posição por duas vezes, em questão de semanas, foi inacreditável. Ele não olhou para mim desde que me convidara para sentar. Vasculhando uma pilha de pastas e papéis, ele puxou o meu trabalho de pesquisa com um murmuro, —Ah-ha. Minhas mãos cerradas no meu colo quando ele leu e folheou as páginas grampeadas. Eu me perguntei se ele já tinha escrito uma nota sobre o meu trabalho, ou se o que eu dissesse ou não dissesse nos próximos minutos iria influenciá-lo. Ele limpou a garganta e eu vacilei.

— Eu falei com o Sr. Maxfield, que eu suponho que você sabe. —
Eu respirei nervosa.

— Não, senhor. Nós não temos nos falado.

Suas sobrancelhas subiram, olhos arregalados.

— Eu vejo. — Ele franziu a testa como se estivesse confuso. —
Bem. Vou perguntar-lhe o que perguntei a ele, e eu apreciaria a sua
honestidade, por favor. Ele ajudou você a fazer esse trabalho?

Retornei seu perplexo cenho franzido, sem saber o que,
exatamente, ele estava perguntando.

— Ele me deu algumas pistas sobre as fontes de pesquisa. E leu
e completou o trabalho e apontou alguns erros que eu precisava
corrigir antes de terminá-lo. Mas o trabalho é meu!

Ele balançou a cabeça e suspirou.

— Tudo bem. Há também uma questão de um teste que pode ter
sido dado algum... Vamos dizer aviso de... Antes dos outros
estudantes?

Eu engoli.

— Ele sugeriu que eu fizesse a planilha que ele enviou. — Dr.
Heller me examinou com um olhar direto elevando uma sobrancelha
espessa, e eu emendei. — Sugeriu fortemente que eu fizesse isso.
Mas ele nunca me disse que ia ser um teste, e, francamente, eu
pensei que ele estava sendo mandão, nem sequer peguei qualquer
dica!

— Ele assumiu totalmente a responsabilidade por seu erro de
julgamento, Srta. Wallace. — Eu não conseguia respirar, meus
pensamentos tumultuados. Desde o primeiro momento que o vi, —
enfrentado Buck no estacionamento depois, posso supor, puxando-o
de cima de mim — ele estava me protegendo. Ele estava em perigo
de ser demitido de seu emprego por causa do nosso relacionamento,
o que quer que tenha sido? Aproximei-me, a minha mão sobre a
mesa.

— Lucas não..., ele não se aproveitou de mim de qualquer forma. Ele foi muito útil como um tutor. Eu tenho outra turma durante as sessões de seu grupo, então eu não poderia assistir a elas, mas ele enviou as planilhas para mim. — Respirando, eu parei, não querendo fazer isto pior do que já era. Eu não poderia parecer uma garota apaixonada ou minhas declarações não carregariam peso de modo algum. — Ele não deve estar com problemas por minha causa.

Meu professor olhou para o meu trabalho, ainda em suas mãos. Embora todas as coisas, ele parecia mais preocupado do que ele teve momentos atrás. franzindo a testa, ele levantou os olhos e olhou para mim um momento.

— Ele também diz que você não estava ciente do fato de que o rapaz que estava vendo... Era seu tutor. Que seu relacionamento acadêmico foi realizado através de e-mail apenas. — Eu balancei a cabeça, não querendo contradizer nada do que Lucas disse. Ele suspirou de novo, envolvido em seus pensamentos, uma mão cobrindo a boca. Finalmente, ele colocou o papel em cima da mesa para mim. — Sua pesquisa e as conclusões foram impressionantes para uma não graduada. Bom trabalho, Sra. Wallace! Se você se sair bem no final, o seu grau no curso não deve sofrer com os, hum, transtornos emocionais que você enfrentou meados do semestre. Uma palavra de conselho, no entanto. Esta não será a última vez que você terá que lidar com algo na vida que joga você fora de seu jogo. Em cursos futuros, bem como no mundo real, tal como ela é, professores e empregadores nem sempre vão estar confortáveis. Nós todos temos que..., como diz a terminologia que a minha filha usa — *engolir e lidar com isso?*

Eu resisti a virar para a última página para verificar a minha nota.

— Sim, senhor. — Eu sabia que deveria me levantar, agradecer a ele, e cair fora de seu escritório, enquanto ainda estava em seu lado bom. Eu não poderia fazer isso. — E o Lucas? Ele está em apuros? Será que ele... Ele vai perder o emprego?

Ele balançou a cabeça.

— Não parece ter havido qualquer dano real feito, embora eu tenha lembrado Landon — er, Lucas,— que, às vezes, como uma situação é vista tem mais peso do que a realidade da questão. Com isso em mente, eu sugeri que ele se limite a apropriadas interações de tutoria pela duração do semestre.

Lucas não tinha mencionado a possibilidade de futuras interações. Sua resposta para saber se era ou não foram conclusivas, e ele não tinha me mandado um e-mail ou um SMS para contradizê-la, nem tinha me olhado na aula de hoje que eu soubesse.

— Obrigada, Dr. Heller! — Eu esperei até que eu estava fora para verificar a nota que recebi 94. Inquestionavelmente melhor do que eu teria feito no exame parcial, se eu tivesse estado presente para ele.



Eu ignorei Lucas no meu caminho para o meu lugar antes da aula na quarta-feira e sexta-feira, e o ignorei novamente quando eu saí, especialmente porque eu encontrei Kennedy esperando no corredor para me acompanhar ambos os dias. Na quarta-feira, o meu ex me perguntou como a tutoria estava acontecendo.

— O que? — Eu tropecei sobre o próximo passo e ele pegou meu cotovelo. — Foram dois da oitava ou dois do nono ano do ensino fundamental que tiveram uma grande queda por você? — Ele riu, virando a cabeça para olhar duas garotas que foram para fora; era típico de Kennedy, ele não parecia notar. — Ou eles todos têm uma queda por você agora?

Ah, aulas de baixo, não de tutoria de economia. Eu coloquei meu queixo no meu cachecol felpudo e puxei o zíper do meu casaco até minha garganta quando dobrava a esquina do edifício e uma rajada de ar frio nos atingiu, e ele virou seu colarinho e enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Eu não tenho ideia do que eles estão pensando, a maior parte do tempo. Eles são todos um pouco grosseiros.

Ele olhou para mim e sorriu, a fascinante covinha retendo a minha atenção, como fizeram desde a primeira vez que eu vi, e de lá, seus belos olhos verdes. Ele bateu-me de leve com o cotovelo.

— Mau humor é prova o suficiente de que eles estão todos caídos por você.

Carrancuda, eu olhei para frente e aumentei o passo. Eu não poderia imaginar onde ele estava indo com isso, mas eu não estava seguindo.

— Eu te vejo mais tarde, Kennedy. Eu tenho que ir para o espanhol.

Ele pegou meu braço.

— Maggie disse que estava vindo para a festa no sábado?

Eu balancei a cabeça. Erin e eu passamos quatro horas fazendo compras de vestidos e sapatos na noite de terça-feira. Ela estava fazendo tudo com intenção de fazer Chaz se arrepender de qualquer decisão que ele tinha tomado, que não incluísse adorar a seus pés. —O que aconteceu com: Eu amo a caça Eu perguntei conforme ela descartou o décimo vestido de cocktail ou décimo primeiro não-muito-perfeito antes dançando em um pedaço de tecido prata com uma divisão alta na coxa. Sorrindo para o espelho com predatória determinação, ela esperou por mim para fechá-lo e examinou o reflexo do corpo dela no vestido que realçou seu cabelo vermelho como se estivesse em chamas. —Oh, eu estou caçando, certo. Ela ronronou.

Eu fui para longe de Kennedy sem olhar para trás, e ele chamou:

— Te vejo mais tarde, Jacqueline. — Eu considerei e rejeitei todas as desculpas que eu poderia inventar até por que eu precisava me retirar, tardiamente desejando que eu nunca tivesse concordado em acompanhar Erin na festa anual. Minha companheira de quarto normalmente sã estava determinada a tornar a vida de seu ex-

namorado um inferno por pelo menos uma noite. No jantar de sexta-feira, ela disse: —Eu tenho que fazer isso. Para o encerramento. Maggie arqueou uma sobrancelha para mim do outro lado da mesa. Entre o drama Erin/Chaz, as tentativas de Kennedy para reverter nosso rompimento, e a provável presença de Buck, sábado à noite não poderia acabar breve o suficiente para mim.



Evitar contato visual durante a aula de autodefesa na manhã de sábado provou ser mais difícil do que se esquivar um do outro durante economia, mas Lucas e eu conseguimos isso pela primeira hora. O mais estranho da semana passada foram as planilhas que ele continuou enviando, mas sem qualquer nota além. O e-mail inteiro consistia em: —*Nova planilha em anexo, LM.*

— Quando um chute é mais provável de ser mal calculado pela vítima ou evitado pelo criminoso, uma joelhada de ataque é de curto alcance e mais facilmente executada, então vamos focar nesta defesa primeiro. — A voz de Ralph me trouxe de volta para a aula de autodefesa. — E eu assumo que as senhoras sabem o que vocês estão visando com o joelho. — Dividindo-se em dois grupos, como fizemos duas semanas atrás, eu fui para ficar no grupo de Don e Erin me seguiu. Ele segurava uma almofada grossa com alças no seu antebraço musculoso para mantê-lo no lugar, explicando o básico do ataque de joelhada e pedindo a um voluntário para ajudar a demonstrar, ao qual Erin prontamente respondeu. Fiquei orgulhosa de seu sonoro NÃO! Quando ela agarrou os ombros de Don e bateu com o joelho no bloco. Eu reconheci o movimento que Lucas usou em Buck, embora ele o atingiu no queixo, em vez da virilha. Buck tinha ido direto para o chão. E lá ficou.

Quando foi a minha vez, minha autoconsciente hesitação desapareceu com os gritos de incentivos do meu grupo e de Don —Mais! entre cada ataque. Alegre, eu caminhava de volta para Erin

com os olhos arregalados e tremendo pela adrenalina. Ela riu e disse:

—Eu sei, certo?

Nós evoluímos para chutes, e cada vez que conseguia um e ouvia o grunhido gratificante de Don, meu medo de que nunca pudesse replicar estes na vida real diminuiu. Vickie, a mulher de cabelos brancos que tinha, sem saber, me dado coragem de permanecer na aula, há duas semanas, perguntou como, mesmo se bater no lugar certo, com bastante força, poderíamos ganhar contra um homem do seu tamanho. Don nos lembrou que não tem que ganhar uma luta que só tinha de fugir.

— A cada segundo, você compra tempo para correr.

Quando Ralph anunciou uma pequena pausa, eu roubei uma olhada em Lucas. Sobre as cabeças de duas meninas, uma das quais estava falando com ele, seus olhos estavam em mim, o seu gélido cinza-azulado quase incolor do outro lado da sala iluminada. Após a atividade física da manhã, a minha resposta foi avassaladora. Minha respiração estava superficial e rápida, nenhum de nós se afastou até que Erin enganchou seu braço no meu e puxou.

— Vamos lá, garota apaixonada. — Ela murmurou, inaudível para ninguém além de mim.

Eu corei enquanto a deixava me levar para o corredor, em direção ao vestiário. Inclinando-se sobre a pia, joguei água no meu rosto e olhei para o espelho, perguntando o que Lucas viu quando ele olhou para mim. O que Kennedy viu. O que Buck viu.

— Você está perdidamente apaixonada, não tá? — Erin me entregou uma toalha de papel e franziu os lábios, inclinando a cabeça, quando ela examinou meu rosto no espelho, também. Seus olhos escuros encontraram os meus. — Eu deveria ter sabido que ligar você à terapia não iria funcionar. Se isso faz você se sentir melhor, ele não parece menos tenso do que você está.

Revirei os olhos, batendo a água do meu rosto.

— Acredite ou não, isso não me faz sentir melhor. — Ela arqueou uma sobrancelha, o olhar dela se moveu para o seu próprio reflexo quando ela alisou uma imperfeição imaginária sobre o lábio e ajustou seu selvagem rabo de cavalo.

— Mmm-hmm.



— Estamos prontos para aprender os últimos movimentos durante a próxima hora ou então, defesa contra apertos e sufocamentos. Na próxima semana, vamos integrar tudo o que aprenderam em potenciais cenários. — Batendo palmas, Ralph acrescentou: — Dividam-se e vamos começar. — Após os 12 de nós automaticamente se separar em nossos grupos anteriores, Ralph abordou os homens, que estavam parcialmente acolchoadas, incluindo-se capacete. — Don, Lucas, vamos ter que mudar vocês dois para esta parte. Misturar um pouco as táticas agressoras.

Oh, Deus! Tanto para evitar um ao outro.

Embora eu soubesse que não havia como evitar isto, meu cérebro procurou por qualquer forma de escapar dos braços de Lucas travados em torno de mim na frente de todos. O primeiro ataque foi chamado de abraço de urso, e Vickie, a intrépida de cabelos brancos, se ofereceu para ajudar a demonstrar em câmera lenta a defesa contra ele. Eu assisti com Erin e as outras três senhoras no meu grupo, minha respiração irregular e meu coração batendo como se estivesse tentando sair da minha caixa torácica. Ele não tinha sequer me tocado ainda. A necessidade do capacete tornou-se óbvia quando ele explicou o uso de cabeçadas na parte traseira da cabeça da vítima quebrando dentro da boca ou do nariz do atacante. Houve também pisada no peito do pé (todos riram quando Lucas pediu que evitassem realmente pisar em seu pé, que ele ficaria feliz em reagir como se tivéssemos feito isso com força),

cotovelada na região do abdômen, e um movimento chamado de cortador de grama por Ralph, quem veio para verificar o nosso progresso. Movendo-se para ficar na frente de Lucas, ele disse:

— Este vai ser outro movimento que nós preferimos não tentar fazer a sério em nossos valentes instrutores. — Ele virou-se e bateu no ombro de Lucas. — Nós não queremos tornar nossos meninos incapazes de paternidade. — Com essa as senhoras riram, Lucas corou ligeiramente e olhou para o chão, com os lábios torcidos em um sorriso desconcertado. — Em um ataque na vida real, se você tem uma mão livre e baixa, você vai chegar para trás e agarrar —os bens, torcendo e puxando para fora como se você estivesse ligando um cortador de grama.

Ele demonstrou, completando com efeito de som a partida de um cortador de grama, e até mesmo o grupo de Don estava assistindo e rindo. Lucas mordeu o lábio e sacudiu a cabeça. Um por um, as seis de nós fomos ficar na frente dele e de frente para o grupo, esperando por ele para nos pegar para que pudéssemos praticar as técnicas. O cortador de grama foi o favorito das mulheres mais velhas, e todos eles usados juntamente com o efeito de som. Com os olhos brilhando, Erin usou cada única defesa que nós acabamos de aprender, um após o outro, cabeçada, pisar no pé, bater na canela, cotovelo no abdômen com um braço e cortador de grama com o motor funcionando. As senhoras em nosso grupo aplaudiram e Lucas disse:

— Bom trabalho! Ele vai ficar no chão implorando para fugir a este ponto.

— Devo chutá-lo primeiro? — Ela perguntou, completamente séria.

— Uh... Se ele não está fazendo um movimento em direção a você, então corra. Você não quer que ele pegue o seu pé e puxe-o para baixo.

Erin assentiu e caminhou de volta para mim, apertando minha mão quando ela chegou ao meu lado.

Ele olhou em meus olhos quando me aproximei. Eu olhei para trás, dando as costas para ele quando o alcancei, tentando me concentrar no que eu deveria fazer a seguir. De repente, seus braços estavam em volta de mim, como faixas, mas mais suave do que qualquer agressor jamais seria. Seus braços musculosos eram sólidos e inflexíveis. Incomodada, esqueci todas as defesas que eu acabei de aprender e lutei ineficazmente contra a sua força.

— Me bata, Jacqueline! — Ele disse no meu ouvido. — Cotovelo. — Eu dei uma cotovelada em seu abdômen coberto com a almofada e ele grunhiu. — Ótimo! Pise no pé. — Eu agi, com cuidado. — Mais forte. — O topo da minha cabeça mal chegou a seu queixo acolchoado, mas eu bati nele. —

Cortador de grama. — Sua voz era suave, ofegante, e eu não poderia, mesmo recorrendo a cada pedaço de imaginação que eu possuía, visualizar tocá-lo lá para prejudicá-lo. Eu fiz o movimento, sem o efeito de som, corando completamente, e ele soltou. Tropeçando em direção a Erin, eu teria me sentido tola, mas pelo fato de que toda mulher na sala estava fazendo exatamente o que eu tinha acabado de fazer. Exceto que não era com um cara cujo toque fazia suas entranhas ir para quente e líquido. Não com um cara que as fazia querer voltar e ser envolvida naqueles braços. O meu grupo sorriu e afagou meus ombros e elogiou-me como se eu não tivesse completamente congelada no começo. O abraço de urso de frente era pior, mas a forma como os olhos de Lucas dilataram um pouco quando eu olhei para ele, meu peito pressionado contra o seu. Como Erin disse, ele também estava afetado, um conhecimento que me fez sentir tanto melhor e pior. O estrangulamento era mais fácil, e eu o fiz sem suas sugestões verbais. E então a aula acabou, com Ralph incentivando-nos a praticar cuidadosamente ao longo da semana que vem.

— Na próxima semana os caras vão estar equipados de corpo inteiro, e você vai poder espancar a luz do dia fora deles, sem barreiras. — Erin e Vickie bateram as mãos juntas, e Ralph sorriu

para as duas, esfregando as palmas das mãos. — Sanguinário e impiedoso. Exatamente o que eu quero ver.

Capítulo 17

Eu não tinha participado de eventos gregos desde a festa de Halloween, e só tinha visto Buck de passagem desde o incidente na escada sempre dentro de um grupo, e sempre em público. Quando ele se aproximou, eu me afastei, como se seu próprio ser me repelisse, o que era verdade. O simples pensamento dele ainda fez a minha boca secar e formar um nó no meu estômago. No quarto, Erin voltou depois de sua checada final no espelho.

— É melhor que ele fique bem longe de você ou eu vou arrancar o cortador de grama pelo seu traseiro. — Ela declarou.

— Esse movimento não é para ser usado no traseiro. — Eu brinquei, odiando o tremor que passou através de mim com o pensamento de Buck, com os braços em volta de mim em faixas. Eu esperava que Erin estivesse pronta para ter uma sombra, porque eu não tinha a intenção de sair do seu lado. Seu braço rodeando meus ombros, ela virou nós duas para enfrentar o espelho de corpo inteiro.

— Nós parecemos quentes, amiga. — Seus olhos se encontraram com o meu no espelho. — Obrigada por fazer isso. As garotas têm sido de real apoio, mas não são você. Eu me sinto mais forte sabendo que você estará comigo. — Eu sorri e a abracei. Nós parecíamos quentes. No vestido de prata cintilante, com seus saltos de tiras de prata, Erin era seu próprio globo de discoteca.

O meu vestido de cocktail era azul simplesmente curto na frente e no tom exato de meus olhos, parecia básico se não maçante ao lado de Erin, até que eu virei. A combinação de tocar contrabaixo e fazer yoga me deu costas tonificadas, e o vestido apresentava um —V cortado quase até a cintura. O nível de altura das evidentes sandálias pretas nos meus pés contradisse bastante a indiferença toda por conta própria. Erin fez um par de movimentos de dança.

— Vamos fazer Chaz desejar nunca ter nascido! — Revirei os olhos e ri. — Oh, Erin. Estou tão feliz que você esteja do meu lado.

— E não se esqueça disso, cadela — Ela bateu no meu traseiro e nós pegamos nossos casacos.

Em um acordo silencioso, nós passamos a porta da escada e descemos a ampla escadaria da frente para cumprir nosso percurso. Passando por um calouro magricela tropeçando em um degrau, seus olhos se movendo entre Erin e eu. Felizmente, ele estava indo para cima, de forma que ele caiu em ambas as mãos, praticamente aos pés de Erin.

— Uau! — Ele respirou fundo.

Ela bateu em sua cabeça ao passar por ele, cantando:

— Aww, como é doce! — Como se fosse um cachorro. Sua expressão de adoração ao toque dela indicou que aqui tinha um cara disposto a colocá-la em um pedestal e tratá-la como uma deusa. Eu suspeitava que Erin não queria isso de um cara quase tanto como ela insistiu que ela queria.



Os homens da fraternidade de Chaz tinham ido todos para fora, pendurar um globo de discoteca real e contratar uma banda. Equipados com ternos, gravatas e um nível perigoso de confiança, todos pareciam mais quentes que o inferno e cada um deles sabia. Dois rapazes da fraternidade estavam na porta, um pendurava os casacos, o outro tomando os convites de Erin e dando para cada uma tira de bilhetes para o 'bar' criado na cozinha e um bilhete de rifa para a tabela de prêmios que outro rapaz vigiava. Os prêmios eram em sua maioria dispositivos eletrônicos — de iPods com sistemas de jogo para uma tela plana 42”.

— Rapazes!— Erin zombou. — Onde está um dia no spa? Ou uma farra de compras na Victoria Secret?

Os olhos do guarda da mesa se arregalaram em aprovação evidente da última ideia.

— Olá, Erin! — disse uma voz profunda. Nós viramos, e lá estava Chaz, incrível em um terno lápis cinza de perfeito corte e gravata vermelha, de alguma forma perfeitamente combinando com o cabelo de Erin. Ele olhou para mim, seus olhos calorosos e amigáveis. — Oi, Jacqueline! — Eu não senti nenhuma censura sobre o fato de que sua relação com Erin tinha sido detonada por minha causa.

— Oi, Chaz! O lugar parece incrível! — Eu respondi por nós duas, enquanto Erin balançava com a música e acenava para os amigos, como se seu ex não existisse. O tema da festa deste ano foi Embalos de Sábado à Noite. A banda passou de tocando um cover de Keith Urban para uma canção dos Bee Gees, algo popular, quando meus pais estavam na escola, talvez. Chaz olhou ao redor superficialmente, os olhos voltando para mim.

— Obrigado! — Ele disse, e então ele só tinha olhos para Erin. Observando as pessoas já dançando, ela pegou um copo cheio vermelho de um cara passando com um punhado deles. Ele começou a protestar, mas Chaz olhou, desafiando-o a dizer uma palavra para ela. Ele fechou a boca dele e continuou se movendo. Enquanto ela bebia e fingia estar alheia à sua presença, ele olhou para ela. Era óbvio que ele queria que isso continuasse, e o fato de que Erin estava visivelmente olhando para qualquer lugar menos a ele me disse que não era nada imune. Eles não se moveram da órbita um do outro pelo resto da noite, mas ele não tentou falar com ela, também. Eu sabia que Chaz era um cara bom, embora equivocado e ingênuo. Ele engoliu o lado de Buck sobre o que aconteceu entre nós, tinha discutido com Erin que talvez eu estivesse bêbada naquela noite, e que eu não me lembrava de tudo claramente. Ele era, provavelmente, um desses garotos para quem estupradores eram homens feios que saltavam de arbustos, atacando garotas aleatórias. Estupradores não eram o seu colega

gente boa, ou seu irmão de fraternidade, ou o seu melhor amigo. Talvez nunca lhe ocorreu que seu melhor amigo era capaz de rasgar uma garota e sua autoconfiança fora, no espaço de cinco minutos. Que ele poderia ferir alguém inocente para ferir um rival. Que ele poderia violá-la em uma distorcida tentativa para destruir a sua própria impotência. Que podia fazê-la sentir-se constantemente ameaçada, e não dar a mínima. A única vez que me senti completamente segura foi quando estava com Lucas.

Maldição.

Dez minutos mais tarde, eu estava assistindo a dança de Buck com uma sênior da irmandade de Erin. Ele sorriu e riu, e ela também. Ele parecia tão... Normal. Pela primeira vez, eu me perguntava se eu era a única garota que ele já tinha aterrorizado, e se sim, por que. Eu pulei quando ouvi a voz de Kennedy em meu ouvido.

— Você está deslumbrante, Jacqueline! — Minha bebida derramou sobre a borda do copo na minha mão, felizmente não no meu vestido. Ele pegou o copo da minha mão. — Ah, eu peço desculpas por te assustar! Vamos lá, deixe-me pegar uma toalha.

Fiquei desconcertada o suficiente pelo seu braço guiando-me no meio da multidão, com a mão nas minhas costas nuas, que eu não fiquei ciente da separação de Erin até que estávamos na cozinha com meu braço em cima da pia como se eu tivesse um ferimento mortal, em vez de uma mão encharcada com cerveja. Ele lavou e secou minha mão, e eu a retirei de suas mãos quando ele não a soltou de imediato. Ele ignorou minha retirada, sorrindo para mim.

— Como eu estava tentando dizer antes, você está linda esta noite. Estou feliz que você veio. — A música era alta, e a conversa nos obrigou a estar mais perto do que eu queria estar.

— Eu vim pela Erin, Kennedy.

— Eu sei. Mas isso não diminui a minha satisfação por você estar aqui. — Ele estava usando sua habitual colônia Lacoste, mas já não me fez querer inclinar contra ele e inalar. Mais uma vez, ele ficou em

direto contraste com Lucas, cujo cheiro não era qualquer coisa além de sua jaqueta de couro e sua loção pós-barba, a refeição que ele cozinhou para mim e o cheiro sutil, mas afiado de grafite em seus dedos depois de ele ter desenhado, o escape de sua Harley e o cheiro de shampoo mentolado em seu travesseiro. Kennedy ergueu uma sobrancelha, me olhou de perto, e eu percebi que ele provavelmente disse ou perguntou algo.

— Me desculpe, o que? — Eu inclinei o meu ouvido para ele para que eu pudesse ter um segundo para empurrar Lucas da minha mente.

— Eu disse —Vamos dançar.

Incapaz de livrar-me dos meus pensamentos errantes, eu concordei e deixei meu ex me levar para a designada pista de dança, bem na frente da banda. Uma área que foi desobstruída de móveis bem sob o globo de discoteca motorizado, que pendia perigosamente baixo para alguns dos caras mais altos. Girando lentamente, a sua superfície espelhada jogou flashes de luz em ondas ao redor da sala, iluminando rostos e corpos girando e cintilando fora de qualquer superfície reflexiva de maçanetas à joias e para o vestido prata de Erin. Suas mãos estavam fechadas por trás do pescoço de um Pi Kappa Alpha sênior, um copo vazio pendurado na ponta dos seus dedos. Seu parceiro de dança, sem saber, era receptor de um olhar mortal de Chaz. Erin tinha notado, porém, e ela se apertou mais perto dele, olhando-o nos olhos com muita atenção. Pobre Chaz. Eu deveria estar com raiva dele também, mas ele estava claramente infeliz.

— Eu ouvi sobre Chaz e Erin. O que aconteceu? — Kennedy tinha seguido o meu olhar.

— Você deveria perguntar a ele. — Eu me perguntava o que Kennedy faria pelo comportamento de Buck. Eram civilizados, um com o outro, mas aquela competitiva fixação tinha estado entre eles desde o primeiro dia.

— Eu perguntei, mais ou menos. Ele não parecia querer falar sobre isso. Disse ter sido uma grande briga, ela não estava sendo razoável, blá, blá, você sabe, o caras dizem coisas estúpidas quando querem foder algo bom.

Só então, a música mudou para algo rápido, permitindo-me restabelecer a minha bolha de espaço pessoal e felizmente terminando a conversa sobre rompimentos e foder. Fiquei tão aliviada para acabar com esse intercâmbio que eu não prestei atenção para onde Erin foi. Eu não prestei atenção para onde Buck foi.

Em um período de calma entre as músicas, ele caminhou para atrás de mim.

— Hey, Jacqueline! — Ele disse, e eu pulei pela segunda vez naquela noite. —Você terminou de dançar com esse perdedor? Venha dançar comigo. — O cabelo em meus braços ficaram em pé, cada nervo do meu corpo em alerta máximo, e eu me aproximei de Kennedy, que colocou o braço em volta dos meus ombros. Eu não queria seu braço em mim, mas dada a escolha entre eles, não havia escolha. Sorrindo, Buck estendeu a mão. Olhei para ele incrédula e me encolhendo mais perto de Kennedy, cujo corpo ficou rígido, alinhado com o meu.

— Não.

Com seu sorriso habitual indolente, Buck olhou para mim como se meu ex não estivesse lá. Como se estivéssemos sozinhos.

— Tudo bem então, talvez mais tarde.

Eu balancei a cabeça e me concentrei na palavra que eu tinha falado repetidas vezes essa manhã. A palavra que precedeu cada chute.

— Eu disse que não. Você não entende o que é não? — Do canto do meu olho, eu vi o olhar de Kennedy estalar para o meu rosto. Os olhos de Buck se estreitaram e sua máscara de indiferença caiu por uma fração de segundo. E então, ele se recuperou e o disfarce

estava de volta no lugar. Eu soube naquele momento que ele não ia desistir. Ele estava apenas passando o tempo.

— Claro! Eu ouço você. Jacqueline. — Seus olhos se voltaram para Kennedy, cuja expressão guardada estava em desacordo com a rigidez desperta em seu corpo. — Kennedy. — Ele balançou a cabeça e Kennedy respondeu na mesma moeda, e então ele caminhou para longe.

Eu caí contra o meu ex, e depois saí de seu alcance, meus olhos procurando pelo vestido prata de Erin entre a multidão de pessoas na pequena casa.

— Jacqueline, o que está acontecendo entre você e Buck? — Eu ignorei sua pergunta. — Eu preciso de Erin. Eu preciso encontrar Erin. — Eu comecei ir na direção oposta que Buck tinha ido e Kennedy agarrou meu braço para me puxar de volta. Eu o torci, e então percebi que as pessoas estavam olhando. Ele se aproximou, sem me tocar. — Jacqueline, o que está acontecendo? Eu vou ajudar você a encontrar Erin. — Sua voz era baixa, nos meus ouvidos. — Mas, primeiro, me diga. Por que está tão zangada com Buck? — Eu olhei para ele e meus olhos ardiam.

— Não aqui.

Ele comprimiu os lábios.

— Vem comigo? Para o meu quarto? — Quando hesitei, ele acrescentou, — Jacqueline, você está pirando? Vem falar comigo. — Eu concordei e ele me levou até as escadas. Ele fechou a porta e sentou-se em sua cama. Seu quarto, como de costume, estava limpo e organizado, embora a cama não estava feita, e havia jeans e camisas jogada sobre sua cadeira. Eu reconheci os lençóis e edredons que havíamos escolhido antes de voltar para o campus no outono, porque ele queria algo novo. Eu reconheci sua estante e seus romances favoritos, seus livros de direito, sua coleção de biografias presidenciais. O conteúdo deste quarto era familiar. Ele era familiar. — O que está acontecendo? — Sua preocupação era genuína. Eu limpei minha garganta e disse a ele o que aconteceu na

noite da festa de Halloween, deixando Lucas de fora da história. Ouvindo em silêncio, levantou-se e andou, respirando profundamente, com os punhos fechados. Quando terminei, ele parou e se sentou, com força. — Você disse que conseguiu fugir. Assim, ele não fez...?

Eu balancei a cabeça.

—Não.

Um silvo saiu dele.

— Maldição! — Ele tirou a gravata solta e desabotoou o primeiro botão da camisa branca. Seus dentes estavam presos com tanta força que as cordas do seu pescoço saltaram debaixo de sua pele, como tubos escorrendo de sua mandíbula. Ele balançou a cabeça e bateu o punho em sua coxa. — Filho da puta! — Kennedy não era, normalmente, muito de amaldiçoar, certamente nenhuma dessas palavras era parte de seu vocabulário padrão. Ele me olhou de perto. — Eu vou lidar com isso.

— Já passou, Kennedy. Eu só... Eu só quero que ele me deixe em paz. — Eu estava curiosamente sem lágrimas, o que era estranho. Eu senti como se tivesse ganhado força por dizer a ele, assim como eu me senti mais forte depois de dizer a Erin. Sua mandíbula apertou novamente.

— Ele o fará! — Ele pegou meu rosto nas mãos e repetiu: — Ele vai te deixar em paz. Eu vou ter certeza disso! — E então ele me beijou.

A sensação de sua boca era tão familiar quanto os itens que eu tinha catalogado quando entrei em seu quarto.

Os livros na estante. O edredom sob a minha mão. O equipamento de escalada no canto. O moletom com capuz que eu costumava pegar emprestado. O cheiro de seu perfume. Inconscientemente, eu registrei a sensação de seus lábios, movendo-se um pouco demasiado rude. Ponderei que sua raiva por Buck fez seu beijo menos suave, mas eu sabia mais. Porque isso, também, era familiar. Este beijo era como ele sempre me beijou. Sua

língua serpenteava em minha boca, possessivamente, e foi familiar e bom e não Lucas. Eu empurrei de volta. Suas mãos caíram.

— Deus, Jackie, me desculpe, isso foi tão impróprio!

Ignorei seu deslize.

—Não. Está tudo bem, eu só... Eu não... — Eu formulei em minha cabeça, tentando definir o que eu não queria. Nós estávamos separados por sete semanas. Sete semanas, e eu estava realizada. Eu olhei para minha mão, virando-a no meu colo, a realização e a finalidade foram uma espécie de choque.

— Eu entendo. Você ainda precisa de tempo. — Ele se levantou, e eu estava querendo sair do quarto familiar e desta conversa. O tempo não mudaria o que eu estava sentindo ou não sentindo. Eu tinha tempo, e apesar de a dor do seu abandono não ter desaparecido, foi diminuindo. Meu futuro estava embaçado, sim, mas eu estava começando a imaginar um futuro em que eu já não sinto falta dele em tudo.

— Vamos encontrar Erin para você. E eu vou ter uma conversa com Buck.

Eu congelei, a meio caminho da porta.

— Kennedy, eu não esperava que você... — Ele se virou. — Eu sei. Não importa. Eu estou lidando com isso. Confrontando-o.

Eu respirei fundo e o segui para fora do quarto, esperando que suas intenções tivessem surgido a partir de uma determinação de fazer a coisa certa, e não apenas porque ele queria me ganhar de volta.

Erin e eu observamos da janela como Buck e Kennedy se enfrentaram no estacionamento atrás da casa. Estava frio demais para qualquer um ficar do lado de fora, então eles estavam sozinhos. Não ouvimos as palavras, mas a linguagem corporal era inconfundível. Buck era mais alto e maior, mas o meu ex possuía uma superioridade inata que se recusava a ceder ao controle de qualquer um que ele considerasse indigno. O rosto de Buck era um

verniz de aborrecimento sobrepondo fúria absoluta quando Kennedy falou, apunhalando um dedo para ele uma, duas, três vezes, nunca tocando-o, mas sem mostrar medo. Eu invejava essa capacidade. Eu sempre invejei. Nos afastamos da janela quando Kennedy virou para voltar para a casa, mas não antes de Buck olhar para a janela e fixar em mim um olhar de puro ódio.

— Jesus H. Cristo! — Erin murmurou, tomando meu braço. — Tempo para uma bebida.

Encontramos Maggie em um grupo de pessoas jogando quarters — Errrrrin!— Ela disse arrastada. — Vem ficar na minha equipe!

Erin curvou uma sobrancelha.

— Estão jogando em equipes?

— Sim. — Ela agarrou o braço de Erin e puxou-a para seu colo. — J, você faz par com Mindi aqui! Erin e eu vamos chutar o traseiro de vocês!

Mindi era uma das garotas da irmandade, delicada e loira. Ela sorriu e piscou os grandes olhos verdes, incapazes de se concentrar em mim.

— Seu nome é Jay? — Seu sotaque era muito nítido e seus cílios vibraram para cima e para baixo como um personagem de desenho animado, fazendo-a parecer mais jovem e mais vulnerável do que 18. Ela era o inverso do comportamento sarcástico e escuros olhos de duende de Maggie. — Como nome de um menino, Jay?

Os caras do outro lado da mesa riram e Maggie revirou os olhos com desgosto. Ficando claro por que ela queria que eu fosse sua parceira.

— Hum, não. J como em Jacqueline.

Um dos garotos pegou duas cadeiras dobráveis contra a parede, colocando em cada lado de Mindi e Maggie. Tomei uma ao lado Mindi e Erin deslizou para a outra.

— Oh! — Mindi franziu a testa e piscou. — Então, eu posso apenas te chamar de Jacqueline?

Meu nome estava quase irreconhecível entre o sotaque e a pronuncia embriagada. Maggie começou a resmungar baixinho, então eu disse:

— Claro, isso é ótimo! — E olhei em volta da mesa. — Então, estamos vencendo?

Os garotos do outro lado da mesa sorriram. Nós definitivamente não estávamos vencendo.

Capítulo 18

Até o momento que o nosso motorista designado nos deixou de volta no dormitório, Erin e eu tínhamos jogado quarters e beer pong para nosso caminho a uma noite de paredes girando na melhor e abraçando o banheiro na pior das hipóteses. Nenhuma de nós falou mais que um sussurro até depois das 03h00min da tarde de domingo. Havia uma reunião da irmandade das mulheres programada para quatro horas mais tarde, e Erin amaldiçoou a linhagem de quem colocou isso no calendário no dia seguinte a festa da Irmandade.

— Nós não vamos conseguir decidir uma maldita coisa e pelo menos a metade de nós vai matar a primeira pessoa que bater o martelo.

Nós ainda estávamos conversando em meio volume. Eu a vi envolver um lenço roxo no pescoço e puxar um par de luvas combinando, enquanto esperava o meu notebook ligar.

— Pelo menos sua miséria terá companhia.

— Yay. — Ela puxou um boné roxo sobre seu selvagem cabelo vermelho e vestiu o casaco. — Vejo você em algumas miseráveis horas.

Lucas já tinha enviado a planilha de segunda-feira. Ainda não tinha uma nota pessoal. Eu entendi porque ele não podia me ver, e talvez por isso tudo o que vinha fazendo havia acabado. Mas eu não entendo por que nossos e-mails tinham que parar também. Eu os perdi, e me perguntei o que ele faria se eu respondesse. Eu queria dizer a ele sobre a noite passada e Buck, falar sobre eu dizendo *não* e que me senti morrendo de medo e durona ao mesmo tempo. Restava uma semana de aula, seguida de uma semana de exames finais, e, em seguida, o semestre acabaria. Eu não tinha ideia se iria fazer alguma diferença para ele. Eu fiz pelo menos a lição de casa que com o cérebro martelando eu podia fazer — rotular um gráfico

de constelação para o laboratório de astronomia de amanhã — e pendurei a roupa limpa da lavanderia que estava em uma cesta ao pé da minha cama por três dias... Ou quatro... Talvez cinco. Eu perdi meu tempo praticando baixo todo o fim de semana, além do ensaio conjunto, por isso gostaria de estar me empenhando para completar as horas adicionais de prática durante a semana.

No momento em que Erin voltou, eu estava seriamente considerando apenas ir para a cama e dormir pelo resto remanescente da minha ressaca. Bocejando, eu virei-me para a porta.

— Eu estava pensando em bater. — Erin não estava sozinha. Debaixo do seu braço estava Mindi, minha parceira de quarters desde a noite anterior. No início, eu pensei que ela estava de ressaca apenas um pouco mais do que eu, então, eu notei a expressão sombria de Erin, e eu olhei para os olhos avermelhados de Mindi, injetados de sangue. Ela não se sentia como uma merda por muito álcool. Ela estava chorando. Muito. Girei minhas pernas para fora do lado da cama.

—Erin?

— J, temos um problema. — A porta se fechou atrás delas e Erin puxou Mindi para se sentar em sua cama. — Ontem à noite, depois que você e eu saímos, Mindi dançou com Buck. — Mindi vacilou e fechou os olhos, e as lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. Meu coração começou a disparar. Imaginei tudo que Erin poderia dizer em seguida, e nada era bom. Eu não tinha rezado em um longo tempo, mas eu me encontrei implorando. —*Por favor, Deus, não deixe isso ter ido mais longe do que aquilo que aconteceu comigo. Por favor. Por favor!* — Ele a convenceu a ir para o seu quarto. — Com isso, as mãos de Mindi voaram para cobrir seu rosto e ela desabou de cara no ombro de Erin como uma criança. — Shh, shh! — Erin cantarolou, encaixando ambos os braços em torno dela. Olhamos uma para a outra sobre a cabeça de Mindi, e eu sabia que não tinha havido nenhum Lucas para ela. — J, temos que dizer. Nós temos que dizer neste momento!

— Ninguém vai acreditar em mim! — Mindi disse asperamente. Ela estava rouca, e eu a imaginei fazendo o que eu tinha feito, pedindo-lhe para parar. Imaginei-a chorando a noite toda, e metade do dia, e eu estava mais chateada do que eu jamais tinha estado, e com medo. — Eu não sou... — A voz dela baixou para um sussurro. — Eu não era virgem.

— Isso não importa! — Erin disse com firmeza. Engoli em seco o nó em minha garganta e ele deslizou para baixo, mas não sem luta.

— Eles vão acreditar em você! Ele tentou, ele tentou comigo, há um mês. — Mindi ofegou, com o rosto manchado e os olhos arregalados se viraram para mim.

— Ele a estuprou, também?

Eu balancei a cabeça, enquanto calafrios passaram em uma onda do pescoço até os tornozelos.

— Alguém o parou. Eu tive sorte. — Eu não tinha ideia de quanta sorte até este momento. Eu achava que sabia, mas não.

— Oh! — Sua voz gorjeava suavemente, e ela não tinha parado de chorar. — Será que conta?

Erin persuadiu Mindi a deitar-se, colocando um cobertor sobre ela.

— Vai contar. — Ela se sentou ao lado de Mindi e segurou sua mão. — Será que Lucas irá colaborar com sua história, J? Quer dizer, eu estou supondo, com o que sabemos sobre ele, que ele o fará.

Lucas tinha ficado furioso de eu não ter o deixado chamar a polícia naquela noite. Não me ocorreu que, por não relatar o que tinha acontecido, eu deixei Buck pensar que ele era intocável. Que ele poderia fazer isso de novo. Eu tinha assumido que o que Lucas tinha feito para Buck era impedimento suficiente. Não que isso o impediu de fazer o que ele fez na escada... Ou suas ameaças implícitas durante a festa, bem na frente de Kennedy. Eu balancei a cabeça.

— Ele o fará. — Erin deu um suspiro e olhou para Mindi. — Precisamos chamar a polícia ou ir para o hospital ou algo assim, certo? Eu não tenho nenhuma ideia do que fazer primeiro.

— O hospital? — Mindi estava com medo, e eu não podia culpá-la.

— Eles provavelmente vão precisar fazer... Um exame, ou algo assim. — Erin suavizou sua voz, mas na palavra exame, os olhos de Mindi se arregalaram e se encheram de lágrimas novamente. Os nós dos dedos escaldados, segurando o cobertor.

— Eu não quero um exame! Eu não quero ir para o hospital! — Como eu poderia culpá-la, quando relatórios trariam mais dor e humilhação?

— Nós vamos com você! Você pode fazer isso. — Erin se virou para mim. — O que devemos fazer primeiro? — Eu balancei a cabeça, pensando na polícia do campus. Alguém, como o Don, provavelmente faria bem nesta situação. Alguém, talvez não. Nós poderíamos ir direto para o hospital, mas eu não tinha certeza quais eram os passos. Eu peguei meu telefone e disquei.

— Olá? — A voz de Lucas era cautelosa, e eu percebi que eu nunca tinha o chamado antes.

— Eu preciso de você. — Fazia mais de uma semana desde que tínhamos nos comunicado fora das planilhas que ele tinha enviado, e da turma de autodefesa ontem de manhã.

— Onde está você?

— No meu quarto. — Eu esperei ele perguntar o que eu queria. Ele não o fez. — Estou aí em dez minutos.

Fechei os olhos.

— Obrigada! — Ele desligou, e eu desliguei o telefone, e nós esperamos.



Lucas se agachou sobre os calcanhares apenas abaixo do nível dos olhos de Mindi.

— Se você não denunciá-lo, ele vai fazer novamente. À outra pessoa. — Sua voz cantarolava através de mim, apenas audível do outro lado da sala. — Seus amigos vão ficar com você.

Erin se sentou na cama, segurando a mão dela. Eu mal sabia dessa garota, mas graças a Buck, estávamos agora aliadas, associadas a uma maneira que ninguém nunca queria estar ligado.

— Você vai estar lá? — Sua voz era um sussurro.

— Se você quiser. — Ele respondeu. Ela assentiu, e eu fiquei com um traço de ciúme. Não havia nada a invejar nesta situação.



A televisão na sala de espera do PS estava fixa em um volume ensurdecedor que não estava ajudando a minha cabeça doendo. Eu queria desligá-la, ou baixar o volume, mas um homem idoso estava plantado em uma cadeira a 10 pés dela, com os braços cruzados sobre o peito, olhando para a repetição de um seriado de comédia. Se o ruído estava distraíndo-o de sua razão de estar aqui, quem era eu para tirar essa distração fora?

Lucas sentou ao meu lado, o seu joelho dobrado inclinado em direção a mim, roçando minha coxa. Sua mão estava tão perto da minha que eu poderia o ter alcançado com um movimento do meu dedo mindinho. Eu não fiz.

— Tem alguma coisa contra esse programa? — Sua pergunta boba quebrou minha carranca.

— Não, mas eu acho que eu poderia ouvi-lo do outro lado da rua. — Ele estava usando aquele fantasma de sorriso, e eu queria derreter.

— Hmm! — Ele disse, olhando para a bota sobre seu joelho. — Você está com um pouco de ressaca, também?

Quando Erin e Mindi o encheram com os detalhes da noite passada, ele rapidamente descobriu que eu tinha ido com Erin para o evento grego.

— Talvez, um pouco. — Eu perguntei se ele achou que eu era insensata me colocando em perigo por estar em uma festa onde Buck estaria obviamente presente. Sua reprimenda responsável na noite em que nos conhecemos, ainda doía, principalmente porque era verdade.

— Ele falou com você? Na noite passada? — Ele ainda estava olhando para sua bota.

— Sim. Ele me pediu para dançar. — Um músculo trabalhou em sua mandíbula e seus olhos estavam frios quando ele levantou-os para os meus.

— Eu disse que não. — Eu ouvi a defensiva em meu tom.

Ele respirou fundo e se virou completamente em minha direção, a voz baixa e ameaçadora.

— Jacqueline, está exigindo todo o meu controle agora sentar aqui e esperar obedientemente pela lei da Justiça para cuidar disso, em vez de caçá-lo eu mesmo e bater essa merda toda para fora dele. Eu não estou culpando você ou ela. Nenhuma de vocês pediu pelo que ele fez, não existe essa coisa de pedir isso. Isso é uma mentira do caralho, argumentado por psicopatas e idiotas. Ok? — Eu balancei a cabeça, sem fôlego em sua declaração. Seus olhos se estreitaram. — Será que ele aceitou o seu não?

O que eu ouvi no final de sua sentença: —desta vez? Eu balancei a cabeça novamente.

— Kennedy estava comigo. Ele percebeu o quão estranho eu agi com Buck, então eu disse a ele o que aconteceu. Eu não disse nada sobre você, ou a briga. Eu só disse a ele que fugi.

Uma pequena ruga apareceu entre suas sobrancelhas.

— Como ele levou isso?

Lembrei-me do desabafo de xingamento atípico de Kennedy.

— Ele ficou mais nervoso do que eu já vi. Ele chamou Buck para fora e conversou com ele, disse-lhe para ficar longe de mim... O que provavelmente fez Buck se sentir fraco, e é por isso... — É por isso que ele estuprou Mindi.

— O que acabei de dizer? Isso não é culpa sua! — Eu balancei a cabeça, olhando para o meu colo, as lágrimas ardendo em meus olhos. Eu queria acreditar que não era minha culpa, mas Mindi ficou ferida depois que Kennedy tinha repreendido ele. Por mim. Parecia que era minha culpa.

Eu sabia melhor, mas eu não podia deixar de ligar os pontos. Os dedos de Lucas roçaram o meu queixo e viraram meu rosto para ele.

—Não. É. Sua. Culpa! — Eu balancei a cabeça novamente, segurando em suas palavras como se fossem redenção.



Eu estacionei na frente da casa de um vizinho, estalando a porta da caminhonete fechada o mais silenciosamente possível e na ponta dos pés para baixo da calçada escassamente iluminada em direção à garagem. Já era tarde, esperançosamente tarde o suficiente para que ninguém olhasse de uma janela para uma garota indo furtivamente para o apartamento de um cara.

A moto de Lucas estava estacionada sob os passos abertos. Eu estava no fundo com a mão no corrimão, coração batendo, e olhei para Casa do Dr. Heller. Eu não podia ver qualquer movimento dentro, embora houvesse luzes acesas dentro. Respirando fundo, subi as escadas e bati levemente. Tinha um olho mágico na porta, então eu tinha certeza que ele tinha me visto de pé sob a luz da varanda pela expressão perplexa em seu rosto quando ele abriu a

porta. Uma hora atrás, ele me deixou no dormitório com Erin e Mindi, e depois que ele se foi, eu percebi que eu não tinha dito o que eu queria dizer. E, mais do que eu queria dizer incluiu a necessidade de vê-lo, enquanto eu dissesse.

— Jacqueline? Por quê...? — Ele se interrompeu ao ver a expressão no meu rosto, me puxando para dentro e fechando a porta atrás de mim. — O que há de errado? — Suas mãos agarraram meus cotovelos enquanto eu olhava para ele. Ele estava usando calças de pijama e uma camiseta, as linhas sensuais de suas tatuagens que derramavam das mangas para seus pulsos. Ele também usava uma fina armação de óculos pretos, que acentuavam o azul em seus olhos e seus cílios escuros. Eu respirei e soltei tudo antes que ficasse muito covarde para dizer qualquer coisa.

— Eu queria te dizer que eu só, eu sinto sua falta! E talvez isso soe ridículo, como nós mal nos conhecemos, mas entre os e-mails e SMS e... Tudo o que eu senti, quando nós terminamos. Quando nós terminamos. E eu sinto... Eu não sei de que outra forma dizer que eu sinto falta, tanta falta de você!

Ele engoliu em seco, fechando os olhos e inalou lentamente. Eu sabia que ele seria todo racional e faria a coisa certa e ele iria me afastar de novo, e eu estava determinada a não lhe dar essa chance. Mas, então, seus olhos brilharam abertos e ele disse:

— Foda-se! — Me empurrando contra a porta, batendo com os antebraços de ambos os lados da minha cabeça e me beijando com mais força do que eu jamais fui beijada, tão firmemente que eu podia sentir o piercing na extremidade de sua boca marcando a superfície do meu lábio. Ele pressionou seu corpo duro contra o meu e eu pressionei de volta, agarrando punhados de sua camiseta e encaixando-me a ele enquanto sua língua acariciava o interior da minha boca. Quando ele recuou um pouco, eu protestei com um som embaraçosamente inarticulado e ele riu baixinho, mas ele recuou apenas para tirar meu casaco e me rebocar para o sofá. Sentando, ele me arrastou montada em seu colo, segurando minha cabeça em uma palma da mão e me esmagando mais perto com a

outra. Nós nos separamos, sem fôlego, e ele jogou os óculos sobre a mesa ao lado e tirou sua camiseta sobre a cabeça, e depois removendo a minha mais suavemente. Suas mãos quentes estendendo nos meus lados e me segurando mais apertado, enquanto nossos lábios se moviam juntos, sua língua varrendo languidamente toda a minha. Eu coloquei meus braços ao redor de seu pescoço, abrindo a boca e tomando-o. Quando ele beijou o canto da minha boca e mergulhou os lábios para o vazio na base da minha garganta, minha cabeça caiu para trás. Eu não conseguia parar o suave gemido de desejo por causa de seus rápidos beijos sugadores.

— Você tem uma sarda aqui. — Ele sussurrou, varrendo a língua sobre um ponto logo abaixo do meu queixo. — Me deixa louco toda vez que você está em cima de mim! Eu só quero fazer isso... — O desenhar suave de sua boca me empurrou sobre a borda, e meus joelhos apertaram em torno de seus quadris enquanto me balançava contra ele. Olhos claros fumegantes, ele tirou meu sutiã, delineando círculos concêntricos com as pontas dos dedos, tocando-me tão suavemente que eu cresci querendo mais. Suas mãos em concha nos meus seios, os polegares passando levemente na parte de baixo, e eu inclinei meu rosto para baixo para o seu e chupei sua língua em minha boca, deslizando minha mão por seu abdômen tenso e descendo ao longo da frente das calças de flanela macia. Eu puxei uma das cordas.

— Deus, Jacqueline! — Ele ofegou, lutando contra minha mão, enquanto seus braços serpenteavam em torno de mim, seus dedos segurando no meu cabelo da nuca enquanto nossas bocas devoravam uma a outra. Quebrando o beijo, ele apertou a testa no meu ombro e gemeu, os dentes cerrados.

— Diga-me para parar.

Confusa, eu balancei a cabeça, apesar de que eu não tinha ideia se a ação foi fervorosa ou imperceptível. Sua respiração se espalhou sobre meus seios e me inclinei para seu ouvido, minha voz um murmúrio.

— Eu não quero que você pare!

Sem dizer nada nos levando para baixo e para os nossos lados, ele abriu minha calça e enfiou a mão entre o tecido não substancial de minha calcinha e minha pele, seus dedos procurando e encontrando o lugar que ele buscava enquanto me beijava. Ofeguei o seu nome em sua boca, os dedos cavando seu bíceps, e sua voz era um rosnado baixo no meu ouvido.

— Jacqueline. Diga-me para parar.

Eu balancei a cabeça uma vez, minha mão deslizando para pressionar contra a evidência do que o seu corpo queria de mim.

— Não pare! — Eu sussurrei, dizendo a ele que eu queria o que ele queria, incondicionalmente. Eu o beijei de volta, com a certeza de que minhas ações e palavras eram toda a confirmação do que ele precisava para continuar. Eu estava errada.

— Diga pare, por favor! Por favor! — A última palavra sussurrada foi um pedido que eu não podia negar, mesmo eu não entendendo a razão para isso.

— Pare! — Eu sussurrei, não significando que, não queria, e ele estremeceu e tirou a mão de mim. Minhas mãos entre nossos peitos. Eu não me afastei, não falei. Eu estava em seus braços por longos minutos, até que sua respiração desacelerou, finalmente tornando-se profunda e regular.

Landon Lucas Maxfield estava dormindo em seu sofá. Comigo.



Eu acordei com o som abafado do miado de Francis para ser deixado entrar. Desembaracei-me de Lucas com cautela, eu escorreguei do sofá e fui para deixá-lo entrar, agarrando o meu sutiã e a camiseta de mangas compridas e colocando-os de volta. Uma rajada de ar frio entrou com o gato de Lucas, e eu fechei a porta,

logo que ele entrou totalmente por ela. Depois de envolver a sua cauda em volta da minha perna pelo período de dois segundos, ele se afastou para o quarto, e eu supunha que era tão grato quanto ele conseguiu.

Voltei para o sofá, mas afundei no chão e examinei Lucas em vez de acordá-lo de volta ou me aconchegar em seu abraço. Com a superfície de seu rosto parcialmente obscurecida por seu cabelo escuro, seus lábios cheios entreabertos e grossos cílios combinados no sono, eu podia ver o menino dentro do homem mais claramente do que eu tinha antes. Eu não entendi o que aconteceu antes, por que ele me fez parar ele ou por que ele se manteve distante de todos, de mim, mas eu queria entender. Imaginei que a tatuagem rosa era uma pista possível, dada a sua colocação sobre o coração. A maior parte da tinta sobre os braços consistia de símbolos e motivos intrincados, e me perguntei se algum destes era seu próprio projeto. Ele moveu-se de costas, em seguida, e eu finalmente pude ler as palavras em seu lado esquerdo:

*Amor não é a ausência de lógica
mas a lógica examinada e recalculada
aquecida e curvada para caber
dentro dos contornos do coração*

Eu não precisei de mais provas para saber que em algum lugar do seu, possivelmente, não-tão-distante passado Lucas havia amado alguém profundamente. Alguém que ele deve ter perdido, porque ela não pareceu estar ao redor. E então eu olhei mais de perto a faixa de tatuagem do pulso que estava virado perto de seu rosto. Dentro do padrão de tinta, que aparece com a pele rosada normal dentro do projeto, estava uma cicatriz fina, mas irregular. Ela corria de um lado para o outro em toda a extensão, contida pelas linhas pretas tatuadas como código oculto. Seu pulso direito estava circulado com o mesmo desenho em faixas, e vendo seu rosto por sinais de despertar, eu levantei-o de seu peito e suavemente o virei para verificar. É, também, foi marcado de um lado para o outro: a

cicatriz escondida habilmente pelo tatuador. Atordoada, eu estava sentada no chão, olhando-o dormir. Eu não tinha ideia se isso era algo que eu jamais poderia conversar com ele, se era algo que ele iria de bom grado me dizer. Mesmo tendo passado meu quinhão de dias e noites miseráveis sobre o rompimento com Kennedy, eu nunca estive deprimida o suficiente para considerar o suicídio. Eu não tinha ideia do que seria necessário para chegar a esse ponto sem esperança. Não realmente.

Já era tarde, e eu precisava voltar para o meu dormitório. Nossa aula só começaria em apenas oito horas. No balcão da cozinha, eu encontrei um envelope descartado e rabisquei um bilhete para deixá-lo saber que eu tinha voltado para o dormitório e iria vê-lo amanhã.

— Espere! — A voz de Lucas me parou com a mão na maçaneta da porta. Ele sentou-se, um pouco desorientado de sono.

— Eu não queria te acordar, então eu deixei um bilhete. — Eu peguei do final da mesa, dobrando-o e empurrando-o no meu bolso. Eu estava tão cheia demais de palavras para dizer e perguntas para fazer que nenhum sairia.

Ele esfregou os olhos e levantou-se, esticando o pescoço para o lado, estendendo os braços para trás, os olhos fechados. Seus bíceps e peitorais flexionados do movimento, e eu queria parar de olhar, mas não pude, até que seus olhos brilharam abertos.

— Eu vou levá-la para a sua caminhonete. — Ele se virou para pegar sua camiseta e puxá-lo de volta, e eu era capaz de cobiçá-lo descaradamente novamente. Na parte superior de seus ombros definidos e costas estavam mais desenhos com tinta e palavras de script, mas a camiseta cobriu muito abruptamente. Ele desapareceu em seu quarto e saiu usando seu moletom e um par muito surrado de *Sperrys*^{15} eu nunca tinha o visto usar. Botas eram seu calçado padrão.

— Francis está na cama? A menos que ele desenvolveu polegares opositores, eu acho que você o deixou entrar. — Cruzando a sala para mim, ele sorriu. Eu balancei a cabeça enquanto ele se

aproximava, e seu sorriso diminuiu. Eu sabia que ele estava pensando sobre o que aconteceu antes de nós dormirmos enrolados um no outro, perguntando o que eu pensava sobre ele me implorando a dizer para parar quando eu tinha deixado claro que eu não queria parar. Se ele soubesse — minha confusão sobre a sua estranha rejeição era nada perto da apreensão sobre o que teria causado as cicatrizes em seus pulsos.

Capítulo 19

Após uma semana com Lucas ignorando minha existência enquanto estávamos na aula, eu não tinha certeza do que esperar na segunda de manhã. A mudança foi mínima, mas inegável. Quando entrei na sala de aula, seus olhos encontraram os meus, a simples sugestão de um sorriso brincando em sua boca. Tudo sobre ele passou a ser familiar. A noite que dancei com ele, suas feições haviam se tornado parte de um cara excepcionalmente quente. Agora, ele era todo maxilar acentuado e queixo forte, o nariz com o menor indício de quebra anterior. Uma cicatriz em forma de meia lua pousava no alto de sua maçã do rosto, e seus olhos incolores às vezes eram um pouco assustadores. A franja de seu cabelo desarrumado era o suficiente para suavizar todo o conjunto, se ele alguma vez cortasse-o curto, ele pareceria um cara completamente diferente.

Ele voltou sua atenção para o caderno de desenho sempre presente, e eu puxei o meu olhar para frente, em um esforço para evitar de ser lançada ao descer os degraus. Somente horas antes, ele segurou meu rosto com as mãos, apertou-me contra a porta da minha caminhonete e me beijou como se tivéssemos feito o que eu queria fazer. Eu conduzi de volta ao meu dormitório em um estado perplexo de luxúria.

Deslizando em meu assento ao lado de Benji, resisti à tentação de olhar por cima do meu ombro. Se ele não estivesse me observando, eu ficaria desapontada. Se ele estivesse, eu seria pega.

A garota à minha direita estava dando sua habitual repescagem de segunda-feira de manhã para seu vizinho... E as duas ou três dúzias de outras pessoas que podiam ouvi-la. Benji imitou-a perfeitamente, ainda que um pouco dramático, e eu fingi um ataque de tosse para esconder meu riso. Infelizmente, a tosse chamou sua atenção.

— Você está morrendo ou algo assim? — Ela perguntou, me dando um perfeito sorriso afetado de escárnio enquanto eu balancei a cabeça. — Bem, tossir um pulmão em público não é de todo tão atraente, apenas dizendo.

Meu rosto ardia, mas depois Benji inclinou-se e trovejou em torno de mim.

— Hum, dando a metade da turma um resumo exaustivo todas as segunda-feira de manhã, em detalhes pavorosos, *o quanto de uma puta promíscua alcoólatra você é?* Não é tão atraente, também. Só estou dizendo!

Ela engasgou quando pessoas próximas riram, e eu peguei meu lábio inferior entre os dentes ao tentar olhar para frente. Felizmente, o Dr. Heller então entrou, e a aula começou, e eu voltei para cinquenta longos minutos na tentativa de esquecer a presença de Lucas três fileiras atrás e cinco lugares mais.

— Então... Nove dias até o final. — Benji recheando sua mochila e sorriu para mim enquanto eu arrumava a minha.

— Mmm-hmm.

— Nove dias para não mais... Restrições. — Revirei os olhos diretamente para ele, conforme suas sobrelanceiras dançavam subindo e descendo. — Eh? Eh?

Não pude deixar de verificar se Lucas ainda estava na sala. Ele estava conversando com a garota Zeta que ele tinha falado antes, mas ele estava me observando sobre sua cabeça.

Benji se esgueirou por seu caminho para o corredor, a divisão de um sorriso seu rosto.

— Eu fico com Tutores Gostosos por US\$ 200, Alex. — Ele disse em uma voz estranhamente feminina antes que ele começasse a cantarolar a música tema de *Jeopardy*. Ele ainda estava cantarolando quando ele sorriu para Lucas antes de sair.

Eu esperava que eu não estivesse corando quando Lucas saiu junto comigo, mas nenhum de nós falou até estarmos fora.

Limpendo a garganta, ele fez um gesto para trás para Benji com um ombro.

— Será que ele, hum, ele sabe? Sobre...?

Ele atormentava o lábio inferior e o pequeno piercing de prata, uma carranca leve no rosto.

— Ele é, na verdade, como eu descobri... Quem você era.

— Oh?— Ele caminhou comigo para a minha aula de espanhol, como fazia antes.

— Ele nos viu... Olhando um para o outro. — Eu dei de ombros. — E ele me perguntou se eu fui para as suas sessões de tutoria.

Fechando os olhos por um instante, ele respirou fundo.

— Deus. Eu sinto muito! — Eu esperei, torcendo que ele me falaria a razão para a charada de Landon/Lucas, finalmente. Nós caminhamos pelo campus montanhoso em silêncio por um minuto ou dois, cada passo levando-nos mais perto de minha aula. Sem uma única nuvem no céu, o sol aquecia nos remendos diretos de luz enquanto congelava na sombra provida por árvores e edifícios. — Eu notei você na sua primeira semana. — Sua voz era suave. — Não apenas por causa de quão bonita você é, embora, é claro, isso influenciou. — Eu sorri, observando os nossos pés como combinamos os nossos passos. — Foi a maneira que você se apoiava em seus cotovelos quando você está ouvindo em sala de aula, quando algo chama seu interesse. E quando você ri, nunca é para chamar a atenção, é apenas o riso. A maneira como você obsessivamente dobra seu cabelo atrás da orelha, no lado esquerdo, mas deixa que o lado direito caia como um manto. E quando você está entediada, você bate o pé silenciosamente e move os dedos na carteira como se estivesse tocando um instrumento. Eu queria esboçar você. — Nós paramos e ficamos em um quadrado de sol, bem longe da entrada sombreada do edifício de linguagem artística. — Quase todas as vezes que eu vi você, você estava com ele. Mas um dia, você caminhou até o prédio sozinha. Eu estava segurando a porta para várias garotas na sua frente, e eu esperei por você entrar.

Quando você chegou a mim, você estava satisfeita, e um pouco surpresa. Ao contrário das outras, você não esperava que a porta estivesse aberta para você por algum cara aleatório. Você sorriu para mim e disse: —Obrigada! Essa foi a última gota. Eu rezei para você nunca vir a uma sessão, e não com ele. Eu não queria que você soubesse que eu era o tutor. Ele a tomou por concedido, mesmo quando você estava ao lado dele, segurando sua mão. Como se você fosse um acessório. — Ele franziu a testa, e eu me lembrei de me sentir exatamente assim com Kennedy. Muitas vezes. — Eu nunca quis que você se machucasse, mas eu queria tomá-la dele. Eu tinha que me lembrar constantemente que não importava se você fosse dele ou não, porque você estava do outro lado de uma linha que eu não podia atravessar. E então você não apareceu no dia do exame parcial ou no próximo. Preocupe-me que algo tinha acontecido com você. Ele estava meio reservado nos primeiros dias. Até o final da semana, as garotas estavam flertando com ele antes da aula, e a maneira que ele respondeu me contou o que tinha acontecido. Eu tinha certeza que você ia largar a turma, o que me fez egoisticamente em êxtase. Mesmo sem saber que eu estava fazendo isso, eu comecei a olhar para você no campus. — Ele olhou nos meus olhos e baixou a voz ainda mais. — E então, a festa de Halloween.

Eu não conseguia respirar.

— Você estava lá? Na festa?

Ele acenou com a cabeça.

— Como? Você não é grego, você é?

Ele balançou a cabeça.

— Eu tinha arrumado o ar condicionado da casa na noite anterior. A manutenção não faz coisas que não emergências nas noites ou fins de semana, mas tenho contrato de trabalho, por isso concordei em fazê-lo. Quando eu não aceitei uma gorjeta, alguns caras me convidaram para a festa. Eu só disse que sim porque eu estava esperando que você pudesse estar lá. Fazia duas semanas, e este

campus é tão grande que eu estava começando a pensar que eu nunca iria até você. — Ele riu baixinho e passou a mão na parte de trás do seu pescoço. — Uau, isso soa perseguidor total!

Ou totalmente quente. Deus.

— Por que você não falou comigo naquela noite? Antes...

Ele balançou a cabeça.

— Você estava tão arredia e infeliz. Quase todos os caras que se aproximaram de você foram rejeitados sem uma segunda olhada. Não havia nenhuma maneira que eu estava indo me tornar um deles. Você dançou com um punhado de caras que você já conhecia e ele era um deles.

— Buck.

— Sim. Quando você saiu, ele a seguiu, e eu pensei que talvez... Talvez vocês dois decidiram sair mais cedo juntos, sem todo mundo saber. Se encontrando fora ou algo assim.

Eu assisti um trio de colegas meus entrar no edifício.

— Ele é o melhor amigo do namorado da minha colega de quarto. Bem, o melhor amigo de seu ex, agora. Ele era uma entidade conhecida. Um amigo, eu pensava. Rapaz, eu estava errada!

Ele acenou com a cabeça, franzindo a testa.

— Eu estava prestes a sair, minha moto estava estacionada em frente. Algo não estava bem, mas eu estava lutando com o mesmo desejo de tirá-la que eu senti por meio do semestre com o seu namorado, então eu questioneei meus próprios motivos. Eu perdi um minuto discutindo comigo mesmo, e eu sinto muito por isso! Eu finalmente decidi se vocês dois iriam transar, eu tinha acabado de dar a volta na frente, ligar a Harley, e acabar com isso. Com você. Mas não foi isso que aconteceu.

— Não. — De repente, ciente da falta de pessoas agitadas em torno de nós, eu retirei o meu celular. Era 10h02min. —Merda! Estou atrasada.

— Uh-oh. Não é esse o professor que faz você de exemplo se você está atrasada?

Impressionante.

— Você se lembrou! — Gemendo, eu empurrei o meu telefone na minha bolsa. — Eu meio que gostaria faltar agora.

Sua boca curvou-se num dos lados.

— Que tipo de funcionário da faculdade eu seria, se a encorajasse a faltar à última aula do semestre?

— Estamos apenas revisando. Eu tenho um A. Eu realmente não preciso de revisão.

Olhamos um para o outro.

Eu dobrei minha cabeça e olhei diretamente em seus olhos claros.

— Você não tem aula?

— Não até às 11h. — Pela primeira vez, a sensação de seu olhar à deriva no meu rosto era como uma brisa suave, ou o toque mais leve possível. Ele parou na minha boca.

Meus lábios se separaram, minha respiração desacelerou conforme minha frequência cardíaca acelerou.

— Você nunca fez meu esboço de novo.

Seus olhos correram ao meu, mas ele não respondeu, então eu pensei que talvez ele não se lembrasse de seu pedido no SMS.

— Você disse que estava tendo um momento difícil para fazê-lo pela memória. Meu queixo. Meu pescoço...

Ele acenou com a cabeça.

— E seus lábios. Eu disse que precisava de mais tempo olhando para eles e menos tempo os provando.

Eu assenti. Bom Deus, o que ele não se lembra?

— Uma coisa muito tola para eu dizer, eu acho. — Ele estava olhando para minha boca novamente.

Meus lábios formigavam de seu exame minucioso. Eu queria esfregar os dedos entre eles. Ou roçar com os meus dentes para parar a sensação de cócegas.

Quando eu os molhei com a minha língua, ele respirou fundo.

— O café. Vamos tomar um café.

Concordei, e sem dizer uma palavra, caminhamos em direção ao centro estudantil, o lugar mais movimentado no campus a esta hora do dia.

— Então, você usa óculos, hein? — Nós estávamos sentados em uma pequena mesa, bebendo nossos cafés e suportando um silêncio decididamente desconfortável, então eu deixei escapar a primeira coisa viável que entrou no meu cérebro.

— Hum. Sim.

Ótimo! Eu só trouxe aquela noite à tona. Mas eu não deveria me abrir àquela noite? Não deveríamos falar sobre isso? Eu não deveria perguntar-lhe se ele estava me afastando porque ele era o tutor de turma, ou por causa dessas cicatrizes em seus pulsos?

— Eu uso lentes de contato. Mas meus olhos se cansam delas até o final do dia.

Dei deixo à imagem mental de Lucas puxando a porta aberta, a apreensão em seu rosto, os óculos o transformando em alguém oficial enquanto o pijama produziu um efeito contrário. Eu limpei minha garganta.

— Eles parecem realmente bem em você. Os óculos. Quero dizer, você pode usá-los o tempo todo, se você quiser.

— Eles são um tipo de dor com o capacete da motocicleta. E taekwon-do.

— Ah. Sim, eu posso imaginar.

Ficamos calados novamente, com 40 minutos até a sua aula e meu remarcado tempo de prática de baixo.

— Eu poderia esboçar você agora. — Ele disse.

Sem uma boa razão, meu rosto corou.

Por sorte, ele estava chegando em sua mochila, retirando seu caderno de desenho, e virando uma página em branco. Ele tirou o lápis de trás da orelha antes de olhar por cima da mesa para mim. Se ele percebeu a minha cor intensa, ele não mencionou isso. Sem dizer uma palavra, ele se inclinou para trás na cadeira, o bloco em seu joelho, e começou a desenhar, seu lápis criando, sem esforço, arcos extensos de alguém que sabe o que está fazendo. Seus olhos se moveram do caderno de desenho para mim e de volta, mais e mais, e eu me sentei silenciosamente bebericando, observando seu rosto. Observando suas mãos.

Havia algo de íntimo sobre esboçar alguém. Eu me ofereci como modelo uma vez na minha turma júnior de arte, para o crédito extra.

Uma grave falta de habilidade de desenho, eu pulei nos dois pontos extras, sem parar para pensar que eu estaria sentada em cima de uma mesa por todo um período de aula. Dar a uma sala de aula de garotos adolescentes rédea livre para olhar para mim por uma hora foi uma espécie totalmente nova de embaraço. Especialmente quando o namorado de Jillian, Zeke, começou o seu retrato de meu seio. Ele olhou descaradamente, mostrando seus esforços artísticos para seus companheiros de mesa enquanto eu corava e fingia que não podia ouvir suas piadas sobre beliscões e decote e como ele queria que eu somente tivesse perdido a camisa por completo, ou pelo menos desabotoá-la.

— A maioria dos artistas começam com a cabeça. — Sr. Wachowski disse enquanto olhava por cima de seu ombro. Zeke e os outros garotos na mesa bufaram com risadas enquanto eu queimava com humilhação e toda a turma olhava.

— O que você está pensando?

Eu não estava transmitindo essa história.

— Ensino Médio.

O cabelo que estava caindo sobre sua testa obscureceu a ruga que eu sabia que estava lá, mas os lábios apertaram.

— O que? — Eu perguntei, pensando na mudança que trouxe essas duas palavras.

Cercado por conversas, música e sons mecânicos, o rabisco do grafite sobre o papel era inaudível na cafeteria. Eu observava o lápis dançar em suas mãos, perguntando qual parte de mim que ele estava esboçando, e quais partes ele poderia querer esboçar. Como ele era como um garoto de 16 anos? Será que ele desenhava, então? Saía com outros garotos de sua idade? Se ele tivesse se apaixonado? Teve seu coração partido por uma garota insensível? Ele teria já colocado essas cicatrizes em seus pulsos, ou será que ainda estava para acontecer?

— Você disse que tinha estado com ele por três anos. — Ele falou apenas alto o suficiente para eu o ouvir, olhando para o caderno e enquanto o lápis trabalhava para trás e para frente. Não havia dúvida em sua voz. Ele achava que eu estava pensando sobre Kennedy.

— Eu não estava pensando nele.

Sua mandíbula apertada, lábios comprimidos novamente. Ciúmes? Culpa rastejou para dentro de mim quando percebi que queria que ele sentisse ciúmes.

— Como foi a escola para você? — Eu perguntei e queria levá-lo de volta. Seus olhos brilharam aos meus e sua mão parou.

— Muito diferente do que era para você, eu imagino. — Seus olhos ainda percorreram o meu rosto, mas ele não estava mais desenhando, e sua expressão era tensa.

— Oh? Como? — Eu sorri, esperando por trazer-nos de volta a partir desta posição de agarrados a borda, ou empurrar-nos sobre a borda.

Ele levantou o olhar para mim e então olhou fixamente.

— Por um lado, eu nunca tive uma namorada.

Pensei na rosa sobre o seu coração, e o poema inscrito em seu lado esquerdo. Eu não queria que este amor fosse recente.

— Sério? Nenhuma?

Ele balançou a cabeça.

— Eu era... Instável, você poderia dizer. Só ficava com as garotas. Nenhum relacionamento. Ignorava as aulas tanto quanto eu me preocupava em me mostrar. Festejava com os habitantes locais e os turistas na praia. Me envolvia em brigas, muitas vezes, na escola e fora. Fui suspenso ou expulso com tanta frequência que eu nunca tinha muita certeza, quando eu acordava de manhã, se eu deveria ir ou não.

— O que aconteceu?

Seu rosto ficou em branco.

— O que?

— Quero dizer, como você entrou na faculdade e se tornou este...

— Fiz um gesto para ele e dei de ombros. — Estudante sério?

Ele olhou para o lápis em sua mão, o polegar raspando o grafite, aguçando-o.

— Eu tinha dezessete anos, prestes a reprovar pela última vez, preparado para trabalhar no barco com o pai pelo resto da minha vida. Uma noite, eu estava festejando com alguns amigos. Fizemos uma fogueira na praia, que sempre atraiu atenção das crianças turistas — e eles sempre desejaram ser viciados. Um dos meus amigos era um traficante. Não de coisas grande, apenas drogas de festas. Ele vendia caro, assim poderíamos pegar alguns sem ter que pagar o seu distribuidor por eles. Sua irmã me marcou ao longo da noite. Ela tinha uma queda por mim, mas ela tinha 14. Totalmente inocente. Não era o meu tipo. Ela não aceitou bem a rejeição, e começou a flertar com os caras que financiaram a nossa noite, por assim dizer. Seu irmão idiota estava tão alto que ele não estava olhando para ela. Minha cabeça não estava muito clara, mas quando o cara que ela estava dançando a puxou para a praia, ela parecia que estava tentando se empurrar para longe dele. Lembro-me de ir atrás deles, mas tudo depois disso é obscuro. Foi-me dito que eu quebrei o maxilar do cara. Fui preso, acusações arquivadas. Eu

provavelmente teria acabado na prisão, mas os Heller estavam visitando essa semana, e Charles fez alguma coisa para fazer com que tudo se desaparecesse. Ele e meu pai conversaram. A próxima coisa que eu sei é que estava me inscrevendo para aulas de artes marciais. Eu fui estúpido o suficiente para ver de forma idiota este benefício, ser capaz de bater a merda fora de outras pessoas ainda melhor do que eu já poderia, por isso não me opus. O que eu não esperava era como isso iria me centrar pela primeira vez em um longo tempo. Antes de ir embora, Charles me ensinou como meu pai nunca fez. Eu não gostaria de decepcioná-lo. — Ele me olhou de perto. — Ainda não. — Bebemos nossos cafés e eu esperava, segurando minha língua, sabendo que havia mais. — Ele me disse que eu estava jogando o meu futuro fora, que eu era melhor do que drogas e brigas. Ele disse que minha mãe estava assistindo, e perguntou se eu queria que ela tivesse orgulho ou vergonha. Então, ele prometeu que ia me ajudar a entrar na faculdade, puxar cada corda que ele pudesse puxar, se eu acabasse tentando. Ele sabia que eu estava procurando uma fuga, e ele me deu uma segunda chance.

Um calafrio desceu pelas minhas costas com suas palavras.

— Ele é bom em oferecer segunda chance.

Ele sorriu, apenas um pouco.

— Sim. Ele é. Eu peguei. Meu último ano parecia bom, mas eu praticamente matei meu GPA completamente antes disso. Eu não sei como ele me aceitou, mesmo condicionalmente. Papai não pode pagar por isso, é claro, é por isso todos os bicos. Eu pago o aluguel do apartamento, mas eu não poderia obter nem uma cama dobrável na garagem de alguém pelo que ele me cobra.

— Ele é como um anjo da guarda para você.

Erguendo seus claros, enervantes olhos para mim, ele disse:

— Você nem sabe.

Capítulo 20

Eu pisquei para Erin, confusa.

— O que quer dizer, ela provavelmente não vai depor?

Minha companheira de quarto bateu o telefone em sua mesa. Bateu a porta do nosso frigobar depois de pegar uma garrafa de água dele. Chutou seus sapatos e, em seguida, jogou um deles em toda a sala onde ele bateu na parede sobre a cama e aterrissou no centro.

— Eles a têm. Kennedy, DJ e Dean. Convencendo ela, ou quase a convencendo, que eles vão lidar com Buck. Ela vai derrubar a fraternidade e talvez o sistema grego todo se ela testemunhar.

— O que?

— Eles estão fazendo ela se sentir culpada. Por ser estuprada! — Eu nunca tinha visto Erin tão enfurecida. — Isto é uma merda totalmente fodida! Eu estou chamando Katie.

Levantei-me e atravessei o quarto, segurando seu antebraço para impedi-la de ligar.

— Erin, você não pode dizer se Mindi não quer que você diga.

Ela me olhou de perto.

— J, você sabe como os gregos trabalham. Todo mundo já sabe.

— Ah. Certo.

Ela discou, e eu ouvia como ela disse a presidente de sua irmandade o que ela achava da proposta de ocultar-se.

— Ok, eu vou estar lá em uma hora, com Mindi. — Ela desligou o telefone, a sua expressão mais calma e mais calculista. Sentada na minha cama, ela pegou minha mão. — Você tem que ir com a gente, J. Você tem que dizer a eles o que ele fez com você.

De alguma forma, testemunhando a um monte de garotas da irmandade era mais aterrorizante do que o pensamento de relatar Buck para a polícia ou dar um depoimento para o procurador do distrito.

— P-por quê? — Eu gaguejava. — Eu não sou uma de vocês, Erin. Eles não se importam.

— Isso mostra precedentes.

Quantas vezes eu ouvi Kennedy usar esse jargão jurídico, um de seus favoritos.

— Você tem certeza que uma tentativa frustrada comigo mostra um padrão? É apenas a segunda vez...

Seus olhos flamejaram.

— Jacqueline...

— Você está certa, você está certa... Deus, o que estou dizendo?
— Minhas mãos tremiam, deslizando sobre meu rosto, e Erin as puxou suavemente.

— Nós temos que ter certeza que ele não fará isso de novo!

Eu balancei a cabeça, sabendo que ela estava certa, e ela digitou um SMS para Mindi.

Erin tinha destravado o Volvo quando ouvi meu nome e virei para encontrar Kennedy correndo pelo estacionamento do dormitório.

— Hey, Jacqueline! Erin!

Quando ele deu um sorriso apertado, sério, ela franziu o cenho. Ele se virou para mim.

— Nós precisamos conversar.

Eu olhei para ele.

— Sobre o quê? Sobre você ajudá-los a falar com Mindi pressionando-a sobre as acusações, quando você sabe o que ele fez para mim?

Ele bufou um suspiro cansado.

—Não é assim!

— Oh? Como é?

— Podemos falar em particular? Por favor?

Olhei para Erin e ela apertou os lábios e deu ao meu ex um cínico olhar uma vez mais antes de voltar sua atenção de volta para mim.

— Eu estou pegando a Mindi, e eu irei encontrá-la na casa?

Ela estava preocupada que eu o deixasse me influenciar, deixando-me pouco a vontade, como eu já estava.

Olhei para o Kennedy e eu sabia que me convencer a abandonar a acusação contra Buck era sua agenda.

— Você vai me levar lá? Agora? Essa é a única maneira desta conversa acontecer.

Frustrado e talvez um pouco confuso com minha oposição, ele concordou.

— Claro. Eu vou te levar, assim você falará comigo no caminho.

Eu olhei sobre o topo do sedã de Erin.

— Eu vou te encontrar lá.

Ela assentiu, inabalável esperança em seus olhos, e eu segui Kennedy para seu carro. Depois de ajustar o som ao nível de plano de fundo, ele dirigiu devagar, com um pulso envolto por cima do volante embrulhado de couro.

— Obrigado por concordar em falar comigo. — Ele olhou de lado, seus olhos deslizando longe de mim e de volta para a estrada. — Eu quero que você saiba que eu acredito, cem por cento, em tudo o que você me disse sábado à noite. Eu sei que Buck é um babaca, eu só não sabia o quanto era. Começamos um processo de expulsão.

— Expulsá-lo, da fraternidade? Como isso é castigo? — Fechando meus olhos, eu balancei a cabeça para limpá-la.

— Buck veio a este campus pensando que ele ia ser o presidente de turma, pensando que ele ia subir nas fileiras, mantendo-se

completamente na fraternidade talvez no conselho até o último ano, e agora ele está prestes a ter sua bunda fora, papai ou nenhum papai... Droga, certo que é castigo!

Engoli em seco.

— Kennedy, ele estuprou uma garota!

Ele teve a graça de recuar.

— Eu entendo isso, mas...

— Não há mas! Não há merda de mas! — Meu peito arfava com o esforço para apertar as mãos no meu colo, em vez de esmurrando seu rosto presunçoso. — Ele merece um tempo na prisão, e eu vou fazer tudo que posso para o ver receber isso. — Eu não podia deixar de pensar que, se Kennedy tinha sido enviado para me impedir de depor, então essa discussão produziu o efeito inverso.

Ele freou o carro na frente da casa e colocou-o no estacionamento. Ele segurou o volante com as duas mãos.

— Jaqueline, você precisa entender algo. Buck estava falando merda sobre como ficava com você há semanas. Outros têm confirmado o seu relato. Todo mundo sabe sobre isso. Ninguém compra a sua história de ele-tentou-me-estuprar-também, agora. É um pouco tarde para isso.

Minha respiração me deixou, minha garganta fechou, e dor abatendo os meus braços para os meus dedos. Fechando os olhos, eu lutei com a tontura e as lágrimas, e tanta fúria, eu literalmente vi vermelho atrás das minhas pálpebras fechadas.

— Minha história...?

Seus olhos verdes encontraram os meus.

— Eu te disse, eu acredito em você! — Olhei em seus olhos, esse garoto que eu tinha conhecido intimamente por três anos. Eu podia ver que ele acreditava em mim, mas que a crença em conflito com sua compulsão para salvar a pele. Ele não ia fazer a coisa certa.

— Você acredita em mim, ainda você está sentado aqui, tentando me convencer de que ninguém acreditará em mim!

— Jacqueline, é mais complicado do que isso...

— O inferno que é! — Eu joguei a porta aberta e saltei para fora. Batendo a porta em mais um protesto, eu me virei e pisei na calçada para a casa da irmandade de Erin e Mindi. Eu estava tremendo de raiva, e medo, e outra coisa: determinação.



Havia menos de 20 garotas presentes na reunião: Erin, Mindi, as oficiais da irmandade, e eu.

Como presidente, Katie presidia da cabeceira da mesa, muito polida. Sentada em cada lado estavam as oficiais superiores, eu reconheci a irmã mais velha de Olivia como uma delas. Ela e Olivia poderiam ter sido gêmeas, elas eram muito parecidas, até no desdém de cadela.

— Mindi, querida, ninguém está culpando você aqui. — Ela disse, sua voz cheia de uma insinceridade que contradiziam suas palavras. — Mas a coisa é, você foi para o quarto dele. Quer dizer, a expectativa era que..., você sabe?

Erin colocou a mão na minha coxa quando eu preni minha respiração, um aviso contra a responder ainda. Eu exalei pelo nariz e irritada silenciosamente. Eu era uma de fora. Eu poderia ser removida com facilidade, e isso não seria bom para Mindi. Ela precisava de todo o apoio que poderia receber.

— Você não era assim, uma virgem, também, certo? — Outra garota disse.

— Deus, Taylor, isto não é material! — Outra disse.

Taylor deu de ombros.

— Seria importante para mim.

O rosto de Mindi estava pálido e parecia que ela estava querendo vomitar ou desmaiar. Erin se aproximou dela e sussurrou:

— Respire, querida.

Várias pessoas disseram coisas mais estúpidas, e outras disseram as coisas mais sensíveis, e, finalmente, parecia que todo mundo tinha falado suas ideias, exceto Katie, Erin, e as duas pessoas que, em última análise tinha o destino de Buck em suas mãos: Mindi e eu.

Finalmente, Katie bateu o martelo levemente, parando toda a conversa e virando todas as cabeças em sua direção. Sua postura tão perfeita que ela poderia ter sido uma rainha usando uma pesada coroa, ela fixou seus olhos em mim.

— Jackie, eu entendi que você está alegando que Buck tentou estuprá-la na noite da festa de Halloween?

Um par de garotas murmuraram apartes e uma realmente deu uma risadinha. Minhas mãos em punhos apertando no meu colo, eu ignorei, engoli em seco e assentiu.

— Sim.

— Ok desculpe, eu não vejo por que ela está mesmo aqui, — disse uma representante de turma júnior. — Se ele não chegou a fazê-lo.

— Ele tinha toda a intenção de fazê-lo. — Erin disse através dos dentes cerrados. — Ele foi parado antes de ele conseguir.

A outra garota jogou o cabelo sobre o ombro.

— Mas ela não o denunciou naquela noite. Por que não? E por que agora? Quer dizer, como é que nós sabemos que isso não é um truque para chamar a atenção? Ou algum tipo de vingança contra Buck?

Erin rosou ao meu lado.

— Ele foi parado por um cara que viu a coisa toda e estava disposto a fazer um relatório oficial comigo. — Minha voz vacilou, e por baixo da mesa, Erin pegou a minha mão direita e segurou-a com força. — Na medida do porque agora em vez de antes... Esse foi o meu mau julgamento. Não me ocorreu que ele faria isso a alguém mais. — Olhei para Mindi, um pedido de desculpas aos meus olhos, e depois Katie. — Eu pensei que era só eu.

— Que cara? Um dos irmãos? Porque, cara, eles não vão testemunhar contra Buck. — Taylor disse, e várias garotas assentiram.

— Não. Lucas Maxfield.

— Ah, eu conheço. — A irmã de Olivia disse. — Ele é delicioso...

— Ele é o cara não-grego que estava na festa de Halloween sem um traje? Botas de cowboy? Cabelo escuro? Olhos lindos? Totalmente quente? — A garota a seu lado perguntou.

— Sim, é ele.

— Mindi. — Katie interrompeu: — Eu entendi que Dean e DJ falaram com você ontem?

Mindi assentiu, ela ainda tinha os olhos vermelhos ampliados.

— Eles me pediram para retirar as acusações. Eles disseram que iriam lidar com isso internamente.

Cabeças giraram para trás e para frente entre o presidente da fraternidade e da promessa de calouros quando eles descargas de perguntas e respostas.

— Quais são seus planos, agora?

— Eu não sei. Estou muito confusa.

Katie a prendeu com um olhar.

— Será que Buck fez o que você disse que ele fez?

Os olhos de Mindi se encheram de lágrimas, e quando ela concordou, eles derramaram por suas bochechas.

— Então, que diabos existe sobre isso para ser confuso?

Todos se sentaram em silêncio atordoado por um momento, até que a garota que tinha pronunciado que Lucas era totalmente quente exclamou:

— Você está dizendo que ela deveria prestar queixa?

— Absolutamente.

Suspiros soaram em torno da mesa, e eu estava tão chocada que não conseguia se mover.

— Mas isso vai parecer tão ruim para...

— Você sabe o que parece ruim?— Katie cortou sua frase. — Um grupo de mulheres que não ajudam umas as outras quando um cara puxa alguma merda assim. Eu estou enjoada sobre isso. Menos de uma hora atrás, eu disse a DJ onde ele poderia enfiar a maldita reputação fraterna. — Ela se levantou e se inclinou para frente, com as mãos em cima da mesa. — Deixe-me dizer-lhe uma história de garotas, curta e doce. Na escola, eu era uma líder de torcida júnior do time do colégio namorando um sênior que foi para o futebol com bolsas de estudo. Eu dormi com ele várias vezes, de bom grado. Uma noite, eu não estava de bom humor, mas ele estava. Então, ele me segurou e me forçou. As poucas pessoas que eu disse sobre ele, incluindo a minha melhor amiga, apontou o que lhe aconteceria se eu dissesse. Eles enfatizaram o fato de que eu não tinha sido uma virgem, que estávamos namorando, que tinha feito sexo antes. Então, fiquei quieta. Eu nunca sequer disse à minha mãe. Esse rapaz colocou hematomas no meu corpo. Eu estava chorando e implorando para ele parar e ele não o fez. Isso é chamado de estupro, senhoras. — Ela se endireitou e cruzou os braços sobre o peito. — Então Buck pode desfrutar sentado em uma cela contemplando como ele explodiu sua vida. Aquele pedaço inútil de merda feriu duas pessoas sentadas nessa mesa. E você está preocupada com quem vai ficar mal se elas disserem? Foda-se isso. Dean e DJ e Kennedy e cada garoto de fraternidade no campus podem ir se foder. Somos irmãs ou não?



Jacqueline,

Anexei a revisão que irei entregar na quinta-feira. Eu acho que é tecnicamente preferencial para dar a você alguns dias mais cedo, mas eu contei que você era a minha favorita, depois de tudo.

LM (tcc^{16} Lucas, tcc Landon, tcc Sr. Maxfield)

Sr. Landon Lucas Maxfield,

Parece estranho receber um e-mail de economia seu. Como se você não fosse realmente a mesma pessoa. (Eu só lembrei de como eu perguntei se você precisava de ajuda em economia. Eu estava com tudo pronto para te recomendar um tutor que é você mesmo.

Você deve ter pensado que eu era tão estúpida!)

Obrigada pela planilha de revisão. Eu não vou nem olhar para ela até quinta-feira. Dessa forma, você não precisa se sentir culpado por me dá-la antes.

Mindi e eu prestamos queixa na delegacia de polícia mais cedo. Erin nos levou. Foi a primeira vez que eu realmente dei a qualquer um o relato detalhado de toda a coisa. Eu estava tremendo e chorando no momento em que foi feito, e eu me senti fraca e estúpida novamente. Mindi estava em situação ainda pior, a oficial do caso disse que ela pode precisar ser tratada para TEPT^{17}. Ela nos disse tanto para ir ao escritório de aconselhamento da escola ou um terapeuta particular para tratamento.

Mindi ligou para os pais no caminho de volta ao campus, e eles estarão em um voo para cá de manhã. Nunca me ocorreu dizer aos

meus pais. Eu não acho que eu poderia lidar com outro discurso de eu-disse-a-você da minha mãe. Não sobre isso.

Eu dei à detetive a suas informações, e ela disse que iria chamá-lo quando eles quiserem que você se envolva. Eu não sei o que acontece em seguida.

JW (tcc Jacqueline, tcc J, tcc Sra. Wallace, tcc Jackie, mas vai aplicar treinamento de autodefesa conforme necessário, se chamado de tal.)

Sra. Jacqueline (não Jackie) Wallace,

Nunca, por um momento pensei que você fosse estúpida. Eu fui pego no meu próprio engano, e eu me sentia cada vez mais infeliz sobre isso. Estou feliz que você descobriu, e eu sinto muito que eu não lhe disse sobre mim mesmo. Se alguém foi incompetente, este era eu.

Eu me sinto como um idiota por sempre dizer qualquer coisa para fazer você pensar que qualquer parte daquela noite era sua culpa. Eu estava tão empolgado, e irritado com ele. Se você não tivesse feito aquele som na caminhonete, eu acho que eu poderia tê-lo matado.

Fizeram uma ordem de restrição para vocês?

Lucas

Eu: Será que podemos mudar para SMS?

Lucas: Claro não tem problema.

Eu: Temos uma papelada para registrar uma ordem de restrição temporária amanhã de tarde.

Lucas: Ótimo! Se você se sentir ameaçada, eu quero que você me ligue. Ok?

Eu: Ok.

Lucas: Amanhã é o meu último dia de aula em Economia. Dr. H vai fazer uma revisão na sexta-feira.

Eu: Obviamente, você não precisa disso. Eu pensei que você fosse um estudante ruim e preguiçoso. Sentado na fileira de trás, desenhando, não prestando qualquer atenção na palestra.

Lucas: Eu acho que eu represento daquele jeito. Este é o meu terceiro semestre de tutor, e meu quarto sentando-me com a turma. Eu sei o material muito bem.

Eu: Então, depois de quarta-feira, não temos aula juntos? E depois do final da próxima quarta-feira, então o que?

Vários minutos se passaram, e eu sabia que eu tinha uma pergunta ou ele não sabia a resposta ou não quis responder.

Lucas: Férias de inverno. Há coisas que você não sabe sobre mim. Eu disse a mim mesmo que não vou mentir para você novamente, mas eu não estou pronto para pôr tudo para fora. Eu não sei se eu posso! Sinto muito!

As Férias de inverno começariam daqui uma semana, sexta-feira, último dia do final de outono. Eu era obrigada a deixar o dormitório durante as férias, e o semestre da primavera não começaria por sete semanas. Muita coisa pode mudar nesse espaço de tempo.

Eu caí de uma árvore na sexta série e quebrei o meu braço. Eu não poderia tocar meu baixo ou trançar meu cabelo por sete semanas. Quando eu tinha quinze anos, a minha melhor amiga Dahlia foi para um acampamento de verão por sete semanas. Quando ela voltou, ela era a melhor amiga de Jillian. Fiquei amiga de ambas, mas as coisas nunca mais foram as mesmas entre Dahlia e eu. Sete semanas após o outono, o semestre começou, Kennedy terminou comigo, e sete semanas depois, eu percebi que estava superando ele.

Sete semanas pode mudar tudo.

Erin chegou do trabalho antes que eu pudesse formular uma resposta a Lucas, se houvesse mesmo uma. Estranhamente calma e vestindo uma expressão distraída, ela tirou suas roupas de trabalho com cuidado, soltando-os no cesto de roupa suja, sem a sua tendência usual de arremessar o vestuário.

— Erin? Está tudo bem?

Ela caiu sobre a cama e olhou para o teto.

— Chaz estava de pé ao lado do meu carro quando eu saí hoje à noite. Segurando flores.

Eu não vi nenhuma flor, então eu só podia imaginar o que tinha acontecido com elas. Provavelmente nada de bom.

— O que ele queria? — Eu sabia exatamente o que ele queria. Eu sabia o que ele queria no último sábado. O que ele provavelmente queria desde que ele tinha sido burro o suficiente para escolher o pênis de seu melhor amigo sobre sua namorada.

— Ele se desculpou. Ele se humilhou. Ele disse que ia pedir desculpas e rastejar para você se eu quisesse que ele fizesse. Ele jurou que nunca pensou que Buck iria recorrer à isso para ter uma garota, porque as garotas estão sempre se jogando para ele. Eu disse a ele há três semanas que não é sobre sexo. É sobre o domínio. — Ela levantou-se em seus cotovelos para olhar para mim. — Ele não me ouviu então. E agora, quando Buck está prestes a ser preso e acusado de estupro, agora ele está ouvindo.

Eu dei de ombros.

— Eu acho que os caras que nunca fariam algo assim tiveram um tempo difícil acreditando que outro cara faria. — Eu disse, mas eu podia ver seu ponto. Conscientização e desculpas eram sempre bem vindas, mas vieram tarde demais.

Capítulo 21

Kennedy estava esperando do lado de fora da sala de aula quarta-feira. Evitei contato com os seus olhos, eu pretendia passar por ele na sala de aula, mas ele estendeu a mão quando eu passei.

— Jacqueline venha falar comigo.

Permitindo-lhe me puxar alguns metros à esquerda da porta, eu olhei a sala de aula para que eu pudesse ver quando Lucas chegasse.

Ele manteve a voz baixa e inclinou um ombro na parede de azulejo liso.

— Chaz disse que você e Mindi fizeram boletins de ocorrência ontem.

Eu esperava por raiva ou irritação, mas não vi nenhuma.

— Nós fizemos.

Ele esfregou alguns dedos sobre seu perfeitamente barbeado queixo como de costume que me fez querer fazer o mesmo.

—Você deve saber, Buck está afirmando que a coisa com Mindi foi consensual, e a única coisa com você foi que não aconteceu tudo naquela noite que você disse que aconteceu.

Meu queixo caiu e bateu fechado.

— A —Coisa com a Mindi? A —coisa comigo?

Ignorando a minha indignação, ele acrescentou:

— Ele aparentemente esqueceu que ele disse a Chaz e pelo menos uma dúzia dos outros caras que você e ele fizeram em sua caminhonete, logo após a festa, antes dele apanhar.

Eu sabia que Buck tinha espalhado rumores, mas eu não tinha ouvido os detalhes.

— Kennedy, você sabe que eu não faria isso.

Ele deu de ombros.

— Eu não penso assim, mas eu não tinha certeza de como você estava reagindo à nossa separação. Eu fiz algumas, hum, coisas imprudentes depois... Eu percebi que você tinha o mesmo direito.

Pensei em OFBB de Erin e a solução de Maggie ao meu rompimento após despencar e admiti para mim que ele não estava completamente fora de marcar. Ainda assim, eu me perguntei se ele já tinha me conhecido em tudo.

— Então você pensou que eu poderia estar tão chateada por ter perdido você que eu ia começar a transar com caras aleatórios em estacionamentos?

Ele beliscou a ponta de seu nariz.

— Claro que não! Quer dizer, eu principalmente assumi que ele estava exagerando. Eu não tinha ideia de que ele tinha... — Seu maxilar apertou e seus olhos verdes flamejaram. — Nunca me ocorreu que ele ia fazer isso.

Eu estava ficando doente e cansada desse sentimento.

Eu vi Lucas se aproximando, ao mesmo tempo que ele me viu. Sem fazer pausa, ele foi direto e parou ao meu lado.

— Você está bem?

Eu cresci viciada nessa frase, e a maneira como ele disse, sua voz como aço sob veludo. Eu balancei a cabeça.

— Eu estou bem.

Ele acenou com a cabeça uma vez para mim e deu uma rápida olhada em Kennedy prometendo uma lesão letal se tivesse em condições de infligir.

Kennedy piscou e olhou por cima do ombro para ver Lucas entrar na sala de aula.

— Esse cara está na nossa turma? E o que diabos foi aquele olhar para mim? — Ele virou-se para examinar o meu rosto mais de perto enquanto eu observava Lucas desaparecer pela porta. — Chaz disse

que um cara estava no estacionamento naquela noite. Que ele é o único que tirou a merda fora de Buck, não dois caras sem teto como disse Buck. — Ele fez um gesto com o polegar. — É quem ele estava falando? — Eu balancei a cabeça. — Por que você me disse que você fugiu?

— Eu não quero falar sobre aquela noite, Kennedy. — Com você, eu adicionei silenciosamente. Eu tenho que falar sobre isso em breve, quando eu tiver que dar um depoimento para a defesa, e novamente quando ele for a julgamento.

— É justo. Mas você não foi exatamente honesta comigo naquela noite.

— Eu fui honesta, eu só não estava completamente próxima. Eu não sei por que eu ainda lhe disse, especialmente depois que você me pediu para retirar as acusações para poder salvar a fraternidade...

— Isso foi um erro. Um que foi corrigido...

— Sim, por um grupo de garotas de irmandade muito mais corajosas do que você. Mindi estava prestes a desabar à sua pressão, e se ela deixasse cair o caso, eu não teria tido um de qualquer forma. Você de todas as pessoas sabe disso. Então, obrigado, Kennedy, pelo seu apoio! — Eu suspirei. — Olha, eu aprecio a sua conversa com Buck, e para o que vale a pena, eu sei que você realmente não queria que ele me machucasse. Mas ele precisa ir para a cadeia, e não apenas ser repreendido por um colega e jogado fora de sua fraternidade. — Virei para entrar na sala de aula e parei quando ele chamou meu nome.

— Jacqueline...Sinto muito!

Erin estava certa. Desculpas podem vir tarde demais. Eu balancei a cabeça, aceitando as suas por causa de tudo que nós costumávamos ser, mas nada mais.

Dr. Heller tinha começado a palestra, então eu deslizei em meu assento, aceitando o sorriso de olá de Benji, e me dei créditos por me tornar uma sobrevivente. Eu sobrevivi à decisão de Kennedy de

terminar nosso relacionamento. Eu tinha sobrevivido ao que Buck tentou fazer comigo. Duas vezes. E eu iria sobreviver se Lucas não quisesse ou não pudesse confiar em mim sobre seus demônios pessoais.



As árvores tinham transitado de arborizadas para nuas sem eu notar. A mudança sempre foi uma coisa rápida aqui, nunca uma longa, colorida transformação como se fosse mais ao norte. Mesmo assim, eu tinha estado muito preocupada para observar a alteração quando ela ocorreu. Parecia que um dia as árvores eram grossas e verdes, e no próximo, as folhas tinham desaparecido completamente, exceto em pequenas pilhas mortas presas nos cantos de terraços e presa sob os arbustos de fronteiras.

Os ocasionais dias quentes estavam indo tão bem. Lucas e eu estávamos curvados em nossos casacos, e meu cachecol foi enrolado em volta do meu pescoço duas vezes e avançava sobre o meu rosto. Eu exalei para ele e saboreei o calor que durou cerca de dois segundos.

Lucas puxou seu gorro mais para baixo.

— Você quer que eu vá com você esta tarde? Eu consigo alguém para cobrir o meu turno no Starbucks.

Virei à cabeça para olhar para ele, mas o meu cachecol não voltou comigo.

— Não. Os pais de Mindi estão aqui. Eles estão indo para ter certeza de que tudo está cuidado para nós duas. Eles até mesmo me conseguiram um quarto de hotel, eles estão mantendo Mindi lá com eles durante a próxima semana, e depois vão levá-la diretamente de volta para casa depois das finais. O pai dela está tirando suas coisas fora de seu dormitório esta noite. Erin diz que podem tirá-la permanentemente.

Ele franziu a testa.

— Eu acho que não faria qualquer bom ressaltar que isso poderia ter acontecido em qualquer lugar.

Eu balancei a cabeça.

— Talvez uma vez que superarem o choque. Mas Mindi não quer voltar aqui, mesmo se isso for verdade.

— Compreensível. — Ele murmurou, olhando para a frente, enquanto caminhávamos.

Ficamos em silêncio até que chegamos ao pequeno edifício onde minha aula de espanhol estava localizada.

— Eu gostaria de poder faltar novamente hoje, mas temos apresentações orais que contam como parte da nota final.

Ele sorriu, estendendo a mão para tirar uma mecha teimosa de meu cabelo que se agarrava ao meu lábio. Eu não poderia fazê-lo com os dedos enluvados. Seu dedo indicador estava ligeiramente cinza, e eu imaginei que ele tinha estado desenhando na aula de hoje.

— Eu gostaria de ver você, antes de ir para casa. Fora da turma de sábado, eu quero dizer.

Seu dedo se arrastou pela minha mandíbula, mergulhando na piscina de cachecol e enfiando embaixo do meu queixo.

Eu me familiarizei com as não verbais despedidas recentemente, e adeus estava em seus olhos. Eu não estava pronta para vê-lo.

— Eu tenho uma performance solo para hoje à noite, nota final, um recital obrigatório para participar na sexta-feira, e meu conjunto está fazendo uma performance sábado. Mas eu posso vir amanhã à noite, se você quiser.

Ele acenou com a cabeça, olhando nos meus olhos, parecendo que ele poderia me beijar.

— Eu quero. — Os estudantes iam apressadamente para suas turmas ao redor de nós. Eu não estava atrasada para a aula, no

entanto, neste momento. Ele puxou meu cachecol de volta no lugar sobre meu queixo e sorriu. — Você parece parcialmente uma múmia. Como se alguém tivesse interrompido sua sinuosa mortalha.

Um sorriso completo de Lucas era tão raro. Acostumada com o seu sorriso fantasma, suas carrancas escuras e seus olhares intensos, eu estava tão atordoada que minha respiração vacilou. E então eu sorri de volta, e mesmo que ele não conseguia ver a minha boca, eu sabia que as rugas ao redor dos meus olhos replicavam aquelas em torno do dele, o azul mais escuro dos meus olhos conectando com o seu cinza-azulado.

— Talvez eu tenha feito um ataque martelo de punho e ensanguentado seu nariz antes que ele pudesse fazer todas essas coisas horripilantes de múmia comigo.

Ele riu suavemente, segurando o sorriso no lugar, e eu me inclinei para ele como uma flor ao sol.

— Você está afeiçoada com o ataque martelo de punho.

— Talvez não tão afeiçoada quanto Erin está com o ataque na virilha e coisas relacionadas.

Ele riu de novo e se inclinou para beijar minha testa, me deixando ir rapidamente e olhando ao redor. Seu sorriso desapareceu, e eu pensei que provavelmente estaria disposta a fazer quase tudo para trazê-lo de volta.

— Me manda um SMS quando tiver terminado esta tarde?

Eu balancei a cabeça.

— Eu vou.



Eu não tinha certeza do que iria encontrar quando eu pesquisei o nome da mãe do Lucas quarta à noite. Eu esperava um obituário

que me daria um ponto de partida, o que eu encontrei. Tal como muitos obituários, um de Rosemary Lucas Maxfield não deu uma pista de como ela morreu. Não "em vez de flores, por favor, enviar um donativo para" com o nome de alguma doença horrível que mata uma jovem mãe no final. Eu pesquisei o nome dela, sem esperar nada, mas vários artigos apareceram, todos da data de oito anos atrás. Os títulos tiraram minha respiração. Eu escolhi um e cliquei meu coração batendo tão forte que eu podia sentir as batidas individuais ao mesmo tempo em que eu desejava estes comentários fossem sobre a mãe de outra pessoa. Alguém que eu não conhecia.

DOIS MORTOS EM HOMICÍDIO SEGUIDO DE SUICÍDIO

As autoridades confirmaram os detalhes horríveis de um homicídio seguido de suicídio, que teve lugar durante uma invasão de domicílio aparente nas primeiras horas da manhã de terça-feira. A polícia diz que Darren W. Smith, um faz-tudo local, invadiu a casa de Raymond e Rosemary Maxfield através de uma janela traseira cerca de 04h00min da manhã de terça. Dr. Maxfield estava viajando a negócios. Depois de restringir o filho dela no seu quarto, Smith estuprou Rosemary Maxfield repetidamente antes de cortar sua garganta. Causa da morte foi perda massiva de sangue a partir de múltiplas lesões de força afiadas. Smith então fatalmente se matou. Armas encontradas na cena incluía uma faca de caça de sete polegadas e uma pistola 9 mm.

Smith era de um grupo de empreiteiros que trabalhava na casa dos Maxfields no início deste verão. Não parece ter havido nenhuma outra conexão entre Smith e os Maxfields, apesar do tipos de vigilância, fotos da família foram encontradas ontem por investigadores na casa de Smith. A polícia acredita que Smith estava ciente da ausência do Dr. Maxfield da casa.

Incapaz de entrar em contato com sua esposa ou filho na noite de terça-feira, Raymond Maxfield solicitou que uma família de amigos Charles e Cindy Heller verificassem eles. Por volta das 19h00min, o casal descobriu Rosemary Maxfield em seu quarto, coberta de sangue, com Smith perto dela, morto com uma bala auto

infligida à cabeça. O filho menor foi levado para Hospital Municipal e tratado para choque, desidratação e ferimentos leves relativos às restrições, mas ao contrário estava ileso.

Heller fez uma curta declaração no início desta noite, pedindo que a imprensa e a comunidade permitisse privacidade para Maxfield e seu filho para processar a maneira chocante em que perderam sua esposa e mãe de 38 anos de idade. "Eu estava no exército. Forças Especiais. Eu já vi algumas coisas atroz. Mas esta foi a pior coisa que eu já vi, e eu sempre vou lamentar ter levado minha esposa comigo naquela noite", disse Heller. Os Heller e Maxfields têm sido amigos próximos por dezesseis anos. "Rose era uma adorada esposa e mãe, uma amiga carinhosa e maravilhosa. Ela foi terrivelmente perdida."



— Obrigada por me ver fora do horário de expediente. — Eu respirei fundo e sentei, apertei minhas mãos no meu colo. — Eu preciso falar com você sobre Lucas. Há algo que eu preciso saber sobre ele.

As sobrancelhas do Dr. Heller se juntaram.

— Eu não tenho certeza do que eu posso divulgar. Se for de natureza pessoal, você provavelmente deve perguntar a ele.

Eu estava com medo que ele dissesse isso, mas eu precisava saber mais antes de ver Lucas novamente. Eu precisava saber se aquela noite tinha sido o catalisador para as cicatrizes em seus pulsos, ou se havia algo mais.

— Eu não posso perguntar a ele. É sobre... O que aconteceu com sua mãe. Para ele.

Dr. Heller olhou como se eu tivesse lhe dado um soco.

— Ele te contou sobre isso?

Eu balancei a cabeça.

— Não. Eu pesquisei o nome dele, à procura do obituário de sua mãe. Quando ele não deu nenhuma ideia de como ela morreu, eu pesquisei o nome dela. Foi o seu o artigo que encontrei.

Ele fez uma careta.

— Sra. Wallace, eu não estou disposto a falar sobre o que aconteceu com Rose Maxfield apenas para satisfazer a curiosidade mórbida de alguém.

Dei outro suspiro.

— Isso não é uma curiosidade. — Eu deslizei para a beira da cadeira. — Seus pulsos, ambos tem cicatrizes. Eu nunca conheci qualquer um que tentasse... Isso, e eu tenho medo de dizer a coisa errada. Você o conhece toda a sua vida. Eu só o conheço em algumas semanas, mas eu me preocupo com ele. Muito!

Ele pensou por um momento, e eu sabia que ele estava pensando o que me dizer, me olhando por baixo das sobrelhas espessas. Era difícil imaginar que este homem de fala mansa, pastosa tinha sido um membro das Forças Especiais. Difícil de imaginar que ele tinha sido o único a descobrir um dos seus amigos mais próximos, barbaramente assassinado.

Ele limpou a garganta, e eu não me mexi.

— Eu e Raymond Maxfield nos tornamos grandes amigos na faculdade. Ambos estávamos no caminho para o doutorado, mas enquanto eu pretendia ir a um ensino mais típico e pesquisa de percurso, Ray era vinculado para um mais lucrativo, a carreira não acadêmica. Nós participamos de uma pequena reunião na casa de um de nossos professores, cuja filha era uma graduada, vivendo em casa. Ela era deslumbrante... Todo o cabelo escuro e olhos escuros, por isso, quando ela passou em seu caminho para a cozinha, Ray deu uma desculpa para pegar gelo, e eu o segui. Ele era o meu melhor amigo, mas não iria deixá-lo reivindicar uma garota assim. Era cada um por si. — Ele riu suavemente. — Cinco minutos depois, eu estava sentindo a maldita certeza das minhas chances. Ele

perguntou a ela sua especialização, e quando ela respondeu, —Arte, Ray tinha deixado escapar: —Seu pai é o Dr. Lucas, uma das mentes mais famosas e moderna da economia e o que está estudando é arte? O que diabos você vai fazer com um diploma em arte? — Ele sorriu, seus olhos desfocados, lembrando. — Ela se empertigou para todos os seus 1 metro e 57 e meio, os olhos faiscando, e disse: —Eu vou fazer o mundo mais bonito. O que você vai fazer? Ganhar dinheiro? Estou muito impressionada. Por dias, Ray ficou furioso por não ter formulado uma única réplica, enquanto ela estava lá. Uma semana depois, eu encontrei com ela no café. Ela perguntou se eu era tão anti arte como meu amigo. Eu não sou nenhum idiota, por isso, exclamei: — De jeito nenhum, eu sei como essencial a arte é na expressão da condição humana! — Então ela me convidou para uma exposição que ela estava fazendo, e me disse que eu poderia trazer Ray. Eu imediatamente me arrependi de convidar-lhe, porque ele estava determinado a dar os retornos inteligentes que ele estava formulando desde a noite que eles se encontraram. A galeria estava espremida entre uma loja de bebidas e um lugar mobiliário de aluguel. À medida que caminhava para a porta, Ray fez uma observação sobre o —mundo mais bonito que ela não estava fazendo, e eu queria me chutar novamente por trazê-lo. Rose se aproximou com um vestido transparente, com o cabelo trançado para cima, muito estudante de arte. Com ela estava uma loira casual, que era o tipo de Ray, ela apresentou como sua melhor amiga, e também graduada em finanças. Ray mal notou a outra garota. —Onde está o seu material?, ele perguntou para Rose. Sua pergunta pareceu tê-la mordido fora dela. Ela estava inquieta quando ela nos levou até a parede mostrando suas pinturas aquarelas. Nós todos esperamos, tensos, por Ray pronunciar o seu julgamento. Ele examinou cada peça sem comentário, e então ele olhou para ela e disse: —Eles são lindos! Eu acho que você nunca deveria fazer qualquer coisa que não seja essa. Ela se formou três meses depois, e ele tinha um anel em seu dedo naquela noite. Depois que ele terminou seu doutorado, eles se casaram, e ele começou a sua carreira com força total, como ele sempre planejou fazer. Curiosamente, acabei com a bonita graduada em finanças, e

nós nos casamos, não muito tempo depois que eles fizeram. Nós quatro ficamos amigos íntimos. Landon é como um primo mais velho para os nossos três filhos. — Dr. Heller parou e tomou uma respiração profunda, triste, e minha inquietação voltou. — Ray estava trabalhando para a FDIC. Fazia muitas viagens. Eu estava ensinando na Georgetown; morávamos talvez 20 minutos um do outro. Quando ele não pode entrar em contato com eles naquela noite, Cindy e eu dirigimos para verificar. Encontramos Rose em seu quarto, com o corpo de Smith, e Landon em seu quarto. — Dr. Heller engoliu e eu não conseguia respirar. — Ele estava tão rouco de gritar que ele não podia falar, e seus pulsos estavam presos ao poste da cama com uma braçadeira. Ele arrastou a cama até que deparou com outros móveis e não conseguia ir mais longe. Seus pulsos foram dilacerados, tentando se soltar dessa braçadeira para chegar à sua mãe. Havia sangue seco em seus braços e no canto da cama. É daí que as cicatrizes vieram. Ele tinha ficado assim por 15 ou 16 horas. — Meu estômago saltou e lágrimas escorriam pelo meu rosto, mas a voz do Dr. Heller ficou estável. Eu senti que ele estava segurando-se além da memória, tanto quanto pudesse. Eu me senti cruel por fazê-lo reviver uma noite horrível. — Rose era o coração emocional deles três. Ray a amava, e perdê-la dessa forma, quando ele não estava lá para protegê-la... Ele se desligou. Ele fez grandes avanços em sua carreira, mas ele desistiu de tudo. Eles mudaram para a casa de seu pai na costa, voltou para a pesca de barco que ele estava tão determinado a nunca ter qualquer parte quando ele saiu de casa aos 18. Seu pai morreu alguns anos mais tarde, deixou-lhe tudo. Landon se desligou de uma maneira diferente. Cindy e eu tentamos dizer a Ray que ele não devia se desenraizar de tudo o que tinha, que ele certamente precisava de terapia, mas Ray estava fora de sua mente com a dor. Ele não poderia ficar naquela casa ou naquela cidade. — Ele olhou para mim, então, puxando uma caixa de lenço de uma gaveta da mesa quando ele olhou na minha cara. — Eu acho que você precisa perguntar o resto para Landon, quero dizer, Lucas. Ele mudou seu nome para o nome do meio de solteira da mãe quando ele veio aqui para a faculdade. Tentando reinventar-se, eu acho. Um hábito de 18 anos é difícil de quebrar, e ele não me falou sobre ela o

suficiente nos últimos três anos. — Ele olhou para mim e exalou. — Eu gostaria de nunca ter visto você deixar seu apartamento. Até onde eu estou preocupado, eventuais restrições aluno/tutor acabaram. Só para que você saiba...

Eu enxuguei meus olhos com o lenço e lhe agradei.

Restrições universitárias eram o menor dos meus problemas.

Capítulo 22

— Você é um bom cozinheiro. — Eu peguei os copos vazios e segui Lucas para a pia. Ele lavou as tigelas de pesto e se virou para pegar os óculos de mim.

— Massa é fácil, versão universitária, padrão ouro para impressionar seu encontro com seus loucos dotes culinários.

— Portanto, isso é um encontro? — Antes que ele pudesse fazer uma meia-volta, acrescentei: — Isso foi impressionante por si mesmo. Além disso, você nunca viveu em um dormitório, onde as opções de massas são geralmente Chef Boyardee em lata, ou miojo dois-por-um-dólar. E ocasional Lean Cuisine. Confie em mim, suas habilidades são positivamente epicuristas.

Ele riu, me tratando com o sorriso completo que eu desejava.

— Ah, é mesmo?

Voltei a sorrir, mas senti falso como se alguém tivesse moldado a minha boca em um contorno mais feliz do que eu era capaz de sentir.

— Realmente.

Lucas tinha passado por tal inferno, e compartilhou com ninguém, até onde eu sabia. Ele disse que havia coisas que eu não sabia e que ele nunca poderia ser capaz de revelar, e em vez de respeitar os segredos, eu desenterrei-os. Eu queria ser aquela que ele deixaria entrar, mas minha curiosidade poderia facilmente ser transformada em uma desculpa para me calar.

— Eu acho que arruinaria minha posição como um chef se eu te dissesse que tenho brownies de caixa para a sobremesa. — Sua expressão era severa.

— Você está brincando? — Revirei os olhos. — Eu amo brownies de caixa! Como você sabe?

Ele estava tentando manter uma atitude severa e falhou.

— Você está cheia de contradições, Sra. Wallace.

Eu olhei para ele e arqueei uma sobrancelha.

— Eu sou uma garota. Isso é parte da descrição do trabalho, Sr. Maxfield.

Ele secou as mãos em um pano de prato e jogou-o em cima do balcão, me puxando para mais perto.

— Eu estou muito ciente do fato de que você é uma garota. — Seus dedos introduzindo através dos meus e conteve as minhas duas mãos atrás de mim, gentilmente, pressionando-as em minhas costas. Minha respiração acelerou junto com a minha frequência cardíaca quando nós olhamos um para o outro. — Como você sai dessa retenção, Jacqueline? — Seus braços me cercaram e meu corpo se curvou no seu.

— Eu não quero! — Eu sussurrei. — Eu não quero!

— Mas se você quisesse. Como você faria?

Fechei os olhos e imaginei.

— Eu iria lhe dar uma joelhada na virilha. Eu iria bater em seu peito do pé. — Eu abri meus olhos e calculei nossas relativas alturas. — Você é muito alto para mim te dar uma cabeçada, eu acho. A menos que eu salte para cima como eles nos ensinaram a fazer no campo de futebol.

Um canto de sua boca virada para cima.

— Bom! — Ele se inclinou para baixo, nossos lábios separados por centímetros. — E se eu te beijasse, e você não quisesse?

Eu queria tanto que ele fizesse que minha cabeça girava.

— Eu-eu te morderia.

— Oh, Deus! — Ele tomou fôlego, seus olhos fechando. — Por que isso soa tão bom?

Inclinei-me para cima, o mais próximo que eu poderia chegar, mas seus lábios ainda estavam fora de alcance, e os meus braços presos atrás de mim não poderiam se esticar para puxá-lo para baixo.

— Beije-me e descubra.

Seus lábios estavam quentes. Ele beijou-me cuidadosamente, mordiscando e sugando meu lábio inferior. Desenhando a ponta da minha língua ao longo da borda interna de sua boca, eu a passei sobre o fino piercing, de leve, e ele gemeu e puxou-me tão apertado que eu mal podia respirar. Minhas mãos foram subitamente libertadas e ele agarrou meus quadris, levantando-me sobre o balcão para que os nossos ângulos se invertessem.

Enfiando meus dedos em seu cabelo, eu pressionei a minha língua em sua boca, cautelosamente, traçando sobre o céu da boca apenas atrás de seus dentes enquanto passava os braços e as pernas em torno dele. Ele sugou minha língua e eu ofeguei. Eu nunca tinha beijado alguém assim, eu nunca tinha sido beijada assim. Uma mão na parte de trás do meu pescoço, me orientando, me balançava sobre a beira do balcão, ele persuadiu-me a fazê-lo novamente e quando eu fiz, ele acariciou minha língua com os próprios dentes, passando sobre a superfície, mordi-o suavemente quando me afastei.

— Puta merda! — Eu gemi antes dele dirigir sua língua em minha boca, finalmente, e eu apertei o meu domínio sobre ele em todos os lugares, querendo chorar de como correto me sentia.

Arrancando-me do balcão, ele entrou no seu quarto e caiu sobre sua cama, minhas pernas ainda fechadas em torno dele. Apoiou-se em cima de mim, beijou-me profundamente, acariciando o interior da minha boca até que eu estava me contorcendo sob ele. Ele me puxou e tirou minha blusa e eu desabotoei sua camisa. Deixando-a pendurada aberta, ele começou a abrir minha calça jeans, parando para examinar o meu rosto.

— Sim. — Não houve nenhuma hesitação em minha voz.

Ele puxou o zíper lentamente, olhando para mim, eu senti a pressão dele enquanto continuava deitada, ainda assim, ofegando baixinho, olhando para ele. Uma mão estava na minha coxa e a outra acalmou na base do zíper, ele murmurou:

— Eu não tentei isso com ninguém... Importante em um longo tempo. Isso nunca aconteceu antes.

Tentei conter a descrença por demais evidente em meu tom.

— Você não teve relações sexuais antes?

Ele fechou os olhos e suspirou, movendo suas mãos para agarrar minha cintura nua.

— Eu tive. Mas não com alguém que me importava ou... Conhecia. Ou as duas coisas de uma vez. Isso é tudo. — Ele levantou os olhos para mim.

— Isso é tudo, no entanto...?

Ele sorriu tristemente, seus dedos correndo apenas dentro do perímetro da minha cintura solta.

— Não é como se tivesse toneladas delas. Havia mais antes, na escola, do que houve nos últimos três anos.

Eu não sabia como responder a isso. Não consegui me concentrar em nada, mas a sensação de seus dedos indicadores enganchando nas presilhas ao lado do meu jeans.

— Lucas? Eu disse que sim, e eu quis dizer isso. Eu quero isso, contanto que você tenha proteção, eu quero dizer. Eu quero isso, com você. Então está tudo bem. — Eu estava balbuciando, preocupada que iria terminar como tinha seis dias antes. Eu exalou um suspiro e falei um pouco acima de um sussurro. — Por favor, não me peça para dizer pare!

Olhando para mim, ele puxou e eu levantei meus quadris. Meu jeans deslizou pelas minhas pernas e ele jogou de lado, tirou sua camisa e seus jeans.

— Eu quero que ele seja mais do que bom. Você merece mais do que bom. — Depois de pegar um preservativo de uma caixa na mesa de cabeceira e jogar o pequeno quadrado na cama, ele se estabeleceu entre as minhas pernas. Eu estava tremendo como se eu não tivesse experiência alguma. —Você está tremendo, Jacqueline! Você quer...

— Não! — Eu coloquei meus dedos trêmulos sobre sua boca. — Eu só estou um pouco com frio. — E muito nervosa.

Ele empurrou o cobertor para debaixo de mim e arrastou-o de volta, sobre nós. Seu peso pressionando em mim, ele me beijou completamente antes de olhar nos meus olhos, os dedos à deriva sobre o meu rosto.

— Melhor?

Eu respirei fundo, os meus medos se dissolvendo com seu toque, a antecipação subindo mais rápido do que tinha minutos antes na cozinha.

— Sim.

Como o polegar acariciava minhas têmporas, as pontas dos dedos brincando no meu cabelo. Seus olhos estavam tão pálidos tão próximos que eu podia ver cada aspecto fragmentado.

— Você sabe que você pode dizer isso. — Sua voz marcou mais baixa, mais suave. — Mas eu não estou pedindo para você, neste momento.

— Bom! — Eu respondi, levantando minha cabeça para capturar sua boca, minhas mãos massageando para cima e sobre os duros músculos de suas costas antes de arrastar as unhas abaixo do centro das omoplatas para seus quadris.

Sua hesitação de antes se foi, ele tirou as últimas peças de tecido que estávamos vestindo, fixou o preservativo em seu lugar, beijou-me ferozmente e lançou-se para dentro de mim.

Se isso tivesse sido Kennedy, teria sido em poucos minutos.

Meu último pensamento coerente, como Lucas tomou seu tempo beijando e tocando cada parte de mim que ele pudesse chegar e meu corpo arqueado para ele, foi oh... Então era sobre isso todo o estardalhaço.



Nos colocamos frente a frente, se aconchegando sob as cobertas, ombros de fora. Eu assisti a deriva de seu olhar sobre o meu rosto, parando em cada característica como se ele estivesse memorizando: orelha, queixo, boca... Queixo, a garganta, a curva do ombro.

Ele voltou para os meus olhos, em seguida, levantou a sua mão e rastreou sobre os atributos individuais, enquanto observa a minha resposta. Quando arrastou seus dedos sobre meus lábios, sobre a borda antes de friccionar todo o inferior, e eu engoli e me concentrei em respirar. Seus olhos caíram ali e ele olhou por um longo momento antes de colocar a mão na parte de trás do meu pescoço, aproximando-se e beijando-me tão suave que quase não senti, até a fina conexão me apanhou e ricocheteou através de mim, atirando aos pés como uma corrente.

Suspirei e nossas respirações se misturaram. Empurrando as cobertas até a minha cintura, ele pediu-me para virar de costas antes de apoiar o seu rosto na mão e continuar a sua leitura. Deveria estar fria, mas eu aqueci sob seu exame.

—Eu quero esboçar você assim. — Sua voz era gentil como seu toque, agora contornando toda a minha clavícula, e para trás, antes de mover mais baixo.

— Posso assumir que não vai acabar na parede?

Ele sorriu para mim.

— Er, não, esse não iria para a parede, por mais tentado que esse pensamento seja. Já fiz vários esboços de você que não estão

na parede.

— Você fez?

— Mmm-hmm.

— Posso vê-los?

Ele mordeu o lábio inferior, os dedos traçando ao longo das curvas de meu peito e então seguiu os sulcos de cada costela.

— Agora? — Sua mão quente curvada em torno da minha cintura e me puxou para mais perto.

Olhei em seus olhos quando ele se deitou em cima de mim.

— Talvez, daqui a pouco...

Ele correu para baixo.

— Ótimo! Porque eu tenho algumas coisas que eu gostaria de fazer primeiro.



Ele puxou a cueca boxer preta de algodão antes de ir para a cozinha. Eu ouvi a porta da frente abrir e fechar um momento depois, com a voz em um murmúrio misturado com os miados insistentes de Francis. Ele voltou com um copo grande de leite e um prato com pedaços de brownie.

Me entregando o prato, ele tomou um gole do leite antes de o colocar na mesa de cabeceira. Sentei-me com o lençol enrolado sobre meus seios e o observei se mover pela sala escura. Ele acendeu a luz da escrivaninha e pegou o caderno. Empilhados em um canto da escrivaninha, havia vários, mas ele segurou um.

No centro da parte superior das suas costas parecia haver uma cruz gótica, não muito alta o suficiente para espiar da gola de uma camiseta. As tatuagens restantes eram pequenas linhas escritas ao redor da cruz, não pretendendo ser lidas à distância, assim como o

poema sobre seu lado esquerdo. Sua pele era clara de seus ombros para baixo. Virando-se, ele me pegou estudando-o, eu não conseguia desviar o olhar, por isso não havia como esconder minha avaliação.

Ele se arrastou para a cama, apoiando os travesseiros e sentando-se atrás de mim, com as pernas de cada lado dos meus quadris debaixo das cobertas. Enquanto eu estava de volta contra seu peito e mordiscava um brownie, ele abriu o caderno e folheou as páginas, algumas contendo pouco mais do que formas, linhas e formas vagas, outros retratos detalhados de pessoas, objetos ou cenas. Alguns foram concluídos e datados, mas a maioria estava parcialmente completo.

Finalmente, ele abriu o seu primeiro esboço de mim, que ele deve ter feito durante a aula, quando me sentei ao lado de Kennedy. Meu queixo estava apoiado na minha mão, na mesa. Eu peguei o caderno dele e naveguei pelas páginas, lentamente, surpresa com sua habilidade. Ele esboçou dois dos edifícios mais antigos no terreno da faculdade, um cara de skate pela rua, e um mendigo na periferia do campus conversando com um casal de alunos. Intercaladas com estas ilustrações eram meticulosas coisas mecânicas.

Virei a página para outro esboço de mim, esse era um bem de perto, as características faciais e a sugestão de cabelo e pouco mais. Rabiscado no canto inferior estava uma data, duas ou três semanas antes de Kennedy me deixar.

— Incomoda que eu estava observando antes de você me conhecer? — Seu tom era guardado.

Achei impossível estar incomodada por nada no momento, embrulhada nele como eu estava. Eu balancei a cabeça.

— Você é apenas observador, e por algum motivo você me achou um assunto interessante. Além disso, você já esboçou um monte de pessoas que não sabiam que estavam observando-as tão de perto, eu suponho.

Ele riu e suspirou.

— Eu não sei se isso me faz sentir melhor ou pior.

Inclinando-me para o lado, apoiando a cabeça contra seu bíceps com tinta, eu olhei para ele. Ainda segurando a folha ao meu peito, em um show tardio de modéstia, ou insegurança, observei seu olhar aquecido tocar levemente lá antes de subir para o meu rosto.

— Eu não estou brava mais do que você não me disse que era Landon. A única razão que eu estava com raiva era porque eu pensei que você estava brincando comigo, mas foi o oposto disso. — Eu deixei o lençol cair, e seu olhar ardente caiu com ele. Levantando os meus dedos, eu os passei levemente sobre a pele lisa ao longo de sua mandíbula. Ele deve ter raspado pouco antes de eu chegar. — Eu nunca poderia ter medo de você.

Sem dizer uma palavra, ele pegou o prato do meu colo e o caderno da minha mão antes de levantar e virar-me para o seu colo, seus braços ao meu redor, sua boca se moveu sobre os meus seios enquanto as minhas mãos enroscavam em seus cabelos. Eu ignorei a reprovação na minha mente em insistir que eu era a única ocultando informações agora, e enquanto eu não poderia temer Lucas diretamente, eu temia sua deserção se eu disse a ele que eu sabia, e como eu sabia.

Inalei o cheiro agora familiar dele, eu arrastei meus dedos pelas palavras e desenhos em sua pele quanto ele me beijava, banindo minha pontada aguda de consciência para um zumbido distante.

Capítulo 23

— Então, onde está... — A voz de Benji sumiu quando eu olhei para ele, e ele terminou a frase com um ângulo de cabeça rápida para o assento desocupado de Lucas e um sacudir de sobrancelha característico.

— É um dia de revisão final, então ele não precisa estar aqui.

— Ah. — Ele sorriu, inclinando-se sobre o braço de sua mesa e baixando a voz. — Então... Desde que você sabe um pouco de informação interna, e vocês dois deixaram a sala juntos nos últimos dias... Eu posso assumir que alguém está tendo um pouco de tutoria privada agora? — Quando eu apertei meus lábios, ele bufou uma risada, levantou o punho e disse com uma voz cantante: — acertei em cheio!

Revirando os olhos, eu bati os nós dos seus dedos com os meus, sabendo que ele iria segurar o seu punho no ar entre nós até que eu fizesse.

— Deus, Benji! Você é mano-sabe-tudo.

Ele sorriu, os olhos arregalados.

— Mulher, se eu fosse hetero, eu iria roubar você dele com tanta força.

Nós rimos e nos preparamos para tomar notas de macroeconomia para a última hora.

— Hey, Jacqueline! — Kennedy deslizou para o assento vazio ao meu lado e Benji deu-lhe um olhar estreito que ele não se dignou a notar. — Eu queria te alertar. — Ele se sentou de lado na mesa, de frente para mim, mantendo a voz baixa. — O comitê disciplinar decidiu deixá-lo permanecer no campus durante a próxima semana, enquanto ele cumpra com liminar de restrição, porque ele confessou inocência, e porque há apenas uma semana para acabar o semestre.

Ele tem que desocupar o local assim que as finais acabem, no entanto.

Eu já sabia que Buck estava em liberdade sob fiança, e que ele tinha sido notificado sobre a liminar na quinta-feira à tarde, Chaz tinha ligado para Erin e disse a ela, e ela passou a informação para mim, assim como para Mindi e seus pais.

— Maravilhoso! Assim, ele vai ficar em casa? — Nós todos esperávamos que ele seria expulso do campus, mas a administração estava abraçando a postura de que ele é inocente até que se prove o contrário.

— Sim, pela próxima semana, mas então ele irá embora. A fraternidade não tem de ser tão imparcial como funcionários da faculdade fazem. — Ele sorriu. — Aparentemente DJ viu a luz depois do que Katie disse a ele. Dean finalmente concordou. Deixando Buck ficar para a semana final foi o único compromisso que eles fizeram e ele só está autorizados a ir para suas finais programadas e voltar. — Colocando sua mão quente sobre a minha, ele me olhou nos olhos. — Há... Há algo que eu possa fazer?

Eu conhecia meu ex suficientemente bem para saber o que ele estava realmente pedindo, mas não há segunda chance para ele em meu coração. Aquele lugar estava cheio, mas mesmo se não tivesse, eu tinha certeza de que eu prefiro ficar sozinha do que estar com alguém que poderia me abandonar como ele tinha feito. Duas vezes. Coloquei minha mão no meu colo.

— Não, Kennedy. Não há. Eu estou bem.

Ele suspirou e desviou o olhar do meu rosto para seus joelhos. Balançando a cabeça, ele olhou para mim uma última vez, e eu estava satisfeita e entristecida por ver a plena conclusão em seus familiares olhos verdes de que nós estávamos perdidos. De pé para ir ao seu assento, ele pediu licença para passar pela beira da mesa do minha vizinha que por sua vez, não tinha nada a dizer sobre seus planos para o fim de semana.



Os primeiros calouros músicos eliminados quem teriam regido sua orquestra no ensino médio, banda ou coro sem muita prática, os que vieram para faculdade acreditando-se estar acima das banais proficiências técnicas como escalas e internos, muito menos a teoria da música. A maioria das principais empresas de música eram dedicadas a aperfeiçoar nossas habilidades, portanto, passado horas por semana praticando, muitas vezes horas por dia. Nada jamais foi aperfeiçoado o suficiente para arriscar acomodação.

Eu vim para o campus um pouco estragada. Em casa, eu tinha praticado sempre que eu queria; meus pais nunca me tinha limitado, embora reconhecidamente, eu era razoável nos meus tempos para prática. Incapaz de manter meu baixo como um móvel do tamanho do meu quarto, eu tive que procurar um armário para ele no prédio de música e agendar horários para tocar. Eu rapidamente aprendi que os pontos noturnos passavam mais rápidos, embora o edifício ficava aberto praticamente 24 por semana, eu não queria marchar pelo campus às 2 da manhã para praticar.

Agendamento de ensaios do conjunto de jazz foi ainda mais uma dor. A partir do ano de calouro, nos encontramos duas ou três vezes por semana. Recentemente, tornou-se óbvio por que reservas de estúdio domingo de manhã eram fáceis de encontrar: domingo era dia de ressaca para grande parte do corpo discente, e bem como as principais empresas de artes não estavam imunes. Por meio do semestre de outono, a maioria de nós tinha faltado o ensaio de domingo de manhã uma ou duas vezes. O que funcionou no primeiro ano não funcionaria em todo tempo que éramos juniores.

Pouco antes do recital de pares que começou na noite de sexta-feira, eu reiterei a um dos nossos trompetistas por que eu não poderia fazer o ensaio às pressas de última hora na manhã de sábado, embora a nossa apresentação era naquela noite.

— Eu tenho uma aula amanhã...

— Sim, sim, eu sei. Sua aula de autodefesa. Bem. Se ir mal amanhã à noite, é com você. — Henry era inegavelmente talentoso, como se ele tivesse nascido com um saxofone em seus longos dedos das mãos. Sua atitude pomposa apoiada pela habilidade genuína, costuma intimidar o inferno de todos nós. Nesse momento, porém, eu estava cansada dele ser um idiota.

— Isso é besteira, Henry! — Eu olhei furiosa para ele enquanto ele encolhia presunçosamente do outro lado de Kelly, a nossa pianista, quem optou por ficar de fora da discussão. — Eu só perdi um ensaio o semestre inteiro!

Ele deu de ombros.

— Mas isso está prestes a ser dois, não é?

Antes que eu pudesse responder, o recital começou. Eu sentei no meu lugar, rangendo os dentes. Eu era como um grande músico sério como qualquer outra pessoa em nosso grupo, mas sábado era a última aula de autodefesa, o auge de tudo o que tinha aprendido. Era importante.

Erin estava excitada sobre os jogos um a um que Ralph tinha planejado entre cada um dos membros da turma e Don ou Lucas. — *Eu vou tentar conseguir Don*. Ela tinha prometido, enquanto ela se vestiu para o trabalho e eu estava pronta para o último recital de pares obrigatório do semestre. Fechando um olho no espelho para aplicar uma camada de rímel no outro, ela brincou: — Eu não quero destruir partes vitais do seu garoto de brinquedo antes de você terminar de jogar com ele!

Eu não tinha ouvido falar de Lucas durante todo o dia, embora nós dois estávamos tão ocupados que eu quase não tinha tempo para me debruçar sobre a ausência de comunicação e o que isso significava. Quase.

Um ano atrás, eu não tinha pensado que eu alguma vez iria dormir com alguém além de Kennedy. Ele tinha estado com outras garotas antes de mim, se nada mais, sua experiência durante a minha primeira vez deixou claro. Esse fato não me incomodou, e

muito, embora nunca tinha realmente falado sobre isso. Lucas, também, tinha, obviamente experimentado, embora ele me disse que nenhuma dessas garotas anteriores haviam sido importantes. Se Kennedy tivesse confessado algo assim, eu teria ficado aliviada, se não emocionada. A história sobrecarregada de Lucas fez sua revelação comovente, em vez disso, e eu estava incerta sobre o que isso significava para ele, para mim, e para nós.



No início da aula, analisamos cada movimento que tínhamos aprendido enquanto Ralph circulou pela sala, dando dicas e encorajamentos. Don e Lucas estavam ausentes para a primeira parte. Ralph queria que nós permanecêssemos emocionalmente separadas deles, de forma que nós não iríamos nos sentir estranhas infligindo violência sobre eles na última hora. Gostaria de saber, no entanto, quantas de nós perdemos preciosos segundos se preocupando se estávamos exagerando —pequenos, valiosos tiques de tempo gastos não defendendo a nós mesmas, pensando, *mas eu conheço esse cara*.

Meu coração em minha garganta, vi como cada uma das minhas colegas usaram suas técnicas de defesa em um Lucas recém totalmente acolchoado ou Don. Conforme fizemos nossas voltas no tatame, cada um de nós era beneficiado com uma seção sanguínea de 11 pessoas torcendo, enquanto os rapazes se revezavam para que eles pudessem descansar de ser socado, chutado, e verbalmente injuriado. Uma vez que o estofamento amortecia nossos golpes, eles tinham que fazer um pouco de atuação ajustando suas reações como se cada soco ou chute dado tinha feito o seu trabalho. Então, quando Erin viu uma abertura e virou um chute perfeito varrendo para a virilha, Don caiu no chão como se estivesse incapacitado.

Onze vozes gritaram: —Corra! Corra! Mas o grande e acolchoado corpo de Don bloqueou uma fuga direta para a designada —zona de segurança na porta, e Erin hesitou por uma fração de segundo. Ele rolou para ela e gritou ainda mais alto. Despertada, ela saltou em seu peito como se fosse um trampolim e lançou-se, virando-se, quando ela fez e chutando-o mais duas vezes antes de fugir.

Quando ela chegou à porta distante, ela bombeou ambos os punhos no ar e saltou para cima e para baixo, enquanto todos aplaudiram. Ralph bateu em seu ombro quando ela voltou para nós, e eu olhei para Lucas. Vestindo seu sorriso fantasma, ele a observava. Mais uma mulher, com poderes. Mais uma com a capacidade de se defender contra ataques. Mais uma que não poderia atender o destino de sua mãe. Seus olhos encontraram os meus, e eu me perguntava se estes únicos momentos de esperança já seria suficiente para aliviar a dor que o perseguia. A dor da qual eu era, presumivelmente, inconsciente.

Puxando o olhar de mim, ele foi esperar a próxima vítima potencial para andar sobre o tatame. Faltava duas de nós, uma secretária que falava muito suave chamada Gail do centro de saúde do estudante, e eu.

Ralph olhou para nós duas.

— Quem é o próximo?

Gail se adiantou, tremendo visivelmente. Enquanto Ralph murmurou sutis dicas, algo que ele não tinha feito para qualquer outra pessoa, Lucas foi leve com ela. Nosso livreto disse que ter a confiança para lutar era uma parte crítica de autodefesa da formação, e eu sabia que eles estavam dando a ela. Quanto mais socos e chutes ela desembarcava, mais alto a aplaudíamos, e quanto mais ela lutava. Quando ela voltou para o grupo e aceitou o nosso louvor enfático, havia lágrimas em seu rosto e ela ainda estava cambaleante, mas ela usava um sorriso de milhas de largura.

Fui à última, contra Don. Minha adrenalina disparou no momento em que pisei no tatame, e eu me perguntava se as pequenas ondas

de choque que me atravessam eram visíveis a todos, como as mãos trêmulas de Gail tinham estado quando ela segurou seu pequeno corpo em modo de defesa. Eu sabia que Lucas e Erin estavam me observando de perto, pois eles eram os únicos que sabiam exatamente o que me trouxe aqui.

A coisa toda acabou em um minuto, talvez dois.

Don circulou-me uma vez, murmurando —Hey, baby comentários parte do cenário. Eu mantive meus olhos nele, todo o meu corpo tenso, à espera. De repente, ele desviou para mim e tentou agarrar meu braço. Eu fiz um bloqueio de pulso, depois errei um chute e acabei em um abraço de urso de frente. Eu não tinha certeza se estava na minha cabeça ou realmente gritei, porque tudo parecia em câmera lenta e silenciosa, como se estivéssemos sob a água, mas eu ouvi o grito de Erin:

— No saco!

Eu trouxe o meu joelho para cima, me arrancando das mãos de Don quando ele grunhiu e me liberou. Correndo para a porta, ouvi a voz de líder de torcida de Erin erguendo-se sobre todos os outros. Ela saltou através da sala para me abraçar quando cheguei à zona de segurança, e por cima do ombro, eu assisti a expressão de Lucas. Ele tirou o capacete e penteou o cabelo suado para trás, para que eu pudesse ver claramente seu rosto, e o familiar sorriso fantasma.



Lucas: Você foi bem esta manhã.

Eu: Sim?

Lucas: Sim

Eu: Obrigada!

Lucas: Café domingo? Te pego em torno das 3?

Eu: Claro :)



A performance de sábado à noite exigiu toda minha atenção, distraíndo-me até que eu estava no meu quarto. Erin não tinha retornado de mais uma reunião da fraternidade mas deveria voltar em breve. O dormitório inteiro estava bem acordado, estudando ou pirando —sobre as finais, — aproveitando o último fim de semana inteiro antes do recesso, ou mais além, prontos para ir para casa. As vozes no corredor alternaram entre tensão pré finais e excitação pré feriado.

Uma bassline profundamente enfraquecida atravessou a parede oposta a minha cama, e meus dedos se moveram com isso. Ocasionalmente, o fato de que eu tocava baixo vinha com estranhos, que geralmente imaginavam um instrumento elétrico e uma banda de garagem. Lucas parecia mais adequado para essa parte do que eu, —cabelo escuro caindo em seus olhos, piercing de prata pequeno seguindo a curva completa de seu lábio inferior, para não mencionar as tatuagens e músculos definidos que ficaria tão quente no palco, espreitando de uma fina camiseta. Ou sem. Camiseta...Oh, Deus! Nunca. Conseguindo. Dormir. Meu telefone tocou e exibiu um SMS de Erin.

Erin: Conversando com Chaz. Posso chegar tarde. Você está bem?

Eu: Eu estou bem. Você está ok?

Erin: Confusa. Talvez eu me sentisse melhor se eu apenas o chutasse.

Eu: No saco!!!

Erin: Exatamente.



— Essas pessoas são loucas! — Joelhos puxados para o meu peito, eu me aconcheguei perto de Lucas enquanto ele esboçava alguns caiaques no lago. —Tem que ser mesmo mais frio lá na água do que está sentado aqui.

Ele sorriu e chegou atrás de mim para puxar meu casaco de capuz por cima do cachecol de lã e caxemira e o chapéu que eu estava usando.

— Você acha que isso é frio? — Ele levantou uma sobrancelha para mim.

Fiz uma careta e toquei meu nariz com meus dedos enluvados, a qual tinha uma sensação de anestesia que vem de uma injeção no dentista, bem antes de perfurar um dente.

— Meu nariz é insensível! Como você ousa zombar de minha sensibilidade para temperaturas Era do gelo. E eu pensei que você fosse do litoral. Não é mais quente lá?

Rindo, ele enfiou o lápis acima da orelha, sob o capuz, fechou o caderno de desenho e colocou-o no banco.

— Sim, é definitivamente mais quente no litoral, mas não é o lugar onde eu cresci. Eu não tenho certeza que você poderia sobreviver a um inverno em Alexandria se você é tão mulherzinha.

Engoli em seco em afronta fingida, socando-o no ombro, enquanto ele fingiu ser incapaz de bloquear o golpe.

— Ai, caramba, eu retiro isso! Você é durona como pregos. — Ele se virou e deslizou o braço em volta de mim, recompensando-me com aquele sorriso cheio. — Totalmente fodona!

Entre sua proximidade no sentido físico, e seu abraço no sentido emocional, eu cantarolava feliz e abracei-o mais perto, fechando os meus olhos.

— Eu lanço um significativo martelo de punho. — Eu murmurei em seu capuz. Sua jaqueta de couro estava dobrada no banco ao lado do caderno. Ele insistiu que não estava frio o suficiente para precisar, exceto na moto.

Ele repetiu o meu zumbido, inclinando a cabeça para trás com um dedo, sem luvas curiosamente descongelados.

— Você faz. Na verdade eu estou com um pouco de medo de você.

Nossos rostos estavam a centímetros de distância, sua respiração se misturando com a minha em uma nuvem de evaporação entre nós.

— Eu não quero que você tenha medo de mim. — As palavras que eu não conseguia adicionar giravam em minha mente: falar comigo, fale comigo. Exceto que, eu queria que ele me beijasse, então eu não iria sentir a culpa aumentar, ameaçando derramar em uma confissão irrevogável. Como se eu tivesse feito esse pedido em voz alta, ele abaixou a cabeça e me beijou suavemente.

Capítulo 24

A maioria das pessoas decolariam assim que passasse na última final. Erin estava saindo no sábado, mas eu ia ficar, porque o meu aluno favorito do ensino médio tinha me convidado para seu show na noite de segunda, pegou a primeira fileira, e queria se exhibir. Fomos obrigados a desocupar os dormitórios para as férias de inverno na terça-feira, assim eu ia para casa naquele dia, quisesse eu ou não.

Maggie, Erin e eu nos encontramos na biblioteca para estudar para o último exame de astronomia do semestre. Cerca de duas da manhã, Maggie caiu de cara no seu livro aberto com um suspiro dramático.

— Uuuuugh ... Se não fizer uma pausa nesta merda, meu cérebro vai virar um buraco negro!

Erin não disse nada, e quando eu olhei para ela, ela estava verificando seu telefone, rolando através de um texto, e depois respondendo. Ela apertou enviar e percebeu que eu estava olhando para ela.

— Hein? — Seus olhos castanhos estavam um pouco grandes. — Hum, Chaz estava apenas me contando que os garotos estão se revezando pra ficar de olho em Buck. Certificar-se de que ele não vai sair de casa.

— Eu pensei que você não estivesse falando com Chaz. — Maggie murmurou sonolenta, com olhos fechados, bochecha apertada contra a página que estávamos revisando.

Os olhos de Erin estavam em qualquer lugar, menos em mim. E eu soube que ela tinha abandonado o plano. Eu decidi deixá-la incomodada um pouco mais antes de eu tirá-la da berlinda. Eu sempre gostei de Chaz e só podia ser uma falha gostar. Eu também não gostaria de acreditar que meu melhor amigo era um monstro.

Verificando o meu telefone, eu reli os textos que eu enviei pra Lucas mais cedo, e suas respostas.

Eu: Final em Econ: HUMILHEI!

Lucas: Tudo por causa de mim, certo?

Eu: Não, por causa daquele cara, o Landon.

Lucas: ;)

Eu: Meu cérebro dói. Eu tenho mais três provas.

Lucas: Só mais uma pra mim. Sexta. Em seguida, trabalho.

Vejo você no sábado.

— A última final da Mindi é amanhã. — Erin rabiscou um desenho em volta de uma equação em seu caderno.

— Eu ouvi que o pai dela estava sentado na sala durante todas suas provas finais. — Disse Maggie.

Eu ouvi o mesmo rumor.

— Eu não posso culpá-lo, se isso for verdade.

Nós observamos Erin, que sabia a verdade entre o fato e as fofocas do campus. Ela assentiu.

— Ele estava. E ela não vai voltar, a não ser para depor. Ela está se transferindo para alguma pequena comunidade universitária perto de sua casa. — O arrependimento em seus olhos era fundo. — A mãe dela disse que ela ainda está tendo pesadelos todas as noites. Eu não acredito que eu a deixei lá.

Maggie sentou-se.

— Hey. Deixamos um monte de gente lá. Não foi culpa nossa, Erin.

— Eu sei, mas...

— Ela está certa. — Eu fiz Erin olhar para mim. — Ponha a culpa em quem tem culpa. Nele.



Finalmente, eu contei aos meus pais sobre Buck. Eu não tinha falado com eles desde antes do dia de Ação de Graças. Por causa de algo deixado fora de ordem na despensa, mamãe descobriu que eu tinha estado em casa, e me ligou. Eu acho que ela queria ter certeza que nenhum estranho havia arrombado a casa e desarrumado seus grãos e condimentos que estavam em ordem alfabética. Então, eu tinha que confessar.

— Mas... Você me disse que estava indo para casa de Erin?

Em vez de dizer que ela tinha chegado a essa conclusão sozinha, que eu só tinha mencionado Erin uma vez, que ela nunca se preocupou em verificar o que eu estava fazendo no feriado de Ação de Graças, eu menti. Era mais fácil para todos nós assim.

— Ir pra casa foi uma decisão de última hora. Nada demais.

Ela começou a tagarelar sobre as coisas que precisávamos para fazer durante as férias: eu tinha quer ir a uma consulta odontológica e que o registro da minha caminhonete iria expirar em janeiro.

— Você precisa de uma consulta com Kevin, ou você encontrou um estilista aí? — Ela perguntou.

Em vez de responder sua pergunta, eu soltei tudo: o ataque de Buck no estacionamento, Lucas me salvando, Buck estuprando outra garota, as acusações que foram fazendo, o caso criminal abrindo. Não havia como parar, uma vez que comecei.

No começo eu achei que ela não tivesse me ouvido, e eu agarrei meu telefone, pensando que eu não iria repetir tudo aquilo, se ela estava muito ocupada com a merda de decoração de sua festa, para me ouvir por dez segundos.

Então ela engasgou.

— Por que você não me contou?

Ela sabia por que, eu acho. Eu não precisava dizer isso. Eles não tinham sido os melhores pais. Não tinham sido os piores, também.

Eu exalei.

— Estou contando pra você agora.

Ela ficou em silêncio por um momento tenso, mas eu a ouvi andando pela casa. Eles iam realizar a sua festa anual de férias com uma ceia no sábado. E eu sabia como a mamãe é obcecada com limpeza e que a casa tinha que estar perfeita para isso. Conforme fui crescendo, eu aprendi a aparecer menos durante toda a semana que antecedia a essa festa.

— Eu estou chamando Marty agora para dizer que eu não vou trabalhar amanhã. — Marty era o chefe da mamãe em sua empresa de consultoria de software. — Eu posso estar aí perto das 11. — Eu reconheci o som que ela fazia arrastando a mala com rodinhas para fora do armário embaixo das escadas.

Eu estava boquiaberta ao telefone por um momento antes de gaguejar para a vida.

— Não, não, mãe. Eu estou bem. Eu voltarei pra casa em menos de uma semana.

Sua voz tremeu quando ela respondeu, chocando-me ainda mais.

— Eu sinto muito, Jacqueline! — Ela disse meu nome como se ela estivesse tentando encontrar alguma maneira de me tocar através do telefone. — Eu sinto muito que isso aconteceu com você. — Meu Deus, pensei. Ela está chorando? Minha mãe não era uma chorona. — E eu sinto muito, por não estar aqui quando chegou em casa. Você precisou de mim e eu não estava aqui!

Sozinha no meu quarto, eu sentei na minha cama, atordoada.

— Está tudo bem, mãe! Você não tinha como saber. — Ela sabia sobre o meu rompimento com Kennedy... Mas eu estava pronta para

esquecer também. —Você me criou para ser forte, certo? Eu estou bem. — Eu percebi, quando eu disse, que isso era verdade.

— Posso-posso marcar uma consulta para você, com o meu terapeuta? Ou um de seus parceiros, se você preferir?

Eu tinha esquecido as sessões ocasionais de terapia da mamãe. Ela teve um diagnóstico de transtorno alimentar quando eu era muito jovem. Eu nem sabia o que era. Bulimia, anorexia? Nós nunca tínhamos falado sobre isso.

— Claro! Isso seria bom.

Ela suspirou, e eu pensei que era de alívio. Eu tinha dado a ela algo para fazer.



Depois que terminamos várias caixas de comida chinesa e uma conversa sobre como escolhemos nossas respectivas graduações, Lucas pescou seu iPod do bolso da frente e me entregou os fones de ouvido.

— Eu quero que você ouça essa banda que eu encontrei. Você pode gostar deles. — Estávamos sentados no chão, com as costas para a minha cama.

Quando coloquei os fones, ele ligou e me observou enquanto eu escutava.

Seus olhos se encontraram com os meus quando a música aumentou em meus ouvidos. Eu não conseguia ouvir nada do lado de fora. Não conseguia ver nada, exceto seus olhos em mim.

Ele se inclinou para mais perto e eu inalei o aroma calmante dele. Colocando meu rosto em sua mão, ele moveu sua boca para a minha, me beijando em um ritmo que de alguma forma combinava com o ritmo da música. Ele tinha gosto de TIC TAC de menta que ele estava chupando.

Entregando-me o iPod, ele me pegou, me colocou na cama e deitou ao meu lado, puxando-me em seus braços e me beijando até que a primeira música se misturou com a próxima e a próxima. Quando ele me afastou para traçar um dedo sobre a borda do meu ouvido, eu removi um fone e entreguei a ele. Ficamos deitados lado a lado na minha cama estreita, mal acomodou o comprimento do seu corpo confortavelmente, ouvindo juntos, imersos. Ele abriu uma nova lista de reprodução, e eu sabia que aquela música era algo que ele escolheu para mim, muito além de uma banda que ele queria compartilhar, ou algo para se discutir musicalmente.

Meu coração o alcançou enquanto ouvíamos, olhando um para o outro, e eu senti os fios de conexão entre nós, frágeis filamentos que tão facilmente quebrariam. Como o poema gravado em seu lado, cada curva nossa foi feita para caber dentro do outro, e essa fusão e mudança de forma poderia ser mais profunda, mais adaptável. Eu me perguntava se ele sentia isso, e quando eu escutei a letra dessa música que ele escolheu, eu pensei que talvez ele sentisse. Agora não era uma piada porque eu só poderia ser... A curva suave em sua linha dura.

O corredor do lado de fora da minha porta estava a maior parte em silêncio, finalmente. Depois de um dia inteiro de pessoas fazendo as malas e se mudando que tinha começado cedo. Nós conversamos recentes histórias apenas, e Lucas falou da história de como Francis se tornou seu companheiro de quarto.

— Uma noite ele apareceu pedindo para deixá-lo entrar. Cochilou no sofá por uma hora, em seguida, pediu para sair. Isso se transformou em um ritual noturno, cada vez ele ficava mais e mais. Até que uma hora eu percebi que ele tinha se mudado. Ele é basicamente o posseiro mais descarado que conheci.

Eu ri e ele me beijou, rindo também. Ainda sorrindo, ele me beijou de novo, mãos vagando sobre a minha cintura e quadril. Quando começamos a nos entender, eu lembrei que Erin só sairia do campus amanhã e, portanto, podia entrar a qualquer momento.

— Eu pensei que você disse que ela tinha ido hoje.

Eu balancei a cabeça.

— Ela ia. Mas seu ex-namorado está fazendo uma campanha implacável para que ela volte, e ele queria vê-la esta noite.

Sua mão vagou sob minha camisa, explorando.

— Então o que aconteceu com eles? Por que eles terminaram?

Meus lábios se separaram quando sua mão pegou um seio, moldando sua palma como se ela fosse feita para isso.

— Sobre mim.

Seus olhos se arregalaram um pouco e eu sorri.

— Não, não desse jeito! Chaz foi... O melhor amigo de Buck. — Eu odiava como meu corpo enrijecia quando eu pensava em Buck, como os meus dentes apertavam quando eu disse o nome dele. Mesmo sem estar presente, ele desencadeou respostas que eu não poderia sufocar, e isso me enfureceu.

— Ele já foi né? — Ele perguntou. — Ele deixou o campus? — Passando o braço em volta de mim, Lucas me apertou pra mais perto, com a mão na parte de trás do meu pescoço. Fechando meus olhos, eu enterrei a cabeça sob o queixo, confirmando.

— Eu duvido que vão permitir que ele volte no próximo semestre, mesmo antes do julgamento. — Ele disse.

Eu respirei nele, fechando a boca bem apertada e inalando o cheiro dele. Eu me senti protegida com ele. Segura.

— Eu estou sempre olhando por cima do meu ombro. Ele é como um desses palhaços de caixa de surpresa... Eu nunca te contei sobre o vão da escada, contei?

Eu não era a única incapaz de reprimir reações físicas. Seu corpo ficou rígido, e seu aperto em mim foi de repente menos gentil e mais carregado.

— Não.

Murmurando a história em seu peito, tentando ater aos fatos e nada mais, eu pude moderar minha própria resposta, acabei com:

— Ele fez parecer que nós tínhamos feito na escadaria. E por causa dos olhares nos rostos de todos no corredor... E das histórias que circularam depois... Eles acreditaram nele. — Forcei as lágrimas de volta. Eu não queria mais chorar por causa de Buck. — Mas pelo menos ele não entrou no meu quarto.

Em silêncio por tanto tempo que eu achei que ele não fosse comentar. Ele finalmente empurrou-me para trás, colocando um joelho entre os meus e me beijou duramente. Seu cabelo fez cócegas no lado do meu rosto, e eu libertei minhas mãos, que estavam presas entre nós, e as enfiei em seu cabelo como se eu pudesse puxá-lo para mais perto. A maneira como ele me beijou parecia uma marca. Como se ele estivesse tatuando-se sob a minha pele.

Ele sabia todos os meus segredos e eu sabia os dele.

Mas essa reciprocidade aparente era uma mentira, porque não foi ele que os revelou. Eu os escavei. E o pior: ele não estava consciente disso.

Minha culpa multiplicou entre nós, junto com o desejo que ele pudesse compartilhar essa parte dele. Para confiar em mim nesse aspecto. Eu iria para casa em três dias. Eu não podia falar nisso com quilômetros e horas entre nós, ou manter isso para mim por mais semanas.

Quando nós desaceleramos novamente, enroscados, permitimos que nossas libidos e que a velocidade dos nossos corações desacelerasse, eu vi uma abertura.

— Então você meio que vive com os Hellers, e eles são amigos da família?

Ele me observou e confirmou. — Como seus pais se conheceram?

Virando-se de costas, seus dentes deslizaram sobre o piercing em seu lábio e ele o chupou. Eu reconheci isso como sendo equivalente a forma de revelar o estresse assim com a coceira no pescoço de Kennedy.

— Eles estudaram juntos na faculdade.

Os fones de ouvido tinham sido retirados em algum momento durante a última meia hora. Ele desligou o iPod e enrolou os fios ao redor dele com força.

— Então você os conheceu toda a sua vida.

Ele empurrou seu iPod pra dentro do seu bolso da frente.

— Sim.

Imagens do que eu li, e que o Dr. Heller revelou, brilhou na frente dos meus olhos. Lucas precisava de conforto, eu nunca conheci ninguém que precisasse mais, mas eu não podia consolá-lo sobre algo que ele não tinha compartilhado.

— Como era a sua mãe?

Ele olhou para o teto, e depois fechou os olhos, imóvel.

— Jacqueline...

O ruído de uma chave na porta nos assustou. A luz do quarto estava apagada, com exceção de uma lâmpada fraca de cabeceira. Quando a porta foi aberta, um bloco de luz, preenchido com a silhueta de Erin, que caiu sobre o chão no centro do quarto.

— J, você já está dormindo? — Ela sussurrou, com os olhos ainda se ajustando do corredor brilhante, ou ela teria visto que eu não estava sozinha na cama.

— Hum, não...

Lucas sentou-se e colocou os pés no chão, e eu segui. Sincronismo é tudo, pensei.

Depois de lançar sua bolsa sobre a cama e chutar os sapatos, Erin virou para nós.

— Oh! Hey... Er. Eu acho que eu devo ter alguma roupa que eu preciso lavar... — Ela encolheu os ombros e tirou seu casaco e logo agarrou seu cesto de roupa quase vazio.

— Eu estava de saída. — Lucas se inclinou para puxar suas botas pretas e amarrá-las.

— *Oh meu Deus, eu sinto muito!* Articulou sobre a cabeça dele, Erin era a imagem do remorso.

Dei de ombros e articulei de volta: —Tudo bem.

Após seguir Lucas pelo corredor, me abracei. Frio após o calor de deitar ao lado dele.

— Amanhã?

Ele fechou sua jaqueta de couro antes de virar para mim, seus lábios apertados. Seus olhos saíram de mim e eu senti a parede entre nós, tarde demais. Nossos olhares se encontraram, ele suspirou.

— É oficialmente férias de Inverno. Nós provavelmente devemos usá-la para fazer uma férias um do outro também.

Tentei fazer um protesto inteligível, mas não tinha certeza do que dizer. Eu só o empurrei para isso, depois de tudo.

— Por quê? — A palavra saiu de mim.

— Você vai viajar. Eu também vou, pelo menos uma semana. Você precisa arrumar as coisas e eu vou ajudar o Charles a publicar as notas finais no próximo dia ou no outro. — Sua justificativa era tão lógica. Não havia parte oculta de emoção que eu pudesse puxar. — Deixe-me saber quando você estiver de volta à cidade. — Ele se inclinou para me beijar rapidamente. —Tchau, Jacqueline.

Capítulo 25

Enquanto eu dirigia para o apartamento de Lucas do domingo à noite, eu revi as inúmeras razões pelas quais aparecer sem aviso prévio e sem ser convidada foi uma má ideia: ele pode não estar lá, ele pode estar ocupado, ele pensa que me assustou, ele acha que disse adeus. Por outro lado, eu só ficaria na cidade até a manhã de terça-feira, e eu não podia deixar ele me despensar sem lutar.

Depois que eu bati, eu ouvi a volta da maçaneta e então a voz áspera de Lucas pela porta.

— Quem é, Carlie? Não pode apenas abrir a porta...

— É uma garota. — A porta se abriu e uma bonita loira, de olhos escuros foi emoldurada na porta. Ela piscou para mim, claramente à espera de uma explicação de quem eu era e o que eu queria. Eu não podia falar. Eu tinha certeza de que meu coração tinha se alojado no meu esôfago e parou de bater.

Lucas apareceu ao lado dela, carrancudo. Quando ele me viu, levantou as sobrancelhas para o cabelo caindo sobre a testa.

— Jacqueline? O que você está fazendo aqui?

Meu coração acelerou para a vida e eu me virei para romper escadas abaixo. De repente eu estava no ar, meus braços presos em seu aperto, balançando-me no degrau mais alto quando ele trouxe-me contra seu peito e eu quase pisei no peito de seu pé.

— Ela é Carlie Heller. — Ele disse em meu ouvido, e eu acalmei. — Seu irmão Caleb está lá dentro, também. Estamos jogando video game.

Meu coração ainda batia pela luta ou fuga, conforme suas palavras afundaram em mim, eu caí contra ele, sentindo como uma idiota ciumenta. Eu deixei minha testa em seu peito. Seu coração estava batendo tão forte quanto o meu.

— Sinto muito! — Eu murmurei contra sua suave camiseta. — Eu não deveria ter vindo.

— Talvez você não devesse ter vindo sem me dizer, mas eu não posso estar triste de ver você.

Eu olhei para cima.

— Mas você disse...?

Seus olhos eram de prata sob a luz da varanda.

— Eu estou tentando proteger você. De mim mesmo. Eu não faço... — Ele balançou um dedo para trás e para frente entre nós. — Isso.

Meus dentes batiam quando eu falava.

— Isso não faz qualquer sentido. Só porque você não fez antes não significa que você não possa. — Tarde demais, eu compreendi uma razão diferente, mais provável para suas palavras. — A menos que... Você não queira.

Ele suspirou e soltou o meu braço para passar ambas as mãos em seu cabelo.

— Não é... Que...

— Brrr! Vocês vem, ou o que? Porque eu estou fechando a porta. — Olhei ao redor de Lucas. Carlie Heller parecia jovem, mas ela não parecia tão jovem. Ela não parecia ressentida, porém. E ela parecia estar curiosa.

— Bem, você pediu por isso. — Passando os dedos pelos meus, Lucas voltou para a porta e empurrou-a mais aberta. — Estamos indo.

Carlie correu para um canto do sofá, onde Francis estava em um cobertor. Levantando-o, ela o deixou por cima do ombro como se fosse um objeto inanimado. Depois de ficar sob o cobertor, ela reorganizou o gato no colo e pegou o controle. Próximo a ela estava um menino carrancudo com os mesmos olhos escuros, um pouco

mais jovens do que (mas tão mal-humorado como) meus meninos do ensino médio.

— Tire o dia todo. — Ele murmurou na direção de Lucas.

— Rude! — Carlie lhe deu uma cotovelada e ele revirou os olhos.

Lucas pegou o controle da almofada do sofá, gesticulando para eu sentar no canto oposto à Carlie.

— Caras, essa é minha amiga, Jacqueline. Jacqueline, esses macacos são Caleb e Carlie Heller. — Carlie e eu trocamos —*olás* e Caleb resmungou algo em minha direção. Eu puxei meus pés abaixo de mim e assisti ao jogo sobre a cabeça de Lucas.

Quando Carlie ganhou de Caleb quinze minutos mais tarde, o seu mau humor não tinha diminuído. Ele olhou para mim.

— Eu não posso ter garotas sozinho em meu quarto.

Carlie golpeou a parte de trás de sua cabeça.

— Cale-se! Lucas é um adulto, e você é apenas um pré-adolescente com tesão.

Eu tentei disfarçar meu riso como uma tosse quando o rosto de Caleb ficou vermelho, e se ele atirou através da porta e bateu ao descer os degraus.

Carlie virou-se para abraçar Lucas e sorrir para mim.

— Tenham uma boa noite! — Ela cantarolou, desaparecendo pela porta.

Ele observou sua caminhada pelo quintal até entrarem na casa, dizendo boa noite antes de fechar a porta e trancar. Ele virou-se, contra ela, e olhou para mim.

— Então. Eu pensei que nós dissemos que estávamos dando um tempo? — Ele não parecia zangado, mas ele não estava feliz, também.

— Você disse que nós estávamos dando um tempo.

Seus lábios se achataram.

— Você não tem que sair do dormitório durante várias semanas?
Fiquei no meu lugar no sofá, enrolada em um canto.

— Sim. Eu só estou aqui por mais dois dias.

Ele olhou para o chão, as palmas das mãos apoiadas na porta atrás dele.

Tentei engolir, mas não podia minha voz girando instável.

— Há algo que eu preciso dizer...

— Não é que eu não quero você. — Sua voz era suave, e ele não olhou para mim quando ele falou. — Eu menti, antes, quando eu disse que estava protegendo você. — Seu queixo subiu e olhamos um para o outro lado da sala. — Eu estou me protegendo. — Ele respirou visível, seu peito subindo e descendo. — Eu não quero ser o seu rebote, Jacqueline.

A memória da Operação Fase Bad Boy bateu em mim. Erin e Maggie tinham desenhado um plano para eu usar Lucas para superar Kennedy, como se ele não tivesse sentimentos de sua autoria, e eu tinha ido junto com elas. Eu não tinha ideia, então, que ele estava me observando todo o semestre.

Que uma vez que começou a falar, o seu interesse seria mais forte. Que, finalmente, ele sente a necessidade de se afastar de mim por causa da profundidade desses sentimentos, não porque ele não sentiu nada.

— Então por que você está assumindo esse papel? — Eu me desenrolei da bola pouco apertada que eu me tornei no canto do seu sofá, e atravessei a sala, lentamente. — Não é o que eu quero também. — Quando me aproximei, ele permaneceu congelado no lugar, sugando o piercing em seu lábio inferior.

Endireitando, ele olhou para mim como se ele achasse que eu poderia desaparecer na frente de seus olhos. Suas mãos subiram para embalar meu rosto.

— O que eu vou fazer com você?

Eu sorri para ele.

— Posso pensar em algumas coisas.



— O nome da minha mãe era Rosemary. Ela passou a usar Rose.

Sua divulgação me trouxe de volta à Terra. Deitada pressionada ao seu lado, eu tinha estado distraída traçando a pétala vermelha escura sobre seu coração, querendo saber como dizer a ele o que eu sabia. Ou se dizer.

— Você fez isso em memória dela? — Um caroço ficou preso na minha garganta enquanto meu dedo delineou o caule.

— Sim. — Sua voz era baixa e pesada no quarto escuro. Ele estava tão pesado com segredos que eu não conseguia imaginar como ele sobreviveu dia após dia, nunca compartilhar o fardo com ninguém. — E o poema no meu lado esquerdo. Ela escreveu. Para o meu pai.

Meus olhos ardiam. Não me admira que seu pai tivesse se desligado. Pelo que o Dr. Heller me disse, Ray Maxfield era uma pessoa lógica, analítica. Sua única exceção emocional deve ter sido sua esposa.

— Ela era uma poetisa?

— Às vezes.

Minha cabeça em seu braço, eu observava seu sorriso fantasma aparecer de perfil, e parecia diferente daquele ângulo. Seu rosto estava desalinhado, barba por fazer, e vários lugares do meu corpo ostentava a evidência disso se irritando levemente.

— Normalmente, ela era uma pintora.

Eu lutei para ignorar a minha consciência, que não iria sair tagarelando que eu deveria dizer a ele o que eu sabia. Que eu lhe

devia a verdade.

— Então ela é responsável por todos esses genes artistas misturados com suas partes de engenharia, hein?

Passando para o lado, ele repetiu:

— Peças de Engenharia? Quais as partes que poderia ser? — Um sorriso travesso puxou na sua boca.

Eu arqueei uma sobrancelha e ele me beijou.

— Você tem alguma de suas pinturas? — Meus dedos seguiram uma órbita em torno da rosa, e o músculo duro por baixo flexionado, com o meu toque. Pressionando a minha mão em sua pele, eu absorvi o ritmo tum-tum do seu coração.

— Sim... Mas elas estão ou no armazém, ou exibido no lugar do Heller, uma vez que eles eram amigos íntimos de meus pais.

— Seu pai não é mais amigo deles?

Ele acenou com a cabeça, olhando meu rosto.

— Ele é. Eles foram a minha carona para casa no dia de Ação de Graças. Eles não podiam fazê-lo vir aqui, por isso a cada dois anos, eles todos vão para lá.

Pensei nos meus pais e os amigos e vizinhos com quem socializavam.

— Meus pais não têm amigos próximos o suficiente para serem incluídos nas férias atuais.

Ele olhou para o teto.

— Eles eram realmente próximos, antes.

Sua tristeza era tão tangível. Eu sabia naquele momento que ele não tinha trabalhado isso, não em todos os oito anos que se foram. Seu muro de proteção tornou-se uma fortaleza segurando-o como refém em vez de ser um santuário. Ele pode nunca se recuperar totalmente do horror do que aconteceu naquela noite, mas tinha que haver um ponto em que não o consumia.

— Lucas, eu preciso dizer uma coisa. — Seu coração batia na minha mão, lenta e constante.

Além de mudar o seu olhar para mim, ele não se moveu, mas eu senti a sua retirada enquanto ele esperava. Assegurei-me de que o desligamento foi tudo da minha mente, um produto da minha culpa e nada mais.

— Eu queria saber como você perdeu a sua mãe, e eu poderia dizer que você se aborreceu de falar sobre isso. Então... Eu olhei online o seu obituário. —Minha respiração estava superficial enquanto os segundos passavam e ele não disse nada.

Finalmente, ele falou, e sua voz era inegavelmente plana e fria.

— Você achou sua resposta?

Engoli em seco, mas a minha voz era um sussurro.

— Sim. — Eu não podia me ouvir sobre o baque rápido das batidas do meu coração.

Ele desviou os olhos de mim e deitou-se, mordendo o lábio, duro.

— Há mais uma coisa.

Ele inalou e exalou, olhando para o teto, esperando minha próxima confissão.

Fechei os olhos e soltei-a.

— Eu conversei com o Dr. Heller sobre isso...

— O que? — Seu corpo era como pedra contra o meu.

— Lucas, me desculpe se eu invadi a sua privacidade...

— Se? — Ele se levantou rapidamente, incapaz de olhar para mim, e eu me sentei, puxando as cobertas comigo. — Por que você foi falar com ele? Não eram os detalhes das reportagens revoltantes o suficiente para você? Ou pessoal suficiente? — Ele puxou a cueca e calça jeans, seus movimentos ásperos. — Você quer saber como ela estava quando a encontraram? Como ela sangrou? Como até mesmo quando meu pai arrancou o carpete com suas mãos nuas? — Ele exalou duramente. — Havia um círculo de jardas de largura de

piso manchado de sangue por baixo que não podia ser lixado o suficientemente profundo para tirar tudo? — Sua voz quebrou e ele parou de falar.

Em estado de choque e sem palavras, eu mal podia respirar. Ele se sentou na beira da cama, em silêncio, com a cabeça entre as mãos. Ele estava tão perto que eu podia estender a mão para acariciar a cruz que corria ao longo de sua coluna vertebral, mas não tive coragem. Eu cuidadosamente fugi da cama e me vesti. Eu puxei minhas botas e caminhei até ficar ao pé da cama.

Seus cotovelos pressionados em suas coxas, suas mãos obscurecendo seu rosto como viseiras. Eu olhei para o cabelo escuro e deslizei para seus ombros, a flexão dos músculos de seu braço e a tinta circulando seu bíceps e descendo até seu antebraço, seu torso bonito e magro e as palavras gravadas em seu lado como um marca.

— Você quer que eu vá embora? — Eu me surpreendi, pronunciando as palavras com uma voz firme.

Eu não sei por que eu pensei que ele ia dizer não, ou dizer nada. Eu estava errada, de qualquer forma.

—Sim.

As lágrimas começaram a fluir em seguida, mas ele não podia vê-las. Ele não se moveu de sua posição na cama. Eu não poderia mesmo estar com raiva, porque eu cruzei uma linha e eu sabia disso, e bem intencionada não era bom o suficiente. Peguei minha bolsa e as chaves da mesa da cozinha e meu casaco do sofá, orelhas em pé para o som dele vindo depois de mim, me dizendo para ficar. Não havia nada além de silêncio de seu quarto.

Quando eu abri a porta, Francis disparou dentro, junto com uma rajada de ar frio. Eu puxei a porta atrás de mim antes de um soluço quebrar livre. Engolindo o ar frio e perguntando como eu tinha conseguido estragar tudo completamente, eu estava determinada a não chorar, até eu estar na minha caminhonete. Enfiei minha mão ao longo do corrimão enquanto eu corria desajeitadamente, porque eu não podia ver através da combinação de uma noite sem lua e as

minhas lágrimas. Uma lasca perfurou minha mão a dois passos do chão.

— Ai! Merda! — A dor física foi a desculpa ideal para começar a soluçar. Eu corri para baixo para a calçada, longa e curva, sem sucesso na minha tentativa de conter minhas lágrimas o suficiente para entrar na caminhonete. — Droga! Droga! Droga! Foda-se! — Enfiei minha chave na fechadura pelo tato.

Déjà vu. Essa foi à primeira coisa que pensei quando me senti impelida através do assento do banco. Que foi onde a semelhança terminou, embora. Buck fechou a porta atrás dele e bateu o bloqueio automático. Seu peso imobilizando minhas pernas e ele tinha meu pulso esquerdo em sua mão antes que eu pudesse perceber quem ele era, embora soubesse.

— Boa o suficiente para espalhar suas pernas para alguém além de mim, hein Jackie?

Capítulo 26

Nas minhas costas, com a cabeça em um ângulo estranho contra a porta do passageiro, eu puxei meu braço e lutei sem sucesso para mover minhas pernas.

— Sai fora! — Eu gritei as palavras, sabendo que não teria sentido para ele. Eu estava estacionada na rua, longe demais para alguém me ouvir. — Saia da minha caminhonete! — Eu tinha deixado cair às chaves no chão da caminhonete quando ele me empurrou para dentro do caminhão, e eu a procurei no chão com a mão direita, com a intenção de usá-las como uma arma.

— Eu não penso assim. — Ele agarrou meu pulso direito e balançou a cabeça como se ele pudesse ler minha mente. — Você não vai a lugar nenhum até terminarmos de conversar. Você e sua amiga puta mentirosa arruinaram a porra da minha vida!

E então, eu ouvi a voz de Ralph na minha cabeça. — *Seu corpo já é uma arma. Você só precisa saber como usá-lo.* De repente, eu parei de lutar e fiz um balanço: eu não poderia chutar. Eu poderia deixar meus pulsos livres girando e puxando-os para baixo, mas e depois? Ele iria apenas me pegar de novo, me imobilizar ainda mais.

Eu precisava dele mais perto, a última coisa que eu naturalmente procuraria. Eu virei meus olhos.

— Me escute quando eu estou falando com você, porra! — Ele pegou meu queixo praticamente cavando com seus dedos enquanto ele se inclinou sobre mim e me forçou a encará-lo.

Mão direita livre.

Enquanto empurrava minha mão entre nós, agarrando e torcendo suas bolas e puxando-as tão duro quanto eu podia, eu bati minha testa em seu nariz com força, tanto quanto eu poderia controlar em uma trajetória em linha reta para cima.

Na noite do estacionamento da fraternidade, tudo aconteceu tão rapidamente que conseguir me orientar era impossível até que tudo estava acabado. Desta vez, tudo estava em movimento lento para um espaço impossivelmente esticado de tempo, eu tinha certeza de que nada do que eu tinha acabado de fazer tinha funcionado.

E então ele gritou, e seu nariz começou a jorrar. Eu nunca tinha visto tanto sangue assim tão perto. Ele derramou sobre ele como se eu tivesse abrido uma torneira-explosão total.

Mão esquerda livre.

Ele foi inclinando para o lado. Ainda puxando suas bolas, eu levantei meu joelho esquerdo e virei para ele, empurrando seu ombro com a mão esquerda. Ele caiu de lado na fenda apertada na frente do banco da minha caminhonete. A sensação correu de volta para as minhas pernas, tremores correram através de mim, e eu fui para a porta, empurrando-a aberta com tanta violência que quase saltou todo o caminho de volta.

Pouco antes de eu me afastar da porta, a sua mão direita disparou e agarrou meu pulso, como o psicopata não-completamente-morto em um filme de terror. Girei e bati o punho para baixo sobre o ponto sensível em seu antebraço superior, polegadas para baixo da curva de seu braço, e ele me soltou, berrando com raiva e tentando ficar em posição vertical.

Eu não esperei para ver se ele conseguiu. Eu saltei da minha caminhonete e fugi.

Este teria sido o momento ideal para gritar, mas eu mal podia soltar um suspiro. Ouvi seus passos batendo desiguais atrás de mim e eu me concentrei na porta de Lucas no topo dos degraus. Eu estava no meio da garagem quando Buck pulou por trás e agarrou meu cabelo, puxando-me a uma parada dolorosa. Eu gritei conforme descemos, virando imediatamente para o meu lado, como Lucas tinha me ensinado, deslocando-o.

De repente, Lucas estava lá. Como um anjo negro vingador, ele puxou Buck longe de mim e jogou-o, em seguida, instalando-se

entre nós. Subi para trás, como caranguejo. Ele não me poupou de um olhar, com os olhos incolores queimando na penumbra fundindo com as luzes de inundação ao lado do casa, antes que ele se voltasse para Buck, que tinha rolado para seus pés. Sangue cobria o espaço entre o nariz e a boca e estava manchado no queixo, mas havia pouco sobre ele fora isso.

Um segundo refletor no canto da casa estalou, iluminando a cena.

Ofegante, olhei de lance para meu peito. Minha camisa de malha pink e branca estava com uma mancha escura desde o decote para o topo da minha barriga.

Por causa de nossas posições quando eu bati no nariz de Buck, o meu peito tinha pegado a maioria do sangue que jorrava de seu rosto.

Eu lutei com o desejo de rasgar a minha camisa no quintal da frente de Heller.

Agachado, ele tentou circular Lucas. Ao invés de virar com ele, Lucas moveu-se para os lados, mantendo-se de costas para mim, bloqueando Buck de ficar mais perto de mim.

A voz de Buck foi um grunhido brusco.

— Eu vou te arrebentar até que sua boca se abra, garoto emo. Eu não estou fodido neste momento. Estou sóbrio e sério, e eu vou chutar o seu traseiro antes de eu foder sua putinha de nove maneiras no domingo, de novo.

Mentiroso bastardo.

Lucas não o apressou, e não respondeu a princípio, e então ouvi sua voz muito controlada.

— Você está enganado, Buck. — Nunca mudando seus olhos dele, Lucas abriu o zíper da jaqueta de couro, encolheu os ombros e jogou-a de lado. Quando ele empurrou as mangas compridas de sua camiseta escuras acima de seus cotovelos, notei o jeans desgastado que ele colocou mais cedo e as botas de cowboy que agarrou

quando ele estava com pressa, porque não exigem muito tempo para amarrar como suas complexas botas pretas de combate.

Buck deu um amplo soco e Lucas bloqueou. Tentou novamente com o mesmo resultado, e em seguida, correu para imobilizar Lucas. Um soco no rim e depois um soco na orelha esquerda, e Buck cambaleou para o lado, apontando para mim.

— Puta! Pensa que você é boa demais para mim, mas você não é nada, além de uma puta!

Lucas seguiu-o, mantendo-se entre nós. Quando Buck apontou, Lucas agarrou seu braço e virou, deslocando o braço de Buck em uma direção que os braços não são destinados a percorrer antes de dar um golpe rápido no queixo. A cabeça de Buck girou até ele ficar quase olhando para trás por cima do ombro. Ele virou-se para trás e Lucas disparou outro golpe em linha reta em seu lábio. Segurando sua postura defensiva e inclinando a cabeça uma vez a cada lado, o sorriso fantasma de Lucas assumiu uma ameaça que não estava incluída, quando ele se virou para mim.

Buck rugiu e pulou para frente, e eles caíram. Na vertical, eles estavam equilibrados. De peso, Buck tinha uma clara vantagem de 40 ou 50 quilos, e ele usou para prender Lucas, socando-o no lado da cabeça duas vezes antes de Lucas se torcer, jogando Buck por cima de sua cabeça. Caindo de costas, Buck balançou a cabeça duas vezes, como se estivesse tentando limpá-la.

Lucas atacou-o, segurando-o para baixo, e esmurrado ele quatro vezes em rápida sucessão. O som me fez pensar na textura dos bifés de papai, e meu estômago virou. O rosto de Buck estava rapidamente se tornando irreconhecível, e embora eu não pudesse sentir pena dele, eu estava com medo de que Lucas estivesse cruzando no que poderia ser interpretado como força letal.

— Landon! Pare! — Dr. Heller estava rompendo pela calçada. Ele puxou Lucas longe de Buck, que não estava se movendo. Por uma fração de segundos, Lucas lutou, e eu estava com medo que Dr. Heller ficasse em apuros, mas eu tinha subestimado meu professor e

sua experiência nas Forças Especiais. Seus braços prenderam como correntes ao redor do peito e braços de Lucas, ele vociferou: — Pare! Ela está segura! Filho, ela está segura! — Quando Lucas cedeu, Dr. Heller afrouxou os braços.

Os olhos de Lucas me encontraram instantaneamente e ele deu uma guinada na minha direção. Sirenes soaram à distância, aproximando-se rapidamente. Ouvi-os virar na extremidade da rua, ao mesmo tempo Lucas caiu na grama ao meu lado. Ele estava tremendo violentamente, a adrenalina ainda bombeando através dele sem ter para onde ir. Respirando pesadamente, ele olhou para mim, levantando a mão com cautela, como se ele tivesse medo que eu recuasse.

Meu queixo latejava, e eu deduzi pela sua expressão que ele devia estar parecendo ruim. Seus dedos roçaram sobre ele e eu vacilei. Ele tirou sua mão e eu vim de joelhos.

— Por favor, me toque! Eu preciso que você me toque!

Eu não tive que pedir duas vezes. Seus braços vieram em torno de mim, me puxando para o seu colo e embalando-me contra seu peito.

— Seu sangue? De seu nariz? — Ele puxou a camisa longe do meu peito, e que colou com o sangue seco, por debaixo do meu sutiã, e minha pele.

Eu balancei a cabeça, enojada.

— Boa garota! — Seus braços deslizaram em torno de mim de novo. — Deus, você é tão incrível!

Pensei no sangue de Buck na minha pele e eu puxei a camisa, o meu estômago soltou novamente.

— Eu quero-a. Eu quero-a fora.

Ele engoliu em seco.

— Sim. Em breve. — Seus dedos se moviam suavemente sobre meu rosto. — Eu sinto muito, Jacqueline! Jesus Cristo, eu não posso

acreditar que te mandei embora assim. — Ele engasgou-se, seu peito subindo e descendo. — Por favor, me perdoe!

Como ele me acariciou, eu virei minha cabeça sob o queixo, curvando para ele tão pequena quanto eu poderia conseguir.

— Sinto muito por pesquisá-la. Eu não sabia...

— Shh, baby... Não agora. Apenas deixe-me segurar você. — Ele me puxou mais apertado ainda depois de pegar a jaqueta da grama ao seus pés e colocando-a em cima de mim, e parou de falar.

Uma ambulância chegou, e os paramédicos despertaram Buck, que pelo menos não estava morto. Com os braços cruzados desapaixonadamente, um dos oficiais monitorava cuidadosamente enquanto ele foi transferido para uma maca enquanto seu parceiro conferia com o Dr. Heller sobre a briga.

— Lan-Lucas. — Ele chamou. — Você e Jacqueline precisam dar suas declarações, filho. — Lucas levantou com cuidado, puxando-me com ele, me apoiando plenamente. Dr. Heller colocou à mão em seu ombro. — Este jovem é filho do meu melhor amigo. Ele aluga o apartamento em cima da minha garagem. — Ele olhou para nós uma expressão estranha, antes de continuar. — Como eu disse, esse cara... — Ele apontou para Buck, que estava sendo carregado para a ambulância. — Tem uma ordem de restrição contra ele arquivada em nome desta jovem, que ele violou vindo à casa de seu namorado. — Ah, lá estava a razão para o olhar.

Olhos dos oficiais alargaram quando olharam em minha camisa sangrenta.

— É o seu sangue. — Eu disse, apontando para a ambulância.

Um deles sorriu e Lucas repetiu.

— Boa garota!

Inclinei-me em Lucas, e ele apertou os braços em volta de mim. Os oficiais, já suavizados pelo Dr. Heller, não poderiam ter sido mais simpáticos. Vinte minutos e todas as nossas declarações depois, eles, e Buck, tinham desaparecido, e Lucas e eu estávamos

recolhendo minhas coisas da minha caminhonete e da rua depois de garantir ao Dr. Heller e sua família que cuidaríamos dos ferimentos um do outro.

Sem falar, Lucas me levou até as escadas, em seu apartamento e direto para o banheiro. Ele ligou o chuveiro e me levantou sobre o balcão para tirar minhas botas e meias. Sem parar, ele tirou minha camisa e sutiã e jogou-os no lixo. Sua camisa, salpicada com gotas de sangue, tanto dele e de Buck, em seguida.

Em pé entre os meus joelhos, ele virou meu rosto em direção à luz e inspecionou minha mandíbula.

— Você vai ficar com uma contusão. Vamos colocar um pouco de gelo sobre ele para o inchaço, após o banho. — Sua mandíbula apertou. — Ele... Te bateu?

Eu balancei a cabeça, o que fez palpitar um pouco.

— Só agarrou realmente forte. Está dolorido, mas, na verdade, o local onde eu bati nele com a cabeça dói mais!

— Está doendo? — Ele tirou meu cabelo do meu rosto e beijou minha testa tão suavemente que eu quase não podia sentir. — Estou tão orgulhoso de você! Eu quero que você me conte sobre isso, quando você puder... E quando eu puder suportar ouvir isso. Eu ainda estou com muita raiva neste momento!

Eu balancei a cabeça.

— Ok.

Ele correu os dedos sobre a volta do meu pescoço.

— Eu sabia que eu tinha fodido tudo. Eu estava indo para a minha moto, para ir atrás de você e então você estava correndo até a entrada da garagem. — Sua mandíbula comprimiu e flexionou. — Quando ele abordou você... Eu queria matá-lo! Eu acho que se Charles não tivesse me parado, eu teria matado ele! — Eu não me movi do balcão até que ele se despiu. Ele me puxou para baixo, deslizou meu jeans e calcinhas fora, e me levou para o chuveiro, onde ele me lavou e inspecionou cada parte de mim. Nós dois

estávamos machucados e desgastados em lugares inesperados, e eu mal conseguia levantar os braços. — Isso é normal. — Ele disse, enrolando uma toalha em volta da cintura e outra em torno de mim. — Durante uma luta, você não percebe todos os lugares que você levou um soco, pousou errado, ou bateu em alguma coisa. A adrenalina amortece temporariamente.

Seu cabelo escuro roçou seus ombros, linhas de água escorrendo pelas costas e no peito. Ele me sentou para secar meu cabelo, e eu assisti conforme os finos filetes serpenteavam sobre sua pele com tinta, fluindo sobre a rosa, cortando as palavras do poema, e movendo-se para a linha de cabelo em seu abdômen antes de finalmente empapar a toalha.

Fechei os olhos.

— A última vez que alguém secou o meu cabelo eu estava na sexta série, quando eu quebrei meu braço.

Ele levantou cada mecha suavemente, pressionando a toalha em torno dela para absorver a água sem embaraçá-la.

— Como você quebrou-o?

Eu sorri.

— Eu caí de uma árvore.

Ele riu, e o som reduziu a dor de cada lugar ferido no meu corpo para uma dor maçante.

— Você caiu de uma árvore?

Eu olhava para ele.

— Eu acho que havia um menino e um desafio envolvido.

Seus olhos queimavam.

— Ah! — Ele se agachou na minha frente. — Fique aqui esta noite, Jacqueline. Eu preciso que você fique aqui, pelo menos esta noite. Por favor! — Ele pegou uma das minhas mãos na sua, e eu trouxe a outra para o seu rosto, perguntando como seus olhos podiam olhar como gelo lascado e ainda aquecer-me ao meu núcleo.

Uma contusão estava se formando perto de um de seus olhos e a pele estava arranhada e dividida no alto da maçã do seu rosto, mas seu rosto estava de outro modo sem ferimentos. Suas palavras seguintes foram um sussurro. — A última coisa que meu pai me disse, antes de sair, foi: — *Você é o homem da casa enquanto eu estiver fora. Tome conta de sua mãe.* — Meus olhos se encheram de lágrimas e assim fez o seu. Ele engoliu pesadamente. — Eu não a protegi. Eu não pude salvá-la!

Eu puxei sua cabeça para o meu coração e cruzei meus braços sobre ele. De joelhos, com os braços em volta de mim deslizando enquanto ele chorava. Enquanto eu acariciava seus cabelos e o abracei apertado, eu sabia que esta noite tinha atingido um acorde no coração de sua dor. Os tormentos de Lucas iam mais longe do que o horror daquela noite de oito anos atrás. O que o assombrava era a culpa, no entanto insanamente equivocada.

Quando ele ficou em silêncio, eu disse:

— Eu vou ficar esta noite. Você vai fazer algo para mim também?

Ele lutou contra a sua desconfiança instintiva, eu o vi fazer isso antes, mas nunca de perto como estava. Ele inalou uma respiração instável, escorando em sua coragem.

— Sim. Tudo o que você precisa. — Sua voz era rouca e abafada. Quando sua língua rolou seu piercing no lábio, eu queria ele tanto que era difícil de perder tempo falando.

— Vai comigo amanhã à noite para o concerto de Harrison? Ele é meu aluno favorito da oitava série, e eu prometi a ele que iria.

Ele arqueou uma sobrancelha e piscou.

— Hum. Okay. É só isso? — Eu balancei a cabeça novamente. Ele balançou a cabeça e levantou, direcionando seu sorriso fantasma em mim. — Eu vou pegar algumas compressas de gelo do congelador. Por que você não vai ficar na cama?

Eu estava de pé, colocando minha mão em seu peito e olhando para ele.

— Isso é um desafio?

Ele colocou uma mão sobre a minha e me puxou para mais perto com a outra. Inclinando-se, beijou-me suavemente.

— Absolutamente. Sem cair fora do permitido, no entanto.

Capítulo 27

O auditório do ginásio estava lotado com os pais, irmãos entediados segurando filmadoras, e um punhado de avós. Contornando ao redor dos aglomerados de pessoas em pé no corredor, Lucas e eu sentamos nos nossos assentos do corredor a meio caminho entre o palco e as portas de saída traseira. Olhei para o programa verde xerocado de férias. Harrison estava na maior orquestra, o que significava demorar um pouco até ele estar no palco. Eu dava aulas para dois dos outros meninos das orquestras mais baixas, embora eu nunca tive a chance de ver algum deles realmente tocar. Eu estava nervosa em todas as suas contas. Inclinei-me para perto de Lucas, pra que nenhum dos pais pudesse ouvir:

— Eu provavelmente deveria avisá-lo que muitas destas crianças só começaram a tocar há alguns meses, principalmente na primeira orquestra, então eles são um pouco... Inexperientes.

O canto da sua boca virou-se e eu queria me inclinar para beijá-lo, mas não fiz isso.

— Essa é sua maneira educada de dizer para eu me preparar para sons como unhas-em-um-quadro-negro? — Ele perguntou.

Eu ouvi a voz de Harrison vinda de uma seção com cordas de isolamento, do lado direito do auditório.

— Srta. Wallace! — Eu procurei por ele em um mar de meninos de smoking de poliéster preto e garotas com vestidos roxos até o tornozelo. Encontrei seus cabelos loiros ao mesmo tempo em que ele percebeu Lucas sentado ao meu lado. Seu sorriso congelou e seus olhos se arregalaram. Quando eu sorri e depois levantei minha mão, ele acenou de volta uma vez, tristemente.

— Eu acho que esse é apenas um dos que estão apaixonados por você. — Lucas olhou para a bota equilibrada sobre seu joelho,

arranhando uma costura gasta e tentando não rir.

— O que? Todos eles estão apaixonados por mim. Eu sou uma garota quente da faculdade, lembra? — Eu ri e seus olhos queimavam nos meus.

Ele se aproximou e sussurrou no meu ouvido.

— Tão quente. Agora você me pegou pensando em como você parecia esta manhã, quando eu acordei com você nos meus braços, na minha cama. Seria pedir demais para você ficar essa noite também?

Meu rosto ficou corado pelo seu elogio quando eu encontrei seu olhar.

— Eu estava com medo de que você não fosse perguntar.

Ele pegou minha mão e segurou-a na minha coxa, quando o diretor da orquestra subiu no palco. Uma hora e meia depois, Harrison me encontrou na parte de trás do auditório. Ele estava segurando um ramallete de rosas vermelhas, cor idêntica à do seu rosto, marcando o embaraço em sua face.

— Eu queria te dar isto. — Ele disse, empurrando as flores para os meus braços. Seus pais ficaram cerca de quinze metros de distância, permitindo-lhe entregar o presente sozinho.

Eu cheirei as rosas e ele trocou um olhar superficial com Lucas.

— Obrigada Harrison, elas são lindas! Fiquei muito orgulhosa esta noite, você foi incrível!

Ele sorriu, mas tentou não fazê-lo, o que lhe deu uma aparência de maníaco.

— É tudo por sua causa, no entanto.

Eu balancei minha cabeça.

— Você fez o trabalho e o colocou em prática.

Ele mudou de um pé para o outro.

— Você parecia fantástico, cara. Eu gostaria de poder tocar algum instrumento. — Lucas disse.

Harrison olhou para ele.

— Obrigado! — Ele murmurou, franzindo a testa. Mesmo que meu aluno era mais alto do que eu, ele era magro ao lado da estrutura sarada de Lucas. — Isso doeu? Nos seus lábios?

Lucas deu os ombros

— Não muito. Embora eu tenha dito alguns palavrões.

Harrison sorriu.

— Legal!



Conforme deitamos horas mais tarde parcialmente desprovidos de luz, encaramos um ao outro, compartilhando seu travesseiro. Eu respirei fundo e rezei eu não estava prestes a repelir Lucas de novo. Eu nunca me senti mais ligada a alguém.

— O que você acha do Harrison?

Ele me estudou de perto.

— Ele parece ser um bom garoto.

Eu confirmei com a cabeça.

— Ele é. — Eu pousei meus dedos no seu rosto e ele me puxou para mais perto. — Sobre o que é isso? — Ele sorriu. — Você está me deixando para ficar com Harrison, Jacqueline?

Olhando em seus olhos, eu perguntei:

— Se Harrison estivesse no estacionamento àquela noite, ao invés de você, você acha que ele me ajudaria? — Seus olhos se encontraram com os meus e ele não respondeu. — Se alguém tivesse dito para você cuidar de mim, você acha que eles iriam te

culpar por você não ter sido capaz de parar o que teria acontecido naquela noite?

Ele exalou duramente.

— Eu sei o que você está tentando dizer...

— Não Lucas. Você está ouvindo isso, mas você não sabe. O seu pai não podia realmente esperar isso de você. Não tem jeito de ele se lembrar de ter dito isso para você. Ele e você se culpam, mas a culpa não é de nenhum de vocês!

Seus olhos se encheram de lágrimas e ele engoliu fortemente.

— Eu nunca vou me esquecer de como ele parecia naquela noite.

— Sua voz estava tomada pelas lágrimas. — Como eu não posso me culpar por aquela noite?

Minhas lágrimas molharam o travesseiro entre nós.

— Lucas, pense sobre Harrison. Veja o menino que você era, e pare de se culpar por não poder parar algo que nem um homem poderia. O que você me disse, repetidas vezes? Não foi sua culpa! Você precisa falar com alguém, e descobrir como se perdoar por uma responsabilidade que sua mãe nunca queria que você aceitasse. Você vai tentar? Por favor?

Ele secou uma lágrima do meu rosto.

— Como foi que encontrei você?

Eu balancei a cabeça.

— Talvez eu só esteja onde deveria estar, afinal.

Epílogo

— Eu vou sentir tanto sua falta. Eu não acredito que você está me deixando. — Erin se jogou ao meu lado no sofá dos Hellers. Era celebração da formatura de Lucas, um churrasco de quintal, e nós estávamos fugindo do calor e umidade por alguns preciosos minutos de ar-condicionado.

Encostei a cabeça em seu ombro bronzeado.

— Por que você não vai comigo?

Ela riu e encostou a cabeça em cima da minha.

— Esta ideia é tão tola como você ficar aqui. Você tem que ir fazer as suas grandes coisas, e eu tenho que ficar aqui e fazer a minha. Isso não significa que vai ser ruim, no entanto.

Eu me inscrevi em três conservatórios de música para transferência no outono. Nada disso parecia real até depois do teste que eu passei no Oberlin, minha primeira escolha e o e-mail que eu recebi algumas semanas atrás, informando que eu tinha sido aceita.

— Sim, eu acho que você precisa ficar aqui e manter um olho em Chaz, também.

A oposição de Erin aos esforços de Chaz para reverter o rompimento terminou no Dia dos Namorados, quando ele apareceu com reservas para o —seu Bed & Breakfast, depois ter flores entregues todos os dias, durante duas semanas, transformando nosso dormitório em uma estufa. Com a ajuda de Erin, Chaz tinha resistido ao julgamento de tentativa e estupro iminente dos rumores associados e insinuações de seu ex melhor amigo. O iminente pré julgamento de Buck e seu apelo por uma acusação de agressão menor foi um alívio para todos, embora ele provavelmente não serviria a metade de sua pena de dois anos.

Através das abertas portas francesas, vimos os nossos namorados conversando no quintal. Eles poderiam nunca ser melhores amigos, mas eles se davam bem, como oposto, eles pareciam.

Lucas tinha tanta certeza, quando ele me incentivou a candidatar-me a transferência para programas de desempenho de música, que nós estaríamos bem. Ele ainda estava certo, e eu acreditei nele, mas isso não significava que eu queria dois anos de relacionamento de longa distância. Totalmente contra eu tomando uma decisão acadêmica com base em seus planos, ele não me aceitaria ficar, e ele não quis me dizer onde ele se inscreveu ou foi entrevistado para o emprego.

— Eu não vou pedir-lhe para desistir do que você quer por mim, Jacqueline.

— Mas eu quero você! — Eu murmurei, sabendo que ele estava certo, eu não tinha nenhuma defesa lógica. Em alguns aspectos, ele era filho de seu pai.

Ray Maxfield havia se tornado uma das minhas pessoas favoritas. Lucas tinha me levado para sua casa durante as férias de primavera, e eu nunca tinha visto ele mais nervoso.

Por alguma razão, porém, seu pai e eu nos demos bem. Pude ver a personalidade de tutor de Lucas nele, seu senso de humor e inteligência. Na noite antes de sairmos, Ray vasculhou o sótão da casa de praia e derrubou um trio de aquarelas emolduradas de um menino jogando na praia.

Rosemary tinha assinado as pinturas de seu único filho nos cantos de cada uma —Rosemary Lucas Maxfield. Nós as penduramos no quarto de Lucas, sobre a escrivaninha.

Ainda mais estranho, Ray estava sentado do lado de fora com Charles e Cindy. Ele havia tirado uma pausa do barco de pesca para a formatura de seu filho a primeira desde que ele deixou Alexandria.



— Eu aceitei um trabalho na sexta-feira.

Era isso. Após de se inscrever em dezenas de empregos durante seu último semestre, Lucas teve várias entrevistas, e algumas segundas entrevistas. Uma semana atrás, eu tinha ouvido Charles dizendo a Cindy que ele tinha recebido uma oferta sólida de uma empresa de engenharia na cidade. Eu estava esperando ele me dizer.

Quando partir para Oberlin, em agosto, serão 1.200 milhas de distância.

— Oh! — Eu evitei olhar para ele, com medo que eu fosse explodir em lágrimas.

Colocando as sobras enviadas por Cindy para a gente em sua geladeira, eu não fiz nenhum comentário adicional, e ele se inclinou contra o balcão da cozinha, me olhando.

Finalmente, tudo estava guardado, e eu não poderia adiar o inevitável ainda mais.

Ao olhar na minha cara, ele pegou minha mão.

— Vem cá.

Enquanto ele levou-me para o sofá, eu pisquei as lágrimas e me dei um sermão que consistia principalmente pare de chorar, pare de chorar, pare de chorar.

Inclinando-se para o canto, ele me puxou para seus braços. Eu meio que ouvi quando ele transmitiu os aspectos técnicos do trabalho, o tamanho da empresa, o pagamento impressionante, e a data de início da segunda semana de julho. Principalmente eu queria saber quantas vezes eu teria tempo para voar para casa. Livres fins de semana eram praticamente insólitos, como uma estudante de música. Recitais e apresentações obrigatórias para executar ou participar eram contínuos.

— Então, minha única pergunta é esta — eu quero viver em Oberlin e viajar diariamente para Cleveland, ou viver perto de Cleveland e viajar para você? — Sua cabeça apoiada em um braço dobrado, ele olhou para mim, esperando.

Eu pisquei.

— O que?

Ele sorriu inocentemente.

— Oh, eu não te disse essa parte? A empresa está localizada em Cleveland.

— Cleveland, Ohio? Você aceitou um emprego em Cleveland, Ohio?

Cleveland era um pouco mais de meia hora de distância da faculdade.

— Eu aceitei.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Mas, por quê?

Arqueando uma sobrancelha, ele trouxe o braço livre para baixo e colocou meu cabelo atrás da minha orelha.

— Você ouviu o pagamento, certo? E, também, para estar perto de você.

Passando o polegar em uma lágrima do meu rosto, ele acrescentou: — Principalmente, para estar perto de você.

Eu considerei tudo o que eu tinha aprendido seguindo Kennedy, tudo que Lucas havia jurado que nunca iria me pedir.

— Mas todas as coisas que você disse sobre eu não desistir do que eu quero ser ou o que eu quero fazer para estar com você, não se aplicam a você, também?

Ele segurou meu rosto na palma da sua mão e olhou em meus olhos, suspirando.

— Em primeiro lugar, este é um grande trabalho, e eu estou animado com isso. — Quando ele me puxou mais perto e me beijou, me inclinei sobre seu peito, uma mão deslizando sob a sua camiseta. Esqueci-me que ele não tinha terminado a explicação até que ele sussurrou em minha boca: — Segundo, eu sou ambicioso, mas posso ter sucesso em quase qualquer lugar. — De pé, ele continuou me beijando enquanto me levou para seu quarto. Quando ele me deixou deslizar de seus braços para o chão, eu puxei minha blusa fora, correndo para o centro da cama e olhei ele puxar sua camiseta sobre sua cabeça. Eu poderia colocá-lo em —repetição fazendo isso e ver todos os dias... Se eu não soubesse o que estava por vir.

Rastejando para cima do pé da cama, ele se deitou em cima de mim lentamente, arrastando meus dois braços acima da minha cabeça, suavemente, como ele fez na primeira vez que me esboçou. Com uma mão, ele cruzou e prendeu meus pulsos. Ele me ensinou todas as formas possíveis para escapar desse agarre, mas não havia nenhuma maneira que eu quisesse fugir. Ele estava em um modo câmera lenta, um dos meus favoritos, embora isso significava que eu ficaria enlouquecida antes de nós terminarmos. Eu mordi a ponta do meu lábio em antecipação.

Ele olhou para mim, e eu examinei seus lindos olhos de perto, algo que eu nunca canso de fazer.

— O que eu não posso fazer é estar em qualquer lugar sem você. —Inclinando-se mais perto, ele passou a língua pelos meus lábios e as pontas dos dedos sobre a minha pele até que se arqueou e capturou com sua boca a minha. Ele soltou meus pulsos, e eu passei meus braços ao redor de seu pescoço, sentindo nossos corações batendo em sincronia enquanto os lábios seguiam um caminho sinuoso da minha orelha para baixo. — A escolha de estar com você não é uma decisão difícil, Jacqueline. — Ele sussurrou, puxando-se para trás uma última vez para olhar nos meus olhos. — É fácil! Incrivelmente fácil!

Fim

- {1} Média de pontos dos exames nas faculdades americanas
- {2} Passado composto.
- {3} Em francês.
- {4} Tipo de bebida energética.
- {5} Bebidas com volume de 20 onças, aproximadamente 500 ml.
- {6} Dr. Pepper é um refrigerante gaseificado, com corante de caramelo, comercializado nos EUA.
- {7} Marca de caneta ou marcador permanente, à prova d'água.
- {8} É uma manobra de skate na qual se gira se o skate em 360 graus, juntamente com o flip.
- {9} Comida típica do México estilo, estilo pamonha.
- {10} CSE (Certificate os Secondary Education): equivalente britânico do diploma de faculdade brasileiro.
- {11} no original "to buck him off" = afastá-lo
- {12} Sexo casual ou uma chamada para o sexo.
- {13} Expressão usada quando há um garoto atraente mas repulsivo quando abre a boca, então tem vontade de amordaçar ele para não ter de ouvir suas besteiras
- {14} É um personagem fictício da série de animação *Os Simpsons*..
- {15} É um sapato oficial de estudantes universitários, e que a maioria dos homens de fraternidade usam.
- {16} Também conhecida como.
- {17} Transtorno de Estresse Pós-traumático.